



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Daniela Castro Monteiro

Os processos de produção noticiosa e o lugar do futebol
na imprensa regional: o caso do jornal Correio do Minho

julho de 2020



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Daniela Castro Monteiro

Os processos de produção noticiosa e o lugar do futebol
na imprensa regional: o caso do jornal Correio do Minho

Relatório de Estágio
Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de Especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efetuado sob a orientação da
**Professora Doutora Sandra Cristina Santos Monteiro
Marinho**

julho de 2020

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Agradecimentos

À minha orientadora, professora Sandra Marinho, pela boa vontade, pelos conselhos, disponibilidade, paciência, atenção e gentileza ao longo de todo o processo.

Aos meus pais, à minha irmã, ao meu namorado Eduardo, às minhas primas, tias e tios pelo apoio incondicional, pela ajuda, compreensão e paciência, por todo o esforço, por acreditarem em mim e por me incentivarem a seguir em frente.

À Alexandra, à Daniela, ao Nuno e ao Caio por toda a ajuda, partilha e amizade ao longo destes meses.

A toda a equipa do Correio do Minho, pela oportunidade de estagiar e, especialmente aos jornalistas de Desporto que me acompanharam, por todo o apoio, confiança e por me ensinarem e integrarem na equipa.

Ao meu orientador no jornal, Miguel Machado, ao jornalista Carlos Costinha Sousa e à repórter fotográfica Rosa Santos, por terem sido um grande apoio durante os três meses de estágio e por serem incansáveis neste processo de aprendizagem.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

É de salientar que para a realização das entrevistas, todos os entrevistados deram consentimento informado, assim como aceitaram ser identificados (não pediram anonimato ou confidencialidade).

Os processos de produção noticiosa e o lugar do futebol na imprensa regional: o caso do jornal Correio do Minho

Resumo

O desporto, sobretudo o futebol, é um fenómeno mediático, que tem uma função cada vez mais preponderante na forma como se produz e se consome a informação. Pela sua importância e dimensão, o desporto e, em particular, o futebol deixou de ser limitado por quatro linhas e extravasou fronteiras, implicando uma atenção redobrada e uma cobertura alargada pelos meios de comunicação, que têm como importante missão informar o público e dar-lhes aquilo que procuram. Neste sentido, este trabalho debruça-se sobre os processos de produção noticiosa por detrás das notícias desportivas e o lugar do futebol no Correio do Minho, local onde foi realizado o estágio curricular de três meses. Para tentar perceber esses processos, foram realizadas cinco entrevistas a jornalistas do Correio do Minho (quatro das entrevistas aos jornalistas da secção de desporto, incluindo o editor e uma entrevista ao chefe de redacção). Os resultados mostram que os processos de produção noticiosa são fortemente influenciados por questões exteriores à profissão, como as mudanças sociais e tecnológicas, a publicidade e as audiências. Além disso, os resultados tendem a confirmar as visões sobre o predomínio do futebol na imprensa em geral. Os dados apresentados neste estudo levam a crer que a opção de privilegiar o futebol é mais uma questão de audiências, do que propriamente de aplicação de critérios jornalísticos em si.

Palavras-Chave: Correio do Minho; Futebol; Jornalismo desportivo; Processos de produção noticiosa; Rotinas de produção jornalística.

News production processes and the place of soccer in the regional press: the case of the newspaper Correio do Minho

Abstract

Sports, especially soccer, are a media phenomenon, which have an increasingly important role in the way information is produced and consumed. Due to their importance and dimension, sports, in particular, soccer, are not only played between the lines and have crossed borders, which implies increased attention and broad coverage by the media, whose main mission is to inform the audience and give them what they are looking for. In this sense, this work focuses on the news production processes behind sports news and the place of soccer in Correio do Minho, where the three-month internship was held. In order to understand these processes, five interviews were carried out with journalists from Correio do Minho (four journalists from the sports section, including the editor and the editor-in-chief). The results show that the news production processes are strongly influenced by issues outside the profession, namely the social and technological changes that occur in society, advertising and audiences. In addition, the results tend to confirm the views on the predominance of soccer in the press in general. The data presented in this study lead us to believe that soccer's prominence is more a matter of audiences, rather than the application of journalistic criteria itself.

Key words: Correio do Minho; Journalistic production routines; News production processes; Soccer; Sports Journalism.

Índice

Agradecimentos.....	iii
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE.....	iv
Resumo	v
Abstract	vi
Introdução.....	7
1. Uma experiência de estágio na secção de desporto do jornal Correio do Minho	9
1.1. Correio do Minho, um jornal regional	9
1.1.1. Principais diretrizes	12
1.1.2. Organização interna e estruturação de páginas	14
1.2. Período de estágio: tarefas e rotinas produtivas.....	16
1.2.1. O contacto com as fontes de informação	22
1.2.2. Os Géneros jornalísticos: notícia, o género privilegiado.....	26
1.2.3. Trabalho de campo: as coberturas de jogos	30
1.2.4. A questão que se levantou	33
2. As rotinas de produção jornalística e a cobertura em desporto	34
2.1. Jornalismo Desportivo, especialização e surgimento da imprensa desportiva em Portugal	34
2.1.1. Jornalismo Desportivo, uma editoria menor?	43
2.1.2. O futebol como o desporto-rei no Jornalismo Desportivo e a TV como poderosa arma de divulgação	48
2.2. Processos e rotinas de produção jornalística	53
2.2.1. Escrita jornalística e géneros jornalísticos usados no Desporto	57
2.2.2. A recolha de informação e as fontes.....	63
2.2.3. Do <i>agenda setting</i> ao <i>agenda building</i>	70
2.2.3.1. <i>Gatekeeping</i> , valores-notícia e rotinas produtivas	77
2.3. Em síntese	91
3. Caminho Metodológico: modelo de análise e técnicas de recolha e análise de dados	93
3.1. Objetivos e pergunta de partida	93
3.2. O modelo de análise.....	94
3.2.1. Concetualização, a construção dos conceitos	96
3.2.2. A seleção da amostra.....	98
3.2.3. A entrevista como técnica de recolha de dados	99
3.2.4. A análise de conteúdo como técnica de análise de dados.....	101

4.	As perceções dos jornalistas sobre as rotinas de produção na secção de desporto.....	103
4.1.	As perceções dos jornalistas do CM sobre os processos de produção noticiosa e o lugar do futebol e das modalidades amadoras	104
4.1.1.	Os processos de produção noticiosa na secção de desporto.....	104
4.1.2.	O lugar do futebol e das modalidades amadoras	108
4.2.	O futebol como um critério para a seleção noticiosa.....	111
5.	Considerações finais.....	115
	Referências bibliográficas	117
	ANEXOS.....	126
	Anexo 1: Exemplo de uma Maquete das páginas do jornal	127
	Anexo 2: Artigos publicados nos três meses de estágio na secção de Desporto e na secção Braga.....	128
	Anexo 3: Primeiras notícias publicadas	145
	Anexo 4: Notícia de Futsal, com base numa Conferência de Imprensa	146
	Anexo 5: Breve SC Braga na Liga Europa	147
	Anexo 6: Crónica de Jogo de Hóquei em Patins (Hóquei Clube de Braga VS Física) – Campeonato Nacional 1ª Divisão	148
	Anexo 7: Crónica de Jogo de Futsal (SC Braga/AAUM VS CCRD BURINHOSA) – Campeonato Nacional 1ª Divisão	149
	Anexo 8: Crónica de Jogo de Futebol (Brito SC VS GD Prado) – Campeonato Pró-Nacional	150
	Anexo 9: Crónica de Jogo de Futebol (São Paio d’Arcos VS Vieira SC) – Campeonato Pró-Nacional.....	151
	Anexo 10: Crónica de Jogo de Andebol (ABC VS Boa Hora) – Campeonato Nacional de Andebol 1ª Divisão	152
	Anexo 11: Crónica de Jogo de Futebol (Vitória Setúbal VS Vitória SC) – I Liga	153
	Anexo 12: Comentário de Futebol – Campeonato de Futebol Amador Vale do Cávado	154
	Anexo 13: Comentário de Futebol – Campeonato AF Braga Iniciados	155
	Anexo 14: Comentário aos Marcadores da Pró-Nacional.....	156
	Anexo 15: Notícia feita a partir da redação - Gala de Ciclismo	157
	Anexo 16: Antevisão ao jogo da I Liga de Futebol (Gil Vicente VS Sporting CP)	158
	Anexo 17: Antevisão ao jogo da Liga de Futebol Feminino (SC Braga VS AD Ovarense)	159
	Anexo 18: Notícia para a secção “Braga” sobre fotografia	160
	Anexo 19: Página com notícias e breves de várias modalidades	161
	Anexo 20: Página com notícia sobre candidatura a Cidade Europeia do Desporto e breves das modalidades de rugby e ténis de mesa	162
	Anexo 21: Notícia sobre homenagem a figura do hóquei em patins (com destaque na capa).....	163

Anexo 22: Guião das entrevistas aos jornalistas da secção de desporto e aos jornalistas com responsabilidades editoriais.....	164
---	-----

Índice de Tabelas

Tabela 1: Construção e operacionalização dos conceitos	97
--	----

Introdução

O presente relatório decorre de uma experiência de estágio curricular de três meses no jornal diário Correio do Minho (CM), em Braga. Inserido no segundo ano de mestrado em Ciências da Comunicação, área de especialização em Informação e Jornalismo, da Universidade do Minho, o estágio será o ponto de partida para uma reflexão sobre os processos de produção noticiosa e o lugar do futebol na imprensa regional.

As secções de desporto geram uma grande quantidade de notícias nos meios de comunicação e têm uma importância comercial relevante naquilo que é a estrutura de financiamento dos meios (Boyle, 2014). Apesar de as secções de desporto serem, muitas vezes, vistas como um “departamento de brinquedos”, a verdade é que elas se transformaram em poderosas armas para os meios de comunicação, já que atraem audiências e receitas. Muito do poder desta secção deve-se ao futebol, visto que é a modalidade que impera.

Foi durante a experiência de estágio na secção de desporto que me questionei sobre a cobertura desequilibrada que é feita entre o futebol e as modalidades amadoras, ainda que no CM haja o cuidado e a vontade de destacar essas modalidades. Nota-se, manifestamente, que há, não só no CM como nos jornais em geral, um desfasamento entre o espaço físico e o destaque dado ao desporto-rei em Portugal, o futebol, em detrimento dos restantes desportos. Por esse motivo, neste relatório, procurou-se perceber quais os processos de produção noticiosa que estão por detrás das notícias desportivas no CM e que lugar ocupa o futebol, tendo por base as percepções dos jornalistas que trabalham nesse órgão de comunicação.

No que respeita à estrutura do relatório, este contempla, para além desta introdução, um primeiro capítulo dedicado à reflexão crítica daquilo que foram os três meses de estágio na secção de desporto do CM. É um relato sucinto sobre as experiências, dificuldades, aprendizagens e trabalhos mais marcantes deste período. O segundo capítulo é dedicado ao enquadramento teórico, onde é abordado o tema através da perspectiva de vários autores. Começa-se por apresentar as características do jornalismo desportivo e o seu surgimento em Portugal, o papel do futebol na imprensa e a televisão como poderosa arma de divulgação. Explicam-se, ainda, os processos e as rotinas de produção jornalística aliadas à secção de desporto.

Depois da revisão de literatura, no terceiro capítulo é traçada a metodologia utilizada num pequeno estudo empírico, com a explicação da pergunta de partida, dos objetivos e da metodologia. Os objetivos que nortearam este Relatório foram: compreender as rotinas produtivas no jornal Correio do Minho, a partir da minha observação e da percepção dos jornalistas; perceber

quais os processos de produção usados na secção de desporto, com base na minha observação e na percepção dos jornalistas que lá trabalham; compreender as modalidades predominantes na cobertura jornalística em desporto, segundo a minha observação durante o estágio e a partir da percepção dos jornalistas.

O capítulo quatro é dedicado à análise e interpretação dos dados recolhidos nas cinco entrevistas realizadas a profissionais do Correio do Minho. O Relatório termina com as principais conclusões e reflexões sobre o trabalho aqui apresentado, assim como as suas principais limitações, seguindo-se as referências bibliográficas e os anexos, em que constam alguns trabalhos realizados no estágio e o guião das entrevistas.

Por se tratar de um Relatório que tem como base uma experiência pessoal de estágio, este foi escrito na primeira pessoa do singular, por forma a expressar melhor tudo o que foi vivenciado.

1. Uma experiência de estágio na secção de desporto do jornal Correio do Minho

O primeiro capítulo deste relatório é dedicado à empresa jornalística de acolhimento onde foi realizado o estágio curricular. Num primeiro momento, dá-se a conhecer a empresa e, de seguida, as experiências vividas no decorrer do estágio, tendo em conta as aprendizagens mais marcantes, as dificuldades encontradas e as reflexões consideradas mais pertinentes. O jornal Correio do Minho (CM) foi a empresa escolhida para a realização do meu estágio curricular de três meses, que começou a 16 de setembro e terminou a 13 de dezembro de 2019.

1.1. Correio do Minho, um jornal regional

O CM é um jornal regional diário, impresso, com uma longa história de vida e com grande afirmação no concelho de Braga e na região do Minho. A sede do jornal situa-se na Praceta do Magistério, na freguesia de Maximinos. Tem como diretor, desde 2007, o jornalista Paulo Nuno Meneses Monteiro. Este meio de comunicação afirma-se também através do site¹ e das redes sociais Facebook² e Instagram³. No seu conteúdo jornalístico, o CM afirma que dá prioridade aos assuntos socioculturais, económicos, políticos e desportivos, da região delimitada pelos rios Ave e Minho. Apesar de – oficialmente – o jornal contar com 93 anos, feitos no mês de julho de 2019, o CM tem, na verdade, 117 anos. Segundo Joaquim da Silva Gomes,

o título ‘Correio do Minho’, que iniciou a sua publicação em 1926, não é um título inédito, uma vez que, entre 1902 e 1907, tinha existido um jornal, em Braga, exactamente com o mesmo título. O ‘Correio do Minho’, que existiu nesse período, foi o sucessor do jornal ‘O Progressista’ (que existiu em Braga entre 1892 e 1900) e foi o antecessor do jornal ‘Correio do Norte’, que substituiu o ‘Correio do Minho’ e que foi publicado entre 1907 e 1911. Ora, se somarmos estes três títulos associados, temos um jornal com exactamente 117 anos!. (Silva, 2011, p.13)

A história do jornal está, por isso, repleta de momentos de sucesso e insucesso, de prosperidade, mas também de dificuldades. Assim sendo, e de acordo com Joaquim Gomes da Silva (2011),

podemos identificar três grandes momentos na história deste jornal: o primeiro, desde a sua fundação até 1934, altura em que o jornal deixou de ser propriedade privada e passou para a orientação da União Nacional do distrito de Braga; o segundo, marcado pelo longo

¹ Ver em: <https://correiodominho.pt/>

² Ver em: <https://www.facebook.com/correiodominho/>

³ Ver em: <https://www.instagram.com/correiodominho/>

percurso de 40 anos, desde 1934 até 1974 e, finalmente, o período correspondente à democracia, desde 1974 até aos nossos dias. (Silva, 2011, p.13)

Em 2017, Paulo Monteiro, diretor do órgão de comunicação, escrevia em dia de aniversário que o jornal “já pertence ao grupo dos centenários uma vez que a primeira vez que o jornal foi editado foi no dia 3 de Janeiro de 1902. (...) Mas, na altura, o projecto não tinha nada a ver com o atual e aquele que foi fundado em 1926”⁴. O dia oficial de fundação do jornal remonta, então, a 6 de julho de 1926. Álvaro Pipa, anterior diretor do Diário do Minho juntamente com Constantino Ribeiro Coelho e alguns jornalistas, após desentendimentos na redação do Diário do Minho, dão o mote para a reabertura do CM. Na época em que nasce, o CM não pretendia ser apenas um jornal regional. O objetivo era dar às pessoas informações sobre os principais acontecimentos do país e do mundo. Essa era a ideia de Álvaro Pipa, que dizia na altura

o Correio do Minho será a primeira visita da manhã que irá levar aos leitores o que de mais interessante se tiver passado no país e no estrangeiro. Dia a dia irá melhorando as suas secções, embora os homens “que tudo mandam” lhe tenham já fixado o vencimento da morte. (Pipa, citado em Monteiro, 2019)⁵

Álvaro Pipa assumiu as funções de diretor durante nove anos, até 1935, altura em que é substituído por Rocha Miranda, que está dois meses, apenas, à frente do jornal. Cunha Matos é o seu sucessor, tendo tomado posse a seis de maio de 1935. Num espaço de 40 anos, entre os anos de 1934 e 1974, o jornal deixou de funcionar como uma instituição privada, servindo os interesses do Estado Novo, assegurados pela União Nacional do distrito de Braga. Durante este tempo, o CM passou por um período de intensas mudanças, tendo 16 diretores diferentes. Um dos marcos importantes na direção do jornal minhoto acontece em 1946, com o jornalista Aníbal Mendonça. De acordo com o site do jornal, Aníbal Mendonça assume a direção interina e provisória do CM a 18 de março de 1946, deixando como importante herança publicações que retratam os usos e costumes bracarenses desta época. Em 1974, ano em que se dá a revolução de abril, o jornal é suspenso e, só, a três de maio volta à atividade, como órgão do Movimento Democrático de Braga e com Victor de Sá no comando. “A partir de 1974, o Correio do Minho viveu um período com percurso verdadeiramente confuso”, (Rafael, 1985, Arquivo RTP)⁶, já que viu a sua atividade profissional afetada quer pelo Governo Civil, quer pela Câmara Municipal de Braga. Num período

⁴ Ver em: <https://correiodominho.pt/cronicas/correio-do-minho-91-anos-de-historia-sem-pre-a-servir-e-a-liderar-a-regiao/8779>

⁵ Ver em: <https://correiodominho.pt/cronicas/93-anos-obrigado/11194>

⁶ Ver em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/jornal-correio-do-minho/>

de 30 anos, o jornal passa a ser explorado pela Câmara Municipal de Braga. Apenas em maio de 1999 é que se começa a escrever a nova história do jornal bracarense, ao conquistar uma total liberdade editorial, através da sua privatização. Desde essa altura, até aos dias de hoje, o CM pertence ao grupo Arcada Nova SA, a entidade que venceu o concurso público da Câmara e que “assume que tem de ter uma postura mais comercial, de forma a ganhar receitas publicitárias e mercado, o que justifica a aposta em áreas mais vendáveis, como o Desporto” (Ribeiro, 2007, p.456). Deste grupo fazem parte, também, a Rádio Antena Minho, desde 2006, o jornal quinzenal “Maria da Fonte”, da Póvoa de Lanhoso, e a empresa de publicidade Vértice, que trabalham em conjunto. Desde 2011, o jornal tem apostado fortemente nas plataformas digitais e, desta forma, tenta chegar a mais pessoas e a mais países, o que lhe tem valido um aumento da audiência. No editorial, aquando do 84º aniversário, em 2011, Paulo Monteiro lembrou essa mesma aposta: “(...) o jornal tem sido sempre uma referência na região e nos últimos anos alargou os seus horizontes pelos quatro cantos do mundo através da sua plataforma digital (...)”⁷. O jornal passou, assim, a fazer parte de uma nova era e começou a chegar a todo o lado, apostando primeiro no site, depois no Twitter e Facebook e, mais recentemente, no Instagram. Uma das novidades e apostas vitoriosas do jornal é a possibilidade de os leitores, de forma gratuita e online, descarregarem a edição diária do jornal em formato portátil (PDF). Apesar de trazer mais audiência ao jornal, o download gratuito da edição do dia pode levantar inúmeras questões, nomeadamente a questão do pagamento do jornal. Ainda que isso possa acontecer, no percurso do estágio não notei que os jornalistas levantassem essas questões e nunca percebi ao certo em que se baseava o modelo de negócio do CM. A verdade é que, a julgar pela publicidade presente nas páginas do jornal, se pode quase afirmar que é a publicidade quem paga o jornal e, daí, haja essa possibilidade de o dar aos leitores de forma gratuita.

Em entrevistas feitas aos jornalistas da secção de desporto do CM e ao chefe e subchefe de redação foi possível perceber que o acesso gratuito ao jornal, via online, foi uma opção da direção. Apesar de levantar algumas questões dentro do jornal, os profissionais veem mais vantagens do que desvantagens nesta aposta: a possibilidade de divulgar o trabalho, de atrair mais leitores em todo o mundo e de conseguir mais anunciantes são algumas delas.

Relativamente ao pagamento do jornal foi claro, nas entrevistas, que quem paga o jornal é a publicidade, já que não há leitores ou assinantes suficientes para sustentar o jornal. Rui Miguel Graça, subchefe de redação referiu

⁷ Ver em: <https://correiodominho.pt/cronicas/correio-do-minho-85-anos/2984>

“No nosso contexto, claro, e na grande maioria dos órgãos de comunicação social nacionais, o que paga o jornal é a publicidade! A grande fatia está diretamente relacionada com o contexto publicitário, ainda mais numa fase destas onde o online existe, mas não é pago com frequência. Nós não temos pagantes, ou assinantes suficientes para garantir uma sobrevivência ou lucro, nos órgãos de comunicação social em Portugal... a fatia de publicidade representa, sem dúvida, muito mais do que a fatia do pagante”.

Líder de audiências desde 2012, segundo as palavras do diretor, a aposta no digital foi um triunfo e é para continuar. Em 2017, Paulo Monteiro reforçava esta ideia,

temos o orgulho de continuarmos a ser líderes de audiência desde 2012. E, se no papel, contamos com cerca de 75 mil leitores por dia, on-line já passamos os 100 mil leitores, daí falarmos há algum tempo de sermos um jornal do Minho, mas para o Mundo. Em oito anos o nosso site teve quase 20 milhões de visitas e as nossas páginas foram visualizadas por mais de 50 milhões de vezes. São 15 mil a média de visitas por dia, continuando a ser de Braga o maior número de visitantes seguindo-se o Porto, Guimarães, Viana do Castelo, Vila Nova de Famalicão, Lisboa e Barcelos. E se o ano passado eram cerca de 30% as pessoas de fora de Portugal que nos visitavam, esse número aumentou para 34% e temos cada vez mais portugueses espalhados pelo mundo a visitar-nos todos os dias.⁸

1.1.1. Principais diretrizes

No que diz respeito aos objetivos principais do CM, enquanto meio de informação tem como meta principal estar mais próximo da população e dos leitores, comprometendo-se a cimentar, ano após ano, uma política de proximidade: “o nosso grande objectivo é estar em cada casa, em cada instituição, em cada associação, em cada clube... É estar sempre presente no dia a dia dos minhotos, quer estes se encontrem no nosso Minho quer se encontrem além-fronteiras”⁹.

No estatuto editorial do jornal afirma-se que as principais diretrizes do jornal se prendem, precisamente, com os interesses regionais: “o jornal Correio do Minho no seu conteúdo jornalístico atende, com prioridade, às exigências sócio-culturais, económicas, políticas e desportivas da Região delimitada pelos rios Ave e Minho”¹⁰. Ainda no mesmo estatuto se deixa também claro que o CM não assume qualquer programa político ou ideológico, mas tem um enfoque mais

⁸ Ver em: <https://correiodominho.pt/cronicas/correio-do-minho-91-anos-de-historia-sempre-a-servir-e-a-liderar-a-regiao/8779>

⁹ Ver em: <https://correiodominho.pt/cronicas/jornal-correio-do-minho-89-anos-a-servir-a-regiao-e-na-lideranca-das-audiencias/6917>

¹⁰ Ver em <https://correiodominho.pt/estatuto-editorial/>.

direcionado para questões relacionadas com coletividades, autarquias e associações regionais, entre o Minho e a Galiza. No estatuto editorial encontra-se, ainda, que o CM prima pelo respeito das normas constitucionais, “(...) salvaguardando a independência face a quaisquer poderes, isenção, rigor e preservando a possibilidade de expressão e confronto de diversas correntes de opinião e pensamento.” Mais ainda, “assume os direitos e deveres consignados na Lei de Imprensa, no Estatuto do Jornalista, e na lei da Entidade Reguladora para a Comunicação Social, sem discriminar raças, credos ou ideologias”¹¹.

Relativamente aos critérios editoriais do site do CM, estes baseiam-se nos mesmos critérios que o jornal impresso, ou seja, “assentam nos princípios consagrados pela Constituição da República Portuguesa no que respeita aos direitos à Liberdade de Expressão e Informação, no Código Deontológico do Jornalista e no Estatuto Editorial do Correio do Minho”¹².

No termo de responsabilidade, que pode ser consultado no site, é dito que o principal objetivo deste espaço na internet é “oferecer (...) informação e abrir espaços de debate sobre temas da actualidade, visando contribuir para um aperfeiçoamento da cidadania participativa”¹³. Desta forma, o jornal usa igualmente as plataformas da internet para cativar os leitores, no sentido de participarem ativamente nos temas abordados. Assim, o site é “aberto a pessoas de todas as culturas, povos, credos religiosos e ideologias políticas, tendo sempre em conta os valores sobre os quais assenta a democracia pluralista”¹⁴.

No decorrer do estágio, apercebi-me que o CM cumpre com as diretivas a que se propõe, embora, por vezes, não seja fácil contornar certos constrangimentos que vão aparecendo no dia-a-dia, como é o caso da publicidade. A publicidade, embora seja o grande aliado do jornal, porque paga as páginas, “trai”, por vezes, o trabalho jornalístico, já que condiciona o espaço que o jornalista tem para escrever. Ainda que os jornalistas possam sentir-se um pouco frustrados, eles sabem que é pela publicidade que o jornal se “mantém vivo”. Pelo que pude notar, o jornal tem como principal foco estar próximo das pessoas, daí que procure cumprir aquilo a que se compromete, bem como também cobrir os interesses regionais. O CM deixa bem presente essa marca nas notícias que publica, sejam elas da secção de Braga e do Minho, como da secção de Desporto. Nota-se ainda que existe o confronto de diferentes opiniões, uma vez que se procura uma diversidade de fontes e a possibilidade de o leitor se manifestar, através de comentários no

¹¹ Ver em <https://correiodominho.pt/estatuto-editorial/>.

¹² Ver em <https://correiodominho.pt/responsabilidade/>

¹³ Ver em <https://correiodominho.pt/responsabilidade/>

¹⁴ Ver em <https://correiodominho.pt/responsabilidade/>

Facebook e no próprio site do jornal e, ainda, com as rubricas de opinião “Conta o Leitor”, “Correio” ou “Voz às Escolas, Bibliotecas e Freguesias”. Assim, considero que, de forma geral, o CM cumpre com os princípios e objetivos que expressa.

1.1.2. Organização interna e estruturação de páginas

A organização da redação do CM é relativamente simples. O edifício do jornal é o mesmo que o edifício da rádio Antena Minho e da agência de publicidade Vértice. A redação do jornal está dividida pelas secções de Desporto, Braga e Minho. Quanto aos colaboradores, na redação interagem os jornalistas e respetivos editores de secção, os gráficos e os repórteres fotográficos, bem como o chefe e o subchefe de redação. Muitas vezes, os jornalistas interagem também com os colaboradores da rádio, pois trabalham em parceria. Há, por exemplo, uma rubrica, na rádio, dedicada ao Sporting Clube de Braga (SC Braga), que é feita pelos jornalistas da secção de Desporto, bem como o jornal desportivo. De igual modo, os jornalistas das outras secções fazem trabalhos para a rádio, como entrevistas e notícias. Relativamente ao espaço da redação, este está dividido da seguinte forma: no topo estão sentados o chefe e subchefe de redação, seguindo-se os gráficos. No centro da redação, encontra-se a secção, ou “ilha”, do Desporto, que conta com quatro jornalistas e, no fundo da sala, está a secção Braga e Minho, com oito jornalistas. O diretor do jornal encontra-se num gabinete ao lado do espaço da redação, o que não acontecia anteriormente, visto que se sentava junto do chefe e subchefe de redação. Esta mudança aconteceu no decorrer do meu estágio, por problemas na estrutura da redação, aquando da queda de uma placa do teto, que “roubou” algum espaço. A alteração do gabinete do diretor não teve efeitos em termos da comunicação entre a equipa, já que o diretor vai circulando pela redação e mantendo o contacto com os jornalistas.

Em termos de estrutura de impressão, o CM conta com uma edição diária, que tem entre 40 a 48 páginas, sendo que uma grande parte delas é publicidade. Talvez, por isso, haja a possibilidade de os leitores fazerem download gratuito do jornal. Nota-se claramente que é a publicidade quem paga o jornal, daí que possa haver mais exemplares a circular, o que serve para vender mais publicidade. Na edição, pode haver situações em haja suplementos, o que aconteceu algumas vezes ao longo do meu estágio. Na primeira página do jornal há pelo menos uma chamada para uma ou mais notícias de cada secção, de forma a haver um equilíbrio. Depois, seguem-se as páginas da secção Braga e Minho. Posteriormente, aparece a secção de Desporto, cerca de sete a oito páginas, dependendo da agenda, pois podem surgir acontecimentos de última

hora que poderão ocupar espaço desta secção. De seguida, estão as páginas de Opinião, cerca de quatro páginas e depois vem a publicidade, com anúncios de compra e venda de imóveis, de automóveis e ofertas de emprego. Há ainda espaço para uma ou duas páginas de diversos ou necrologia, onde se apresentam notícias e breves de uma das secções do jornal. Por fim, há uma página chamada “Agenda”, onde constam informações úteis como programação televisiva, filmes em exibição nos cinemas, farmácias de serviço, bem como contactos úteis.

A edição do jornal é sempre “desenhada” no dia anterior, isto é, a agenda é feita pelos editores das secções e pelo chefe ou subchefe de redação ou, muitas das vezes, pelo diretor, sendo o serviço distribuído ao final do dia. Contudo, há algumas exceções e, sempre que se justifica, a agenda pode ser alterada com assuntos de última hora, acontecimentos que se tornam mais relevantes no dia em questão. Todos os dias é disponibilizada a cada jornalista uma folha com a maquete do jornal (Anexo 1), onde está definido o número de páginas, quantas páginas tem cada secção, se as páginas são a cor ou a preto e branco e se têm publicidade.

O jornal é escrito na plataforma *QuarkXPress*, uma ferramenta acessível e onde é possível montar e formatar as páginas consoante o tema, a quantidade de informação e as fotografias disponíveis. As páginas são da responsabilidade do jornalista que as escreve, podendo por isso montá-las a seu gosto, mas nunca esquecendo que estas podem ser ajustadas de acordo com a edição do dia. Há, no entanto, alguns *templates* específicos como por exemplo no caso de entrevistas ou suplementos do jornal, que têm de ser cumpridos. Tendo isto em conta, a ajuda dos gráficos é preciosa, uma vez que auxiliam na escolha da melhor maquete para as páginas e também porque dão muitos conselhos úteis quanto à melhor disposição dos textos e fotografias. Na redação trabalha-se em rede, o que ajuda à partilha e procura de informação, bem como à rapidez, uma vez que, estando uma página pronta, o jornalista coloca-a em edição do dia, as fotos, caso haja, em fotos do dia e rapidamente os gráficos completam a página, estando pronta a ser revista pelo editor ou pelo chefe ou subchefe de redação. O ambiente da redação é muito agradável, tem uma boa organização e existe muita entreatajuda.

Enquanto estagiária neste jornal, não tive dificuldades de adaptação, quer a nível relacional, quer a nível de trabalho. Dentro da redação, todos estão dispostos a ajudar, acolheram-me da melhor forma e explicaram-me tudo o que precisava de saber para fazer um bom trabalho.

1.2. Período de estágio: tarefas e rotinas produtivas

Durante três meses, de 16 de setembro a 13 de dezembro de 2019, contribuí para a produção jornalística do CM. Produzi notícias, comentários, crônicas e breves, essencialmente, para a secção de Desporto, na qual fiquei integrada logo no início do estágio. Porém, também escrevi e fiz algumas saídas com jornalistas para a secção de Braga (Anexo 2).

A decisão de integrar a secção de Desporto foi minha, uma vez que é a área do jornalismo que me desperta mais interesse. Numa primeira conversa com o diretor do jornal, no dia 16 de setembro, ficou decidido que integraria esta secção, mas que, ocasionalmente e se o meu orientador na empresa assim o entendesse, passaria pelas outras secções do jornal. Fazer o estágio nesta secção permitiu-me ter contacto direto com a realidade desportiva, aperfeiçoar e aprender técnicas jornalísticas importantes e contactar com muitas fontes de informação. Mas ofereceu-me, simultaneamente, a possibilidade de trabalhar diferentes géneros jornalísticos, exceto o perfil e a reportagem, que não se adequam tanto a esta secção, para além de que, muitas vezes, não há tempo nem espaço para os elaborar. Quanto às entrevistas não as produzi enquanto género jornalístico, mas antes como uma rotina de contacto com as fontes de informação.

No dia 17 de setembro, iniciei oficialmente o meu estágio. Fui recebida pelo diretor, Paulo Monteiro, e pelo subchefe de redação e coordenador do Desporto, Miguel Machado, que me apresentou à redação e me mostrou o seu funcionamento. Neste primeiro dia, fiz uma pequena visita pelas instalações, conheci a rádio e o departamento comercial e de publicidade.

No meu primeiro dia de estágio comecei, então, por ter o primeiro contacto com o programa *QuarkXPress*, onde se escrevem as notícias no CM. Desde logo, foi-me atribuída uma secretária e um computador na ilha do Desporto. Num primeiro momento, o subchefe de redação e meu orientador na empresa explicou-me, de forma genérica, algumas particularidades da secção de Desporto, assim como a estrutura das páginas e o funcionamento do programa *QuarkXPress*. Foi-me pedido que testasse uma maquete já feita no programa referido, que fosse “brincando” com as ferramentas e que lesse o jornal do dia para perceber o tipo de escrita utilizada.

O primeiro artigo de Desporto que tive de fazer, e que se afigurou como um primeiro desafio, foi sobre os nomeados para a Gala de Desporto da Universidade do Minho (Nomeadas para o Galardão Atleta Feminino) (Anexo 3). Depois escrevi sobre atletismo, mais especificamente sobre a realização de uma corrida que assinalava a renovação de uma pista de atletismo (Anexo 3). A escrita destes dois artigos foi, desde logo, um grande desafio. Primeiro, porque nunca tinha trabalhado com o programa *QuarkXPress*, o que me causou algumas dificuldades e provocou

algum atraso na redação dos artigos. Segundo, porque tinha de adequar o discurso e a informação que me chegou através de um *press realese*. Contudo, esta primeira experiência correu bem e teve um feedback positivo por parte do subchefe de redação. O segundo dia de trabalho foi ocupado a acompanhar um jornalista da secção de desporto nos seus serviços. Considero que esta oportunidade de estar nos locais com um profissional experiente e ver a forma como atua foi uma das mais-valias, pois pude tirar dúvidas, fazer questões e assistir às mais diversas situações.

Ao longo do estágio foram várias as tarefas desenvolvidas. Não só a escrita jornalística propriamente dita, mas também as saídas em serviços, o contacto, realizado na redação a dirigentes, instituições desportivas, treinadores e jogadores, bem como a ajuda na preparação e organização da edição do dia na secção de Desporto. Foi-me dada a possibilidade de várias vezes acompanhar os jornalistas aos serviços, não só os da secção de Desporto, o que me deu uma bagagem muito boa de conhecimentos e técnicas para utilizar no dia-a-dia.

Todos os dias, a minha rotina era chegar à redação, ler a edição do dia do jornal, fazer uma breve pesquisa na internet aos sites dos clubes minhotos e ver os jornais e sites desportivos. Antes de me ser distribuído o serviço propriamente dito, caso não houvesse serviços em agenda, havia sempre uma reunião entre o coordenador do Desporto e um ou dois jornalistas da secção para decidir o alinhamento do dia. Foram poucas as vezes em que participei nestas reuniões, não porque não quisesse, mas porque não era convidada. Ainda assim, sempre que participava era uma mais-valia, porque aprendia muito. Por exemplo, decidir o que entra e o que fica de fora, perceber qual deve ser a abertura da secção no jornal, decidir quem faz o quê, com quem deve falar, que página se destina a cada modalidade, foram alguns dos assuntos tratados nestas pequenas reuniões.

Ao todo, no meu percurso enquanto estagiária, escrevi 260 artigos: 83 notícias, 87 breves, 76 comentários e 16 crónicas (Anexo 2). Os comentários passavam por fazer uma análise aos jogos, marcadores e classificações, jornada a jornada, dos diferentes campeonatos e formações de futebol da Associação de Futebol de Braga (AF Braga) e da Associação de Futebol de Viana (AF Viana), mas também ao Campeonato de Futebol Amador Vale do Cávado, Campeonato de Portugal, I e II Liga e Liga Revelação (Anexos). Tive oportunidade de fazer crónicas de jogo, das modalidades de futebol (Campeonato Distrital Pró-Nacional, Campeonato de Portugal, I Liga, Liga Revelação), de hóquei em patins (Campeonato Nacional 1ª Divisão), de futsal (Campeonato Nacional 1ª Divisão) e de andebol (Campeonato de Andebol I Divisão) (Anexos). Dentro das notícias elaboradas, muitas eram feitas com base em *press realeses* que chegavam à redação ou com

base em informação pesquisada noutros órgãos de comunicação ou com contactos directos com as fontes de informação.

No jornalismo desportivo, há inúmeras modalidades que podem ser abordadas em notícias ou podem ser alvo de discussão nos meios de comunicação, por isso, no CM, na secção de Desporto, havia a preocupação de dar espaço a todas as modalidades, embora nem todas tivessem o mesmo tipo de cobertura.

Analisando todos os meus trabalhos, posso dizer que acabei por cobrir um pouco de tudo, já que fiz peças jornalísticas de automobilismo, andebol, futebol, futsal, hóquei em patins, petanca, basquetebol, atletismo, BTT, karaté, kickboxing, muay thai, rugby, ténis de mesa, bilhar, escalada, videojogos, desporto universitário, canoagem e motociclismo. No entanto, é de notar que a maior parte destas notícias são breves ou notícias mais pequenas que as habituais. Senti que houve modalidades que me desafiaram a querer saber mais e a perceber as regras e mecanismos por detrás das mesmas, como foi o caso do bilhar ou do automobilismo. Porém, as modalidades que mais prazer e gosto me davam a trabalhar eram sem dúvida o futebol, o futsal e o hóquei em patins.

Como não há recursos humanos, físicos e financeiros para cobrir todas estas modalidades de forma permanente, como acontece por exemplo com o futebol, o que acaba por se fazer é notícias com base nos *press releases* enviados à redação.

Uma das dificuldades que senti foi precisamente afastar-me da informação veiculada nos *press releases*. Muitas vezes, não havia possibilidade de fazer mais contactos e aí as notícias eram escritas só com base na informação que chegava. Nestes casos, o que me era pedido é que assinasse a peça como “Redação”. Quando havia hipótese de pesquisar mais e aprofundar os temas, aí assinava as peças com o meu nome. A questão da assinatura das peças pode levantar algumas questões, já que os estagiários estão a cumprir uma unidade curricular do mestrado e não são profissionais de jornalismo. Assim sendo, considero que há vantagens e desvantagens nesta prática. Uma desvantagem é a questão da exposição ao erro. Com a habitual pressão do tempo que o jornalismo vive, é frequente o jornalista ter pouco tempo para preparar as peças, logo a possibilidade de deixar passar algum erro de escrita é mais fácil. Dessa forma, o estagiário é um alvo claro desta pressão, pois a falta de prática pode levar a que este cometa mais erros e, ao assinar as peças com o seu nome, expõe-se e torna-se responsável pelo que saiu. A questão que se levanta é: quem seria considerado responsável se houvesse alguma situação de erro?. A verdade é que não encontrei uma resposta a esta questão, mas podemos pensar que, assim, o

jornal acaba por se isentar de responsabilidades, porque há um jornalista (neste caso o estagiário) que assinou a peça.

Mas existem também vantagens. Uma delas é o sentido de responsabilidade que o estagiário adquire, visto que sente que não pode nem desiludir os colegas de redação, nem desiludir o público. Assinar uma peça é ter uma responsabilidade acrescida, é saber e certificar-se que a informação está correta, que é entendível por todos e que está clara. Sendo assim, o estagiário começa a assumir responsabilidades da profissão: a verificação da informação, o confronto de ideias, a objetividade. Tudo isto, será, certamente, uma mais-valia no futuro.

Como já referi, a questão da assinatura das peças foi algo que também me surpreendeu no início, porque senti que isso era um peso de grande responsabilidade. O facto de aparecer o meu nome significava por um lado o reconhecimento do meu trabalho, mas, por outro, a exposição. Quer dizer, o que estava escrito passava a ser responsabilidade minha e não do jornal, o que na minha perspetiva acaba por ser um pouco desconfortável, porque, caso um erro passe, somos nós estagiários que temos de o assumir, em parte, porque é o nosso nome que está lá escrito. Contudo foi uma experiência muito gratificante, já que pude “viver” mesmo o jornalismo.

Quando questionados em entrevista sobre a assinatura das peças pelos estagiários, os jornalistas e os profissionais com cargos editoriais do CM referiram que não veem inconvenientes nessa assinatura, porque há um acompanhamento contínuo e uma revisão das peças feitas pelos estagiários dentro da redação. Miguel Machado, ex-coordenador da secção de desporto, explicou isso mesmo:

“Desvantagens eu, de facto, não encontro, porque mesmo o estagiário assinando a sua peça, o principal responsável é o seu editor, a redação, ou a direcção do jornal. Não vejo desvantagens em si, a não ser, claro, que o jornalista estagiário coloque a questão dessa forma, dizendo que não quer assinar, ou que não se sente à vontade para tal!”

Para além disso, todos os entrevistados referiram que a possibilidade de assinar as peças dá uma responsabilidade acrescida ao estagiário, prepara-o para o mundo do trabalho e ajuda-o a ser melhor. O subchefe de redação e editor do desporto, Carlos Costinha Sousa mencionou ainda que o facto de o estagiário ter trabalhos assinados com o seu nome lhe dá a possibilidade de “começar, desde cedo, a criar um portefólio, o seu próprio currículo, que pode ajudar no futuro”.

O meu percurso no jornal foi gradual. Se na primeira semana estava receosa e expectante, sempre a descobrir coisas novas, nas semanas seguintes estive sempre altamente motivada e

desejosa de passar à ação. Houve, todavia, algumas situações que foram, no início, mais difíceis, mas considero também que foram as mais desafiantes. Refiro-me às situações em que tive de sair sozinha para algum serviço. Uma das primeiras vezes em que isto aconteceu, logo no terceiro dia de estágio, fui sozinha com a repórter fotográfica a uma conferência de imprensa de futsal feminino (Anexo 4). Foi uma surpresa sair só com a repórter fotográfica nos primeiros dias, uma vez que estava ainda pouco habituada aos ambientes e à dinâmica da redação. Ainda assim, recebi com muito agrado este desafio, pois senti que confiaram em mim para desempenhar esta tarefa. Apesar de ter sentido algumas dificuldades, primeiro pelo contacto com as entidades representadas e, depois, por ter um jornalista experiente, de outro órgão local, a fazer o mesmo trabalho que eu, considero que este foi um desafio superado com sucesso. O nervosismo e até o medo de perguntar desapareceram quando cheguei ao local para desempenhar o serviço.

Outro dos desafios exteriores que, muitas vezes, fiz sozinha foi a cobertura de jogos de futebol, de futsal e hóquei. Estas eram as saídas que mais gostava de fazer, apesar de ir sozinha. Contactar com clubes que não conhecia, procurar as informações que precisava falando com quem nunca tinha contactado eram tarefas difíceis, na medida em que era tudo novo para mim. Ainda assim, a ajuda na redação era preciosa. Sempre que saía em serviço eram-me dadas dicas importantes sobre como chegar às pessoas certas ou obter as informações que precisava. Muitas vezes, nos próprios jogos, encontrava colegas jornalistas que me auxiliavam em tudo o que precisasse e me ajudavam a ultrapassar as dificuldades iniciais. Os primeiros trabalhos deste género foram uma descoberta, o receio esteve muito presente, mas com o tempo fui tirando o máximo proveito de tudo. Era nestes serviços que mais capacidades ia desenvolvendo e mais aprendizagens ia tirando. O facto de ter de contactar com treinadores, dirigentes, jogadores e até, muitas vezes, os adeptos dos clubes, faz-nos desenvolver capacidades de comunicação e mecanismos importantes para realizar melhor o nosso trabalho. Por fim, outra dificuldade encontrada foi a escrita das notícias com o antigo acordo ortográfico. O jornal optou por seguir o antigo acordo ortográfico, o que para mim era um esforço adicional, uma vez que tinha de rever várias vezes o texto para ver se não passava nenhuma palavra escrita com o novo acordo. Houve algumas vezes em que isso aconteceu, mas com o tempo acabou por desaparecer. O dia-a-dia na redação e o trabalho de campo depressa se enquadraram e permitiram-me estar compenetrada no trabalho, o que fez com que me sentisse bem ao desempenhar qualquer tarefa proposta pelo coordenador do Desporto, culminando numa experiência de estágio muito positiva.

Considero que o início do estágio foi marcado por alguma apreensão e medo de errar, quer devido às especificidades da secção onde estava inserida, quer porque era o primeiro contacto que tinha com uma redação. Contudo, uma das maiores gratificações que retirei destes meses foi saber que consegui integrar-me numa redação, que consegui aplicar os conhecimentos e competências que estudei e aprendi ao longo dos anos, bem como trazer uma bagagem cheia de novos conhecimentos e amizades e, ainda, acabar por ultrapassar a timidez. Trabalhar em contexto de redação é diferente de estar numa sala de aula, onde estamos a aprender a fazer. O peso da responsabilidade é maior na redação, porque estamos a escrever para toda a gente ler e também porque estamos a trabalhar com profissionais. Penso que era importante, na universidade, termos mais oportunidades de ir para o terreno e experimentar os vários géneros e também haver possibilidade de estagiar durante mais tempo, já que é com o estágio que contactamos realmente com a atividade profissional e que ganhamos mais competências.

O facto de ter de contactar sozinha com as diversas realidades permitiu-me dar passos maiores e ultrapassar dificuldades que na universidade ainda não tinha conseguido. Sinto que na universidade precisava de ter “saído da minha zona de conforto”, ou seja, precisava de ter estado mais no terreno. O conhecimento teórico é fundamental e dá-nos ferramentas para podermos desenvolver bons trabalhos. Mas o que falta é mais conhecimento prático, em ambiente de redação, no caso do jornalismo, pois é nesse contexto que futuramente vamos trabalhar e que precisamos de ter contacto.

No CM, foi-me permitido experienciar o trabalho numa redação e contactar bem de perto com as fontes de informação. Esta experiência deu-me a oportunidade de “viver” o jornalismo, testar diferentes secções e perceber de que forma se podem articular, conhecer e desenvolver relações com muitos jornalistas e aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo da licenciatura e do mestrado, aliados a uma aprendizagem contínua. Foi também com a experiência que pude constatar as verdadeiras limitações e constrangimentos do jornalismo: a falta de recursos, a falta de espaço para encaixar todas as notícias que chegam e também algum tipo de cedências que, por vezes, os profissionais têm de fazer. Nunca tive nenhum problema nem senti qualquer tipo de pressão pelo facto de ser estagiária. Fui tratada como se fosse uma jornalista da casa e tive sempre liberdade para fazer sugestões e trabalhar as páginas como quisesse. Considero que isso acabou por ser uma mais-valia para mim, mas, ao mesmo tempo, uma responsabilidade muito maior. Parte-se do princípio que, sendo o estágio uma unidade curricular do mestrado, passe por ser uma aprendizagem, ou seja, enquanto estagiária estou na redação para ser ensinada e não para ser

tratada como jornalista. No entanto, acabei por beneficiar com este tratamento. A orientação que me foi dada foi sempre no sentido de me deixar à vontade com o trabalho a desenvolver, isto é, eram-me dadas orientações específicas quanto ao trabalho e depois tinha a possibilidade de o desenvolver sozinha, mas com recurso a ajuda, se necessitasse. Dessa forma, não encontrei desvantagens neste tratamento.

1.2.1. O contacto com as fontes de informação

Nenhum jornal sobrevive sem fontes de informação, nem nenhum jornalista pode fazer um bom trabalho se não tiver uma boa lista de contactos que suporte a informação. O papel do jornalista é recolher, seleccionar e tratar factos, notícias ou opiniões, pelo que não pode prescindir daquilo a que chamamos fontes de informação, já que são elas que detêm os dados que são suscetíveis de gerar uma notícia.

Segundo o Livro de Estilo do Público (1998), “fonte, no sentido restrito do termo, é todo aquele que fornece informações ao jornal, por iniciativa própria ou solicitado nesse sentido”¹⁵. As fontes podem, por isso, ser pessoas, grupos, instituições, ou vestígios, como documentos, ou dados.

Enquanto estagiária no CM, apercebi-me da importância da criação de uma forte lista de contactos. Quando iniciei o estágio, a minha lista era inexistente, contudo, ao longo do mesmo, foi crescendo.

No CM, na secção de Desporto, há uma lista de contactos com os números de telefone dos principais responsáveis dos clubes de todas as divisões da Associação de Futebol de Braga, desde presidentes, diretores e treinadores, como também alguns contactos de diretores de comunicação, que são muito úteis sempre que é necessário obter alguma informação a que não temos acesso. Durante os três meses de estágio, foram muitas as vezes que utilizei esta lista de contactos.

Um dos serviços que era necessário fazer todas as segundas-feiras, era recolher os resultados dos jogos que aconteciam durante o fim-de-semana, dos diversos campeonatos distritais. Quando não era possível fazê-lo através dos sites de resultados ou das redes sociais dos clubes, era necessário ligar aos responsáveis para obter essa informação. No início, confesso que foi uma tarefa onde me senti um pouco desconfortável, porque não conhecia as pessoas que estava a contactar e também porque nunca o tinha feito antes em contexto de trabalho. Contudo,

¹⁵ Ver em http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/10-jornalista-m.html

e tendo em conta que tive de o fazer praticamente todas as semanas, acabei por me habituar e até consegui criar, para mim, uma lista de contactos.

Tendo por base aquilo que aprendi na licenciatura e no mestrado sobre as fontes informação, pensei que a relação que os jornalistas estabelecem com as mesmas fosse mais complicada. No entanto, o que pude notar é que, pelo menos no desporto, as fontes são bastante acessíveis. O problema, muitas vezes, é que as fontes tentam impor assuntos na agenda dos media e, se o jornalista não tiver cuidado, acaba por ficar ao serviço da fonte. No caso do desporto isso é visível. As fontes enviam matérias que querem ver tratadas para os órgãos de comunicação, o que por vezes pode condicionar o trabalho jornalístico.

No futebol, a questão do *blackout*, por exemplo, é um recurso para manter os jornalistas na “onda” do que os clubes querem. Os presidentes e treinadores usam essa estratégia para “manipular” a informação que chega aos media, ou seja, só falam quando querem e o que querem, não permitindo muitas vezes recurso a perguntas. A verdade, também, é que na secção de Desporto há algumas particularidades quanto às fontes. Há fontes que são “privilegiadas” pelos jornalistas e pelo próprio jornal, como é o caso das fontes que representam os principais clubes e associações da região. Isto acontece, porque os jornalistas já criaram uma rede de contactos forte e, por essa razão, optam por usar fontes que facilmente estejam disponíveis para falar e saibam sobre o assunto. O que se nota é que, no caso dos clubes da distrital (clubes de futebol), há uma incerteza quase que constante em relação aos representantes dos clubes, que mudam constantemente de clube ou de direcção, o que acaba por dificultar o trabalho.

Ao longo dos meus trabalhos de redacção, a relação com as fontes de informação foi sempre simples e nunca senti grandes dificuldades. O que pode explicar isto é o facto de nunca ter tratado casos controversos, que implicassem perguntas difíceis para os intervenientes. Se tivesse tratado algum caso complicado, como por exemplo de corrupção, possivelmente as fontes não seriam tão prestáveis. Para além das fontes já referidas (como os presidentes, treinadores e protagonistas dos principais clubes e instituições desportivas da região), outras das fontes muito utilizadas no jornal foram as redes sociais e as agências de comunicação, como é o caso da Lusa.

O jornalismo teve de acompanhar a evolução tecnológica e, não tendo meios nem recursos financeiros para disponibilizar aos seus jornalistas como antes, é muitas vezes a partir da redacção que se fazem as notícias. Já não é preciso sair do local de trabalho para obter a informação. Todavia, é possível fazer um bom trabalho a partir da redacção, de casa, na rua ou mesmo através de um café com internet. Segundo um estudo de Chéné, Atala, Panamá e Arozamena, para se

fazer um bom trabalho, os jornalistas têm de se adaptar às circunstâncias e cenários que a atualidade vive, “o jornalista deve procurar uma atualização constante, pois, em certas circunstâncias, a formação só não chega” (Chéné, Atala, Panamá & Arozamena, 2019, pp.127-128). Este relatório está a ser escrito em tempo de isolamento social, devido à pandemia do Covid-19 e aquilo que se nota é exatamente a conclusão a que chegaram os autores acima mencionados, uma vez que os vários jornalistas de todas as editorias do país estão agora a trabalhar a partir de casa, o que não se reflete numa falta de qualidade ou de cobertura noticiosa, pelo contrário. Os profissionais tiveram de se adaptar às novas circunstâncias, mas nem por isso, deixaram de fazer um trabalho de qualidade.

Esta realidade também foi visível no decorrer do estágio, já que fiz muitas antevistas e também algumas crónicas de jogo sem sair da redação. Quando isto acontecia, recorria aos sites e redes sociais dos clubes, como por exemplo do SC Braga e do Vitória Sport Clube (Vitória SC), à agência Lusa ou ainda a outros meios de comunicação, como a rádio e a televisão. Ou seja, sem sair da redação, era possível dar a informação aos leitores, com a vantagem de poupar tempo e dinheiro.

Porém, e sendo o CM um jornal regional, a secção de Desporto dá bastante destaque aos clubes da divisão distrital. Ai já não é possível optar pelas fontes de informação acima referidas e, por isso, prevalece o contacto direto. Nestes casos, o que acabava por fazer era contactar a fonte por telefone ou presencialmente. Apesar de ser uma mais-valia para poupar recursos, o facto de não sair da redação para a cobertura destes eventos desportivos implica que se perde todo o ambiente dos acontecimentos. Ainda que seja mais cómodo ficar na redação, sair e vivenciar os acontecimentos, contactar com as fontes no local é muito mais emocionante. Cobrir um jogo dentro ou fora do campo é completamente diferente, já que há detalhes que se perdem. Há conversas, gestos, cheiros e sons, que a partir da redação são inalcançáveis.

Assim sendo, o trabalho jornalístico acaba por ficar mais comprometido se for feito somente a partir da redação. Primeiro, porque não é a visão do jornalista que prevalece, porque se recorre à visão do jornalista da Lusa ou de outro órgão que esteve presente no evento e, depois, porque o jornalista, não estando lá, não pode dar com detalhe ao leitor o que se passou. Embora não transpareça para o leitor que o jornalista fez o trabalho a partir da redação, em contrapartida o próprio jornalista acaba por notar isso no resultado final do trabalho.

Tendo em conta o que fiz dentro e fora da redação, noto uma diferença na escrita dos acontecimentos. Há muito mais detalhes e explicações quando presenciei o acontecimento, do que quando fiz crónicas a partir da redação.

As fontes constituem-se como o “sangue” do jornalista (Mencher, 1997), já que são elas quem detêm a informação, mas há que ter em conta que as fontes são sempre interessadas e uma das coisas que procuram, segundo Manuel Pinto, é “a visibilidade e atenção dos media” e também “a marcação da agenda pública e a imposição de certos temas como foco da atenção colectiva” (Pinto, 2000, p.280). Posto isto, o que pude constatar foi que as fontes de informação são proativas.

Como referia Gans (1979), a relação entre fontes e jornalistas pode assemelhar-se a uma dança, “com as fontes a terem acesso aos jornalistas e estes a tentarem aproximar-se das fontes” (Gans, 1979, p.116) e pode observar-se, na maior parte das vezes, que a dança é conduzida pelas fontes. De acordo com o autor (Gans, 1979), do ponto de vista do interesse da fonte em ter acesso aos jornalistas, os fatores que se tornam relevantes são quatro: os incentivos, o poder da fonte, a sua capacidade de fornecer informações credíveis e a proximidade social e geográfica em relação aos jornalistas.

O que se observa é que são muitas vezes as próprias fontes que contactam os jornalistas: associações desportivas, câmaras municipais e até pessoas individuais contactam o jornal através de email ou telefone, para convidar os jornalistas a estarem presentes em eventos, conferências de imprensa ou inaugurações. Muitas vezes, fazem chegar à redação *press releases* bem elaborados com informações que querem ver noticiadas. A maior parte das notícias dadas na secção de Desporto chegam, quase todas, através de email. O que acontece é que os clubes e associações enviam os textos e as fotografias que querem ver publicadas e o jornalista só tem de verificar, retocar os textos e publicar. Talvez, por isso, as fontes sejam tão acessíveis. Algumas vezes as fontes acabam por decidir aquilo que sai no jornal, embora nem sempre no tempo a que chegam as informações.

Por conseguinte, beneficiam as fontes de informação, pois têm visibilidade e atenção por parte dos media, e beneficiam os jornalistas, que facilmente têm acesso à informação e ao desenvolvimento das matérias. No entanto, há que considerar que não são as fontes que consideram o assunto relevante para ser publicado, mas antes o jornalista que procede à seleção. Apesar de serem uma mais-valia, as informações que chegam à redação, que ajudam muitas

vezes o jornalista que não pode ir a todos os eventos, também levantam questões, já que um jornalista não pode simplesmente reproduzir um *press*.

Tendo isso em consideração, posso concluir que a minha relação com as fontes foi facilitada no decorrer do estágio, todavia creio que o jornalista precisa do contacto direto com as fontes de informação, até para perceber mais facilmente se pode ou não estar a ser enganado. O jornalista deve confrontar as fontes, verificar a informação e procurar informações adicionais. Apesar de ter lidado com muita informação que chegou via email, também tive imensas oportunidades de falar diretamente com as fontes, o que tornou o meu trabalho bem mais forte e também me deu muito mais gosto ao fazê-lo.

1.2.2. Os Géneros jornalísticos: notícia, o género privilegiado

Em geral, a notícia foi o género jornalístico com o qual mais lidei durante o meu estágio. A secção de Desporto vive essencialmente das notícias, das crónicas e dos comentários, pelo que, de forma geral, é aquilo que mais se “dá” aos leitores. Segundo Tunstal (citado em McQuail, 2003, p.341) “o jornal é o arquétipo e o protótipo de todos os meios de comunicação de massa modernos e as ‘notícias’ são o seu ingrediente central”. Diz o autor que a pergunta “o que são as notícias” é difícil de responder, no entanto, podemos considerar algumas definições. Também Fontcuberta diz que “escrever sobre as notícias não é uma tarefa fácil” (Fontcuberta, 1993, p.11), uma vez que a definição de notícia se foi alterando:

As notícias jornalísticas foram inicialmente definidas como a comunicação com um público interessado de um facto que acabara de ocorrer ou foi anunciado pelos media de massa. O conjunto de notícias tinha que ser o reflexo de uma realidade que precisava de ser descrita, explicada e interpretada aos recetores para que a opinião pública pudesse ser formada. (Fontcuberta,1993, p.15)

Anabela Gradim (2000) define a notícia como “(...) tudo aquilo que um jornal publica”, mas no sentido técnico, enquanto género “a definição de notícia é mais restrita. Refere-se a textos eminentemente informativos, relativamente curtos, claros, directos, concisos e elaborados segundo regras de codificação bem determinadas: título, lead, subtítulos, construção por blocos, e em forma pirâmide invertida” (Gradim, 2000, p.41).

Já o Dicionário da Comunicação vai ao encontro das definições dos autores mencionados e define notícia como o

relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade e capaz de ser compreendido pelo público (...) A notícia não é o acontecimento, ainda que assombroso, mas a narração deste acontecimento. A notícia é tudo que o público deseja saber. (Rabaça & Barbosa, 2001, p.418)

Desse modo, a notícia é um género jornalístico informativo, que tem como principal objetivo a narração e descrição dos factos. Ainda que não seja o género jornalístico por excelência, já que isso cabe à reportagem, a notícia é aquilo que os jornalistas mais fazem na redação do CM e, mais especificamente, na secção de Desporto, já que se atende também ao interesse dos leitores do jornal.

Ainda que o CM tenha o site e as redes sociais ativas, não há a pressão de escrever os artigos o mais rápido possível para que sejam publicados. Ao contrário do que acontece com muitos jornais generalistas e até regionais, que vão publicando notícias online durante o dia, o CM só o faz com as notícias que são publicadas no jornal. Isto é, o que aparece no online são as notícias que aparecem na edição do dia do jornal, exceto, por vezes alguns casos do dia. Assim sendo, os artigos podem ser feitos com uma margem de tempo confortável e de forma mais cuidadosa, porque não há a pressão do online. Por isso mesmo, o CM destaca-se dos demais jornais, não tendo como principal objetivo a rápida difusão das notícias. Já depois de ter começado a escrever este relatório e devido ao momento controverso que o país e o mundo atravessavam com a pandemia do Covid-19, reparei que esta ideia do online começou a ter realmente o seu papel, isto é, as notícias não esperavam para saírem na edição do jornal impresso, mas eram lançadas logo que estivessem concluídas.

Para além das notícias, os géneros jornalísticos que mais pus à prova foram as crónicas e os comentários. Géneros jornalísticos mais opinativos, a crónica e o comentário são muito usados no jornalismo desportivo, já que este tipo de jornalismo convoca mais as emoções e as opiniões. De acordo com Lopez (2005), o jornalismo desportivo é uma especialização que admite o uso de linguagem mais descontraída e estruturas pouco rígidas, onde a forma como os acontecimentos são selecionados e trabalhados delimita o que é entretenimento, o que é jornalismo e o que é jornalismo desportivo. Desta forma, jornalismo e entretenimento estão muito ligados.

Neste sentido, as crónicas e os comentários acabam por se utilizar muito nesta secção, já que o jornalista vai ao local do evento desportivo, vê e descreve o acontecimento, usa uma linguagem mais simples e espontânea, interpreta e critica o que observa, acabando por

partilhar com o leitor. As crónicas de jogo que tive oportunidade de fazer foram várias. Fiz crónicas de jogos de futebol, futsal e também de hóquei em patins (Anexos 6, 7, 8, 9, 10 e 11). Aquilo que me era pedido era que fizesse uma espécie de leitura ao jogo e a todo o ambiente que o envolve e, depois, escrevesse aquilo que presenciei, de forma próxima e simplificada para o leitor. Dessa forma, era essencial a saída ao exterior, uma vez que é nessas saídas que podemos dar com fidelidade ao leitor o que se passou no jogo. Ainda que tenha feito crónicas a partir da redação, sinto que elas perderam a essência, porque o que escrevia, não tinha sido o que tinha presenciado. Independentemente de convocar as emoções e a opinião, considero que é possível manter a objetividade jornalística neste tipo de género, já que se explica e defende a perspetiva apresentada ao leitor.

Uma crónica de jogo mais não era do que a explicação dos acontecimentos, a marcação dos golos, as jogadas, os jogadores que mais se destacaram, misturada com um pouco de opinião. Já os comentários passavam por fazer uma apreciação à jornada e à classificação dos jogos, mostrando, no fundo, o melhor e o pior. Apesar de na redação chamarem comentário a este tipo de artigo, ele não segue, nesta secção, as diretrizes de um comentário mais opinativo, onde a ideia é estimular, explicar e defender um ponto de vista. Aquilo que se apresenta neste tipo de comentário desportivo é mais uma espécie de interpretação e não tanto uma opinião, embora as interpretações tenham um lado mais pessoal. Uma das coisas que me surpreendeu ao longo do estágio foi não haver espaço para pôr em prática dois dos géneros jornalísticos mais importantes, a reportagem e a entrevista.

Infelizmente, no percurso que fiz enquanto estagiária, não tive oportunidade de fazer uma reportagem ou uma grande entrevista, o que me surpreendeu, já que a reportagem, especialmente, é tida como o género de excelência do jornalismo e o género que mais põe à prova as competências profissionais. Indaguei-me várias vezes sobre isso, mas fui percebendo que não havia muito espaço, nem tempo, para a realização de reportagem e acabei por não questionar o meu orientador sobre isso. Acabei, igualmente, por não propor um tema para a realização de uma reportagem, um pouco por receio, mas também porque durante o estágio estive sempre bastante ocupada dentro e fora da redação, já que havia muito trabalho. Porém, mostrei-me sempre curiosa e disponível para fazer os trabalhos que me eram propostos na secção de Desporto, bem como nas outras secções e, de vez em quando, propunha algum assunto que achava adequado, dentro das linhas editoriais do jornal. Nos dias em que havia

menos temas para abordar, fazia uma ronda por vários meios de comunicação e redes sociais mais importantes, para ver se havia algum assunto que pudesse ser noticiado.

A entrevista é uma outra forma interessante de fazer jornalismo. No fundo, as entrevistas estão na origem de grande parte do trabalho jornalístico, já que “denominam todos os contactos com uma fonte que são efectuados pelo jornalista durante o processo de recolha de informações” (Gradim, 2000, p.76). No entanto, as entrevistas também podem ser vistas como “género jornalístico autónomo” (Gradim, 2000, p.76), quando se destinam a ser publicadas em forma de pergunta-resposta. Frequentemente, utilizei para os meus trabalhos a entrevista como forma de recolha de informação, dado que falava com as fontes para escrever as notícias e para completar a informação já obtida. A entrevista como género, propriamente dito, não executei. Para as crónicas de jogo era necessário ter declarações dos treinadores dos clubes que disputavam os jogos e para isso fazia sempre uma breve entrevista, no final dos jogos. Aí, o discurso da fonte era reproduzido com fidelidade, embora não todo na íntegra, dado que, na maior parte das vezes, não havia espaço para tal. No fundo, para quase todos os géneros jornalísticos temos por base as entrevistas. No entanto, há entrevistas que não se enquadram em nenhum outro género e são feitas para saírem enquanto entrevistas no jornal, como acontecia nas outras secções do mesmo.

Infelizmente, não são muitas as oportunidades que os jornalistas têm para poderem fazer trabalhos de reportagem e de entrevista autónoma, mas cabe-nos a nós, enquanto jornalistas, tentar ao máximo que estes géneros não sejam postos de parte, contornando os vários constrangimentos existentes na profissão.

Por outro lado, pude também observar que, dentro do desporto, há uma tendência para privilegiar o futebol e as modalidades masculinas, em detrimento das restantes modalidades. Esta é uma conclusão que pode ser tirada “a olho nu”, tendo em conta o espaço dedicado ao futebol e aquele que é ocupado pelas restantes modalidades desportivas. Mesmo que o CM cubra muitas modalidades diferentes, é de notar que o futebol é a modalidade coberta com mais facilidade e em maior quantidade. Normalmente, são cerca de oito as páginas da secção de Desporto e, destas, cinco a seis páginas são geralmente dedicadas ao futebol. Dessa forma, as restantes modalidades contam apenas com duas ou três páginas. Nestas, verifica-se a existência de muitas breves e notícias mais pequenas, ao contrário das páginas de futebol, que têm, regularmente, meia a uma página de notícia e ainda breves. Embora essa ideia estivesse bem presente na minha cabeça antes do estágio, o facto de a

comprovar no decurso do mesmo fez com que percebesse as razões para que aconteça com tanta frequência. Ainda que nos jornais regionais a tendência seja cobrir todas as modalidades, penso que o futebol é a modalidade que os leitores mais consomem, por isso é aquela a que os jornalistas desportivos mais dão atenção.

Não me apercebi, ao longo do estágio que a redação do CM tenha dados de audiência a questão do futebol em concreto, mas fui percebendo, através de conversas com os jornalistas, que esta é uma ideia que existe na redação. Para além de cobrirem os cinco principais clubes minhotos (SC Braga, Vitória SC, Gil Vicente FC, FC Famalicão e Moreirense FC), os jornalistas do CM fazem também a cobertura dos jogos do campeonato Pró-Nacional da Associação de Futebol de Braga, bem como, dos restantes campeonatos e escalões de formação. Daí que sejam disponibilizadas mais páginas para o futebol.

1.2.3. Trabalho de campo: as coberturas de jogos

O trabalho de campo é o trabalho preferido do jornalista, visto que é aí que pode ver, ouvir e sentir o jornalismo bem de perto, sendo uma das tarefas mais gratificantes para um profissional. Assim sendo, essa foi também das experiências mais gratificantes ao longo do meu estágio.

Na secção de Desporto, como não podia deixar de ser, a experiência mais comum é a cobertura de eventos desportivos, nomeadamente de jogos de futebol, futsal e hóquei em patins, como foi no meu caso específico do estágio. Esta foi a parte que mais gostei, apesar de ser a que estava menos preparada para desempenhar, uma vez que nunca tinha feito um serviço deste género e porque o meu conhecimento acerca dos campeonatos distritais da AF Braga, assim como dos campeonatos de hóquei e futsal, era bastante reduzido. Ao contrário do que pensava, o campeonato distrital tem bastante importância, quer no agendamento do jornal, quer para os leitores, que esperam pelo fim-de-semana para consumir notícias relacionadas com o futebol distrital.

Uma das primeiras tarefas a fazer foi perceber a hierarquia das divisões, as principais equipas, as relações entre elas, os protagonistas e, do mesmo modo, algumas regras específicas dentro do campeonato Pró-Nacional. Depois, foi perceber o que é pedido na cobertura destes jogos. A principal dificuldade e o maior desafio foi não conhecer os clubes e os atletas deste campeonato, o que dificultou os primeiros contactos. No entanto, nunca senti algum tipo de pressão, nem impossibilidade de realizar o trabalho. Pelo contrário, fui sempre bem recebida.

O primeiro jogo que tive a oportunidade de fazer foi o jogo da Liga Europa entre SC Braga e o Slovan Bratislava. Neste primeiro encontro, fiz apenas breves e fui acompanhada por um colega da secção que fez a crónica de jogo (Anexo 5). Como primeira experiência, foi muito interessante, já que deu para experimentar um pouco de tudo, embora só as breves fossem publicadas.

O segundo jogo que cobri foi o jogo inaugural da I Divisão de Hóquei em Patins, entre o Hóquei Clube de Braga (HC Braga) e a Associação de Educação Física e Desportiva de Torres Vedras (AE Física) (Anexo 6). Esta foi a minha primeira experiência sozinha em contexto de jogos, por isso não sabia a quem me dirigir. No entanto, o editor deu-me as indicações necessárias antes do jogo, para que me pudesse orientar. Assim, a primeira coisa que fiz foi dirigir-me à bancada, numa zona destinada aos órgãos de comunicação social e pedir a ficha de jogo das duas equipas, para poder fazer o meu trabalho. A partir daí organizei uma lista com os nomes e números dos jogadores e observei o jogo, fazendo o registo dos golos, das substituições e dos principais pontos do jogo (lances de perigo, faltas, defesas, livres). No final do jogo, dirigi-me à zona dos balneários para entrevistar os treinadores de ambas as equipas, para que cada um fizesse a sua análise ao jogo. Neste jogo, tive oportunidade de estar lado a lado com um jornalista de outro órgão regional, que me auxiliou na hora das entrevistas, uma vez que sendo a primeira experiência não sabia exatamente a quem me dirigir. Depois de realizado o trabalho no terreno, seguia-se o trabalho de redação. Normalmente, as páginas dos jogos das várias modalidades já tinham uma maquete pré-definida, que era só “montar”, adequando-a ao nosso texto. Estas maquetes tinham um título, um pequeno lead, uma ou várias fotos, o texto a descrever os acontecimentos do jogo e uma parte onde se colocavam as informações relativas aos jogadores, equipa de arbitragem, cartões, substituições e golos. Por fim, havia ainda uma coluna para os comentários recolhidos junto dos treinadores no final do jogo. Apesar de as maquetes estarem já pré-definidas, os jornalistas podiam adequá-las e modificá-las como bem entendessem, visto que nem todos os jogos eram iguais.

As restantes partidas que acompanhei foram quase sempre de futebol, do campeonato distrital da Pró-Nacional. Nestas, as principais dificuldades eram cronometrar o jogo, já que não havia nada que assinalasse o tempo de jogo, e estar atenta às substituições e aos números dos jogadores. Tal como nos jogos de hóquei, a primeira coisa a fazer era pedir a ficha de jogo com o 11 inicial e os jogadores no banco. Para isso, tinha de me dirigir à zona dos balneários, onde estava uma folha afixada com essas informações, ou pedir aos árbitros da partida. Depois sentava-me na bancada, observava o jogo e apontava tudo o que achasse relevante, assim como os cartões

amarelos e vermelhos, as substituições, os golos e os principais lances de perigo criados pelas equipas. Nestes jogos, o telemóvel era um grande aliado, para contar o tempo e também para gravar as conversas com os treinadores no final dos jogos. Como eram vários os jogos a decorrer ao mesmo tempo, era normal que não houvesse um colega da redação nos jogos a que eu ia, pelo que me fui habituando a estar sozinha e a criar alguns contactos dentro dos clubes, para me movimentar mais rapidamente nos dias de jogo.

Relativamente ao trabalho de escrita das crónicas, este acabava por ser simples. Ainda que muitas vezes não houvesse muitos golos ou lances para descrever, nos campeonatos distritais há sempre muita emoção em todos os jogos, pelo que acabava sempre por ter muito que escrever. Todos os fins-de-semana em que estava de serviço, acabava sempre por cobrir um jogo da Pró-Nacional ou de outra modalidade. Houve alturas em que cobri na redação jogos da I Liga de Futebol, Campeonato de Portugal e Liga Revelação (Anexos 10 e 11). Também fiz várias antevisões a jogos, quer das equipas de formação do SC Braga, quer das várias modalidades, nomeadamente de futebol feminino (Anexos 16 e 17). Esta foi, sem dúvida, a parte do estágio de que mais gostei e aquela que mais oportunidade me deu de experienciar, especialmente o mundo do futebol. Apesar de lamentar não ter feito mais coberturas de jogos de outras modalidades, considero que o estágio no CM aumentou a minha paixão pelo desporto e pela profissão.

1.2.4. A questão que se levantou

Depois de analisar o período de estágio, interroguei-me sobre várias questões e cheguei a algumas conclusões quanto àquilo que seria o objetivo do meu trabalho. Assim, este trabalho pretende, nos capítulos que se seguem, responder a uma questão fundamental, com a qual me fui deparando ao longo do estágio. Percebi, com a experiência, que há uma certa hierarquização de modalidades, isto é, há modalidades que são mais noticiadas, o que faz com que se verifique uma certa hegemonia face às outras. O futebol tem sido a modalidade de destaque no jornalismo desportivo e é, por isso, que procuro neste relatório perceber o que origina a discrepância entre os destaques dados ao futebol e às restantes modalidades. Através da leitura simples a um jornal desportivo e, neste caso, também ao jornal CM é possível entender que o futebol ocupa um maior número de páginas e aparece muito mais destacado na capa. Uma mesma informação parece, por isso, ter um valor diferente para os jornais, consoante a modalidade desportiva que aborda. Parece que facilmente arranjam um motivo para que isso aconteça, pois é muito comum ouvir-se dizer por parte dos jornalistas e até das pessoas em geral que “o futebol vende mais” e, que por isso, se justifica que ele apareça mais destacado. No entanto, esta pode ser apenas uma ideia pré-concebida e não ser aquela que delinea o critério editorial dos jornais. Dessa forma, este relatório tem como finalidade perceber, de facto, quais são os processos de produção noticiosa que estão por detrás das notícias desportivas no jornal Correio do Minho.

Inserido no plano de estudos do Mestrado em Ciências da Comunicação – Informação e Jornalismo (ramo profissionalizante), o estágio foi um marco importante no meu percurso, já que foi o primeiro contacto com o contexto profissional e com uma redação, tornando possível levantar questões e equacionar a pergunta de partida que vai sustentar o relatório: “Que processos de produção noticiosa estão por detrás das notícias desportivas no jornal Correio do Minho?”.

2. As rotinas de produção jornalística e a cobertura em desporto

Este capítulo pretende explorar e articular conceitos teóricos envolvidos na discussão motivada pela questão “Que processos de produção noticiosa estão por detrás das notícias desportivas no jornal Correio do Minho?”. Num momento inicial, irá abordar o Jornalismo Desportivo, como campo do jornalismo Especializado, bem como as suas especificidades. O segundo ponto será dedicado aos processos de produção jornalística e ao conceito de *agenda setting*. O terceiro ponto irá abordar o conceito de *gatekeeping* e os valores-notícia.

2.1. Jornalismo Desportivo, especialização e surgimento da imprensa desportiva em Portugal

Jornalismo e desporto representam dois campos distintos, mas nem por isso distanciados. Mais do que nunca, estes campos parecem agora viver em comunhão, numa era em que o público se manifesta sobre aquilo que quer consumir.

Atualmente, satisfazer as necessidades do público é uma das coisas mais importantes a ter em conta nas empresas mediáticas. O público procura cada vez mais aquilo que o satisfaz e, dessa forma, vai exigindo que as empresas mediáticas se especializem. Utilizando na maior parte das vezes a particularidade do gosto como ferramenta de lucro, aposta-se cada vez mais no jornalismo especializado, que serve, também, como resposta à crescente procura pela informação diversificada.

De acordo com Abiahy, podemos considerar “(...) que as produções segmentadas são uma resposta para determinados grupos que buscavam, anteriormente, uma linguagem e/ou uma temática apropriada ao seu interesse e/ou contexto” (Abiahy, 2000, p.6). Para a autora, esses grupos “encontram agora publicações ou programas segmentados com os quais se identificam mais facilmente” (Abiahy, 2000, p.6). Abiahy defende que o jornalismo especializado, além de funcionar como uma ferramenta eficaz de lucro para os grupos de media, serve, igualmente, para dar resposta aos pedidos do público por informações diversificadas.

O desenvolvimento do jornalismo especializado (como fruto do jornalismo industrial) é uma realidade do século XX, com especialidades mais na área militar, política e de ciência. Mas a especialização propriamente dita é uma marca identificadora da atualidade, pois surge com as transformações operadas pela vinda das novas tecnologias. Tavares afirma que “(...) a especialização periodística está associada, em sua maioria, à evolução dos meios de comunicação e à formação de grupos sociais consumidores de mídia cada vez mais distintos” (Tavares, 2009,

p.117). Do mesmo modo, Ramirez diz que a especialização do jornalismo representa, assim, um dos elementos mais característicos da atual sociedade da informação, já que surge

da própria necessidade do ser humano de limitar o campo das suas pesquisas e conhecimentos para obter melhores resultados. Por outro lado, o avanço constante da tecnologia da informação facilitou consideravelmente o surgimento de novos canais de informação que possibilitam espalhar as mensagens mais amplamente e segmentá-las. (Ramirez, 2010 s/p.)

Ramirez aponta ainda que “o aumento maior da procura por qualidade e profissionalismo exigido pelos sujeitos recetores obriga as empresas jornalísticas a oferecer cada vez menos serviços de informações gerais, adaptando-se ao perfil e às necessidades dos utilizadores” (Ramirez, 2010, s/p). O que se verifica é que a especialização traz um novo conceito e também novas oportunidades ao jornalismo, dado que exige, por parte do jornalista, uma maior formação e qualificação e também permite que haja o papel de intermediar saberes especializados na sociedade. A especialização acaba também por cumprir uma função essencial no jornalismo: a de assegurar uma recolha regular de matéria-prima.

Para Ramirez, a especialização representa, por isso, uma importante ferramenta de trabalho científico e intelectual (Ramirez, 2010). Também para Abiahy o jornalismo especializado passou a cumprir outra função importante, a de agregar os indivíduos de acordo com as suas afinidades, “ao invés de tentar nivelar a sociedade em torno de um padrão médio de interesses” (Abiahy, 2000, p.6).

Tal como Ramirez (2010) e Abiahy (2000), também Coelho (2006) e Barbeiro (2006) consideram que o jornalismo especializado é sempre voltado para um público específico, independentemente da área que trate. Berganza Conde acredita que “a especialização jornalística é fruto, em grande medida, das exigências da audiência, cada vez mais diversificada e que exige que os conteúdos específicos – dependendo dos seus interesses – sejam explorados de forma aprofundada e com rigor” (Conde, 2005, p.35).

Já Fontecuberta não vê a especialização pelo lado da audiência, mas sim pelo lado do conteúdo jornalístico e afirma mesmo que “quando se fala de especialização não é necessário fazer referência ao tipo de media ou ao tipo de público, mas antes ao conteúdo” (Fontecuberta, 1993, p. 50). No entanto, o autor também considera que são os novos meios de comunicação que facilitam a divulgação do conteúdo especializado.

Mais uma vez, é preciso repetir que não são os meios de comunicação que se especializam, mas o conteúdo. De qualquer forma, os novos media facilitam a divulgação de conteúdo especializado, embora seja a imprensa que leva à tendência da especialização. (Fontecuberta, 1993, p.53)

O que se verificou, de facto, nos últimos anos, é que a tendência do jornalismo especializado se vem acentuando tornando, por isso, os meios de comunicação mais temáticos. Como dizia Leão “(...) esta tendência de especialização é um fenómeno que ainda decorre e que se acentua à medida que os próprios meios de comunicação se tornam temáticos e as audiências se segmentam em nichos (Leão, 2000, s/p.)”. Uma dessas temáticas específicas de cobertura noticiosa é o desporto.

Atualmente, vivemos rodeados pelo desporto quer seja através da prática de alguma modalidade desportiva, quer seja pela observação ou mesmo através dos meios de comunicação, que transformaram o desporto num verdadeiro “espetáculo” de massas, o que, inevitavelmente, o torna num tema que suscita interesse por parte do público.

Assim sendo, e em suma, o jornalismo especializado “nasce” para dar resposta aos diferentes interesses dos indivíduos e é na base da especialização dos temas jornalísticos que surge o jornalismo desportivo: uma especialização, que deve narrar os factos relacionados com o desporto, que integre as várias modalidades como o futebol, o atletismo, a natação, o andebol, o basquetebol, o ciclismo, entre outras.

O jornalismo desportivo é uma realidade do século XX, já que o desporto só começou a ganhar alguma relevância entre o final do século XIX e o fim da II Guerra Mundial. Todavia, começaram a aparecer na Europa, na segunda metade do século XIX, as primeiras publicações especializadas em desporto. Segundo Lopes e Pereira “(...) o jornalismo desportivo não tem, entre nós, uma tradição de estudos académicos, nem costuma ser alvo de reflexões aprofundadas por parte da classe jornalística” (Lopes & Pereira, 2006, p. 8), talvez, por isso, seja difícil caracterizá-lo e falar dele historicamente.

Como afirma Pinheiro (2009), o desporto ganhou grande destaque no século XX e foi aí que a imprensa desportiva também despertou em Portugal:

O desporto transformou-se, entre o final do século XIX e o fim da II Guerra Mundial, num elemento cultural de grande transcendência na intercomunicação das pessoas e dos povos, apontando-se mesmo o século XX como o século em que o desporto se converteu no facto social mais determinante. (Pinheiro, 2009, p.171)

O aparecimento de jornais desportivos em Portugal aconteceu mais tarde relativamente aos restantes países da Europa. Aquele que terá sido o primeiro jornal desportivo em Portugal – O Velocipedista – surge apenas em 1893. De acordo com Pinheiro (2009), a Inglaterra foi a pioneira no que diz respeito às publicações desportivas, já que era considerada “a primeira nação do desporto”. Seguiu-se a França e depois Espanha, surgindo a primeira publicação desportiva em Portugal, 41 anos depois:

(...) em 1854, publica-se em França o Le Sport; dois anos depois, em 1856, surge em Espanha a revista El Cazador; e em Inglaterra obtém grande sucesso o diário desportivo Sportsman [1852]. Os próprios jornais generalistas de referência criam colunas desportivas, como sucedeu com o diário norteamericano New York Journal, o francês Le Fígaro e o inglês Times. (Pinheiro, 2009, p.171)

O mesmo autor declara que, entre 1641 e 1873, foram publicados em Portugal 1407 jornais, mas nenhum deles era dedicado ao desporto. Conforme Erbolato, o desporto na imprensa não era inicialmente considerado importante “(...) e o noticiário limitava-se a anunciar as disputas e a dar os resultados, tudo no máximo de dez ou vinte linhas para cada competição” (Erbolato, 1981, p.14). Os jornais generalistas falavam ocasionalmente sobre várias modalidades, sendo que só a partir de 1892 é que se apresentou num jornal generalista (Diário Ilustrado), uma secção desportiva de cobertura regular (Pinheiro, 2006). Também Domingos e Kumar reforçam a ideia de Pinheiro ao dizer que

na transição do século XIX para o século XX, os vestígios que indicavam a existência de uma narrativa desportiva na imprensa eram muito escassos. A notícia sobre desporto ocupava um espaço residual na generalidade da imprensa portuguesa. O primeiro jornal desportivo terá sido O Velocipedista, fundado em 1893. Seguiu-se o Sport em 1894 e o Tiro Civil em 1895. (Domingos & Kumar, 2006, p.580)

As publicações destes anos apresentam, na Europa e em Portugal, obviamente características bem diferentes das que hoje conhecemos: “ciclismo, tiro, automobilismo, aviação, corridas de cavalos, caça e pesca foram os temas que mais motivaram o aparecimento de publicações, estando desde o início a imagem do desportista conotada com o progresso, a velocidade e o risco” (Pinheiro, 2006, p.27). Já no que toca a Portugal, no final do século XIX, o desporto dominante eram as touradas. Este género de imprensa especializada apresentou em Portugal “um grande poder de penetração popular e visibilidade social” (Pinheiro, 2006, pp.29-

30), de tal forma que se pode dizer que “a imprensa desportiva influenciou determinadamente, social, política e economicamente o Portugal da primeira metade do século XX” (Alves, 2006, p.12).

Considerando a análise feita por Francisco Pinheiro (2006), podemos definir três períodos importantes na consolidação da imprensa desportiva em Portugal: o primeiro período abrange a Monarquia (1893-1910), com o surgimento do primeiro jornal desportivo; o segundo período é correspondente à Primeira República (1910-1926) e o terceiro à Ditadura Militar/Estado Novo (1926-1945), altura em que se consolida em Portugal este tipo de imprensa, nascendo em 1945 o jornal A Bola, “(...) que se tornou a referência desta área jornalística durante o resto do século XX (...)” (Pinheiro, 2006, p.30).

A primeira publicação desportiva portuguesa estava inicialmente ligada, em exclusivo, à velocipedia, uma modalidade que se ia destacando por toda a Europa, embora a linha editorial do Velocipedista se alargasse à cobertura de mais desportos, assim como, também, à literatura e à arte (Pinheiro, 2006, p.35). As publicações que se seguiam tinham igualmente um desporto associado em toda a publicação, mas depressa se alargavam as coberturas noticiosas aos restantes desportos, já que era preciso aumentar as vendas e consolidar os projetos jornalísticos. Apesar de se verificar um aumento do interesse por parte da sociedade portuguesa em relação ao desporto e aos jornais desportivos, Pinheiro (2009) refere que os jornais desapareciam depois de terem lançado poucos números, por isso, do ponto de vista da consolidação da imprensa desportiva em Portugal, ainda havia muito a fazer.

Já na viragem para o século XX, e mesmo que ainda houvesse muito a fazer, os jornais desportivos continuavam a surgir, mas muitas, se não quase todas as publicações, eram baseadas em artigos de jornais estrangeiros, sendo a imprensa francesa uma das referências a ter em conta.

É ainda, nos primeiros anos do século XX, segundo Domingos e Kumar, que começa a haver em Portugal uma progressiva transformação sobre o discurso mediático desportivo: “nos primeiros anos do século XX, a incidência mediática do discurso sobre desporto irá transformar-se com a progressiva institucionalização do futebol em Portugal. O interesse público pelas competições veio avivar o consumo de jornais” (Domingos & Kumar, 2006, p.581).

É, de facto, com o fim da I Guerra Mundial, segundo Paniagua (2010), que começam a pôr-se em prática estratégias até então desconhecidas, o que permite aumentar a presença do desporto e alterar o modo como a imprensa era vista:

Após a Primeira Guerra Mundial, foram lançadas práticas inéditas, como a venda de jornais por correspondência e, em geral, os media passaram a vê-los como um veículo de entretenimento, afastando-se cada vez mais da ideia dos media com uma função educacional e informativa. Atualmente, a presença do desporto nos jornais diários de informação geral aumenta, assim como o número de jornalistas especializados. (...) Além disso, o futebol também começa a ser visto, juntamente com o cinema, como um elemento da modernidade. (Paniagua, 2010, s/p)

Começava a haver uma mudança progressiva no modo de fazer jornalismo desportivo, que, por sua vez, também estava a dar frutos para os leitores que gostavam de o consumir. A verdade é que foram muitas as publicações desportivas que nasceram em Portugal desde 1893, mas também é verdade que todas elas encontraram problemas de alguma ordem: a instabilidade política, a crise ou as duas grandes guerras podem explicar por que poucos jornais sobreviveram ao que se instalou no país. Por isso, para falar na consolidação da imprensa desportiva em Portugal, é preciso avançar um pouco mais no tempo.

Em conformidade com Domingos e Kumar, “a década de 1930 assinalou o prosseguimento da especialização analítica do espaço consagrado pelo desporto na imprensa portuguesa” (Domingos & Kumar, 2006, p.590), isto porque, por um lado, surgiram e consolidaram-se novos projetos de jornais desportivos e, por outro, os jornais generalistas foram concedendo ao assunto um espaço de maior relevo. Segundo os dois autores, esse facto relacionou-se com a “institucionalização das competições futebolísticas e com o crescimento da sua cobertura mediática” (Domingos & Kumar, 2006, p.590), em que a rádio teve um papel fundamental. Neste período é de salientar o aparecimento do jornal O Norte Desportivo, em 1934, no Porto, que viria a ser um dos jornais desportivos de referência, na época. Como tema dominante tinha o futebol, com destaque para os clubes do Norte, sem nunca esquecer também a seleção nacional (Domingos & Kumar, 2006, pp.590-591). No que toca aos jornais generalistas, estes atravessavam graves problemas económicos, devido à crise de 1929, e continuavam na retaguarda da informação desportiva.

Entre 1938 e 1945, o espaço do desporto na imprensa portuguesa tornou-se mais real. Para Domingos e Kumar “(...) a responsabilidade do futebol nesta mudança foi evidente” (Domingos & Kumar, 2006, p.592), embora a sua dominação não implicasse ainda uma hegemonia absoluta.

Em 1945, terminada a Segunda Guerra Mundial, a notícia desportiva ganhou particular destaque. Lançado a 29 de janeiro de 1945, o jornal A Bola tornar-se-ia “(...) no mais importante empreendimento do jornalismo desportivo português” (Domingos & Kumar, 2006, p.596). Fundado por Cândido de Oliveira, António Ribeiro dos Reis e Vicente de Melo, o jornal começou por ser publicado duas vezes por semana (às segundas e quintas-feiras), passando em 1950 a ser um jornal trissemanário, com publicações à segunda, à sexta e ao sábado. Só em 1995 passa a ser um jornal com publicação diária.

O primeiro número do jornal A Bola tinha oito páginas e um subtítulo bem indicativo do que pretendia vir a ser, o “Jornal de Todos os Desportos”. Com uma estrutura redatorial de qualidade para a altura e secções consideradas interessantes, o jornal esgotou o primeiro número, que incluía na capa o editorial onde traçava a ideologia do jornal: “A Bola aparece como jornal livre, sério e honesto: nas intenções e nos processos, a dizer do bem e a dizer do mal, na crítica, na doutrina, na propaganda desportiva”¹⁶. A conceção da notícia desportiva n’A Bola passava por relatar, à segunda-feira, os acontecimentos das competições desportivas do fim-de-semana e, à quinta-feira, fazer reflexões, comentários, reportagens regionais e dar destaque à restante atividade desportiva existente (Domingos & Kumar, 2006). Dado o interesse que ia sendo manifestado pelos leitores, especialmente a partir do momento em que a equipa de futebol do Benfica venceu a Taça dos Campeões Europeus (1961-1962), começou a haver uma aposta ainda maior na cobertura noticiosa sobre futebol. Apesar do sucesso desde o primeiro dia d’A Bola, a vida do jornal nem sempre foi fácil, já que em meados de 1950, teve a sua edição suspensa durante pouco menos de um mês, pela Comissão de Censura (Pinheiro, 2009). Ainda assim, a sua superioridade face aos outros jornais era evidente, já que em 1972 A Bola era o jornal desportivo com maior tiragem, tendo, contudo, nos períodos que se seguiram algumas complicações, nomeadamente no período do 25 de abril.

Quatro anos depois do grande êxito do jornal A Bola, em 1949, nasce o Record, por Manuel Dias, Monteiro Poças e Fernando Ferreira. Pensando uma estratégia diferente do concorrente, o Record “(...) especializou-se em noticiar o que poderia vir a acontecer no dia seguinte” (Domingos & Kumar, 2006, p.599), isto é, escolhendo o sábado como dia para a edição do jornal, os jornalistas do Record antecipavam a jornada que iria acontecer no domingo:

Sem reportagens dos jogos, sem se vislumbrar a análise do acontecimento desportivo em si, o *Record* surgiu como um jornal que tratava, fundamentalmente, das margens do jogo,

¹⁶ Jornal A Bola, 29 de janeiro de 1945, 1ª edição, p.1

do prognóstico, do bastidor, da entrevista, do que se passou antes e depois da actividade desportiva: um espaço a que poderíamos chamar o do 'não-acontecimento'. (Domingos & Kumar, 2006, p.599)

Desta forma, não era apenas no conteúdo que A Bola e o Record se diferenciavam. O formato dos dois projetos, um *broadsheet*, o outro *tablóide*, era também uma característica diferenciadora. Enquanto A Bola apresentava inúmeros destaques de primeira página, letras grandes e títulos de cor garrida, o Record apostava em menos notícias e textos na capa:

Sendo um jornal formalmente atraente e inovador, *A Bola* exigia tempo e espaço para ser lida, o que combinava bem com a natureza reflexiva de muitos dos seus artigos. O *Record* sempre apostou num formato tablóide, com menos notícias e textos na capa. Com o tempo, o *Record* passou a integrar massivamente uma forma de comunicação visual, intensificando o seu imediatismo. Durante quarenta anos de concorrência, o modelo comercial de *A Bola*, que se foi alterando com o tempo, dominou o do *Record*. (Domingos & Kumar, 2006, p.600)

Depois do aparecimento do Record, em finais da década de 1950, o que se verificava é que os jornais desportivos “estavam rendidos ao futebol”. As primeiras páginas estavam reservadas para a modalidade, tendo as outras modalidades desaparecido na capa, surgindo apenas quando havia feitos extraordinários. Segundo Domingos e Kumar (2006), no período de paragem das competições futebolísticas, as manchetes eram dedicadas à Volta a Portugal e à Volta a França, visto que o ciclismo sempre foi uma das modalidades mais estimadas.

No ano de 1973, com a crise petrolífera, o aumento do preço do papel colocou os jornais numa situação de instabilidade, o que levou à redução do número de páginas em alguns periódicos. Já no ano seguinte, com a revolução de abril, em Portugal, a notícia desportiva sofreu algumas alterações, nomeadamente no que diz respeito ao crescimento no espaço informativo.

De acordo com Domingos e Kumar, no período subsequente ao 25 de abril de 1974, os assuntos sobre desporto foram secundarizados em termos de hierarquia noticiosa “pelos efeitos da conjuntura” (Domingos & Kumar, 2006, pp.610-611). No entanto, reforçam os autores que se o desporto “(...) perdeu força de primeira página, manteve uma presença sólida no interior dos periódicos, que nunca deixariam de acompanhar com regularidade as competições internas, sobretudo a actualidade do mundo do futebol” (Domingos & Kumar, 2006, p.611). O que se verificou é que a mudança da notícia desportiva do velho para o novo regime político não foi fácil, dado que as redações tiveram dificuldade em “(...) avaliar o novo espaço social que o desporto

passou a ocupar” (Domingos & Kumar, 2006, p.612). Não obstante, o modelo de conceção das notícias desportivas manteve-se quase intacto: o formato, o domínio do futebol, a atenção conferida aos grandes clubes e a construção da rivalidade, ou seja, em termos globais os jornais desportivos mantiveram registos semelhantes, “a mudança política parece não ter afectado de forma considerável a lógica do mercado (...)” (Domingos & Kumar, 2006, p.613). Contudo, a estabilização política e a aprovação da Constituição da República (1976) refletiu-se na conceção dos jornais desportivos. Também no que toca aos jornais generalistas, estes intensificaram a cobertura noticiosa sobre o futebol, tendo as restantes modalidades um carácter noticioso menor e puramente informativo.

Na década de 1980 surgiram dois novos jornais desportivos, A Gazeta dos Desportos (1981) e o jornal O Jogo (1985). A Gazeta dos Desportos, jornal trissemanário, mostrou desde logo interesse em destacar outras modalidades para além do futebol e, ainda, abordar alguns problemas do meio desportivo. Conforme Domingos e Kumar “a Gazeta dos Desportos conquistou, nos seus primeiros anos, uma audiência considerável” (Domingos & Kumar, 2006, p.616), embora não conseguisse ultrapassar os resultados obtidos pelo jornal A Bola “(...) que dominava, não só o universo dos jornais desportivos mas o de todos os jornais portugueses” (Domingos & Kumar, 2006, p.616).

Já o jornal O Jogo teve origem na empresa do Jornal de Notícias e começou logo por ser um jornal com edição diária. A aposta arrojada de criar um diário desportivo enfrentava vários obstáculos. O primeiro era escrever todos os dias sobre desporto, num país onde a atividade desportiva ainda não tinha um carácter tão produtivo como outras atividades; a segunda era a forte concorrência dos jornais desportivos já implementados, como o mais recente A Gazeta dos Desportos. Para além disso, O Jogo tinha ainda outra particularidade: uma proximidade grande a uma atividade desportiva regionalista. De acordo com Domingos e Kumar, a missão d’O Jogo “(...) de relatar diariamente o desporto nacional veio a revelar-se precipitada. Não estavam ainda criadas as condições no interior da organização das competições desportivas”, por isso, O Jogo “(...) não conseguiu boas vendas” (Domingos & Kumar, 2006, p.617).

Em síntese, no período entre 1945 e 1990 nasceram os mais importantes jornais desportivos portugueses, três dos quais ainda se mantêm hoje, resistindo à instabilidade do mercado. Neste período cresceu o espaço dedicado ao desporto nos jornais de atualidade geral, na rádio e na televisão, que surgiu para intensificar a cobertura noticiosa desportiva, especialmente no que diz respeito ao futebol. Pode, por isso, dizer-se que o futebol fortaleceu e muito esta

especialização, permitindo que houvesse uma evolução no noticiário desportivo, no que toca à conceção da notícia desportiva e ao número de páginas escritas, já que é “o futebol que ocupa o maior espaço das secções esportivas (...)” (Erbolato, 1981, p.16). Naturalmente, em todos estes anos, o desporto tornou-se uma questão obrigatória nos media, apesar de ser considerado, “(...) como ainda hoje o é, uma especialização menor” (Domingos & Kumar, 2006, p.585).

2.1.1 Jornalismo Desportivo, uma editoria menor?

Em Portugal, como vimos, a afirmação do desporto na imprensa demorou tempo, já que o jornalismo generalista dominava a imprensa portuguesa. Aliás, não só o desporto mas também as restantes temáticas tiveram dificuldades em penetrar a imprensa portuguesa, daí que o caminho da especialização em Portugal tenha sido difícil. Todavia, talvez o caminho do desporto tenha sido um dos mais difíceis. Isto, porque muitos o viam como uma espécie de ‘jornalismo menor’ (Lopes & Pereira, 2006), de pouco prestígio, ou mesmo como o ‘parente pobre’ da comunicação, ou o “*toy department*” (Rowe, 2007, p.385), em que se verificava um certo estigma em relação aos jornalistas que se dedicavam a esta temática. Tradicionalmente considerado como uma editoria menor, o jornalismo desportivo chegou até a ser menosprezado pelos próprios jornalistas, que se dedicavam a outras áreas. Raymond Boyle (2017) é um dos autores que corroboram essa ideia, considerando que o jornalismo desportivo tem sido caracterizado como uma prática de jornalismo “suave” e com pouco rigor:

O jornalismo desportivo tem sido caracterizado como uma forma de prática jornalística ‘suave’, sem rigor e credibilidade de outras formas de jornalismo ‘rígido’. Era uma área do jornalismo que era vista como um impulsionador e promotor acrítico do desporto e da sua cultura, e não como um setor que chamava à atenção dos poderosos do desporto. Era um jornalismo que mais frequentemente fazia a pergunta fácil e banal, em vez da pergunta penetrante e pertinente. (Boyle, 2017, p.493)

Ou seja, o jornalismo desportivo tem sido criticado por não cumprir os padrões profissionais tradicionais, como objetividade e independência ou exercitar o controlo de grupos de poder (Márquez-Ramírez & Rojas, 2017; Salwen & Garrison, 1987; Surface, 1972). Por esse motivo, de maneira geral, afirma-se que o jornalismo desportivo não cumpre as funções de “quarto poder” ou “cão de guarda” (*watchdog*), executando uma escassa contribuição para a construção da democracia na esfera pública (Márquez-Ramírez & Rojas, 2017; Boyle, 2007, Rowe, 2005, 2007, 2016). Há ainda teóricos que defendem esta posição, questionando o papel que o

jornalismo desportivo desempenha nos media: “o jornalismo desportivo é um subcampo do jornalismo ou situa-se algures entre o entretenimento e uma poderosa indústria que rende milhões de euros?” (Lopes & Pereira, 2006, p.8). Efetivamente é isso que está em causa atualmente.

Há quem vá mais longe, como Bob Franklin (1997), ao afirmar que a importância cada vez mais significativa do jornalismo desportivo é, por si só, um sintoma do declínio crescente dos padrões jornalísticos. Também Schultz e Sheffer apontam para a ideia de que o “(...) desporto é frequentemente encarado como algo que não acrescenta valor substancial ao panorama jornalístico global” (Schultz & Sheffer, 2007, p.7).

Em Portugal, tal como refere Fernando Cascais (1999), esse estigma também se fazia e faz sentir: “há alguns anos, não muitos, o jornalismo desportivo era aceite, no máximo, como de segunda divisão. Os seus profissionais e colaboradores sentiam (sentem?) o estigma, mesmo praticando o jornalismo de maior audiência em Portugal” (Cascais, 1999, p.7).

O descrédito de que os jornalistas desportivos foram alvo ao longo dos tempos vai mais longe. Como mencionam Boyle, Rowe e Whannel (2010), apesar da quantidade de informação produzida e do espaço dedicado ao desporto, esta secção foi muitas vezes representada com desconsideração. Rowe (2007) salienta ainda que apesar de o jornalismo desportivo ser uma parte importante dos media, ele está associado à frivolidade e ao entretenimento, daí que continue a ter uma conotação negativa:

O jornalismo desportivo é uma parte importante dos media, mas é justo observar que ele não está entre os temas de maior prestígio (Boyle, 2005, 2006). Os jornalistas e os jornalistas desportivos, concordam e protestam, e geralmente, referem que, o jornalismo desportivo é o departamento de brinquedos dos media - ou seja, é uma temática dedicada à diversão e frivolidade, e não às funções sérias do jornalismo como quarto estado (Rowe, 2004). (Rowe, 2007, p.385)

Segundo Scherman e Mellado, como resultado dessa visão crítica, “o jornalismo desportivo é pouco conhecido quando se discute jornalismo de excelência” (Scherman & Mellado, 2019, p.7).

Encarado como “*toy department*” (Rowe, 2007), o jornalismo desportivo viveu tempos difíceis até se conseguir afirmar nas redações, uma vez que a conotação de algo pouco sério, como os brinquedos e brincadeiras, fez com que não fosse uma das editoriais mais prestigiantes, embora colhesse muitos adeptos. A esta perceção negativa acresce também a ideia de que o jornalista desportivo está demasiado envolvido naquilo que escreve e mistura a

razão com a emoção, esquecendo por vezes as técnicas e a ética jornalística na hora de escrever.

Efetivamente, o jornalista de desporto não deve somente conhecer a técnica de pesquisar, escrever, diagramar, ilustrar, mas sim desenvolver competências para além das que um jornalista generalista tem. Um jornalista de desporto não consegue obter bons resultados se não dominar os assuntos em questão (Erbolato, 1981). No entanto, o que se aponta aos jornalistas desportivos é que estes falam de forma mais frívola do que os jornalistas de outras secções, isto é, usam uma linguagem mais simples e emocional.

Como se sabe, a informação desportiva pressupõe um saber específico, tal como as outras áreas de especialização da imprensa, mas implica, para além disso “(...) gostar do que se faz, cultivar fontes, somar experiências, adquirir conhecimentos” (Sobral & Magalhães, 1999, p.16). Por esse motivo, é importante ter em conta o gosto dos profissionais na hora de escrever sobre desporto, para além das principais características importantes da profissão. Sobral e Magalhães dizem que escrever sobre desporto “é tentar objectivar o subjectivo, procurar ordem no desordenado terreno das paixões” (Sobral & Magalhães, 1999, p.20), já que é muitas vezes difícil distanciar a emoção.

Porém, ao jornalista é pedido que seja rigoroso e objetivo, mas neste campo tudo se torna mais difícil porque o desporto é um terreno de paixões. Talvez, por isso, ele tenha sido considerado uma editoria menor. Há, de facto, uma ideia quase generalizada de que todos percebem de desporto e que, por isso, possam facilmente escrever sobre o tema. Contudo, isso não é totalmente verdade, já que o jornalismo desportivo é bastante específico, nomeadamente no que diz respeito à sua linguagem própria, que complexifica a própria imprensa desportiva. Assim, apesar de o jornalismo desportivo ter a obrigação de se nortear pelas mesmas técnicas, rotinas e valores que envolvem qualquer área jornalística, há um vocabulário específico desta secção e, mais ainda, de cada modalidade a ser noticiada. Esta realidade foi bem visível no decorrer do estágio.

A escrita jornalística em desporto pressupõe o conhecimento, nem que seja geral, de todas as modalidades, já que estas têm normas e formas de atuar diferentes, por isso, ao jornalista é pedido que conheça um pouco de tudo, para além do habitual conhecimento das regras básicas da sua profissão.

Segundo Scherman e Mellado, outra das críticas ao jornalismo desportivo “também se estende ao seu pouco rigor, o que se traduz no uso frequente de rumores e uma separação pouco clara entre informação e as opiniões feitas pelos jornalistas” (Scherman & Mellado, 2019, p.7).

Dizem os dois autores que nesta mesma linha “(...) também se pode questionar o baixo número de fontes que são utilizadas em comparação com outras secções (Gómez, 2013; Márquez-Ramírez & Rojas, 2017)” (Scherman & Mellado, 2019, p.7).

No jornalismo desportivo, aquilo que se questiona é a falta de independência e distanciamento das fontes de informação, “argumenta-se que os profissionais do setor acabam, muitas vezes, por desempenhar o papel de fãs mais do que jornalistas, transformando-se em verdadeiros promotores das equipas, dos atletas e da indústria do desporto (Boyle, 2017; English, 2017; Márquez-Ramírez & Rojas, 2017; Rowe, 2007)” (Scherman & Mellado, 2019, p.7).

Na perspetiva de Rowe (2007), o jornalismo desportivo opera quase como uma empresa de publicidade, porque faz uma cobertura positiva dos eventos e omite questões controversas relacionadas com dinheiro, política, impacto dos desportos ou corrupção. Depois de analisar dados sobre o jornalismo desportivo na Austrália, coletados pela International Sport Press Survey 2005, Rowe (2007) listou uma série de características das notícias que aparecem nas secções desportivas: pouca cobertura de tópicos relacionados a debates públicos (como questões de género ou integração social), consulta de um espectro limitado de fontes, baixa frequência de mulheres que trabalham como jornalistas desportivas e baixa cobertura de mulheres atletas.

Quem também chegou a um resultado semelhante ao de Rowe (2007) foram os investigadores Márquez-Ramírez & Rojas (2017), depois de estudarem a cobertura do escândalo mundial FIFAGate em dois jornais de referência e em dois jornais especializados em desporto, em Espanha e no México. Depois de analisarem os resultados, Márquez-Ramírez e Rojas concluíram que a imprensa especializada faz uma cobertura de pouco destaque às questões de corrupção, quando comparada com a imprensa generalista e, também, consultam menos fontes para obter as informações (Márquez-Ramírez & Rojas, 2017). Dessa forma, Rowe (2007) e Márquez-Ramírez e Rojas (2017) concluíram, assim, que neste caso, a classificação depreciativa de “*toy department*” acaba por ser justificada.

Do mesmo modo, Sherman e Mellado (2019) quiseram perceber se existiam diferenças na cobertura jornalística que as secções de desporto e as outras secções dos jornais efetuam e decidiram avaliar aspetos como a quantidade de fontes, a diversidade de pontos de vista e a entrega de informações verificáveis, bem como a presença de papéis profissionais nas notícias. Os autores chegaram à conclusão de que os resultados tendem a confirmar as visões mais críticas sobre o jornalismo desportivo e

mostram que, em comparação com as notícias de política, o número de fontes consultadas, a diversidade de pontos de vista e a quantidade de informação verificável que a audiência recebe são menores. A respeito da presença dos papéis profissionais, observa-se que, em relação a outras secções, as notícias desportivas incluem, com maior frequência, papéis relacionados com opiniões dos jornalistas que expressam um olhar positivo das fontes. (Sherman & Mellado, 2019, pp.1-2)

Não obstante a todas estas questões já enunciadas, há quem recuse a ideia de que o jornalismo desportivo é o “parente pobre da comunicação” e considere que este deixou de ser um interesse marginal dos media e tem agora um papel de destaque na imprensa generalista, bem como se afirma como uma editoria relevante e uma forma especializada de jornalismo, servindo uma transformação para os media (Bernstein & Blain, 2003).

A verdade é que, por mais críticas que possam ter surgido e mesmo que o percurso não tenha sido fácil, o jornalismo desportivo foi ganhando força e acabou por se tornar um dos subsectores poderosos da imprensa, muito graças ao futebol. As secções desportivas têm uma grande relevância nos meios de comunicação, produto da sua capacidade de chegar a públicos massivos e de gerar grandes recursos económicos.

Boyle, Rowe e Whannel mostram que essa perspetiva é verdadeira, ao afirmarem que o desporto se torna um assunto cada vez mais central da cultura contemporânea e que, por isso, o seu valor comercial esteja a aumentar (Boyle, Rowe & Whannel, 2010, p.252). Desse modo, e segundo Alcoba Lopez (citado em Lacerda, 2015, p.36), “a importância do desporto obrigou os responsáveis pelo meio de comunicação social a dedicar mais páginas e espaço a uma informação cada vez mais demandada por cliente e recetores, e os jornalistas desportivos começaram a ser seguidos por milhões de pessoas que os leem, os escutam e os veem”.

Mesmo que o jornalismo desportivo tenha sido visto, durante anos, como uma secção menor ele conseguiu implementar-se e vingar no mundo do jornalismo conquistando leitores e fazendo disparar audiências. Nesse sentido, o desporto passou a ser presença constante no quotidiano português.

2.1.2. O futebol como o desporto-rei no Jornalismo Desportivo e a TV como poderosa arma de divulgação

Autores como Erbolato, Coelho, Horky e Rowe, mostram através de obras e estudos feitos, que a tendência na imprensa desportiva é privilegiar o futebol. Diz Erbolato (1981) que o destaque dado ao futebol nos jornais desportivos acontece porque “(...) na prática, ninguém desconhece as regras básicas desse jogo” (p.16). No entanto, há outras explicações.

Horky (2010) é um dos autores que chama, igualmente, a atenção para uma notável tendência nacional na construção dos focos temáticos na imprensa desportiva e aborda a questão do futebol como o único desporto visto como globalmente mediático. O autor analisou resultados em 2005, que revelaram que o futebol é a modalidade dominante na imprensa desportiva e que os restantes desportos recebem uma pequena percentagem da cobertura total. Também Coelho, diz que “(...) não há muitas actividades que ocupem um lugar tão central no universo do desporto e do lazer como o futebol” (Coelho, 2001, p.36). Esta é semelhante uma conclusão que pode ser tirada quase “a olho nu”, já que basta olhar para as páginas dos jornais e perceber que a grande maioria é ocupada pelo futebol, tal pode verificar no decorrer do estágio.

Domingos e Kumar afirmam que o desporto tomou conta do quotidiano português e que o futebol se constituiu como um veículo privilegiado dos media:

a actualidade do mundo do futebol alimenta três jornais desportivos, é responsável por uma parcela significativa dos jornais de cariz popular e impõe manchetes nos jornais de referência. As televisões preenchem várias vezes o seu *prime time* semanal com transmissões de jogos de futebol, registando recordes de audiência. (Domingos & Kumar, 2006, p.625)

Assim, o interesse e maior dedicação a esta temática origina uma grande discrepância entre os destaques concedidos ao futebol e às restantes modalidades. Domingos e Kumar referem ainda essa mesma questão: “o futebol, em tempo competitivo ou fora dele, ocupava perto de três quartos dos jornais. As outras modalidades são relegadas para um segundo plano” (Domingos & Kumar, 2006, p.622), o que faz levantar questões sobre quais os critérios usados nessa seleção. “O desporto não é sinónimo de futebol”, afirmou Coelho (2006, p. 35). Há mais desporto além do futebol, mas a realidade mostra que o futebol é a modalidade que mais interesse suscita em Portugal e um pouco por toda a Europa, ocupando um espaço monopolizador no jornalismo desportivo. No entanto, são inúmeras as modalidades desportivas praticadas, como é o caso, por

exemplo, do andebol, do hóquei em patins, da natação, do karaté, do atletismo, ou de muitas outras.

A conclusão a que se chega é que a imprensa desportiva dá primazia o futebol e deixa pouco espaço para as outras modalidades. Mas porque é que isso acontece? Um dos motivos para essa primazia pode estar relacionado com a preferência dos leitores, mas também com a dimensão social que a própria modalidade alcançou no nosso país. Os leitores preferem o futebol às restantes modalidades e os jornais procuram bons resultados nas vendas, daí que a opção mais prudente, seja oferecer aos leitores aquilo que eles procuram. Mas, por outro lado, explicam Coelho e Pinheiro que isto também acontece porque o futebol é visto como constituinte de um verdadeiro traço coletivo, parte já da própria identidade nacional:

Hoje em dia não existem, na sociedade portuguesa, muitas atividades e campos sociais que ocupem lugar tão central nos media, nas sociabilidades ou nos gostos dominantes como o futebol. Desporto-espetáculo-instituição social (torna-se cada vez mais difícil defini-lo de forma segura...), a que se pode aplicar o conceito “fator social total”, ou seja, um fenómeno que mobiliza a totalidade de uma sociedade e suas instituições, o futebol impõe a sua centralidade social e cultural pela força da popularidade e universalidade inegáveis, às vezes mesmo assustadoras, porque aparentemente desmedidas. (Coelho & Pinheiro, 2002, p.10)

Da mesma forma, Carlos Daniel diz que “é comum dizer-se que o futebol tem demasiada importância em Portugal” (Daniel, 2006, p.38) e explica que isso se deve à própria modalidade. Isto é, “o futebol é assim, porque apaixonou povos inteiros e não apenas o português” (Daniel, 2006, p.38), mas também porque tem um carácter agregador, funcionando como elemento identitário nacional e, ainda, porque ajuda a desenvolver a sociabilidade quotidiana.

A verdade é que o futebol, para além de apaixonar milhares de pessoas, é também uma das modalidades com mais participantes em todo o mundo, envolvendo também um grande número de adeptos. De facto, o futebol beneficia desse carácter cultural agregador e impõe-se na imprensa desportiva mais do que qualquer modalidade.

Efetivamente, a imprensa desportiva faz uma cobertura saturada de um pequeno número de desportos e negligencia os restantes, mesmo que estes tenham bases de apoio populares substanciais (Rowe, 2007). Esporadicamente, vê-se destacada nas capas dos desportivos uma modalidade que não seja o futebol, ou porque houve um feito importante ou porque algum atleta vai aos Jogos Olímpicos ou saiu medalhado de uma competição importante ou, ainda, porque

levou o nome de Portugal mais longe. Destacar o orgulho português é um dos motivos para que uma modalidade seja falada nos jornais desportivos portugueses.

Segundo Domingos e Kumar

até à década de 1920, as características da informação desportiva não deixavam antever o domínio que o futebol rapidamente conquistaria entre as preferências das populações. Na imprensa generalista, com a exceção de crónicas diminutas sobre os desafios que se realizavam, são raras as referências ao futebol; (...). (Domingos & Kumar, 2006, pp.583-584)

No entanto, o que se verificou ao longo destes anos é que se torna indiscutível dizer que o futebol é, em Portugal, o desporto-rei. Lopes e Pereira explicam que a hegemonia do futebol se deve à paixão que todo o mundo nutre por este desporto que se difundiu, inexplicavelmente, por todos os povos, classes sociais e faixas etárias: “uma nação a vibrar por uma equipa de futebol, um planeta unido à volta de relvados que juntam países desavindos, povos ricos e pobres, gentes de idades variadas, de classes diversas, de gostos desencontrados” (Lopes & Pereira, 2006, p.7).

Efetivamente, o futebol é um desporto de paixões e de multidões e, por isso, depressa se percebeu que noticiar este desporto seria uma vantagem para os jornais. De acordo com Rui Flores, o futebol “(...) já não é o que era. (...) transformou-se num espetáculo, num negócio que gera milhões e dá emprego a milhares de pessoas” (Flores, 2004, p.65). Em função disso, os jornais desportivos começaram a tirar partido das características unificadoras do futebol e acompanhando a transformação do mesmo e procurando, também, o lucro, foram desenvolvendo edições cada vez mais centradas nas figuras dos jogadores, transformando-os em heróis dos tempos modernos (Flores, 2004).

O sociólogo João Nuno Coelho considera que o futebol “consegue permanentemente congregar as atenções públicas, muito por ação dos media, que, obviamente, pretender explorar o poder comercial daquele” e afirma, ainda, que em Portugal, “o futebol parece estar em todo o lado” (Coelho, 2006, p.520). Lopes e Pereira também corroboram a ideia de que muita da dimensão que o futebol adquiriu se deve aos media, mas levantam a questão de que isso pode colocar obstáculos aos jornalistas: “a dimensão que hoje atinge o futebol, grande parte potenciada pela cobertura mediática de que é alvo, cria uma poderosa indústria, que coloca vários obstáculos aos jornalistas” (Lopes & Pereira, 2006, p.10).

Assim, a conclusão a que Flores chega é exatamente a mesma de Coelho e das duas autoras acima citadas: “(...) nos últimos anos, seguindo o desenvolvimento do futebol, a indústria jornalística ganhou uma dimensão nunca antes alcançada” (Flores, 2004, p. 67).

Por isso mesmo, outra das explicações encontradas para o fenómeno do futebol prende-se com a televisão, já que muita da espetacularização da modalidade se concretizou devido à atenção dada por este meio. Finger e Oselame afirmam mesmo que “a televisão é o veículo por excelência da editoria de esportes, que, em teoria se dedica a divulgar todas as manifestações esportivas”, mas reforçam ainda que, “em teoria, porque, mesmo que tenha a denominação de ‘esportes’, esse segmento na prática (e especialmente na televisão), é amplamente dominado pelo futebol” (Finger & Oselame, 2014, pp.460-461).

Lopes e Pereira, na obra a ‘TV do Futebol’, fazem uma análise ao contributo da televisão para o endeusamento da modalidade na sociedade portuguesa e dizem as autoras que, como poderosa indústria em que se transformou, “o futebol é uma área atractiva para as televisões, na medida em que atrai expressivos índices de audiências e, conseqüentemente, significativas receitas publicitárias” (Lopes & Pereira, 2006, p. 10).

A televisão é, assim, o meio que permitiu a mediatização do futebol. Se hoje o futebol é a modalidade com maior dimensão à escala mundial, à televisão o deve. Na realidade, desde sempre foi divulgado, e desde o início se tornou um desporto popular, mas foi o aparecimento da televisão que lhe deu o verdadeiro carácter mediático, já que permitiu mostrar o jogo e popularizar os jogadores.

Em Portugal, a importância do futebol aumentou na década de 1990, num processo que se deve, em parte, ao surgimento das televisões privadas (Neves, 2006). António Cancela corrobora essa ideia referindo que há um certo endeusamento dos “artistas da bola” proporcionado pela televisão, num desporto com carácter apaixonante:

Sem a TV, o futebol não teria a dimensão que alcançou à escala planetária. Hoje, a bola é motivo de ‘culto’ e os seus ‘artistas’ quase deuses de uma religião com biliões de fiéis, muitos deles tocados por um fanatismo a roçar a doença, que, aqui e ali, põe em perigo alguns princípios estruturantes de uma sociedade equilibrada, como a ordem pública e o civismo. Todos sabemos que o futebol sempre foi um desporto de massas, catalisador de paixões e de frustrações intensas, mas nunca como agora esse fenómeno foi tão bem aproveitado pelos media, particularmente pelos canais televisivos. (Cancela, 2006, p.23)

Da mesma forma, José Neves reforça que hoje é quase impossível pensar o futebol sem a televisão e que a sua relação foi, desde o início, “(...) um simples caso de ‘amor à primeira vista’” (Neves, 2006, p.96).

Por certo, o início das transmissões televisivas dos jogos de futebol deu a conhecer a modalidade às pessoas que não frequentavam os estádios e, permitiu, por isso, uma generalização do gosto pela modalidade, até então, por muitos desconhecida. A relação da televisão com o futebol vai mais além, já que há um interesse recíproco e bem visível nesta relação. As transmissões futebolísticas são geralmente sinónimo de boas e elevadas audiências e, dessa forma, o futebol atrai publicidade. Assim sendo, torna-se apetecível do ponto de vista comercial. Sabendo disto, os canais televisivos procuram transmitir futebol para atrair audiências e, posteriormente, atrair anunciantes. Nesta relação, também o futebol tem interesses. Primeiro, para divulgar a modalidade; posteriormente, para atrair mais adeptos aos estádios e, ainda, para aumentar as receitas dos clubes, uma vez que, o dinheiro que as cadeias televisivas pagam aos clubes, em troca dos exclusivos na transmissão dos seus jogos, ajuda os clubes a “sobreviverem”.

João Nuno Coelho espelha esta realidade,

Em Portugal, o futebol é desporto nacional e paixão partilhada por muitos milhões. (...) Em termos televisivos, os números são [...] significativos e é raro o ano em que feche com as transmissões de jogos de futebol na liderança das audiências televisas em Portugal. Em 2002, por exemplo, os seis programas mais vistos na televisão portuguesa foram jogos de futebol. (Coelho, 2006, p.521)

Por isso, o futebol e a televisão saem ambos a ganhar.

Tal como descrevi na minha experiência de estágio, a questão do futebol como desporto-rei é bem visível. Embora o estágio tenha decorrido num jornal impresso e não tenha a expressão que tem a televisão, o que se nota é que o futebol é, sem dúvida, o desporto mais falado e segue, muitas vezes a TV.

O futebol é, atualmente, o maior fenómeno mediático em Portugal (Pinheiro, 2013) e a modalidade predominante na imprensa desportiva portuguesa, tanto nos jornais impressos, como na televisão e na rádio. Segundo a minha perceção de “consumidora” atenta de notícias de desporto, constato que a grelha de programação que seguem os canais televisivos para a cobertura desportiva mostra claramente um domínio do futebol face às restantes modalidades. Os canais de notícias das televisões generalistas como RTP3, SIC Notícias e TVI24 apostam

em vários programas, mas todos de teor futebolístico. Já o canal Bola TV, SPORT TV e os canais EUROSPORT, apesar de fazerem uma cobertura intensiva e alargada do mundo do futebol, fazem questão de abordar um pouco de todas as modalidades. Ainda assim, não há uma cobertura uniforme.

Também na rádio, em Portugal, se verifica o domínio do futebol nos programas dedicados ao desporto, ainda que não seja tão expressivo como na televisão. TSF, Rádio Renascença e Antena1 têm programas dedicados em exclusivo ao desporto, mas são raras as referências às restantes modalidades praticadas em Portugal.

2.2. Processos e rotinas de produção jornalística

Em jornalismo escrever bem é ancorar valores como a atualidade, a novidade, a periodicidade, a difusão/receção coletivas e o interesse público e do público. Estes termos estão sempre inerentes ao processo do *newsmaking* e estão no pensamento de cada jornalista.

De acordo com Paula Cristina Lopes (2010) “a produção de informação é uma actividade complexa e multifacetada, resultado de inúmeras intervenções e pressões” (p.1), por isso, o processo de produção jornalística implica, antes de mais, o conhecimento da realidade que se vai noticiar e das regras e técnicas próprias do jornalismo. Para além disso, o jornalista deve estar sensível às mudanças sociais e tecnológicas que ocorrem na sociedade, como por exemplo o desenvolvimento das redes sociais, que está a alterar a forma de fazer jornalismo (Chéné, Atala, Panamá & Arozamena, 2019).

Ao jornalista exigem-se novas habilidades e competências, especialmente no que se refere à flexibilidade e capacidade de se adaptar rapidamente às mudanças, dominar diferentes meios, linguagens e plataformas (Kaseker, 2019).

A visão ingénua que via o jornalismo como espelho da realidade imaginou um processo em que os jornalistas estavam dotados de uma espécie de faro inato e reproduziam acontecimentos naturalmente tidos como relevantes:

Porém, não é possível dissociar qualquer produto discursivo da materialidade das estruturas em que é produzido nem é possível contextualizar uma prática discursiva sem examinar as características das organizações e do contexto social em que tal discurso é produzido. As notícias são uma construção social, o resultado da intersecção entre um processo de produção centrado na sala de redacção e o ambiente de trabalho envolvente que define os limites desse processo. (Correia, 2011, p.79)

Nesse sentido, há que ter em conta que houve uma evolução das pesquisas que viam o papel individual do jornalista como o único que influenciava o processo produtivo e passaram a destacar a influência dos contextos e das interações desenvolvidas no interior do processo de produção noticiosa. Investigadores como Tunstall (1970) e Gans (1979) foram alguns dos mais influentes nesta evolução. As pesquisas destes autores identificavam as rotinas produtivas e as influências no interior e no exterior das redações para explicar a produção jornalística.

Especificamente, na produção de informação temos duas variáveis importantes a ter em conta. Por um lado, a cultura profissional dos jornalistas e, por outro, as condições ligadas à organização do trabalho, sobre as quais se criam convenções profissionais, que vão determinar a definição de notícia, bem como, legitimar o processo produtivo, desde a utilização das fontes até à seleção dos acontecimentos (Wolf, 1994; Aguiar, 2014). Ou seja, tendo isto em consideração, estabelece-se um conjunto de critérios de relevância que definem a capacidade de cada acontecimento se tornar notícia – a noticiabilidade.

De acordo com Wolf, neste quadro,

a ligação entre características da organização do trabalho nos órgãos de comunicação de massa e elementos da cultura profissional, é absolutamente estreita e vinculativa, o que define, precisamente, o conjunto de características que os acontecimentos devem possuir (ou apresentar aos olhos dos jornalistas) para poderem ser transformados em notícias. (Wolf, 1994, p.170)

Antes de escrever, o jornalista tem, por isso, de selecionar a informação, para que esta se possa tornar notícia e, como vimos, tem de ter em conta as duas variáveis referidas acima: a cultura profissional dos jornalistas e as condições ligadas à organização do trabalho.

Resumidamente, a capacidade de cada acontecimento se tornar notícia, ou seja a noticiabilidade, é “constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos - do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias” (Wolf, 1994, p.170) e, o que não corresponder a estes requisitos é excluído. Ou seja, “não adquirindo o estatuto de notícia, permanece simplesmente um acontecimento que se perde entre a ‘matéria-prima’ que o órgão de informação não consegue transformar” (Wolf, 1994, p.170). Pode, também, dizer-se que a noticiabilidade “corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher quotidianamente, de um número

imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (Wolf, 1994, p.170). Quer dizer que a noticiabilidade está relacionada com os processos de rotinização e estandardização das práticas produtivas.

Com o avanço do jornalismo online e das transformações sofridas nos critérios editoriais da imprensa diária, as questões sobre o que é notícia são ainda mais relevantes. A transformação do jornalismo fez atualizar o processo de produção informativa, uma vez que era preciso incorporar a tecnologia (Túñez-López, Toural-Bran & Abad, 2019).

Um estudo de Moraes (2019) sobre o jornalismo na era do WhatsApp dá conta que os jornalistas são influenciados pelos próprios leitores/ouvintes na hora de decidir o que entra nos noticiários. Tendo por base a rádio “BandNews FM”, a investigadora apercebeu-se que “(...) é possível pensar um *newsmaking* da audiência (...)”, já que “o ouvinte identifica e sugere o assunto, apura e reporta sem recorrer a qualquer critério de noticiabilidade (Moraes, 2019, p.8).

Ou seja, as rotinas de produção jornalísticas estão a ser adaptadas às dinâmicas possibilitadas pelas novas tecnologias e “acabam por agregar efetivamente a participação direta” (Moraes, 2019, p.8) dos leitores ou ouvintes a esta rotina, tornando, por vezes, “a elaboração de critérios de noticiabilidade impossível” (Moraes, 2019, p.8).

As transformações nas últimas quatro décadas dão conta de outra mudança no jornalismo, o aparecimento do jornalismo artificial ou automatizado (Torijos & Toural-Bran, 2019; Túñez-López, Toural-Bran & Abad, 2019).

Segundo Lopez, Bran e Abad, o jornalismo artificial faz o seu caminho há décadas, mas é agora que esse processo silencioso começa a ser visível, “à medida que avança na maneira de fazer jornalismo nas últimas décadas foram interpretadas como uma modernização da dinâmica da produção e uma atualização das infraestruturas para se adaptar às novas formas de comunicação e divulgação” (Túñez-López, Toural-Bran & Abad, 2019, p.1412). Dizem os autores que a aplicação da Inteligência Artificial na comunicação “coincide com o boom de ambientes digitais, resultante da universalização do acesso massivo à Internet, que multiplica a possibilidade de obter, disseminar e processar dados” (Túñez-López, Toural-Bran & Abad, 2019, p.1413).

De facto, a internet provocou a reestruturação dos media, o surgimento de novas plataformas, a incorporação da hipertextualidade, a interatividade e o multimédia para o perfil jornalístico: “paralelamente às mudanças de produtos e plataformas, o desenvolvimento tecnológico entra na criação de conteúdo e na escrita das notícias com base em algoritmos a serem gerados pelos computadores” (Túñez-López, Toural-Bran & Abad, 2019, p.1413).

Consoante Torrijos e Toural-Bran, o jornalismo artificial/automatizado encontrou, na cobertura desportiva, um ambiente propício à sua expansão, devido à natureza das competições, já que a cobertura desportiva se baseia muito em estatística, “o que favorece a criação de dados ordenados e permite a programação de rotinas informativas, dado o carácter cíclico e repetitivo da celebração de partidas e torneios, por exemplo” (Torrijos & Toural-Bran, 2019, p.235).

Quer isto dizer, segundo as referências supracitadas, que “a automação do jornalismo está a instalar-se nas redações, nas relações organizacionais, nas relações das fontes com os jornalistas, na maneira como os jornalistas se conectam com as redações, no estágio e no local de trabalho, em mobilidade, nas diversas plataformas e produtos, no surgimento de conteúdos multimédia, na capacidade de dialogar com o público para atender preferências, na capacidade de transmitir notícias e notícias falsas” (Túñez-López, Toural-Bran & Abad, 2019, p.1427).

Apesar dos novos perfis e funções que estão em construção, é óbvio que o trabalho cognitivo dos jornalistas é o elemento distintivo, porque não está sujeito a procedimentos padronizados e mecânicos.

O jornalismo em geral e o jornalismo desportivo, em particular, beneficiam com as novas tecnologias. Por um lado, porque estas facilitam a transmissão, receção e divulgação de informação e, por outro, porque ajudam os profissionais a estarem mais próximos do público. Pude verificar isto no decorrer do estágio, já que utilizei as redes sociais, algumas vezes, para obter informação ou, ainda, para a confirmar.

Não obstante, há também algumas complicações com a inserção das tecnologias. Desde logo, a mudança nas rotinas profissionais, a alteração no modo de produzir informação (como o uso da Inteligência Artificial) ou a propagação de notícias falsas. Também se nota que todos estes mecanismos eletrónicos têm modificado a decisão dos jornalistas na hora de escolher o que é e o que não é notícia.

Segundo Kaseker, podemos mesmo concluir “que a alteração nas rotinas produtivas causadas pelas mudanças trazidas pela internet, convergência mediática e dispositivos móveis também têm modificado os critérios de noticiabilidade” (Kaseker, 2019, p.143).

Depois do processo de seleção da informação, o jornalista passa a escrever a notícia. Escrever bem em jornalismo pressupõe escrever para os leitores de forma simples. Quem o diz são os autores Sobral e Magalhães, entre outros, que apontam os leitores como o principal alvo a ter em conta na hora de escrever: “em jornalismo, escrever bem é tudo menos somar palavras

bonitas, complicadas, longas. A primeira regra tem a simplicidade das coisas complexas: escreva para os leitores” (Sobral e Magalhães, 1999, p.29).

É preciso balancear entre o que pode ser desconhecido para uns e demasiado conhecido para outros. Também para Paula Cristina Lopes “o jornalista deve abdicar do seu estilo pessoal, evitar a linguagem de especialistas e escrever com frases curtas, directas e rigorosas (no sentido), proporcionando uma leitura rápida e eficaz da mensagem” (Lopes, 2010, p.15).

Todavia, há no jornalismo várias especializações, que requerem uma linguagem mais específica, como é o caso do desporto. Assim, Sobral & Magalhães (1999) referem que, no que diz respeito ao desporto, é preciso descodificar a linguagem técnica e ter cuidado com a gíria desportiva. O objetivo é chegar ao maior número de leitores, mas, para isso, é necessário ser o mais claro possível. Posto isto, é preciso conhecer a linguagem própria do desporto e, dentro dos géneros jornalísticos, perceber o que melhor se adapta a cada situação e modalidade.

Além dessa linguagem especializada, o jornalista deve saber manusear as redes sociais e atuar na divulgação dos seus trabalhos. Por tudo isto, as rotinas produtivas tornaram-se mais complexas. Os profissionais tiveram de se adaptar às novas formas digitais, agregando as antigas competências às aprendizagens atuais. Ao longo do estágio pude verificar isto mesmo, já que houve vezes em que eu própria tirei as fotografias que acompanharam os textos escritos.

2.2.1. Escrita jornalística e géneros jornalísticos usados no Desporto

A imprensa desportiva utiliza uma linguagem própria e diferenciada relativamente às outras secções de informação dos jornais. O jornalista desportivo combina, por isso, as responsabilidades gerais da profissão com as exigências impostas pelas próprias regras da secção para que escreve. Segundo Paniagua,

devido ao seu alto nível de especialização, o jornalismo desportivo usa uma linguagem claramente diferente da de outras temáticas da informação. A tal ponto, que podemos dizer que esse tipo de jornalismo é o que possui as características mais definidas nas especializações massivamente difundidas. (Paniagua, 2010 s/p)

O jornalismo tem regras próprias para narrar, apresentar, expor, para noticiar o desporto. Neste sentido, cada editoria do jornal apresenta diferentes codificações na formulação do texto da notícia. Isto é, cada secção cobre os assuntos de forma diversa. Assim sendo, o jornalismo desportivo utiliza uma série de expressões próprias de cada modalidade desportiva e, por isso, exige conhecimentos específicos.

De acordo com Sobral e Magalhães, a informação desportiva de facto, “(...) pressupõe saber específico, mas nisso é igual a qualquer outra subdivisão que se faça na Imprensa” (Sobral & Magalhães, 1999, p.16). Ainda assim, referem os autores, escrever sobre desporto pode ser muitas vezes visto com desconfiança.

Para Paniagua (2010), a linguagem desportiva combina vivacidade, emoção, colorido, cumplicidade com a audiência e uma capacidade de nomear com precisão uma variedade de aspetos relacionados com o jogo. Por isso, na hora de escrever, o jornalista deve ter em conta vários aspetos. Por um lado, a emoção e a subjetividade; por outro, a objetividade e o rigor próprios da profissão; e é aí, precisamente, que reside a dúvida: será que o jornalista consegue ser rigoroso e objetivo, num campo carregado de emoção e paixão como é o desporto? Paniagua refere, ainda, que a linguagem desportiva “é algumas vezes vista como incorreta ou incompreensível devido ao nível de especialização que alcançou” (Paniagua, 2010, s/p). Porém, o desporto, tal como qualquer outro tema, pode ser trabalhado através de qualquer género jornalístico (Panigua, 2010; Sobral & Magalhães, 1999). Notícias, reportagens, entrevistas, crónicas, perfis e breves são usadas no jornalismo desportivo como em qualquer outra secção do jornalismo, embora no desporto existam alguns casos específicos em relação aos géneros.

Segundo Melo e Assis, os géneros jornalísticos “devem ser considerados como artifícios instrumentais que auxiliam a indústria mediática a produzir conteúdos, consistentes e eficazes, em sintonia com as expectativas da audiência” (Melo & Assis, 2016, p.45). Ou seja, os géneros jornalísticos correspondem a um sistema de organização do trabalho quotidiano do jornalista, de codificação das mensagens da atualidade (Melo & Assis, 2016). Dessa forma, podemos dividir os géneros de acordo com as suas funções em: géneros informativos, géneros opinativos, géneros interpretativos e, ainda, conforme Melo e Assis (2016), em géneros diversionais e géneros utilitários. Dentro dos géneros informativos temos a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista; já nos géneros opinativos falamos de editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e crónica. No género interpretativo temos cinco formatos: a análise, o perfil, o enquete, a cronologia e o dossiê. No que diz respeito ao género diversional, temos a história de interesse humano e a história colorida e no género utilitário temos os formatos indicador, cotação, roteiro e serviço (Melo & Assis, 2016).

Cada um destes formatos apresentados possui características próprias, que o tornam único, quando comparado com outro formato do mesmo género. Para Melo e Assis, “essas

lógicas, estabelecidas historicamente, conforme o avanço da profissão, é que definem os formatos e os distinguem uns dos outros” (Melo & Assis, 2016, p.51).

No que respeita ao jornalismo desportivo, falamos, por exemplo, em crónicas de jogo, apreciações globais de jogadores, ou “cabins”, mas todos têm por trás um género jornalístico associado. Dizem Sobral e Magalhães que “um jogo de futebol pode ser contado em duas ou dez páginas, por um jornal desportivo, ou em meia página, por um jornal generalista. Todos concordam num aspecto: informação e opinião devem surgir separadas e identificadas” (Sobral & Magalhães, 1999, p.36). Quer isto dizer que, por mais que se possam diferenciar, as regras básicas do jornalismo devem ser cumpridas, quer estejamos a falar de jornalismo desportivo ou de jornalismo económico.

Dentro dos géneros jornalísticos conhecidos, a crónica é, segundo Paniagua, “o género rei” do jornalismo desportivo:

No caso do desporto, e não apenas do futebol, é claro, que podemos dizer que a crónica é, de facto, o género rei, uma vez que, é o mais frequente e, acima de tudo, é o que permite uma maior riqueza expressiva com a qual consegue fornecer ao texto todos os recursos inerentes à atividade física e à competição. (Paniagua, 2010, s/p)

Já Sobral e Magalhães classificam a crónica como um “género específico da informação desportiva” (Sobral & Magalhães, 1999, p.44). Escrevem os autores que “na crónica desportiva o jornalista interpreta e dá opinião sobre factos que presencia. Conta histórias, descreve jogadas, analisa tácticas, tira conclusões. Quando as consequências do resultado ultrapassam o próprio jogo, o desenrolar da partida fica para segundo plano” (Sobral & Magalhães, 1999, p.45). Isto é, a crónica acaba por ser um género híbrido que reúne elementos informativos, interpretativos e de opinião (Paniagua, 2010; Miranda, Barros, Bartilazzi & Moura, 2018). Para Miranda, Barros, Bartilazzi e Moura, a crónica é um género que “respira desprendimento e autonomia”, já que ela “preenche um espaço independente das páginas dos periódicos, devido ao seu livre arbítrio de ‘pautar’ o que acha interessante e dizer o que pensa, e não encontrar, de modo geral, imposição da linha editorial do jornal” (Miranda et al. 2018, p. 165).

Paniagua acrescenta que a crónica desportiva é um subgénero que tem como principal atração a vivacidade, isto porque “informa, interpreta e, inclusivamente, opina” (Paniagua, 2010, s/p). A crónica desportiva tem um carácter mais pessoal, parte da visão do jornalista e pressupõe contar os factos da realidade vivida no evento desportivo que retrata. Por essa razão,

é impossível fazer uma crónica desportiva sem estar envolvido no mundo desportivo (Paniagua, 2010).

Normalmente, uma crónica de jogo ocupa no máximo duas páginas, incluindo fotografias, factos como a constituição das equipas, ações disciplinares, substituições e golos, que constam da ficha de jogo e, ainda, a opinião dos intervenientes expressa no final do jogo (treinadores e jogadores). Usa um estilo livre, fala sobre aspetos táticos, opções dos treinadores, papel do árbitro, o ambiente dentro e fora de campo, as peripécias do jogo, no fundo “tudo pode caber no texto” (Sobral & Magalhães, 1999, p.46).

A análise a uma partida de futebol, de futsal ou de andebol, por exemplo, é uma tarefa subjetiva, daí que “o jornalista deve ter consciência dessa limitação e procurar não desprezar os factos”, e, ao mesmo tempo, ter cuidado com a escrita (Sobral & Magalhães, 1999, p.47).

A crónica é um género jornalístico mais livre, mas nem por isso menos completo. Para Miranda et al. (2018), a crónica apresenta uma linguagem “moderadamente elaborada, mais tendente à informalidade: forma breve, estilo próximo ao da conversação, ora lirismo, ora humor, refletindo sobre fatos do cotidiano, que facilmente se aproxima dos leitores” (Miranda et al., 2018, p. 168). Também Anabela Gradim diz que a crónica “é um texto que, fazendo apelo à imaginação e às potencialidades estéticas da linguagem, conta uma história ou debruça-se sobre factos curiosos do quotidiano” (Gradim, 2000, p.75) e que é, normalmente, de leitura leve e agradável e aproxima-se dos leitores, por essa razão é tão usada em jornalismo desportivo. Acrescenta a autora que “a crónica apenas toma o real como pretexto, permitindo-se liberdades poéticas, criadora e imaginativas que não são toleradas em nenhum outro género” (Gradim, 2000, p.76) e, de alguma forma é isso que se pretende nas crónicas de jogo, partindo de uma situação real, – o jogo – o jornalista conta uma história através de palavras e expressões mais livres para que seja possível transportar o leitor até ao lugar do acontecimento. Segundo Paniagua (2010), a crónica é tanto notícia, como reportagem e opinião, já que reúne elementos informativos, descritivos e opinativos tendo, por esse motivo, uma importância significativa na imprensa desportiva, uma vez que ela invoca tanto aspetos subjetivos como objetivos.

Outros géneros muito usados no jornalismo desportivo são as breves, as notícias e os comentários. As breves são habitualmente usadas para relatar factos pouco relevantes, de última hora, ou de modalidades menos faladas, como o bilhar, o karaté, ou o btt, por exemplo. “Tem dimensão variável, embora não superior a 20 linhas, apenas um parágrafo” (Sobral &

Magalhães, 1999, p.36), responde sempre a quatro perguntas: quem, quê, quando e onde, e vai direta aos assuntos.

Já a notícia, género jornalístico de base, é utilizada “(...) para informar com mais rigor, ritmo e eficácia um facto ou conjunto de factos” (Sobral & Magalhães, p.47). Responde a seis perguntas base: quem, o quê, quando, onde, como e porquê, e procura apresentar os acontecimentos, situando-os num contexto, tendo como suporte opiniões de especialistas, elementos de background, explicações. As notícias são textos destinados a serem lidos, num curto espaço de tempo, por isso, é necessário que haja máxima eficácia comunicativa (Fontcuberta, 1993), daí que em desporto as notícias sejam construídas sem muitos floreios, para que o leitor possa ir rapidamente ao cerne da questão. O título e o lead são muito importantes para chamar o leitor à atenção e puxá-lo para o assunto da notícia. Em função disso, é natural destacar os nomes dos jogadores, dos clubes, ou as próprias modalidades para o título. Por esse motivo, as notícias em desporto servem para narrar factos, dar a conhecer eventos, jogadores, contratações ou transferências.

Relativamente aos comentários, estes incluem-se nos géneros opinativos. Servem para interpretar e dar opinião sobre acontecimentos e devem ser curtos e estar assinados pelo jornalista que os escreve. Segundo Melo e Assis (2016), o comentário deve ser produzido por um jornalista com vasta experiência, “que analisa certa ocorrência – em geral, relacionada a algum assunto trabalhado, na mesma edição, por um formato informativo –, relacionando-a a fatos anteriores e fazendo projeções de possíveis desdobramentos” (Melo & Assis, 2016, p.52).

No desporto, os comentários são usados para opinar, dar a conhecer ideias e interpretar jogos, classificações e jogadores. Os comentários podem acompanhar a notícia, a reportagem, ou as entrevistas ou somente aparecerem sozinhos.

Segundo Sobral e Magalhães, quando um jornalista faz um comentário, este deve estar bem assinalado e destacado como comentário, para que se possa “(...) separar opinião e informação” (Sobral & Magalhães, 1999, p.44).

Dentro dos géneros jornalísticos, Sobral e Magalhães (1999) descrevem quatro géneros específicos da informação desportiva. Um deles é a crónica, já referida acima, os restantes são as “cabinas”, a apreciação individual e o ambiente ou “folclores”. Nas secções de desporto dos jornais generalistas e mesmo nos jornais desportivos, estes géneros podem ser conhecidos de diversas maneiras, mas de uma forma ou de outra acabam sempre por ser utilizados.

No que diz respeito à apreciação individual, este “género”, referido por Sobral & Magalhães (1999), serve para destacar a ação individual, como o próprio nome indica, de cada jogador. Por norma, nos jornais desportivos os desportos que são alvo de apreciação individual são os desportos coletivos, como o futebol, o andebol, o basquetebol, o futsal e o hóquei em patins. Por exemplo, os futebolistas ou os hoquistas são geralmente classificados, “(...) podendo a pontuação servir para eleger o melhor no final de cada época” (Sobral & Magalhães, 1999, p.47). No essencial, a apreciação aos jogadores, dizem os autores, “aproxima-se das características da crítica: é feita por um jornalista especializado na modalidade que exprime a sua opinião sobre um ‘produto’” (Sobral & Magalhães, 1999, p.47). O jornalista faz a apreciação tendo por base os conhecimentos que possui sobre a modalidade, “(...) mas também na sensibilidade e nas concepções de jogo que perfilha” (Sobral & Magalhães, 1999, p.47) e auxilia-se nos passes, nas faltas, remates, golos e nas estatísticas sobre o jogador.

Já no que se refere às “cabinas”, este género específico da informação desportiva consiste nas declarações, no final dos jogos, dos treinadores, jogadores ou da equipa técnica. Geralmente, há uma conferência de imprensa onde os jornalistas retiram a informação necessária sobre o jogo, mas o que acontece também é que muitos jornalistas procuram diferenciar a informação e, por isso, vão até aos balneários e procuram os protagonistas para obter novas declarações. Na minha experiência de estágio relato isto mesmo: o acesso à informação só me era permitido desta forma, deslocando-me aos balneários e conversando com os jogadores, os dirigentes ou a equipa técnica.

Quanto ao género ambiente ou “folclore”, como apelidam os autores Sobral e Magalhães, este relata “tudo aquilo que acontece por causa de um jogo mas não faz parte dele” (Sobral & Magalhães, 1999, p.49). Nestas peças pede-se ao jornalista que conte “o que sucede nas bancadas e na tribuna VIP” e, também, pode contar curiosidades estatísticas. Para desenvolver este trabalho o jornalista deve estar atento a todo o que envolve o jogo, mas fora do terreno, isto é,

deve estar atento ao comportamento dos adeptos, manter bons contactos com os responsáveis pelas duas equipas, com os delegados das instâncias responsáveis, de forma a saber como agir em caso de necessidade. A tribuna onde se sentam dirigentes, convidados, treinadores e empresários é outro local a vigiar. Muitas vezes os jogos são aproveitados pelos diversos elementos para trocar impressões, sugerir transferências ou formalizar ofertas. (Sobral & Magalhães, 1999, p.49)

Nos “folclores” ou ambiente cabe quase tudo, referem os autores: “notícias, reportagens de pequeno fôlego, análises de curto alcance, *features* (curiosidades) ou crônicas. Tudo depende do material sugerido pelo jogo” (Sobral & Magalhães, 1999, p.49).

Em resumo, os géneros “específicos da informação desportiva” são baseados nos géneros jornalísticos genéricos, uns um pouco alterados, outros exatamente iguais. No jornalismo desportivo, o que se faz é um certo cruzamento de géneros adaptados a cada modalidade que se retrata. Notícias, comentários, crônicas e breves são os géneros mais usados, mas nem por isso se deixam de parte as entrevistas ou as reportagens, embora estas se usem com menos frequência. No decorrer do estágio todos os géneros acima referidos foram explorados.

2.2.2. A recolha de informação e as fontes

“A recolha de informação é tão ou mais importante que a compreensão da escrita jornalística” (Sobral & Magalhães, 1999, p.51), por isso mesmo vale a pena debruçarmo-nos um pouco sobre ela. O trabalho de recolha de informação é um trabalho árduo, sujeito a normas, estratégias e tendo por base o Código Deontológico do Jornalista. Para entendermos como se processa a recolha de informação, em qualquer área de especialização, temos inevitavelmente de falar da relação jornalista/fonte, já que ela é o “núcleo central do jornalismo” (Sobral & Magalhães, 1999, p.51) e, cada vez mais, são as fontes a procurar os jornalistas para “dar” as notícias e já não é tanto o jornalista que vai à “caça” da informação (Wolf, 1994). Atualmente, com as tecnologias e as redes sociais, há um número crescente de novas fontes de informação, como o Facebook e o Twitter, que estão a substituir os jornais como principais fontes de notícias e a desempenhar um papel importante na obtenção e produção noticiosa (Von Nordheim, Boczek & Koppers, 2018).

Segundo O'Neill e O'Connor “as fontes estão sempre no coração da selecção e produção de notícias” (O'Neill & O'Connor, 2008, p.2). E a verdade é que nenhum jornal sobrevive sem fontes, são elas que fornecem e validam a informação, tornando-se, dessa forma, imprescindíveis para o trabalho jornalístico (Mecher, 1991; Sobral & Magalhães, 1999; Gradim, 2000; Pinto, 2000; Sousa, 2001; O'Neill & O'Connor, 2008). Contudo a relação jornalista/fonte nem sempre é fácil, mais ainda quando falamos de secções como o desporto, a ciência ou a saúde.

Receber a informação e contactar com as fontes pode ser um processo complexo e delicado, mais agora com a velocidade a que as informações circulam, mas as funções do jornalista mantêm-se intactas: receber, seleccionar, verificar e hierarquizar.

A fase de recolha dos materiais noticiáveis é influenciada pela necessidade de se ter um fluxo constante e seguro de notícias, de modo a conseguir-se sempre executar o produto exigido. Isso leva, naturalmente, a que se privilegie os canais de recolha e as fontes que melhor satisfazem essa exigência (...). (Wolf, 1994, p.197)

A verdade é que o resultado do trabalho do jornalista depende, em larga margem, da capacidade de se relacionar com as fontes. Uma vez que “são elas quem lhe fornece a matéria sobre a qual escreve. Mesmo quando presencia os acontecimentos sobre os quais trabalha, o jornalista não as dispensa” (Sobral & Magalhães, 1999, p.52).

Entende-se por fonte de informação toda e qualquer entidade que possua dados/informações suscetíveis de serem usados pelo jornalista na sua atividade profissional. De acordo com Gans, uma primeira definição de fonte atribui essa denominação a “todas as pessoas que o jornalista observa ou entrevista (...) e às que fornecem apenas informações enquanto membros ou representantes de grupos (organizados ou não) de utilidade pública ou de outros sectores da sociedade” (Gans, 1979, p.80). Já Leon Sigal (1986) afirmou que as fontes fazem a notícia e, por isso, têm uma relação próxima com quem faz as notícias. Melvin Mencher vai mais longe, considerando que “a fonte é o sangue do jornalista” (Mencher, 1991, p.282).

Também Fontcuberta definiu as fontes de informação como “pessoas, instituições e organismos de todos os tipos que fornecem as informações de que os media precisam para fornecer as notícias” (Fontcuberta, 1993, p.58).

Já Manuel Pinto (2000) identifica as fontes de informação de três formas e refere, que as estas, são sempre entidades interessadas e procuram a visibilidade dos media:

As fontes são pessoas, são grupos, são instituições sociais ou são vestígios – falas, documentos, dados – por aqueles preparados, construídos, deixados. As fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados. Em suma, as fontes a que os jornalistas recorrem ou que procuram os jornalistas são entidades interessadas, quer dizer, estão implicadas e desenvolvem a sua actividade a partir de estratégias e com táticas bem determinadas. (Pinto, 2000, p.278)

Na mesma linha de pensamento está Sánchez (2005), que refere que as fontes não fornecem apenas informação, mas esperam também obter, com muita frequência, um benefício da sua aproximação com os jornalistas. As fontes não fornecem informação por generosidade ou altruísmo, mas são levadas pela ambição de pré-fabricar um relato dos acontecimentos. Posto

isto, podemos dizer que as fontes de informação são um “capital” indispensável do jornalismo e dos seus profissionais, porém há que ter cuidado com esta relação.

As fontes podem ser de vários tipos e podem, como afirma Pinto (2000), classificar-se consoante a sua natureza (fontes pessoais ou documentais); a sua origem (fontes públicas (oficiais) ou privadas); duração (fontes episódicas ou permanentes); âmbito geográfico (fontes locais, nacionais ou internacionais); grau de envolvimento nos factos (oculares/primárias ou indiretas/secundárias); atitude face ao jornalista (fontes ativas - espontâneas, ávidas - ou passivas - abertas, resistentes); identificação (fontes assumidas/explicitadas ou anónimas/confidenciais); e metodologia ou estratégia de atuação (fontes pró-ativas ou reativas, preventivas ou defensivas) (Pinto, 2000, p.279).

A definição de fonte é complexa, mas podemos aplicar a tipologia apresentada por Manuel Pinto ao desporto, ainda que de forma um pouco diferenciada. Sobral e Magalhães (1999) agruparam as fontes no desporto da seguinte forma: fontes públicas/institucionais, como Secretaria de Estado do Desporto, Instituto Nacional do Desporto, federações, ligas, associações, sindicato e clubes; fontes espontâneas, como treinadores, jogadores, empresários, médicos...; fontes confidenciais/anónimas: “são célebres os relatos de reuniões de Direcção dos maiores clubes e muito apreciadas as informações sobre o que se passa nos principais balneários” (Sobral & Magalhães, 1999, p.54).

Todavia, o jornalismo desportivo parece movimentar-se entre o cultivo permanente do acesso às fontes primordiais (clubes e atletas) e uma casual diabolização desses mesmos agentes (Rowe, 2005). A relação de dependência que existe entre os jornalistas e as fontes de informação pode levar ao afastamento de um jornalismo independente, rigoroso e objetivo. Por essa razão, o jornalista deve conseguir pôr de parte a paixão pelo desporto e concentrar-se naquilo que é o seu trabalho, separando os relacionamentos pessoais (com atletas e treinadores), dos relacionamentos profissionais, já que isso pode comprometer o bom desempenho das suas funções.

No que diz respeito ao uso de fontes no jornalismo desportivo, David Rowe (2007) analisou o número de fontes contactadas pelos jornalistas em cada peça produzida, para que pudesse apurar se a visão estereotipada do jornalismo desportivo como “*toy departmnet*” tinha razão de ser. Para o autor, a “ampla variedade de fontes, tanto em número como em origem, poderia (...) ajudar a contrapor o indesejado estereótipo do jornalismo desportivo como dependente apenas nas suas próprias observações ou no cultivo de fontes privilegiadas” (Rowe, 2007, p.396). Contudo, os resultados a que chegou acabaram por se mostrar contraditórios face a esta

conceção, uma vez que as fontes utilizadas não eram muitas, uma média de uma fonte por cada peça. Portanto, isto permitiu que Rowe concluísse que, no que corresponde ao uso e relação das fontes de informação a imprensa desportiva, “é um mundo fechado em si mesmo com as suas próprias preocupações” (Rowe, 2007, p.398), no qual os jornalistas acabam por interagir com um número reduzido de fontes. Em consequência, há também um menor número de temas na imprensa desportiva. Outros estudos chegaram ainda à conclusão que o jornalismo desportivo tem uma certa dependência de fontes oficiais (Sugden & Tomlinson, 2007). Pude verificar isto no decorrer do estágio, já que muitas das fontes utilizadas são os dirigentes dos clubes e os treinadores.

Em síntese pode dizer-se que a relação entre os jornalistas e fontes nem sempre é fácil e o jornalismo desportivo, não é exceção. Aliás, para Rui Flores (2004), esta relação entre jornalistas e protagonistas do desporto pode ser mesmo difícil, resultando numa debilitação do elo mais fraco, neste caso, os jornalistas, pois são eles que têm páginas para fechar e que têm que lidar com a diminuição dos temas e as pressões decorrentes do tempo:

Sabendo que têm páginas para fechar e que os temas escasseiam, os responsáveis editoriais optam por não entrar em guerras abertas com os clubes de futebol. Semana a semana, esta preocupação transforma-se num exercício de autocensura cada vez mais intenso. Sempre que têm de escolher temas para “encher” as suas páginas, os responsáveis editoriais perguntam-se se não terão problemas com os clubes de futebol ao publicar determinado artigo. Não se trata aqui de preservar qualquer fonte. Esta atitude leva antes à diminuição dos temas que podem ser objecto de notícia. (Flores, 2004, p.70)

Para além destas especificidades, no desporto, há outras mudanças que ocorreram no que diz respeito às fontes de informação no jornalismo. A atualidade mediática é fortemente influenciada pelos novos media sociais, como o Facebook, o Twitter, o YouTube, ou o Instagram, e pelas agências de comunicação, que têm vindo a ser considerados como as fontes de referência para muitos jornalistas e consumidores de notícias. No entanto, aquilo que se tem vindo a notar, com esta crescente procura e uso dos media sociais, é que há mais desinformação e partilha de notícias falsas (*fake news*), o que põe em causa o jornalismo.

Rony, Yousuf e Hassan (2018) desenvolveram uma investigação sobre o uso de conteúdos dos media sociais como fonte de referência nos meios de comunicação americanos, especialmente os meios online, e chegaram à conclusão que o uso de conteúdo produzido pelos media sociais (Facebook e Twitter), nas notícias americanas, quase dobrou num período de cinco

anos (2013-2017). Isto quer dizer que muitos meios de comunicação utilizaram o Twitter e o Facebook como fonte principal de informação nas notícias, em comparação com o uso de outro tipo de fontes (como fontes oficiais, ou fontes documentais, por exemplo).

Com este estudo, os autores sugerem que “o Twitter, entre outros sites de redes sociais, é a fonte preferida de informação para notícias e informações on-line” (Rony, Yousuf & Hassan, 2018, p.5) e que os resultados mostram que os sites “não confiáveis” estão mais dependentes dos media sociais do que os media tradicionais, “pela sua fraca estrutura organizacional e a falta de recursos para produzir conteúdos de qualidade” (Rony, et al., 2018, p.6).

De facto, os media sociais estão a alterar, por um lado, a forma de fazer as notícias e, por outro, a maneira como as pessoas têm contacto com as mesmas. As crescentes pressões sobre a produção noticiosa, como o tempo, estão a levar os jornalistas a produzir mais notícias por dia, porém, acarretando riscos acrescidos na verificação das informações, que são, por vezes, pouco rigorosas (Tiffen et al., 2014). No que diz respeito ao uso das fontes de informação, estas são, muitas vezes, escassas, já que o jornalista não tem tempo para contactá-las e, por isso, recorre ao que lhe parece ser mais fácil – os *press releases*, enviados pelas agências de comunicação e os media sociais.

Todavia, também a maneira como as pessoas contactam com as notícias tem vindo a alterar-se. O hábito de comprar e ler jornais e revistas em papel, foi substituído pela tecnologia e passou a ser feito através dos sites dos jornais ou das redes sociais. Estas últimas, no entanto, têm substituído, algumas vezes, os próprios sites noticiosos.

Segundo Sheffer e Schultz (2010), “a velocidade do Twitter torna-o ideal como um serviço de manchete e também pode cobrir histórias que os grandes media geralmente ignoram” (Sheffer & Schultz, 2010, p.229), por esse motivo, torna-se uma ferramenta importante no jornalismo. Para os autores, o Twitter tem muitas potencialidades para os jornalistas. Além da velocidade, da visibilidade e da rápida partilha, o Twitter é de fácil comunicação, pelo que “jornalistas podem conectar-se e comunicar diretamente com o público sobre tópicos e histórias de notícias” (Sheffer & Schultz, 2010, p.229).

Sheffer e Schultz (2010) fizeram uma investigação sobre as possíveis mudanças no trabalho noticioso das revistas desportivas, pelo uso da plataforma Twitter. Para os investigadores, este é o “grupo ideal” para estudar esta relação, uma vez que os principais utilizadores do Twitter coincidem com os consumidores de desporto. Para além disso, Sheffer e Schultz dizem que a popularidade do Twitter entre atletas, fãs e a imprensa desportiva é muito grande e tem o potencial

de “mudar a interação atleta/fã para sempre” (Gregory, citado em Sheffer & Schultz, 2010, p.230). Isto quer dizer que, para além dos fãs poderem contactar com os atletas, também os jornalistas desportivos podem beneficiar desta potencialidade do Twitter, estando mais próximos dos atletas e do público.

Sheffer e Schultz dão alguns exemplos de jornalistas desportivos que estão a incorporar o Twitter no seu trabalho de produção de notícias e mostram que, dessa forma, estes podem diversificar os artigos que publicam. Dizem os autores que “há um reconhecimento pelas ligas desportivas e pela imprensa desportiva, de que o Twitter é uma ferramenta potencialmente poderosa e revolucionária” (Sheffer & Schultz, 2010, p.231). Esta investigação procurou avaliar o nível de mudança no jornalismo desportivo como resultado da introdução do Twitter, mas aquilo que os autores concluíram, “à primeira vista, é que houve poucas mudanças” (Sheffer & Schultz, 2010, p.235).

Quer dizer que não parece haver uma mudança assim tão significativa dentro das redações, como era expectável. Por um lado, o que os investigadores explicam é que os jornalistas mais novos, talvez por estarem acostumados às novas tecnologias e às novas formas de fazer jornalismo, não notem essas mudanças, e, por outro, porque os jornalistas mais velhos continuam a usar as formas mais antigas de fazer jornalismo. Ainda assim, refletem Sheffer e Schultz que “estes resultados podem sinalizar uma importante mudança no paradigma do trabalho noticioso” (Sheffer & Schultz, 2010, p.237), trabalhando-se cada vez mais para um hibridismo da profissão.

A par do Twitter, há ainda outras redes sociais que têm conseguido adquirir espaço na produção, ou mesmo na recolha de informação. Müller, Schneiders e Schäfer (2016) fizeram uma pesquisa onde tentam perceber se os posts do Facebook estão a substituir as outras fontes de notícias. Segundo os autores, há um número crescente de utilizadores do Facebook, especialmente os mais jovens, que acedem a conteúdos noticiosos, somente através desta rede social.

As notícias sobre os conteúdos atuais tornam-se uma parte integrante do conteúdo partilhado nesta plataforma, o que pode gerar dois efeitos sobre a exposição das notícias. Por um lado, os utilizadores podem usar o Facebook como um ponto de partida para procurar mais informações, através do link na publicação ou noutra lugar. Mas, por outro, podem ficar com a sensação de que estão suficientemente informados sobre o que está a acontecer no mundo e, por isso, abstêm-se de procurar para além do que lhes é oferecido (Müller, Schneiders & Schäfer, 2016).

Assim sendo, Müller, Schneiders e Schäfer (2016), a partir dos resultados obtidos, concluíram que a quantidade de notícias que aparecem no Facebook podem contribuir “para uma sensação de ser informado”, o que reduz, por sua vez, a procura e confrontação de informação, através de outros meios.

Também Von Nordheim, Boczek e Koppers (2018) apresentam os media sociais como uma inovação para o jornalismo em vários níveis. Primeiro, dizem os investigadores que estes

permitem que os especialistas espalhem e anunciem conteúdo por meio de novos canais e facilitam a interação e o contacto com o leitor. Como fonte, eles também prometem o acesso mais rápido às elites, às vozes do povo e às regiões do mundo que são difíceis de chegar. (Von Nordheim, Boczek & Koppers, 2018, p.807)

Contudo, o que Von Nordheim, Boczek e Koppers (2018) deixam claro é que, apesar de os media sociais serem uma fonte importante de pesquisa jornalística e de constante acompanhamento de debates públicos e de figuras importantes, como atletas, ou políticos, a dependência pelos media sociais está a crescer, “não apenas na distribuição, mas também do lado da produção”. Acrescentam os autores que este “é um aspeto particularmente crítico, pois os media sociais estão a ser cada vez mais usados para a distribuição (parcialmente automatizada) de desinformação, que os jornalistas muitas vezes lutam para refutar (Von Nordheim, Boczek & Koppers, 2018, p.808).

De forma genérica, o que se pode dizer é que o jornalismo desportivo, a par das outras secções, tem vindo a alterar a sua forma de recolher, de produzir notícias e de se relacionar com as fontes, muito por consequência das tecnologias e das redes sociais, que se transformaram em poderosas fontes de informação, quer para os próprios jornalistas, quer também para o público, como já se referiu.

Em resumo, para produzir as notícias, os jornais usam as informações que lhes chegam à redação, seja através de telefonemas, e-mails, consulta a outros órgãos de comunicação social, conferências de imprensa, contactos pessoais com fontes de informação, da ronda telefónica pela polícia, bombeiros, hospitais e outras entidades, dos comunicados à imprensa enviados por diversas entidades, das pesquisas pessoais dos jornalistas na internet, dos gabinetes de comunicação, das redes sociais, etc. Ou seja, há um vasto número de informações que chegam e que o jornalista recolhe e que precisam de ser confrontadas e verificadas. A partir daí, cabe ao jornalista escolher de entre um vasto número de fontes ou dados que chegam às redações e que surgem da sua investigação, aquela/aquelas que melhor se adequam ao trabalho que quer

desenvolver, mas o princípio básico é ter pelo menos três fontes diferentes para poder confrontar vários pontos de vista.

É de notar que a recolha de informação nem sempre é tarefa fácil e pressupõe do jornalista uma grande destreza e capacidade de avaliação e seleção, para não cair no erro de ser enganado pela fonte. Daí que a verificação e confrontação da informação sejam muito importantes, nomeadamente nos contextos atuais que vivemos, em que esta é facilmente divulgada e partilhada, sem ter sido verificada.

Não obstante, a questão que se coloca é saber quem faz a agenda dos media ou, por assim dizer, quem tem interesse em inserir temas na agenda, visto que os jornalistas recebem enormes quantidades de informação todos os dias. Quem tem o poder de definir o que fará parte e o que ficará de fora? Quais são os critérios que orientam essas escolhas?

A substancial falta de tempo e de meios acentuam a importância dos valores-notícia, que se encontram profundamente enraizados em todo o processo informativo (Wolf, 1994). Este processo compõe-se de diversas fases (recolha, seleção e apresentação) e “varia segundo a organização do trabalho específico de cada redação e de cada meio de comunicação” (Wolf, 1994, p.195).

2.2.3. Do *agenda setting* ao *agenda building*

Há processos que influenciam a seleção e, conseqüentemente, a produção noticiosa, um desses exemplos é o *agenda setting*. Na década de 1970, Maxwell McCombs e Donald Shaw formularam a hipótese do *agenda setting*, que alcançou uma reflexão significativa no campo de estudos de comunicação.

Inspirados por Walter Lippmann, autor do livro *Public Opinion*, publicado em 1922, McCombs e Shaw são apontados como os fundadores desta formulação. Para McCombs e Shaw (1972), o *agenda setting* refere-se à ideia de que existe uma forte correlação entre a ênfase que os mass media dão a determinadas questões e a importância atribuída a estas questões pelas grandes audiências. De igual modo, McCombs considerou que os media podem definir “a agenda da atenção do público para um pequeno grupo de questões em torno dos quais a opinião pública se forma” (McCombs, 2002, p.1). Em linhas gerais a hipótese do *agenda setting*

propõe que os meios de comunicação de massa são capazes de definir os temas que irão pautar a conversa pública cotidiana, concepção sintetizada na conhecida formulação

de que os meios de comunicação não são capazes de determinar 'o que' as pessoas pensam, mas dizem 'sobre o que elas devem pensar' (...). (Lara, 2014, p.29)

Por outras palavras e de acordo com Shaw, esta hipótese defende que

em consequência da acção dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (Shaw 1979, p.96)

Esta formulação clássica da hipótese do *agenda setting* começou com Lippmann e tem percorrido um longo caminho nos estudos da comunicação. Efetivamente, Lippmann foi quem elencou as principais linhas da influência dos media nas audiências.

Segundo o autor (citado em McCombs, 2002, p.2), os media são uma fonte primária dos grandes assuntos sobre o mundo, mundo esse que, para a maioria dos cidadãos, está “fora do alcance, fora da vista, fora da mente”. Ou seja, aquilo que Lippmann defende é que o que sabemos sobre o mundo é, em grande parte, com base naquilo que os media decidem noticiar.

Porém,

a hipótese do *agenda-setting* não defende que os mass media pretendam persuadir (...). Os mass media, descrevendo e precisando a realidade exterior, apresentam ao público uma lista daquilo sobre que é necessário ter uma opinião e discutir (...). O pressuposto fundamental do *agenda-setting* é que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida, por empréstimo, pelos mass media. (Shaw, 1979, pp.96-101)

Como afirma Cohen (citado em Kim, Han, Choi & Kim, 2012) se é certo que a imprensa pode, “na maior parte das vezes, não conseguir dizer às pessoas como pensar, tem, no entanto, uma capacidade espantosa para dizer aos seus próprios leitores sobre que temas devem pensar” (p.44). Segundo Mendonça e Temer, de facto,

entende-se que os media são um instrumento que constrói imagens do real para os sujeitos, pois estes não têm acesso a todos os acontecimentos do mundo. Os meios estabelecem um papel em que levam recortes para as pessoas, algo que altera suas percepções, numa perspectiva mais abrangente, de forma que ao longo do tempo equacionam efeitos consistentes. (Mendonça & Temer, 2015, p. 198)

Dessa maneira, a agenda de determinado órgão de comunicação é o resultado “das inúmeras decisões quotidianas de diversos jornalistas e dos seus supervisores sobre as notícias no momento” (McCombs, 2002, p.4). Ou seja, os órgãos de informação têm uma quantidade limitada de espaço e de tempo, pelo que só uma fração das notícias do dia acaba por ser publicada. “É o processo de edição orientado pelos valores-notícia que acaba por fazer com que a atenção do público seja orientada e convocada para certos assuntos considerados como sendo de maior importância” (Correia, 2011, p.187).

Araújo e Lopes dizem que as escolhas feitas pelos jornalistas “não são aleatórias, antes orientadas por fatores diversos como as normas profissionais, valores éticos, variáveis económicas e socioculturais, orientações políticas e até percepções e preconceitos dos próprios jornalistas relativamente ao mundo em que se inserem (Araújo & Lopes, 2014, p.749), acabando estes por moldar a agenda mediática.

Os estudos mais recentes sobre a definição do *agenda setting* sugerem, em alguma medida, que os media não só dizem ao seu público sobre o que pensar¹⁷, mas também sobre como pensar, sendo este o princípio fundamental sobre o qual se rege o segundo nível do agendamento. Vai-se passando, progressivamente da esfera do “o quê”, para o “como” (Kensicki, 2000).

O primeiro nível considera a transferência de saliência dos media para o público, em grande medida como resultado da informação sobre determinados objetos numa história. No entanto, o segundo nível de *agenda setting* (ou atributo de *agenda setting*) vê os atributos como um importante componente adicional na relevância, na questão nos media e no público. (Kensicki, 2000, p.5)

Quer isto dizer, segundo Kensicki (2000), que a forma como um determinado assunto é descrito e a forma como os seus atributos são demonstrados são tão importantes como o

¹⁷ Esta perspetiva inicial do *agenda setting* e dos estudos sobre as audiências, na qual os públicos são descritos como uma massa homogénea e controlada pelos media, vai sofrendo alterações ao longo dos tempos. A evolução dos estudos vem demonstrar, depois, que a influência dos media é moderada, já que as audiências podem ser críticas naquilo que escolhem, ou seja, a perspetiva inicial sofreu alterações, passando a dotar os públicos alguma independência.

próprio assunto. O primeiro nível de agendamento considera o assunto, enquanto que o segundo olha para as suas características, guiando os públicos na forma como devem ver e perceber esse mesmo assunto: “o primeiro nível propõe que, se os media derem importância a certos problemas, o público também perceberá esses problemas como importantes, (...) estes efeitos concentram-se originalmente em questões políticas” (Lee, 2010, p.761).

Já a configuração da agenda de segundo nível “sugere que certos atributos representados na mensagem dos media são acentuados em relação a outros elementos e, por sua vez, os atributos descritos influenciam a percepção do público sobre os problemas” (Lee, 2010, p.761). No fundo, a forma como determinado assunto é abordado é tão importante quanto o número de vezes que uma história é abordada. Igual pensamento é demonstrado por McCombs (1993), ao considerar que, intrinsecamente, são as notícias que moldam a forma como os públicos pensam:

O agenda-setting é considerado mais do que a clássica asserção de que as notícias nos dizem sobre o que pensar. As notícias dizem-nos igualmente como pensar acerca disso. A seleção de objetos para a atenção e a seleção dos enquadramentos pensados acerca destes objetos são o ponto forte do papel do *agenda-setting*. (McCombs, 1993, p.62)

A esta conclusão chegaram também Hill Kim, Han, Choi e Nam Kim, numa pesquisa às notícias televisivas da Coreia do Sul. Os investigadores demonstraram que “(...) os media poderiam aumentar a relevância pública de certos atributos, colocando-os com maior destaque na cobertura da imprensa” (Kim, Han, Choi & Kim, 2012, p.43), quer isto dizer que se comprovou neste estudo que os media desempenham um papel fundamental na definição da agenda.

Outras pesquisas levadas a cabo sobre o *agenda setting* concluem que este está intrinsecamente ligado ao foco e ao enquadramento (*framing*) que os media dão a um assunto e também ao *priming*. Para alguns autores os conceitos de *priming* e *framing* devem ser vistos como extensões naturais do *agenda setting*. “Numa tentativa de construir um modelo teórico mais abrangente, Weaver, McCombs e Shaw (1998) sugeriram recentemente que o *priming* e o *framing* devem ser vistos como extensões naturais do estabelecimento da agenda dos media (Scheufele, 2000, p. 297).

Conforme Scheufele, o *priming* “é o impacto que o *agenda setting* pode ter na forma como os indivíduos avaliam os oficiais públicos, na influência normalmente obtida nas áreas temáticas” (Scheufele, 2000, p.297).

Já para definir o *framing* (enquadramento), o autor recorre a McCombs, e diz o seguinte: “o *framing* pode ser considerado uma extensão da definição da agenda, pois é a seleção de um número restrito de atributos relacionados tematicamente para inclusão na agenda dos media quando um objeto em particular é discutido” (McCombs citado em Scheufele, 2000, p.297-298).

Takeshita levou, igualmente, a cabo várias pesquisas sobre o *agenda setting*, mas vai mais longe e concluiu que este está intrinsecamente ligado ao enquadramento que os media dão a determinados assuntos “a pesquisa em torno do agendamento e do *framing* estão quase sempre a explorar o mesmo problema – o da realidade – da função de definição dos media” (Takeshita, 1997, p.24). Do mesmo modo, McCombs (2000), considerou, pois, que o fenómeno do *framing* (enquadramento) tem várias consequências que podem ir desde o raciocínio, passando pelas atitudes e opiniões, até ao comportamento do público, que recebe e percebe a informação.

Segundo Scheufele e Tewksbury (2007)

às vezes denominadas ‘modelos de negação’ (McQuail, 2005), abordagens como *priming* e *framing* baseavam-se na ideia de que os media de massa tinham efeitos atitudinais potencialmente fortes, mas que esses efeitos também dependiam fortemente de predisposições, esquemas e outras características do público que influenciam a forma como processavam as mensagens. (Scheufele e Tewksbury, 2007, p.11)

Tendo em conta os trabalhos referidos, torna-se claro que o *agenda setting* é um fenómeno importante, que tem algumas implicações para os públicos. Porém, o *agenda setting*, por si só, não é suficiente para explicar como é que determinados assuntos/temas entram na agenda dos media e outros não (Araújo & Lopes, 2014).

Por esse motivo, é importante recorrer a um outro conceito, o conceito de *agenda building*. Abordado pela primeira vez na literatura nos anos 70 por Cobb e Elder, o *agenda building* é, “em termos temporais, um processo que ocorre antes do *agenda setting* e que estuda as razões pelas quais assuntos ou fontes são introduzidas na agenda mediática e outros não” (Araújo & Lopes, 2014, p.750).

Em causa estão, então, dois processos diferentes, mas complementares, que ocorrem em momentos temporais distintos:

O processo de *agenda building*, que se relaciona com a formação de uma agenda mediática e é o primeiro em termos temporais; e o processo de *agenda setting*, o qual tem que ver com a formação de uma agenda pública, ou seja, a forma como os media dão atenção a determinados assuntos influencia a importância percebida pelo público desses assuntos. (Araújo & Lopes, 2014, p.750)

Para Matthew Nisbet, o *agenda building* é “o processo através do qual organizações mediáticas e jornalistas apresentam, enfatizam, e/ou selecionam determinados eventos, assuntos ou fontes para cobrir, em detrimento de outros” (Nisbet, 2008, p.1). O processo do *agenda building* pode também ser visto como o primeiro nível do *agenda setting*, “teoria que nos diz que a preocupação dos media com determinado ‘objeto’ nas notícias leva a uma crescente preocupação do público com esse ‘objeto’, ou seja, os media dizem ao público no que pensar” (Araújo & Lopes, 2014, p.750).

Segundo Araújo e Lopes (2014), há vários fatores que influenciam o processo de *agenda building*, desde as questões económicas e culturais às próprias perceções e preconceitos dos profissionais. Igualmente, Nisbet acaba por considerar que a “cobertura mediática não é um reflexo da realidade, mas antes um produto fabricado, determinado por uma hierarquia de influências sociais” (Nisbet, 2008, p.1).

Como referem Araújo e Lopes, as escolhas dos jornalistas não são aleatórias, mas antes influenciadas por tudo o que rodeia os profissionais, “seja o círculo de amigos, as suas condições económicas ou até as orientações políticas” (Araújo & Lopes, 2014, p.750). Por essa razão, os assuntos/temas abordados podem ser trabalhados de formas diferentes. Há que ter em conta o ângulo escolhido pelo jornalista, as fontes que ouve e as próprias características do profissional, pois tudo isso influencia o processo de construção noticiosa.

Embora, usado, principalmente, no estudo da política, o modelo teórico do *agenda setting* foi aplicado a muitos tópicos, incluindo ao desporto, mantendo sempre o seu conceito central (Fortunato, 2008).

O *agenda setting* e a sua relação com as entidades desportivas foi estudado por vários autores. Alguns desses estudos têm em conta como as empresas de televisão influenciam a agenda mediática, bem como os media sociais (Betti, 1998; Seltzer & Dittmore, 2009; Lee & Choi, 2009). Isto é, visto que são as televisões que transmitem os principais eventos

desportivos, têm influência na marcação da agenda. No caso da televisão, não seleciona, apenas, os eventos desportivos e imagens dos mesmos, mas fornece definições/explicações daquilo que foi selecionado. Quer isto dizer que a televisão interpreta os eventos para o público e fornece uma estrutura de significados na qual o evento faz sentido. Ou seja, são os editores televisivos que decidem o enquadramento da transmissão, escolhem as imagens e as perspetivas que vão ser transmitidas.

Em relação aos media sociais, como o Facebook, o Twitter, o YouTube, ou o Instagram, estes também acabam por dar ao público aquilo que “precisa de saber”. Fazem com que os jornalistas “corram” atrás do que se passa nas redes. Atletas, treinadores, dirigentes e fãs contactam constantemente através das redes sociais, sendo por isso, uma mais-valia para os jornalistas.

Nölleke, Grimmer e Horky (2017), abordando a questão dos media sociais na cobertura desportiva, defendem que estes desempenham um papel crucial na comunicação desportiva.

Comparado com outros campos como a política, a ciência ou o direito, o desporto parece estar predestinado para ser comunicado através dos media sociais. O desporto é um campo altamente divertido e inclusivo, é ideal para conversas interpessoais; não envolve crenças básicas como a política ou a religião. (Nölleke, Grimmer & Horky, 2017, pp.509-510)

Para além disso, acrescentam os autores que os media sociais têm, agora, o potencial de cumprir funções que eram originalmente cumpridas exclusivamente pelos meios de comunicação tradicionais: “Antes do advento dos media sociais, o jornalismo costumava deter o monopólio da distribuição de notícias relevantes ao público em geral”; agora, “os atores sociais podem dirigir-se diretamente ao público, ignorando as funções do jornalismo, contribuindo assim para a agenda pública” (Nölleke, Grimmer & Horky, 2017, pp.510). Contudo, os media sociais não substituem, necessariamente, a função de “guarda” do jornalismo, nem a definição de agenda, apontam os autores. Pelo contrário, podem até reforçar essas funções.

2.2.3.1. *Gatekeeping*, valores-notícia e rotinas produtivas

Apesar de todas as transformações que têm acontecido no campo dos media, especialmente com as novas tecnologias, as principais tarefas do jornalista têm-se mantido: seleção e hierarquização de acontecimentos capazes de gerar valor como notícia; transformação desses acontecimentos em notícias e difusão das mesmas. Ou seja, as rotinas produtivas (recolha, seleção e apresentação) mantêm-se idênticas. De acordo com Pedro Sousa, de todas as funções que o jornalista desempenha, a seleção é “(...) a pedra angular do processo, pois um jornal não pode ser um amontoado não criterioso de todo o tipo de informações” (Sousa, 2001, p.38). A escolha dos acontecimentos e demais assuntos a abordar por um jornal (construção da agenda) e a consolidação de uma determinada linha editorial depende de diversos mecanismos que atuam em conjunto.

A verdade é que todos os meios de comunicação absorvem uma grande quantidade de eventos ao longo do dia, por intermédio de uma grande variedade de fontes e, pelo contrário, dispõem de um espaço cada vez mais reduzido para noticiar os eventos, uma vez que a publicidade tem vindo a ocupar um espaço maior. Desse modo, têm de usar um conjunto de valores ou mecanismos que formem critérios para julgar os acontecimentos que têm ou não valor-notícia, tendo em conta as características do próprio meio de comunicação e o os interesses da sua audiência.

Não é possível retratar tudo o que acontece, pelo que é fundamental o papel que adquire o jornalismo nesse sentido (Dennis & DeFleur, 2010). Compete, pois, aos jornalistas analisar, procurar e decidir o que pode ou não ser noticiável, acabando estes por serem os *gatekeepers* (guardiões ou porteiros) da informação.

Os estudos de seleção de notícias partem, geralmente, do conceito de *gatekeeper* (o selecionador/porteiro da informação), aplicado ao jornalismo por David Manning White, nos anos 50. No entanto, o termo *gatekeeper* provém da psicologia – Kurt Lewin introduziu o conceito em 1947, num estudo sobre as dinâmicas que agem no interior dos grupos sociais, em especial, no que diz respeito aos problemas ligados à modificação dos hábitos alimentares. Lewin identificou os “canais” por onde flui a sequência de comportamentos relativos a um determinado tópico e reparou que existiam zonas que podiam funcionar como “cancelas” ou “portões”. Diz Lewin que

o conjunto das forças, antes e depois da zona de filtro, é decididamente diferente, de tal forma que a passagem, ou o bloqueio, da unidade através de todo o canal, depende, em grande medida, do que acontece na zona de filtro. Isso sucede não só com os canais de

alimentação mas também com a sequência de uma informação, dada através dos canais comunicativos, num grupo. (Lewin, citado em Wolf, 1994, p.162)

Isto é, as zonas de filtro são controladas ou por sistemas objetivos de regras ou por “*gatekeepers*” – indivíduo ou grupo que “tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia” (Lewin, citado em Wolf, 1994, p.162).

White (1950) utilizou este conceito no jornalismo para tentar perceber o funcionamento das redações e o processo de escolha noticioso. Quer dizer, White (1950) procurou estudar quais os critérios para a publicação ou exclusão das notícias dentro de uma redação. No estudo de caso sobre a seleção das notícias, White diz que o objetivo “é explicar de perto a maneira como os ‘guardiões’ dos canais complexos de comunicação operam no seu ‘*gate*’ (portão)” (White, 1950, p.383). O autor começou por definir o *gatekeeping* como o processo de produção da informação que é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, “portões” – áreas de decisão em relação às quais o jornalista tem de decidir o que vai ser publicado como notícia ou não. Segundo o estudo de White,

uma notícia é transmitida de um *gatekeeper* para outro na cadeia de comunicações. Do repórter para o responsável do *rewriting*, do chefe de secção para os redatores responsáveis pelos ‘assuntos de Estado’ de várias associações de imprensa, o processo de escolha e de rejeição ocorre continuamente. E finalmente, chegamos ao nosso último *gatekeeper* (...). Ele tem a cargo a seleção das notícias nacionais e internacionais que aparecerão na primeira página e seu posterior desenvolvimento nas páginas interiores, bem como a sua composição. (White, 1950, p.384)

Na sequência das pesquisas feitas, David White apresentou várias razões que levaram o editor (Mr.Gates) a rejeitar uma notícia. As principais razões apontadas centraram-se no valor noticioso da informação e na possibilidade de selecionar notícias a partir de relatos do mesmo acontecimento, ou seja, White concluiu que “o Mr. Gates” foi “altamente subjetivo nas suas decisões” (White, 1950, p.386). O editor não permitiu que alguns temas fossem publicados porque “não eram interessantes” ou porque ele próprio não se importava com os temas. De acordo com Wolf (1994), o que White concluiu na sua pesquisa é que “(...) as normas profissionais superavam as distorções subjetivas” (Wolf, 1994, p.162) na hora de aceitar ou recusar uma notícia. Segundo o estudo feito, por White, a falta de espaço, a sobreposição de histórias já selecionadas, a falta de interesse jornalístico, a falta de qualidade da escrita, bem como a falta de proximidade dos

acontecimentos foram as explicações dadas para a recusa de uma notícia (Wolf, 1994). Ainda assim, White considerou que o *gatekeeper* é quem tem o poder dessa decisão.

Acaba por ser através deste estudo sobre o *gatekeeper* e as suas decisões que White compreende que o processo de seleção da informação e posterior comunicação das notícias é feito de forma pessoal e mais ou menos arbitrária. Sendo o jornalista um *gatekeeper*, cabe a este seleccionar o que deverá ser publicado e qual o seu detalhe. No fundo, “se a decisão for positiva, a notícia acaba de passar pelo ‘portão’; se não for, a sua progressão é impedida, o que na prática significa a sua ‘morte’ porque a notícia não será publicada, pelo menos nesse órgão de informação” (Traquina, 2005, p.150).

Segundo Wolf,

pesquisas posteriores realçaram igualmente o facto de, na seleção e na filtragem das notícias, as normas ocupacionais, profissionais e organizativas parecem ser mais fortes que as preferências pessoais. O mérito destes primeiros estudos foi o de individualizarem *onde*, em que ponto do aparelho, a ação de filtro é exercida *explicitamente* e *institucionalmente*. White analisa a actividade do *gatekeeping* no sentido específico de selecção; posteriormente, este tipo de pesquisa vem a conhecer duas fases, centradas no papel do aparelho como instituição social e numa abordagem sistemática. Por outras palavras, o carácter individual da actividade do *gatekeeper* é ultrapassado, acentuando-se, em particular, a ideia da selecção como processo hierarquicamente ordenado e ligado a uma rede complexa de feed-back. (Wolf, 1994, pp.162-163)

Portanto, nestes primeiros estudos, a teoria não leva tanto em consideração o facto de o jornalista estar inserido num contexto organizacional e reger-se por determinados critérios profissionais, oferecendo uma explicação quase que exclusivamente psicológica para as escolhas das notícias. Já os estudos posteriores aos de White, como o de Breed, colocam em linha de conta outros fatores para a filtragem das notícias como a autoridade institucional e as sanções, os sentimentos de dever e a estima para com os seus superiores, as aspirações à mobilidade profissional, a ausência de fidelidades de grupo, o carácter agradável do trabalho ou o facto de a notícia se ter transformado em valor (Breed, 1955).

Segundo Wanta (2008), a área de pesquisa sobre o *gatekeeping* tem uma tradição rica e extensa, mas também possui várias deficiências: “muitas pesquisas tendem a ser descritivas, e não analíticas, (...) descrevem o conteúdo produzido através do processo de *gatekeeping*, em vez de testar rigorosamente as proposições relacionadas ao processo” (Wanta, 2008, p.1921). Diz

ainda o autor que o termo *gatekeeping* forneceu aos investigadores uma estrutura teórica conveniente para os seus estudos, “mas algumas análises tratam do *gatekeeping* apenas assumindo que o conteúdo deve ter passado por um *gatekeeper*”, ignorando tudo o resto (Wanta, 2008, p.1921). Outra das críticas apresentadas refere que os investigadores veem o *gatekeeping* como algo isolado de outros fatores.

Nos anos 90, Pamela Shoemaker (1991) desenvolveu aquele que é considerado como um dos trabalhos mais importantes nesta área. De acordo com os estudos desta autora, o *gatekeeping* é um processo através do qual milhões de mensagens, que estão presentes no mundo, são filtradas e transformadas em centenas de mensagens que chegam a um indivíduo num determinado momento (Shoemaker, 1991). O modelo apresentado por Shoemaker (1991) refere que anunciantes, profissionais de relações públicas, grupos de pressão, fontes de informação, bem como as expectativas do público e os custos de produção, influenciam o processo e o conteúdo noticioso.

Assim sendo, “o *gatekeeping* envolve, geralmente, a tomada de decisões em grupo, com vários editores a decidir quais os temas que receberão uma cobertura proeminente” (Wanta, 2008, p.1922). Tendo em conta que há, cada vez mais, um enorme volume de notícias, é necessário incluir, excluir e hierarquizar a informação (Fontcuberta, 1993). Com a era digital percebemos que há um maior número de informações que circulam, “mas não parece haver uma maior variedade de notícias” (Welbers, van Atteveldt, Kleinnijenhuis & Ruigrok, 2018, p.315). Uma das explicações para este fenómeno pode ser que grande parte das notícias, que passam pelos mais diversos editores (*gatekeepers*), podem ser rastreadas até às mesmas agências de notícias ou serviços de transmissão (Welbers, et al., 2018). Ou seja,

essas agências de notícias agem, assim, como poderosos *gatekeepers*: onde as suas escolhas na seleção, filtragem e modelagem de mensagens afetam a entrada de informações para muitos editores de notícias e, assim, indiretamente, têm um impacto substancial na entrada de informações para os cidadãos (Shoemaker e Vos 2009). (Welbers, et al., 2018, p.315)

Desta forma, “as agências de comunicação passam a ter um papel fundamental para garantir o fluxo constante de notícias, já que oferecem um rápido e confiável fornecimento de informação” (Welbers, et al., 2018, p.315), mas também restringem a diversidade de notícias, uma vez que chegam a todos os meios de comunicação de igual modo.

Assim sendo, as agências de comunicação determinam amplamente a agenda dos media, mesmo que os selecionadores das notícias (editores) possam filtrar, interpretar e adicionar novos elementos às mensagens que obtêm das agências. No estudo de Welbers, et al. (2018), sobre a influência das agências de comunicação na seleção das notícias de política na Holanda, num jornal impresso e online, a conclusão a que se chegou é que as edições online dependem muito mais das agências de comunicação do que as edições impressas. O que se verificou também é que a agência de notícias analisada pelos autores (a ANP) “se tornou um *gatekeeper* muito influente nas notícias políticas na Holanda” (Welbers, et al., 2018, p.329), muito por culpa dos cortes económicos que ocorreram nos jornais e também devido à popularidade da internet, que passou a ser um dos meios privilegiados para a divulgação das notícias. Não obstante, dizem os autores, a importância da ANP como importante “fornecedor” de notícias, suscita preocupações pela diversidade de notícias.

Isto quer dizer que o papel do *gatekeeper* tem vindo a mudar ao longo dos tempos, devido às constantes mudanças tecnológicas. A essa conclusão chegaram Pérez-Díaz, Langa e Medina:

Os fluxos de decisão jornalística que levam à seleção das notícias, que tradicionalmente surgiram de um julgamento profissional isolado, sofreu mutações no contexto digital, em virtude de uma cultura participativa que celebra a visibilidade do interesse do público-alvo por meio do conteúdo gerado pelos utilizadores e do feedback diário sobre o processo de construção da agenda dos media (...). (Pérez-Díaz, Langa & Medina, 2020, p.223)

Por isso, é importante perceber o que é levado em consideração na hora de tomar decisões. Efetivamente, a seleção e a hierarquização dos factos estão baseadas no que se convencionou chamar de valores-notícia, características que devem ter os acontecimentos para fazer parte da agenda dos media (Webber, 2010).

No caso do desporto, há que ter em conta a emoção e as notícias aparecem de mãos dadas a ela, assim como à conquista de um público cada vez mais exigente e que procura por temas específicos. Esses temas são escolhidos pelos jornalistas e dão origem às notícias. E para compreender por que é que as notícias são como são, ou antes, porque abordam o que abordam, temos inevitavelmente de falar de valores-notícia. Os valores-notícia (*news values*), segundo Mauro Wolf, são uma componente da noticiabilidade que constitui a resposta à pergunta: “(...) quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícia?” (Wolf, 1994, p.175). De acordo com o autor, os valores-

notícia são assim os principais critérios para que ocorra uma filtragem dos acontecimentos. Já para Golding e Elliott os valores-notícia

são critérios de seleção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final, desde o material disponível até à redacção. (...) Funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na preparação das notícias para apresentar ao público, (...) os valores notícia são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. (Golding & Elliott, 1979, p. 114)

Um valor-notícia é, para Denis McQuail, “essencialmente, um certo atributo do acontecimento noticioso, pensado pelos jornalistas como tendo potencial para transformar os factos numa ‘história’ interessante para a audiência (...)” (McQuail, 2003, p.345). Conforme Golding e Elliott (1979), Wolf (1994) e Silva (2005), os valores-notícia acabam por fazer parte de todo o processo produtivo: “os valores/notícia são critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção” (Wolf, 1994, p. 175), desde a seleção até à conclusão do trabalho jornalístico, isto é, até ao fim do processo construtivo. Posto isto, os valores-notícia acabam por ser normas que definem os processos de uma redacção, as linhas editoriais a seguir. São qualidades que os acontecimentos têm ou da própria produção jornalística e, através dos quais se percebe qual a informação que pode ser recusada ou incluída no processo noticioso. Os valores-notícia são assim um mecanismo de facilitação do trabalho jornalístico.

Segundo Mauro Wolf os valores-notícia são dinâmicos, isto é,

(...) mudam no tempo, e embora revelem uma forte homogeneidade no interior da cultura profissional – para lá de divisões ideológicas, de geração, de meio, de expressão, etc. –, não permanecem sempre os mesmos. Isso manifesta-se claramente na especialização temática. (...) Assuntos que, há alguns anos, simplesmente «não existiam», constituem actualmente, de uma forma geral, notícia, demonstrando a extensão gradual do número e do tipo de temas considerados noticiáveis. (Wolf, 1994, pp.177-178)

Por tudo isto, torna-se importante perceber se, de facto, os valores-notícia no jornalismo desportivo são diferentes dos valores-notícia do jornalismo generalista. Na sequência de várias investigações, muitos pesquisadores propõem a partir dos seus trabalhos de campo diversas tipologias de valores-notícia, que são uma referência para jornalistas e académicos. Johan Galtung e Mari Ruge foram os pioneiros na abordagem desta temática. As suas pesquisas têm

sido consideradas como históricas e por muitos consideradas como atuais, já que são muitas vezes usados na seleção noticiosa. Bell descreveu o trabalho dos noruegueses como o estudo fundamental dos valores noticiosos (Bell, 1991); McQuail (2003) como a “explicação mais influente” dos valores das notícias e Tunstall (1970) acreditava que poderia ser a resposta clássica para a pergunta “o que são notícias?”.

Em 1965, Galtung e Ruge definiram um conjunto de 12 fatores, que “parecem ser particularmente importantes” (Harcup & O’Neill, 2001, p.65) para tornar um acontecimento em notícia. Os fatores são os seguintes:

- “Frequência - diz respeito à existência de uma espécie de sintonia entre a frequência do acontecimento e a periodicidade jornalística. É possível publicar um assassinato que se dá entre duas edições de um jornal, mas não é possível dar conta de uma morte específica que se desenvolve durante uma batalha em que há, pelo menos, um morto em cada minuto, tal como não é possível descrever minuciosamente a construção de uma barragem.
- Amplitude - Critério que se refere à dimensão e intensidade de um acontecimento. Assim, quanto maior a amplitude de um acontecimento, mais provável será a sua divulgação.
- Clareza - O acontecimento a noticiar terá de ser unidimensional, apenas com um significado. Quanto menos dúvidas houver em relação ao significado de um acontecimento, maiores são as probabilidades de ser noticiado.
- Significância - Critério que resulta da junção de duas interpretações: proximidade e relevância. O acontecimento terá mais impacto quanto maior for a proximidade cultural com a audiência e tem de ser relevante.
- Consonância - A capacidade de inserir uma ‘nova’ acção numa ‘velha’ definição. O valor notícia da consonância está ligado com uma pré-imagem mental. Os acontecimentos que se desviarem muito das expectativas existentes não serão registrados.
- Inesperado - Dentro do conjunto dos acontecimentos candidatos a notícia, o mais inesperado tem maior probabilidade de ser escolhido. O carácter inesperado do acontecimento é um critério que parece corrigir os restantes.
- Continuidade - Logo que algum acontecimento atinja os cabeçalhos e seja definido com notícia, então continuará a ser definido como notícia durante algum tempo, mesmo que a amplitude seja drasticamente reduzida.

- Composição - Os acontecimentos são escolhidos de modo a constituir um todo equilibrado. (...) No fundo, se houver um número muito elevado de notícias do estrangeiro, o valor de noticiabilidade de notícias domésticas será mais elevado.
- Referência a nações de elite - Quanto mais um acontecimento diga respeito às nações de elite, mais existe a possibilidade de ser representado.
- Referência a pessoas de elite - Valor-notícia da proeminência do actor do acontecimento enquanto pessoa de elite, uma vez que as acções de elite são geralmente mais importantes do que as actividades dos outros.
- Referência a pessoas/Personificação - As notícias têm tendência para apresentar os acontecimentos como protagonizados por um sujeito, uma determinada pessoa ou colectividade composta por algumas pessoas, e o acontecimento é então visto como uma consequência da acção dessas pessoas.
- Referência a algo negativo (*bad news*) - As más notícias tendem a ter mais impacto perante a audiência. Quanto mais negativo for o acontecimento, mais provável a sua transformação em notícia” (Galtung & Ruge, citados em Correia, 2011, pp.149-151).

Depois de Galtung e Ruge terem apresentado os 12 valores-notícia acima relatados, apresentaram também três hipóteses (Harcup & O’Neill, 2001, p.264): quanto mais os acontecimentos satisfizerem os critérios mencionados, maior é a probabilidade de se tornarem notícia (selecção); depois de uma notícia ser seleccionada, os itens que a tornam elegível para tal serão acentuados (distorção); tanto o processo de selecção como o de distorção acontecerão em todas as etapas da cadeia, do acontecimento até ao leitor (replicação).

Muitos foram os autores que, nos anos seguintes, continuaram a considerar os valores-notícia apontados por Galtung e Ruge como importantes. McQuail (citado em Harcup & O’Neill, 2001, p.264) considerou, mais de três décadas passadas sobre o trabalho de Galtung e Ruge, que a explicação usada pelos autores continua a ser “a explicação mais influente” no campo dos valores-notícia. Também Watson (citado em Harcup & O’Neill, 2001, p.264) considerou que o estudo dos valores-notícia de Galtung e Ruge é um marco nos estudos sobre a imprensa e afirma que os dois autores ficaram” associados à análise dos valores-notícia como Hoover ao aspirador de pó”.

No entanto, houve também quem encontrasse limitações nos estudos destes investigadores. Por isso mesmo, Harcup e O’Neill dedicaram-se a visitar o estudo clássico dos autores. Num primeiro momento avançaram com uma primeira listagem dos valores-notícia de

Galtung e Ruge, acima mencionados e depois tiveram necessidade de compreender até que ponto o primeiro estudo se mantinha atual (Harcup & O'Neill, 2017).

Em 2001, Harcup e O'Neill notaram que a taxonomia de novos valores apresentada por Galtung e Ruge ignorava a maioria das notícias, mas concluíram também que muitos desses valores se tornam, ainda hoje, ressonantes e continuam a ser úteis (Harcup & O'Neill, 2001, p.276). Os autores explicam ainda que identificar os valores-notícia pode dizer-nos mais sobre como as histórias são abordadas do que porque é que elas foram escolhidas. Todavia, Harcup & O'Neill (2001, pp.278-279) apontam, no final do estudo, uma tipologia de novos valores para a seleção das notícias. Embora admitam que haja algumas exceções, os pesquisadores constataram que as notícias, geralmente, devem satisfazer um ou mais dos seguintes requisitos para serem selecionadas:

- 1 - Referência a elites de poder: histórias sobre indivíduos, organizações ou instituições poderosas;
- 2 - Celebidades: histórias sobre pessoas que já são famosas;
- 3 - Entretenimento: histórias sobre sexo, *showbusiness*, desporto, animais, dramas, fotografias divertidas ou espirituosas manchetes;
- 4 – Surpresa: histórias que têm um elemento de surpresa e/ou contraste;
- 5 – Más notícias: histórias com conotações negativas, como conflito ou tragédia;
- 6 – Boas notícias: histórias com conotações positivas, como resgates e curas;
- 7 – Magnitude: histórias que são percebidas como suficientemente significativas, tanto no número de pessoas envolvidas, bem como pelo seu potencial impacto;
- 8 – Relevância: histórias sobre questões, grupos e nações consideradas relevantes para o público;
- 9 – Acompanhamento/ *follow-up*: histórias sobre assuntos já publicados nas notícias;
- 10 – Agenda do jornal: histórias que definem ou se encaixam na agenda da organização noticiosa.

Para além da clássica tipologia de Galtung e Ruge (1965), várias foram as taxonomias alternativas, mas semelhantes, que acabaram por surgir. Mauro Wolf (1987), Chaparro (1994) e Nelson Traquina (2004) são alguns dos autores que apresentaram uma tipologia de valores-notícia.

A classificação de Wolf não procedeu a uma alteração da teoria dos valores-notícia, mas antes a uma nova arrumação (Correia, 2011) dos mesmos em cinco categorias, tendo por base

os critérios de vários autores: 1 – as características substantivas das notícias ou o seu conteúdo; 2 – a disponibilidade do material; 3 – os critérios relativos ao produto; 4 – os critérios relativos ao público; 5 – os critérios relativos à concorrência (Wolf, 1994, p.179).

No que diz respeito aos critérios substantivos, Mauro Wolf identificou quatro variáveis: a) grau e nível hierárquico dos protagonistas envolvidos no acontecimento noticiável, sejam indivíduos ou instituições; b) o impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional; c) quantidade de pessoas que o acontecimento envolve; d) relevância e significado do acontecimento quanto à evolução futura de uma dada situação. Quanto à disponibilidade do material, este diz respeito ao quão acessível é um acontecimento para os jornalistas, quão suscetível é de ser tratado nas formas tecnicamente disponíveis, quão estruturável está de modo a ser facilmente coberto e se requer mais ou menos disponibilidade de meios (Golding & Elliott, citados em Wolf, 1994, p.184). Já no que toca às características do produto, Wolf salienta a brevidade, isto é, a exposição resumida das notícias – as notícias devem ser “suficientemente compridas para cobrirem o essencial e suficientemente curtas para reterem a atenção” (Wolf, 1994, p.185); o carácter negativo – “os acontecimentos que constituem e representam uma infração, um desvio, uma ruptura do uso normal das coisas” (Wolf, 1994, p.185); o carácter insólito – traduz-se no privilégio dado à rutura e à descontinuidade no fluxo regular dos acontecimentos; a atualidade – as notícias devem referir-se a acontecimentos que ocorrem em cima do momento; a qualidade da história – segundo Wolf este critério tem por base cinco qualidades, referidas por Gans: ação, ritmo, carácter exaustivo, clareza da linguagem e o respeito pelos padrões técnicos mínimos. No que concerne aos critérios relativos ao público, estes “referem-se ao papel que a imagem que os jornalistas têm do público desempenha” (Wolf, 1994, p.190). Isto é, Wolf anota, com base nos critérios apontados por Golding e Elliot (1979), os pressupostos implícitos acerca do que o público deseja saber: os critérios relativos à estrutura narrativa; a capacidade de atração do material que acompanha a notícia, o entretenimento e a importância da notícia. Por último, em relação aos critérios resultantes da concorrência, Mauro Wolf, tem em conta o trabalho de Gans e assinala duas tendências que a competição pelos exclusivos obriga. A primeira tendência consiste na centralização da cobertura informativa em personagens de elite e na informação institucional que acabam por se tornar responsáveis por processos de distorção involuntária. A segunda tendência consiste no facto de a competição gerar expectativas recíprocas que fazem com que uma notícia acabe por ser publicada pelo simples facto de que se espera que os concorrentes façam o mesmo.

As expectativas recíprocas desencorajam a inovação na seleção noticiosa, o que se traduz em coberturas informativas semelhantes entre os vários órgãos noticiosos.

Chaparro (1994) criou também uma tipologia de valores-notícia, contendo os seguintes critérios: atualidade, proximidade, conflito, notoriedade, conhecimento, curiosidade, conseqüências, dramaticidade e surpresa.

Já Nélon Traquina (2004) considerou a existência de dois tipos de critérios, designadamente os valores-notícia de seleção, os quais podem ser substantivos ou contextuais e os valores-notícia de construção. Nos valores-notícia de seleção substantivos, Traquina indicou os seguintes: a morte, a notoriedade, a proximidade, a relevância, a novidade, a notabilidade, isto é “a qualidade de ser visível, de ser tangível” (Traquina, 2004, p.110), o inesperado, o conflito ou a controvérsia e o escândalo. Já os valores contextuais de seleção são: a disponibilidade, “isto é, a facilidade com que é possível fazer a cobertura do acontecimento” (Traquina, 2004, p.115), o equilíbrio, a visualidade, a concorrência, a procura do *scoop* (da «cacha») e a adequação às rotinas temporais das organizações noticiosas. No que diz respeito aos valores-notícia de construção, Traquina destacou os seguintes: a simplificação, a amplificação, a relevância a qual se deve tornar manifesta; a personalização e a dramatização.

De todas as tipologias apresentadas até agora, há valores que saltam à vista como a atualidade, a proximidade, o conflito e o inesperado. É de notar também que estudos mais recentes, como o de Zúñiga e Valido (2017), que caracterizaram o uso dos géneros jornalísticos, dos valores-notícia e das fontes de informação nos meios provinciais de Santiago de Cuba também apontaram como valores-notícia mais usados nos órgãos da imprensa provincial de Santiago a atualidade, o interesse humano e a proximidade. Quer isto dizer que, de facto, estes são alguns dos valores mais usados pelos jornalistas na seleção das notícias.

Num estudo mais recente, Harcup e O'Neill (2017) voltaram a enfatizar a ideia de que “qualquer exploração dos valores-notícia pode fornecer apenas uma explicação parcial do que está por trás das decisões sobre notícias jornalísticas” (Harcup & O'Neill, 2017, p.1471), uma vez que os valores-notícia devem ser vistos não como o reflexo do que os cidadãos necessitam, mas antes como um reflexo das normas organizacionais, sociológicas e culturais, combinadas com fatores económicos (Harcup & O'Neill, 2017, p.1473).

Visto que a realidade mediática tem vindo a sofrer alterações, especialmente com a era digital, é pertinente perceber o que pode ter alterado no mundo das notícias. Por essa razão, Harcup e O'Neill (2017) concluíram que muita coisa mudou no jornalismo, desde o estudo

realizado em 2001, nomeadamente no que diz respeito ao audiovisual e à partilha de informações. Assim sendo, os dois investigadores propuseram uma tipologia atualizada dos valores-notícia mais usados na seleção das notícias.

Aos dez valores apontados em 2001, Harcup e O'Neill inseriram mais quatro novos valores: exclusividade: histórias geradas ou disponibilizadas por determinado órgão de comunicação, como resultado de entrevistas, cartas, investigações e pesquisas; conflito: histórias com controvérsias, discussões, separações, greves, lutas, insurreições e guerras; audiovisual: histórias com base em fotografias, vídeos, áudio e/ou imagens; e partilha: histórias que geram partilhas e comentários nos media sociais.

Alessandra Aldé, Gabriela Xavier, Diego Barretos e Viktor Chagas consideram, de facto, que a introdução progressiva das novas tecnologias veio alterar substancialmente o modo de produzir as notícias, inclusive nas secções especializadas. Segundo os autores, “a cobertura on-line oferece uma estrutura de decisão mais flexível, na qual personagens e fontes de menor expressão podem ser bem-sucedidos em dar visibilidade a fatos e eventos que, na mídia tradicional, poderiam não ter espaço” (Aldé, Xavier, Barretos & Chagas, 2005, p.197). Quer isto dizer que a forma de seleccionar e hierarquizar os acontecimentos, bem como a ação das fontes de informação, se foi alterando, com esta progressiva introdução de meios digitais: “ao contrário dos leitores do jornal impresso, que recebem no dia seguinte o resultado final de um processo de agendamento, seleção, comparação, análise e edição, os internautas testemunham o vaivém da produção da notícia; (...)” (Aldé et al. 2005, p.197). Ora, em relação aos critérios indicados em 2017 por Harcup e O'Neill, esta realidade digital já estava bem presente. Porém, não foram só estes os autores que fizeram um levantamento sobre os valores-notícia ao longo dos anos.

Os valores-notícias são indissociáveis da produção noticiosa e uma prova disso mesmo é a quantidade enorme de tipologias, ou taxonomias criadas ao longo dos anos para facilitar estes processos de hierarquização dos acontecimentos. Ainda assim, Braun (2009) refletiu sobre estas questões e chegou à conclusão que, apesar dos valores-notícia serem importantes e estarem presentes na literatura sobre os meios de comunicação desde 1965, eles são, no fundo, difíceis de aplicar tendo em conta as próprias notícias, o processo do *gatekeeping*, os novos media e ainda o comportamento dos profissionais.

No desporto, os valores-notícia não têm sido discutidos com tanta frequência como nos assuntos políticos, económicos e culturais. Em Portugal, há poucos estudos sobre os valores-notícia e o jornalismo desportivo, pelo que se torna difícil abordar essa questão. Sabemos já que

ao falarmos de desporto temos inevitavelmente de referir que é uma fonte inesgotável de matéria-prima para a imprensa em geral e ocupa um espaço considerável no quotidiano das sociedades, em diferentes contextos sociais. Atualmente, não se realiza um evento desportivo sem a presença dos meios de comunicação, isto porque os media têm uma função importante na divulgação e no próprio agendamento dos eventos (Bianchi & Hatje, 2006), assim como também não podemos pensar uma cobertura jornalística sem informação desportiva.

Lee e Choi (2009) realizaram um estudo sobre a cobertura dos media americanos e coreanos na Copa do Mundo (impressos e online) de 2002 e tentaram perceber se os indicadores de valores-notícia influenciavam a cobertura desportiva nesses jogos de futebol, usando um modelo de notoriedade. De acordo com os autores, o modelo de notoriedade tem por base a hipótese de que “quanto mais significativo e mais desviante for um evento, mais destaque o evento terá e, posteriormente, será coberto pelos media” (Lee & Choi, 2009, p.302). Além disso, Lee e Choi também tentaram perceber se os valores-notícia dos media online são diferentes dos valores-notícia dos media impressos.

Nas pesquisas feitas, os dois autores têm por base um dos jogos mais destacados pelos media - o jogo entre França e Senegal, com a França a sair derrotada, o que levou alguns jornais a fazer primeiras páginas com esta partida: “entre 48 jogos preliminares, este jogo recebeu muito mais cobertura do que qualquer outra partida” (Lee & Choi, 2009, p.302). Logo surgiu uma questão que era importante ter em conta: “o que faz os media prestarem mais atenção a este jogo e cobri-lo com mais destaque do que os outros?” (Lee & Choi, 2009, p.302).

Segundo os investigadores, uma das razões que pode ter justificado esta cobertura por parte dos órgãos de informação, tem que ver com o carácter inesperado do resultado, quer isto dizer que, para a maioria das pessoas, este não era o resultado esperado, logo tem mais probabilidade de ser noticiado. O valor-notícia “inesperado” é um dos valores mais usados, juntamente com a proximidade, a atualidade, a novidade, o impacto e interesse humano (Lee & Choi, 2009).

Os resultados do estudo mostram que o modelo de notoriedade é parcialmente eficaz na cobertura de eventos desportivos. Quanto à cobertura feita pelos media tradicionais e os media online, chegou-se à conclusão que os media online ou usam “padrões diferentes de valores-notícia” ou “têm os mesmos padrões, mas formas diferentes de apresentar as notícias” (Lee & Choi, 2009, p.315), isto porque os media online não têm um espaço e um tempo de apresentação limitados como os media tradicionais, uma vez que “os hiperlinks das notícias permitem que os

repórteres apresentem um número ilimitado de histórias usando outras páginas web vinculadas umas às outras” (Lee & Choi, 2009, pp.315-316). No que diz respeito aos países, o modelo de noticiabilidade não difere entre eles. “Os resultados deste estudo constataram que os eventos desportivos também estão sujeitos às hipóteses do modelo de notoriedade”, ou seja, “o conceito de significância e desvio como indicadores de valores-notícia é útil na explicação da cobertura desportiva” (Lee & Choi, 2009, p.316). Apesar de estas conclusões serem importantes, este estudo tem algumas limitações, tal como referem os autores. Ainda assim, dão um contributo relevante para aquilo que será a discussão deste relatório, mais à frente.

A tipologia de Galtung e Ruge poder-se-á revelar importante para a formulação da grelha de análise na apresentação e discussão dos dados obtidos através de entrevistas.

2.3. Em síntese

Terminada a exploração e articulação dos conceitos teóricos, fica claro que as rotinas de produção jornalísticas são necessárias ao funcionamento de qualquer órgão de informação. Elas ajudam a superar a falta de recursos e a lidar com a quantidade enorme de material que todos os dias chega às redações. Dessa forma, as rotinas são uma resposta às necessidades jornalísticas e contribuem para uma maior eficácia do trabalho desenvolvido. No entanto, estas são diferentes conforme o meio que se tem em consideração e variam ao longo do tempo e conforme as circunstâncias.

As mudanças recentes na economia e na tecnologia parecem estar a criar algumas mudanças nas rotinas de trabalho jornalísticas, estabelecidas há muito tempo. No caso do jornalismo desportivo, isso tem-se tornado visível com a revolução digital e a proliferação desmedida das redes sociais e da inteligência artificial, na produção e obtenção da informação. Para além disso, há também uma alteração na relação com as fontes, sendo que, cada vez mais, são as fontes a procurar os jornalistas. A tradicional relação de proximidade entre jornalistas desportivos e fontes de informação, que por vezes motivou críticas, tem vindo a alterar-se, no sentido em que agora os protagonistas desportivos têm outros meios, de fácil e rápida utilização, para disseminar as suas mensagens.

Sendo o jornalismo desportivo uma das secções com maior cobertura nos meios de comunicação, tal como foi possível verificar durante o estágio, torna-se ainda mais importante perceber o que guia a produção noticiosa desta secção. Neste contexto, os conceitos de valor-notícia e o próprio agendamento assumem grande importância nas decisões que os jornalistas e editores têm de tomar diariamente, devendo ser claro por que determinado assunto dever ser notícia ou não.

No caso particular do jornalismo desportivo, parece haver, por parte dos jornalistas, uma cobertura desigual das modalidades desportivas, com um predomínio bem visível do futebol. No CM essa cobertura foi observável, o que me levou a questionar quais os motivos desse benefício.

Com uma indelével capacidade de mover multidões, o futebol tornou-se sinónimo de um crescimento económico considerável das próprias organizações desportivas, facto que acaba por beneficiar, de alguma maneira, a atividade jornalística dedicada à área. Portanto, a ideia de que o jornalismo desportivo é um “jornalismo menor”, ou o “departamento de brinquedos das notícias”, acaba por se tornar menos significativa. Ao contrário do que muitos pensavam, um jornalista desportivo não tem menos valor do que os seus pares, eles estão

sujeitos aos mesmos pressupostos éticos, constrangimentos, desafios e pressões que os jornalistas de outras secções. Por esse motivo, também as suas rotinas produtivas são iguais a qualquer jornalista. Porém, e devido a algumas especificidades desta secção, pode haver diferenças no que toca a determinar o que é e o que não é notícia.

Em suma, percebe-se que as rotinas de produção são uma necessidade para os meios de comunicação e que estas podem ser redefinidas devido a acontecimentos concretos que exigem um maior foco e emprego de recursos, como por exemplo um jogo de futebol. Mas também é perceptível que a natureza do meio (impresso, ou digital, por exemplo) tem o seu papel na definição dessas mesmas rotinas.

É a partir destas linhas de pensamento que se irá traçar a metodologia empregue no breve estudo empírico que se explicitará numa próxima fase. O objetivo é compreender as rotinas de produção jornalísticas e os processos que estão por detrás das mesmas na secção de desporto do CM e, ainda, perceber porque é dada mais atenção ao futebol.

3. Caminho Metodológico: modelo de análise e técnicas de recolha e análise de dados

Terminadas as considerações sobre o período de estágio e o enquadramento teórico que delimita a problemática deste Relatório, importa, agora, traçar o caminho metodológico que vai orientar a investigação empírica. Assim sendo, este capítulo é dedicado à definição do modelo de análise, que foi construído a partir da problemática previamente tecida, e à apresentação da metodologia deste pequeno estudo.

3.1. Objetivos e pergunta de partida

Os processos de produção noticiosa por detrás das notícias desportivas pelo jornal Correio do Minho são o grande objeto de estudo deste Relatório de Estágio. Tendo em conta o mote do estudo e o quadro teórico, o grande conceito que se operacionaliza é o de “produção noticiosa”. Para isso, este relatório tem sido guiado pelos seguintes objetivos:

- compreender as rotinas produtivas no jornal CM, a partir da minha observação e da perceção dos jornalistas;
- perceber quais os processos de produção usados na secção de desporto, com base na minha observação e na perceção dos jornalistas que lá trabalham;
- compreender as modalidades predominantes na cobertura jornalística em desporto, segundo a minha observação durante o estágio e a partir da perceção dos jornalistas.

De modo a conseguir perceber estas tendências, é crucial traçar a questão de investigação, que, neste caso, já foi definida no final do capítulo sobre o estágio. Quivy e Campenhoudt (2008) consideram que “uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.31) sendo que a forma mais eficaz de a começar é através da elaboração de um “primeiro fio condutor”, ou seja, de uma a pergunta de partida. Isto porque, para os autores, uma pergunta de partida é a forma “através do qual o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.32), tendo, por isso a função de “fio condutor da investigação” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.44).

Como tal, Quivy e Campenhoudt salientam que uma boa pergunta de partida deve ser “precisa”, “concisa e unívoca”, “realista” e tem de “ter uma intenção de compreensão dos fenómenos estudados” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.44). Tendo em conta estas linhas-guia e, também, os objetivos deste trabalho, que se prendem com a compreensão dos processos de produção noticiosa na secção de desporto do CM, foi elaborada a seguinte pergunta de partida:

“Que processos de produção noticiosa estão por detrás das notícias desportivas no jornal Correio do Minho?”. Esta questão tem orientado a reflexão teórica deste Relatório e continuará a orientar o trabalho de investigação que se segue.

3.2. O modelo de análise

Para conseguir obter as respostas à pergunta de partida, foi elaborado um modelo de análise para explorar os processos de produção noticiosa que estão por detrás das notícias desportivas, no caso concreto do jornal CM.

Para Quivy e Campenhoudt, o modelo de análise “é o prolongamento natural da problemática, articulando de forma operacional os marcos e as pistas que serão finalmente retidos para orientar o trabalho de observação e de análise”, é composto por “conceitos e hipóteses estritamente articulados entre si para, em conjunto, formarem um quadro de análise coerente (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.150).

Visto que “cada investigação é uma experiência única, que utiliza caminhos próprios” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.120), é necessário, por isso, traçar o modelo de análise mais adequado para levar a cabo cada trabalho. Desse modo, e tendo em conta a natureza da questão a estudar, em termos metodológicos, esta pesquisa é guiada por uma abordagem qualitativa, que segundo Clara Coutinho (2018), assenta em várias ideias-chave: “complexidade, subjetividade, descoberta, lógica indutiva” e “não linearidade” (Coutinho, 2018, pp.328-329).

Já Minayo aponta que “o verbo principal da análise qualitativa é compreender” (Minayo, 2012, p.623), sendo que a preocupação da pesquisa qualitativa não é tanto com “os aspetos que se repetem”, mas sim “com a sua dimensão sociocultural que se expressa por meio de crenças, valores, opiniões, representações, formas de relação, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas” (Minayo, 2017, p.2). Godoy (1995) salienta, também, que a pesquisa qualitativa “tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental” (Godoy, 1995, p.62). Para além disso, acrescenta o autor, que o interesse dos investigadores qualitativos “está em verificar como determinado fenómeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias” e que tentam “compreender os fenómenos que estão a estudar a partir da perspetiva dos participantes” (Godoy, 1995, p.63). Ou seja, os investigadores qualitativos estão preocupados com o processo ou o conteúdo e não simplesmente com o procedimento e os resultados (Godoy, 1995; Coutinho, 2018).

Outra das características da pesquisa qualitativa é “a ausência, em muitos casos, de hipóteses formalmente explicitadas” (Coutinho, 2018, p. 54). Godoy (1995) esclarece, igualmente, que “como os investigadores qualitativos não partem de hipóteses estabelecidas a priori”, não têm a preocupação de “recolher dados ou evidências que corroborem ou neguem tais suposições” (Godoy, 1995, p.63). O que neste caso se verifica, já que, para esta investigação, não foram definidas hipóteses, por se considerar que não seriam pertinentes para o tipo de trabalho que se pretende desenvolver.

Este modelo de análise conta, então, com elementos de origem dedutiva, as leituras, e de origem indutiva, a observação não-sistemática realizada durante o período de estágio, pois, como explicam Quivy e Campenhoudt (2008), o método hipotético-indutivo e o hipotético-dedutivo “articulam-se, mais do que se opõem”, já que “qualquer modelo comporta inevitavelmente elementos de estruturação dedutiva, mas também indutiva” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.144).

Optou-se, então, por uma metodologia qualitativa, fazendo uso das entrevistas e do material elaborado ao longo do estágio, por se considerar que para os assuntos a estudar – os processos de produção noticiosa que estão por detrás das notícias desportivas do jornal CM – seria a melhor forma de recolher os dados e de interpretá-los. Dados esses que serão analisados, depois, através de uma análise de conteúdo.

Segundo Isabel Carvalho Guerra (2014), nas investigações qualitativas o investigador vai para o terreno ainda sem um tema definido, ou seja, “(...) o objeto não está formado à partida – constrói-se progressivamente em contacto com o terreno (...)” (Guerra, 2014, p.37). Na verdade, o objeto de estudo desta investigação foi definido após o início do estágio no jornal CM.

A recolha dos dados e a análise, não foi, tal como sugere Guerra (2014, p.37), feita, à partida, mas antes sob a orientação de um quadro concetual. Apesar de a autora sustentar que as pesquisas qualitativas se iniciam, normalmente, “não estando previsto um quadro teórico e um quadro de hipóteses estabelecidos a priori” (Guerra, 2014, p.37), acreditou-se que, para esta investigação em concreto, seria mais proveitoso que a recolha de dados (as entrevistas) se processasse já com linhas orientadoras definidas.

3.2.1. Concetualização, a construção dos conceitos

Como Quivy e Campenhoudt (2008) esclarecem, “a elaboração dos conceitos chama-se conceptualização” e “constitui uma das dimensões principais da construção do modelo de análise” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.111). Segundo os autores, a conceptualização é “uma construção abstrata que visa dar conta do real”, que “não retém todos os aspetos da realidade em questão, mas somente o que exprime o essencial dessa realidade, do ponto de vista do investigador”, sendo, portanto, “uma construção-seleção” (Quivy & Campenhoudt, 2008, pp.121-122).

Para construir um conceito de forma eficiente é necessário definir as dimensões que o constituem, e, em seguida, “precisar os seus indicadores, graças aos quais estas dimensões poderão ser medidas” (Quivy e Campenhoudt, 2008, p.150).

Este modelo de análise visa a compreensão, e não a explicação, sobre como se processam as rotinas de produção jornalísticas na secção de desporto, num jornal regional como o CM. Ainda que, em vários momentos, se tente adiantar possíveis explicações para os fenómenos estudados, estas têm o sentido de interpretação e não tanto de explicação, propriamente dita. Como menciona Coutinho: “o propósito da investigação qualitativa é compreender os fenómenos na sua totalidade e no contexto em que ocorrem” (Coutinho, 2018, p.329).

Assim sendo, vai ser utilizado o seguinte quadro conceptual:

Conceito	Dimensão	Componentes		Indicador	
Processos de produção jornalística nas notícias desportivas [O caso do jornal Correio do Minho]	Escrita jornalística - Géneros jornalísticos	Notícia		Género com maior destaque na secção de desporto	
		Reportagem			
		Breve			
		Crónica de jogo			
		Cabinas			
		Comentário			
	Recolha de informação	Contacto direto com a fonte (através de telefone, email ou presença)		Tipo de recolha com maior destaque	
		<i>Press releases</i> , ou comunicados de imprensa			
		Conferências de imprensa			
		Redes sociais			
	Figura de destaque (fontes de informação)	Individual	Treinador		Personagem com maior foco no corpo da notícia
			Atleta/s		
			Dirigente/Presidente		
			Cidadão Comum		
		Coletiva	Associação		
Clube					
Outras Instituições					
Valores-notícia	Atualidade		Informação nova e relevante para o público		
	Significância		Proximidade e relevância para o público		
	Inesperado		Informação inesperada para o público		
	Referência a pessoas de elite		Incidência a figuras de destaque (atletas, clubes, associações, treinadores)		
	Referência a algo negativo		Informação com carácter negativo		

Tabela 1- Construção e Operacionalização dos conceitos

A tabela 1 representa a forma como se operacionalizou o conceito de processos de produção jornalística nas notícias desportivas. Foram encontradas quatro dimensões constituintes deste conceito: ‘escrita jornalística - géneros jornalísticos’, ‘recolha de informação’, ‘figuras de destaque’ e ‘valores-notícia’. Para cada uma destas dimensões foram definidas as componentes e, posteriormente, os indicadores que vão ajudar a medir essas dimensões. Os indicadores vão ser medidos através das perceções dos entrevistados, com base na sua experiência de trabalho. A ideia é, com base nas perceções dos jornalistas, obtidas a partir de uma entrevista, perceber a forma como trabalha a secção de desporto do CM, perceber a forma como o jornalismo desportivo trabalha em Portugal e, ainda, a forma como estes jornalistas “praticam” o jornalismo desportivo.

A primeira dimensão (escrita jornalística) tem cinco componentes e pode ser medida através do indicador: género com maior destaque na secção de desporto. Já a dimensão ‘recolha de informação’ tem quatro componentes e pode ser medida através do indicador: tipo de recolha com maior destaque. Tem como objetivo compreender como é feita a recolha de informação pelos jornalistas, medindo qual o tipo de recolha que tem mais destaque, se o contacto pessoal com as fontes, se o contacto indireto. Na dimensão ‘figuras de destaque’, há duas componentes e o indicador para as medir é: personagem com maior foco no corpo da notícia. Nesta dimensão, o propósito é saber qual ou quais as figuras que são mais destacadas na produção noticiosa desportiva. Por último, a dimensão ‘valores-notícia’ tem como componentes alguns dos valores apresentados na tipologia de valores-notícia de Galtung e Ruge (1965) e estas componentes podem ser medidas através dos seguintes indicadores: informação nova e relevante para o público, proximidade e relevância para o público, informação inesperada para o público, incidência a figuras de destaque (atletas, clubes, associações, treinadores) e informação com carácter negativo. A ideia é perceber que valores são mais usados na seleção de um acontecimento desportivo, que poderá ou não vir a ser notícia.

3.2.2. A seleção da amostra

Num estudo qualitativo, segundo Clara Coutinho, “a amostra é sempre intencional, porque não há razão para que seja representativa da população” (Coutinho, 2018, p.330). Assim, a seleção da amostra desta investigação foi feita através de uma amostragem não probabilística intencional. Também Jorge Duarte defende que a seleção da amostra em estudos qualitativos “tende a ser não probabilística”, já que, diz o autor, “a definição depende do julgamento do pesquisador e não de sorteio a partir do universo, que garante igual chance a todos (característica

das amostras probabilísticas)” (Duarte, 2008, p.66). Jorge Duarte aponta dois tipos de amostra não probabilística: a amostragem por conveniência ou a amostragem intencional e diz o seguinte: “a seleção da amostra é intencional quando o pesquisador faz a seleção por juízo particular, como conhecimento do tema ou representatividade subjetiva. Neste caso, ele pode selecionar conhecedores específicos do assunto (...)” (Duarte, 2008, p.66).

Carmo e Ferreira (2008) corroboram essa ideia e explicam que esta amostra ocorre quando o “investigador seleciona intencionalmente alguns casos considerados como comuns” e é “utilizada quando existem grandes limitações em tempo e nos recursos disponíveis” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 216).

Dessa forma, então, a seleção recaiu sobre dois jornalistas (Miguel Machado e Rui Serapicos) e um estagiário (Ricardo Anselmo) da secção de desporto do CM e, ainda, sobre três jornalistas com responsabilidades editoriais: o editor do desporto e subchefe de redação (Carlos Costinha Sousa), o chefe de redação (Rui Miguel Graça) e o diretor do jornal (Paulo Monteiro). A entrevista ao diretor do jornal não se realizou, por motivos que não controlo, embora esta fosse uma entrevista importante para este Relatório. Foram escolhidos estes jornalistas, porque conhecem bem a realidade da secção desportiva e do próprio jornal e porque estiveram responsáveis pela minha aprendizagem durante o estágio.

3.2.3. A entrevista como técnica de recolha de dados

Depois de definido o problema, os conceitos e selecionada a amostra, o passo seguinte da investigação passa pela recolha dos dados, ou seja, “trata-se de saber ‘o que’ e ‘como’ vão ser recolhidos os dados e que instrumentos vão ser utilizados” (Coutinho, 2018, p.105). Segundo Clara Coutinho “todo e qualquer plano de investigação implica uma recolha de dados originais por parte do investigador” (Coutinho, 2018, p.105), logo, visto que este trabalho é de origem qualitativa, e, como tal, visa a compreensão dos fenómenos, foi escolhido como instrumento de recolha de dados a entrevista.

Assim, optou-se por fazer entrevistas semiestruturadas, as que são “comummente utilizadas na pesquisa qualitativa” (Fraser & Gondim, 2004, p.144). Estas “combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto” (Boni & Quaresma, 2005, p.75). Permitem “delimitar o volume das informações” e “obter um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados” (Boni & Quaresma, 2005, p.75). É o entrevistador que sugere o tema a explorar, sendo que o objetivo

é limitado e estabelecido previamente. É também o entrevistador que “conduz o entrevistado ao assunto sempre que ele se afaste do mesmo” (Portela, 1978, p.77).

Segundo Clara Coutinho, as entrevistas são uma “poderosa técnica de recolha de dados, porque pressupõem uma interação entre o entrevistado e o investigador, possibilitando a este último a obtenção de informação que nunca seria conseguida através de um questionário” (Coutinho, 2018, p.141).

Esta técnica de recolha de dados permite ao investigador, segundo Quivy e Campenhoudt, “retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados”, estabelecendo-se “uma verdadeira troca”, entre investigador e entrevistado, onde o entrevistado “exprime as suas perceções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.192). Simultaneamente, “através das suas perguntas abertas e das reações”, o investigador evita que a conversa “se afaste dos objetivos da investigação” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.192).

Nesta investigação foi elaborado um guião de entrevista (Anexo 22), que inclui as linhas orientadoras, de modo a serem compreendidos os assuntos a estudar. Foram colocadas três questões que não derivam diretamente da operacionalização, mas permitem compreender alguns aspetos importantes discutidos na primeira parte deste Relatório.

Segundo Guion, Diehl e McDonald (2011), “o guião da entrevista deve ser elaborado para ajudar o entrevistador a concentrar-se em tópicos importantes para explorar, manter a consistência entre entrevistas com diferentes entrevistados e permanecer no caminho certo durante processo das entrevistas” (Guion, Diehl & McDonald, 2011, p.2). No entanto, ainda que haja um guião previamente elaborado e que permite ao entrevistador abordar todos os conceitos relevantes, as entrevistas gozam de alguma liberdade, quer para o entrevistador, quer para o entrevistado.

As entrevistas foram realizadas, individualmente, através de videoconferência na plataforma ZOOM, uma vez que, devido à pandemia da Covid-19, não estavam permitidas certas atividades presenciais. No entanto, as entrevistas foram realizadas seguindo todas as linhas orientadoras previamente definidas.

Para além disso, o áudio das entrevistas foi gravado com autorização dos entrevistados e, posteriormente, transcrito, assim como foram tomadas notas no decorrer das entrevistas para que nada ficasse esquecido, como hesitações, interjeições, ou algumas palavras destacadas pelo entrevistado. Nenhum dos entrevistados solicitou anonimato.

3.2.4. A análise de conteúdo como técnica de análise de dados

De acordo com Rosália Duarte (2004), a análise de entrevistas é uma

tarefa complicada e exige muito cuidado com a interpretação, a construção de categorias e, principalmente, com uma tendência bastante comum entre os pesquisadores de debruçar-se sobre o material empírico, procurando 'extrair' dali elementos que confirmem as suas hipóteses e/ou pressupostos (...) de referência. (Duarte, 2004, p.216)

Assim sendo, é necessário estar atento à “interferência da nossa subjetividade, ter consciência dela e assumi-la como parte do processo de investigação” (Duarte, 2004, p.216).

Por isso, no que se refere ao tratamento e análise dos dados recolhidos, as entrevistas foram transcritas na íntegra, tendo-se, mesmo assim, procedido a algumas edições do texto, de forma a evitar erros e repetições. Para garantir que não era esquecido algum aspeto não-verbal (silêncios, pausas ou hesitações), que pode ser útil na interpretação dos dados, a transcrição e edição da entrevista ocorreu quase imediatamente à sua realização. No decorrer das entrevistas, estes aspetos foram anotados, para, depois, serem tidos em conta.

Segundo Guerra, “todo o material recolhido numa pesquisa qualitativa é geralmente sujeito a uma análise de conteúdo” (Guerra, 2014, p.62) e, dada a natureza desta investigação, das técnicas utilizadas na recolha de materiais e dados empíricos, optou-se pela realização de uma análise de conteúdo de natureza qualitativa. Para Silva e Fossá a análise de conteúdo

é uma técnica de análise das comunicações, que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. Na análise do material, busca-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás dos discursos. (Silva & Fossá, 2013, p.2)

Bardin também descreve a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos da descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2008, p.40). Para a autora, “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de receção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (Bardin, 2008, p.40).

Na perspetiva de Isabel Carvalho Guerra, a análise de conteúdo é o momento em que o investigador vai confrontar o seu quadro de referência teórico, com o material que recolheu de forma empírica (Guerra, 2014). De acordo com Guerra, a análise de conteúdo conta com

uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interpretações do analista face a um objeto de estudo, com recurso a um sistema de conceitos teórico-analíticos cuja articulação permite formular as regras de inferência. (Guerra, 2014, p.62)

Guerra defende que a forma como o conteúdo em análise é tratado muda consoante a pesquisa e o investigador (Guerra, 2014). Silva e Fossá esclarecem que a “inferência e interpretação”, ou seja, o tratamento dos resultados obtidos, tem por objetivo “captar os conteúdos manifestos e latentes” (Silva & Fossá, 2013, p.4) presentes em todo o material recolhido.

Assim, para este estudo procedeu-se a uma análise de conteúdo categorial das cinco entrevistas realizadas, com o principal objetivo de tratar a informação contida nas mensagens e analisar os seus significados. A interpretação dos dados recolhidos foi feita tendo em conta os indicadores definidos na operacionalização dos conceitos.

Para este estudo, o corpus para a análise de conteúdo tem em conta a informação obtida nas cinco entrevistas, sendo que, na discussão de resultados também figurarão os conteúdos discutidos na fundamentação teórica.

4. As percepções dos jornalistas sobre as rotinas de produção na secção de desporto

Depois de definido o modelo de análise e explicadas as linhas metodológicas que orientam este trabalho, é agora tempo de interpretar e analisar os dados recolhidos através das entrevistas semiestruturadas feitas a cinco jornalistas do jornal CM, com o intuito de dar resposta à pergunta de partida “Que processos de produção noticiosa estão por detrás das notícias desportivas no jornal Correio do Minho?”.

As informações recolhidas das entrevistas foram analisadas através de análise de conteúdo, por categorias e temas, de modo a ser mais fácil a análise dos diferentes indicadores e da opinião dos diferentes entrevistados.

Como já foi referido, no total foram realizadas cinco entrevistas, com os seguintes profissionais: Rui Miguel Graça, então chefe de redação do CM; Carlos Costinha Sousa, agora editor de desporto e subchefe de redação; Miguel Machado e Rui Serapicos, jornalistas da secção, e Ricardo Anselmo, estagiário na mesma secção. Importa referir, uma vez mais, que não foi possível realizar a entrevista com o diretor do jornal, por questões que não controlo, embora considere que pudesse ser uma mais-valia para a compreensão de algumas temáticas deste Relatório. As entrevistas tiveram uma duração entre 27 minutos a uma hora, foram gravadas e, posteriormente, transcritas para então serem analisadas.

A análise de conteúdo, segundo Bardin (2008) prevê três fases fundamentais a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação, que foram devidamente seguidos neste trabalho. Foi ainda tido em referência o trabalho da autora Rosana Câmara (2013).

Na primeira fase, na pré-análise, foi feita a organização do material, com a transcrição integral das entrevistas e a sua “leitura flutuante”, ou seja, houve um primeiro contacto com os documentos que iriam ser submetidos a análise. De seguida, passou-se à escolha de categorias, “que surgiram das questões norteadoras” (Câmara, 2013, p.185) e a organização destas em temas. Na segunda fase, na fase de exploração do material foram escolhidas “as unidades de codificação” (Câmara, 2013, p.185) e expressas em tabelas as categorias e as respetivas falas dos entrevistados, agrupando-se os temas nas categorias definidas. Em todo o processo de construção das categorias, procurou-se sempre preservar na íntegra a fala do entrevistado. Na terceira fase do processo da análise de conteúdo, no tratamento dos resultados fez-se a interpretação dos dados e a relação dos mesmos com a fundamentação teórica.

4.1. As percepções dos jornalistas do CM sobre os processos de produção noticiosa e o lugar do futebol e das modalidades amadoras

Para a pergunta de partida definida para este Relatório – “Que processos de produção noticiosa estão por detrás das notícias desportivas no jornal Correio do Minho?” – foram definidas duas categorias de análise e os seus respetivos temas. A primeira categoria diz respeito à percepção sobre os processos de produção noticiosa e tem como temas: as decisões editoriais, os critérios de seleção, a recolha de informação (redes sociais, agências de comunicação e pressões), os géneros jornalísticos e as figuras de destaque. A segunda categoria é referente ao lugar do futebol e das modalidades amadoras e tem como temas a primazia do futebol, o lugar das modalidades e o crescimento do desporto.

4.1.1. Os processos de produção noticiosa na secção de desporto

Da análise das entrevistas resultou a primeira categoria – percepção sobre os processos de produção noticiosa –, em que os entrevistados expressaram as suas opiniões sobre o modo como se organiza todo o trabalho na secção de desporto, que tem algumas particularidades.

Assim, e tendo em conta o primeiro tema desta categoria – as decisões editoriais –, todos os entrevistados referiram que quem toma as decisões no CM é a direção do jornal. Os jornalistas seguem uma linha orientadora definida pela direção, mas têm, igualmente, autonomia para decidir o que podem publicar. Rui Serapicos, jornalista da secção de desporto salientou, no entanto, que “houve tempos em que os jornalistas tinham, individualmente, mais responsabilidades, no sentido de procurar, escolher e produzir as notícias (...)”, mas hoje em dia a decisão sobre aquilo que é notícia está mais estruturada ao nível da hierarquia editorial do jornal.

No que diz respeito ao tema ‘critérios de seleção noticiosa’, todos os jornalistas identificaram a atualidade, a proximidade geográfica, a referência a clubes/associações e figuras minhotas e, ainda, o interesse do público. Alguns referiram, também, os interesses financeiros como um critério que é tido em conta na hora de decidir o que é ou não notícia em desporto:

“Nós procuramos privilegiar, no caso do desporto, os clubes da região do Minho e, em segundo plano, os clubes nacionais, mas quer seja a nível desportivo, quer seja para outra secção do jornal, aquilo que nós fazemos é cobrir a região delimitada pelos rios Ave e Minho. Ou seja, um dos critérios fundamentais é a proximidade, embora não deixemos de fazer notícias nacionais, quando isso também nos interessa. (...) outro critério passa pela atualidade, porque estas competições são diárias e pelo interesse do público. (...)”

Daí que a linha editorial que seguimos, também, vá sofrendo algumas alterações consoante as páginas que temos disponíveis nesse dia no jornal, mediante as pessoas que temos para trabalhar e mediante a importância das competições. Quer isto dizer que nós também avaliamos a importância do acontecimento e se este faz referência a pessoas, a clubes ou modalidades que sejam de destaque ou que tragam algum destaque para as regiões que cobrimos”. (Carlos Costinha Sousa, editor da secção de desporto)

“(…) os órgãos de comunicação social só sobrevivem mediante receitas, não é? E há muitos interesses financeiros associados, que muitas vezes impõem determinado tipo de matérias ou notícias..., mas isso é sempre definido em termos de direção (...)”. (Miguel Machado, jornalista da secção)

Alguns destes critérios de seleção noticiosa foram avançados durante na revisão de literatura como sendo os valores mais destacados nas secções de desporto.

No tema ‘recolha de informação’ o contacto direto com as fontes é referido por todos os entrevistados como o formato privilegiado. Ainda assim, a recolha através de *press releases* e das redes sociais também é muito usual na secção de desporto:

“Nós acabamos por utilizar todas essas formas para recolher a informação, mas aquela que deve ser privilegiada e aquela que eu prefiro, é, sem dúvida, o contacto direto com a fonte. Esse contacto tem que existir quase sempre, se não sempre para auxiliar as outras formas, seja um *press*, uma rede social, o que for, no sentido de perceber a informação (...)”. (Rui Miguel Graça, chefe de redação)

Devido à quantidade grande de informação que a secção recebe por dia, via email, os *press* são uma fonte muito utilizada. Já as redes sociais são uma nova ferramenta, que serve, essencialmente, como fonte secundária e não como fonte direta. Ricardo Anselmo, estagiário da secção, refere que, atualmente, os clubes e associações utilizam muito as redes sociais para comunicar, o que as torna “um local de excelência para recolher a informação”.

Os jornalistas admitem que as redes sociais podem ser vantajosas, desde que haja uma verificação e um confronto da informação, mas podem, também, “atrapalhar” e levar a cometer mais erros devido à rapidez com que circulam as informações. De facto, tal como foi avançado na parte teórica, por autores como Sheffer e Schultz (2010), Rony, Yousuf e Hassan (2018), Müller, Schneiders e Schäfer (2016), Von Nordheim, Boczek e Koppers (2018) as redes sociais são uma inovação para o jornalismo e têm sido largamente utilizadas.

No que diz respeito às agências de comunicação todos concordam que elas são vantajosas para o trabalho jornalístico, especialmente num órgão regional, com poucos recursos humanos e financeiros, porque facilitam a procura e a recolha, mas podem ser perigosas se não forem verificadas ou se forem copiadas.

“As agências de comunicação têm a vantagem de divulgar muita informação, mas a desvantagem é que atropelam muito o trabalho jornalístico. Uma agência de comunicação reproduz a informação de forma como quer que ela saia e, hoje em dia, os departamentos de comunicação das empresas e instituições, eles já fazem informação em formato notícia e a tentação, quando isso chega a um jornal é conforme a informação vem, conforme ela vai e isso é um risco!”. (Miguel Machado, jornalista da secção)

De forma genérica, o que se verifica é que os jornalistas estão atentos às novas formas de recolha de informação, procuram adaptar-se a elas, usá-las, mas seguir sempre o princípio básico da sua profissão: a verificação da informação e o confronto de pontos de vistas. Carlos Costinha Sousa, editor e subchefe de redação, aponta a verificação e o contraditório como as “armas fundamentais da profissão”.

Quando questionados sobre a pressão exercida por parte dos gabinetes de comunicação dos clubes ou das associações desportivas para a publicação de notícias, os entrevistados reconheceram que ela existe, mas sentem que não é uma pressão declarada ou que não surte muito efeito no desempenho das suas funções. Ainda assim, referem que as pressões vêm, muitas vezes das relações financeiras do jornal com determinadas entidades. Nos clubes regionais, a pressão é feita para obter visibilidade ou baseia-se nas relações de amizade entre jornalistas e clubes ou dirigentes.

Quanto ao tema ‘géneros jornalísticos’, os jornalistas mencionam que, na secção de desporto, se utilizam todos os géneros jornalísticos, embora alguns tenham maior incidência, como as entrevistas, mencionadas pelo editor de desporto, as reportagens, onde incluem as crónicas e as notícias, referidas por todos. Rui Miguel Graça, chefe de redação, refere que a secção de desporto é diferente das restantes secções, uma vez que “tem três vertentes de jornalismo”:

“(…) o jornalismo informativo, do dia a dia, onde se desenvolvem muitas notícias, tem um jornalismo de investigação pontual, principalmente numa altura de mercado de transferências (...) e, depois, tem o jornalismo mais presencial, com as crónicas desportivas das coberturas dos eventos, sejam eles jogos de futebol, hóquei em patins, ou andebol”.

Todos alegam que desenvolver o género reportagem, já que consideram as crónicas de jogo como sendo reportagens, ainda que mais pequenas e, por isso, também a apontam como sendo um género muito usado na secção desportiva. Apesar de mencionarem as reportagens como género utilizado na secção de desporto do CM, os jornalistas reconhecem que este género “está a ser esquecido” e indicam que isso se deve, fundamentalmente, aos leitores, mas também à falta de espaço e tempo, às limitações financeiras e à presença das redes sociais e das agências de comunicação.

“(…) a interpretação que eu tenho (…) é que a proliferação das agências de comunicação e a facilidade de comunicação pela internet, com o aumento de comunicados e a capacidade de comunicação através das redes sociais, levam, muitas vezes, as empresas a poupar tempo e despesas (…) aquilo que se fazia há uns anos, de se enviar um jornalista ao local, hoje faz-se pedindo a uma pessoa que envie respostas por email, p.e.”. (Rui Serapicos, jornalista da secção de desporto)

Na verdade, as crónicas e as notícias foram avançadas na revisão de literatura como sendo os géneros mais usados no jornalismo desportivo, por autores como Paniagua (2010) e Sobral e Magalhães (1999).

O último tema desta primeira categoria diz respeito ‘às figuras de destaque’ usadas em desporto. Para os entrevistados as figuras de destaque na secção de desporto passam, essencialmente, pelas figuras ligadas ao futebol, a modalidade de maior importância no jornal e, ainda, pelas figuras que obtêm resultados positivos sejam de âmbito regional, ou nacional, mas sempre com ligação ao Minho. Referem os atletas/jogadores, os treinadores, os clubes/associações e os dirigentes. Estes últimos “aparecem pontualmente”, para promoverem as instituições: “Claramente que as figuras que se destacam mais são as figuras ligadas ao futebol, como treinadores, jogadores/atletas, dirigentes, clubes e associações” (editor da secção de desporto).

4.1.2. O lugar do futebol e das modalidades amadoras

A segunda categoria refere-se à forma como os jornalistas do CM percebem a presença do futebol e das modalidades amadoras na secção de desporto. Dentro desta categoria há três temas, que se relacionam entre si: a hegemonia do futebol e a televisão como o veículo de transmissão por excelência; o lugar das modalidades amadoras e o crescimento do desporto (motivos e vantagens de uma secção desportiva).

O primeiro tema ‘a hegemonia do futebol e a televisão como o veículo de transmissão por excelência’ foi, provavelmente, o tema que gerou respostas mais rápidas e seguras entre os entrevistados. Para todos os profissionais é bem claro que futebol é o desporto privilegiado na secção desportiva e nos jornais em geral. É chamado de “desporto-rei”, aquele que domina audiências, páginas e visibilidade. É visto como um negócio que movimenta massas, gera publicidade e atrai leitores

“O futebol tornou-se privilegiado porque é um negócio, porque movimenta mais massas, na prática é o que tem mais adeptos, é o que os leitores mais procuram em termos de notícias, quer seja nos jornais ou na televisão...”. (Rui Miguel Graça, chefe de redação)

Os entrevistados expressam com clareza que o futebol representa uma fatia muito grande nos jornais, acabando, como refere Ricardo Anselmo, “por comer tudo à sua volta”. Um dos motivos para a hegemonia do futebol, segundo os entrevistados, está relacionado com a preferência dos leitores, com o número de participantes e adeptos, mas também com a dimensão social e cultural que a modalidade alcançou em Portugal e no Mundo:

“A televisão mediatizou o futebol, por isso, é difícil distanciar as duas realidades”.
(Ricardo Anselmo, estagiário da secção)

Outro dos aspetos apontados pelos entrevistados para o fenómeno do futebol prende-se com a televisão, já que esta ajudou a mediatizar a modalidade, mas também condiciona a visão dos jornais na hora de escrever sobre futebol. Apenas um entrevistado não considerou que os jornais e, em especial, o CM andam “a reboque” da televisão na matéria do futebol. Rui Miguel Graça explicou que a televisão tem um contexto noticioso diferente do contexto dos jornais, por isso, estes últimos acabam, na sua opinião, “por fazer um trabalho diferenciado”.

Entre as várias razões para justificar que os jornais andam “a reboque” da televisão, em matéria de futebol, estão as dificuldades económicas, a falta de recursos humanos e a marcação da agenda das competições.

“(...) é a televisão que marca a hora dos jogos, que dita os calendários das competições e isso influencia e muito uma secção desportiva... o formato privilegiado é a televisão, sem dúvida!”. (Miguel Machado, jornalista de desporto)

Realmente, reconhece-se que o futebol é o desporto privilegiado nos jornais e que, a par dos leitores, das questões culturais, sociais e de gosto, a televisão aparece como o meio que permitiu a mediatização do futebol. De facto, as razões de ordem económica e a falta de recursos humanos aumentam a dependência dos jornais face à televisão. Estas questões foram avançadas na discussão teórica por autores como Erbolato (1981), Coelho (2001, 2004, 2006), Horky (2010), Finger e Oselame (2014), ou Lopes e Pereira (2006).

O segundo tema diz respeito ao lugar das modalidades amadoras. Os entrevistados referem-se às modalidades amadoras como importantes na secção desportiva, mas que não conseguem ter uma promoção, nem uma visibilidade mundial equiparável à do futebol. As razões apontadas são essencialmente o público e as receitas, já que no CM, dizem os entrevistados, “há uma aposta grande na cobertura das modalidades amadoras”.

Os jornalistas reconhecem que poderia haver uma aposta muito maior na cobertura das modalidades, mas nem todos estão de acordo em relação aos ganhos que isso poderia trazer. O editor de desporto, o estagiário da secção e o jornalista Rui Serapicos acreditam que o facto de se fazerem mais páginas de modalidades amadoras poderia trazer mais leitores e apoiantes para essas modalidades, embora confessem que estas nunca conseguiriam alcançar o futebol:

“(...) se apostássemos mais nas modalidades haveria, certamente, mais leitores e mesmo a nível de publicidade torna-se mais fácil vender. No entanto, por muito que apostes, em Portugal, numa outra modalidade qualquer nunca, pelo menos nos próximos anos, nunca vão conseguir bater os números do futebol! Nunca, é impossível! E basta pensar nos valores que envolvem o futebol, a nível financeiro e os que estão envolvidos a noutra modalidade qualquer”. (Carlos Costinha Sousa, subchefe de redação)

Já o chefe de redação explica que teria de haver “uma aposta global” para que as modalidades pudessem figurar mais nos meios de comunicação. Contudo refere que, por si só, “sem um acompanhamento das prestações, sem uma melhoria de classificações e de comportamentos”, não se conseguem atrair mais leitores para as modalidades amadoras.

Domingos e Kumar (2006) e Rowe (2007) referidos na parte teórica deste Relatório, deram conta, tal como os entrevistados, que há uma grande discrepância entre os destaques concedidos ao futebol e às restantes modalidades. Efetivamente, a imprensa desportiva faz uma cobertura

saturada de um pequeno número de desportos, como o futebol e negligencia os restantes, embora no CM essa cobertura tente ser mais equilibrada.

O último tema desta categoria é referente ao ‘crescimento do desporto’, com destaque para os motivos que levam a esse crescimento e as vantagens de ter uma secção desportiva num jornal regional ou nacional.

Os profissionais do CM concordam que a secção desportiva é muito vantajosa para um jornal, nomeadamente um jornal de carácter regional, apesar de considerarem que todas as secções são vantajosas.

“(…) o desporto é um aspeto positivo da sociedade em que vivemos e, por consequência, é fundamental nos jornais, porque lhes traz audiências e aumenta o número de vendas”.
(Ricardo Anselmo, estagiário da secção de desporto)

“Uma secção de desporto num jornal valoriza e é vantajosa, mas no fundo, cada secção tem a sua importância num jornal”. (Miguel Machado, jornalista da secção)

Quanto aos motivos para o crescimento do desporto, os entrevistados nomeiam “o gosto, que é inato aos portugueses”, as “questões culturais e de educação”, a questão “das modas”, a “alteração de mentalidades”, a “melhoria de infraestruturas e a profissionalização de atletas”, “os resultados positivos” e, ainda, “a difusão televisiva e das redes sociais”.

É importante referir, ainda, que os entrevistados foram realçando que as suas funções enquanto profissionais (receber, selecionar, verificar, confrontar e hierarquizar a informação) devem manter-se intactas e devem ser asseguradas, nomeadamente, nos contextos atuais que vivemos, em que as dificuldades económicas e sociais são bem evidentes e põem em causa o exercício da profissão. Com a pandemia mundial que atravessamos, provocada pelo coronavírus, “as dificuldades e os desafios jornalísticos multiplicaram-se” (Carlos Costinha Sousa, subchefe de redação) e surgiram “novos temas e novas formas de trabalhar” (Rui Serapicos, jornalista) o que fez com que os entrevistados referissem que é, ainda fundamental fazer notar os valores profissionais.

4.2. O futebol como um critério para a seleção noticiosa

É, agora, tempo de discutir os dados obtidos nas entrevistas regressando aos “marcos teóricos, pertinentes à investigação, pois eles dão o suporte e as perspectivas significativas para o estudo” (Coutinho, 2018, p.221-222).

No que se refere à percepção sobre os processos de produção noticiosa, os resultados mostraram que quem detém o poder de decisão sobre o que é ou não é notícia no CM é a direção do jornal, seguindo-se os editores de secção, ou o chefe ou subchefe de redação. No entanto, também, é dada alguma liberdade aos jornalistas das várias secções para decidir, produzir e publicar notícias. Pelo discurso dos entrevistados, notou-se que há posições sobre os assuntos um pouco diferentes entre os jornalistas que têm, ou tiveram, responsabilidades editoriais e os que não têm, já que foi referido por um deles que a autonomia que era dada aos jornalistas agora já não acontece com tanta frequência. Identificaram-se a atualidade, a proximidade geográfica, a referência a clubes/associações e figuras minhotas, o interesse do público e os interesses financeiros como os critérios de seleção noticiosa que são tidos em conta na hora de decidir o que é ou não notícia na secção de desporto. De acordo com Zúñiga e Valido (2017) e Lee e Choi (2009) a atualidade, a proximidade e o interesse humano são dos valores mais usados pelos jornalistas na seleção das notícias. A par disso, também a tipologia de Galtung e Ruge (1965) refere a significância (proximidade e relevância para o público) e a referência a pessoas de elite como valores importantes nessa seleção.

Quanto à recolha de informação, são tidos como elementos fundamentais o contacto direto com as fontes, a recolha através de *press releases* e das redes sociais. Esta informação vai ao encontro do que se disse na parte teórica. Von Nordheim, Boczek e Koppers (2018) referem que, atualmente, com as tecnologias e as redes sociais, há um número crescente de novas fontes de informação, como o Facebook e o Twitter, que estão a substituir os jornais como principais fontes de notícias e a desempenhar um papel importante na obtenção e produção noticiosa. De forma genérica, o que se verifica é que estas novas formas de recolher informação e de produzir notícias estão presentes no dia-a-dia dos jornalistas entrevistados. Outro dos pontos fundamentais na recolha de informação é a relação com as fontes e, também aqui, os resultados vão ao encontro do que foi dito na revisão da literatura. As figuras de destaque são os atletas/jogadores, treinadores, clubes/associações e os dirigentes, o que reflete a ideia de Sugden e Tomlinson (2007), que dizem que o jornalismo desportivo tem uma certa dependência de fontes oficiais. Também Rowe (2005) corrobora esta ideia referindo que o jornalismo desportivo parece

movimentar-se entre o cultivo permanente do acesso às fontes primordiais (clubes e atletas) e uma casual diabolização desses mesmos agentes. As relações entre jornalistas e fontes de informação fazem transparecer a pressão, que é notória e que está presente. Os resultados mostram que os jornalistas reconhecem que há pressão e que, algumas vezes, esta surge da criação de laços de amizade.

Sobre os géneros jornalísticos mais utilizados no processo de produção, os dados obtidos mostram que os jornalistas recorreram às notícias e às crónicas, ainda que os entrevistados considerem que as crónicas de jogo são pequenas reportagens, já que implicam a ida ao local, a visualização do jogo e das ocorrências, a fala com os treinadores e os intervenientes. Considerando o que foi dito na revisão de literatura e tendo em conta o que foi estudado na licenciatura e no mestrado, a reportagem e a crónica são géneros distintos, ainda que possam ter uma ou outra característica idêntica. Segundo Melo e Assis (2016), cada formato possui características próprias, que o tornam único, daí que a crónica não seja uma reportagem. No capítulo referente ao estágio curricular é dito que não houve espaço para a realização de reportagens, precisamente porque a reportagem é um género que requer tempo, espaço, investigação e aprofundamento de temas, o que não foi feito. Apesar das crónicas desenvolvidas (a jogos de diferentes modalidades) permitirem ir ao local e falar com os diferentes intervenientes, não pressupõem uma investigação aprofundada e mais demorada. A crónica, tal como a reportagem, é um género mais livre, mas na primeira o jornalista interpreta e dá opinião sobre factos que presencia. Por outro lado, a reportagem tem como propósito informar os seus leitores sobre algum tipo de acontecimento – a diferença é que a reportagem adota uma estrutura diferenciada da crónica, procurando tratar o assunto exaustivamente, segundo o ponto de vista adotado, e em profundidade e “não admite nem a intromissão da opinião de quem escreve, nem que o jornalista se tome de liberdades poéticas relativamente aos acontecimentos” (Gradim, 2000, p.68). Confrontando a parte teórica e os resultados percebe-se que as crónicas e as notícias foram avançadas como sendo os géneros mais usados no jornalismo desportivo, por Paniagua (2010) e Sobral e Magalhães (1999).

Já no que concerne à categoria o lugar do futebol e das modalidades amadoras, os resultados indicaram, claramente, que o futebol é o desporto privilegiado na secção de desporto e que há uma tendência para seguir a televisão na cobertura sobre a modalidade. Assim, identificou-se que havia elementos que permitiam que o futebol se tornasse privilegiado, como as audiências, o maior número de participantes e adeptos, as questões culturais e sociais e a televisão. Os entrevistados falam do peso das audiências, mas aquilo que parece é que se baseiam

apenas em opiniões. Apesar de referirem que todos têm noção que o futebol tem mais audiências, nenhum dos entrevistados mostrou ter dados concretos sobre isso. A televisão é tida como a responsável pela mediatização do futebol e como um veículo vantajoso para a cobertura das modalidades, quando não é possível sair das redações. De acordo com Cancela (2006), o futebol não teria alcançado uma dimensão à escala planetária sem o contributo da televisão. Também, Lopes e Pereira (2006) e Finger e Oselame (2014), afirmam que a televisão é o veículo por excelência da editoria de desporto.

Quanto ao poder do futebol e à sua hegemonia os autores Erbolato (1981), Coelho (2001, 2004, 2006) e Horky (2010) são os autores que mostram que há uma tendência na imprensa desportiva para privilegiar o futebol. Coelho e Pinheiro (2002) referem o fator social, para identificar uma das características que torna o futebol privilegiado, a par do carácter agregador e elemento identitário nacional, reconhecidos por Carlos Daniel (2006). Aqui, igualmente, se nota que os resultados obtidos e a teoria estão de acordo.

Uma das conclusões a que se chega é que a imprensa desportiva e, no caso concreto o CM, dá primazia o futebol e deixa pouco espaço para as outras modalidades. Ainda que se perceba, pelos resultados, que o CM tenta fazer uma cobertura diferenciada e alargada das modalidades amadoras, esta não é suficiente, nem equiparável à cobertura do futebol. As modalidades amadoras são importantes na secção desportiva, mas não conseguem ter uma promoção, nem uma visibilidade mundial equiparável à do futebol. Reconhecem-se duas grandes razões para que as modalidades não consigam alcançar o futebol: o público e as receitas.

A percepção dos jornalistas sobre a aposta nas modalidades para atrair mais leitores é diferente. Os jornalistas que exercem, ou exerceram, cargos editoriais referem que as modalidades amadoras nunca conseguiriam alcançar a dimensão do futebol, mesmo que houvesse uma maior aposta. Já os jornalistas que não ocupam cargos editoriais entendem que, se tivessem mais oferta de reportagens, entrevistas e notícias das modalidades amadoras, o público passaria a ter mais interesse e aumentaria.

De facto, Horky (2010) é um dos autores, que chama à atenção para a tendência nacional na construção dos focos temáticos na imprensa desportiva. O autor chegou a resultados que revelaram que o futebol é a modalidade dominante na imprensa desportiva e que os restantes desportos recebem uma pequena percentagem da cobertura total. Efetivamente, a imprensa desportiva e a generalista faz uma cobertura saturada de um pequeno número de desportos, como o futebol e negligencia os restantes.

Ficou claro, ainda, que as secções desportivas são muito relevantes para os jornais, nomeadamente para um jornal de carácter regional e generalista como o CM, porque trazem mais audiências e, conseqüentemente, mais receitas. Independentemente disso, os resultados apontam, também, para uma importância das restantes secções.

Por fim, é de notar que o desporto é tido como um dos elementos estruturais na vida das pessoas, daí que tenha havido um crescimento e uma aposta, cada vez maior, neste tipo de secções por parte dos jornais.

De forma geral, os dados obtidos acabam por demonstrar que o futebol domina as secções desportivas e que muito daquilo que são os processos de produção noticiosa passam pela modalidade. No fundo, o futebol acaba por ser um critério para a seleção noticiosa. É curioso observar que as fontes de informação/figuras de destaque referidas pelos entrevistados eram referidas tendo em conta a modalidade de destaque na secção, ou seja, o futebol. Da mesma forma, os critérios de seleção apontados, e que seguem a linha editorial do jornal, mostram que o futebol é um critério por si só. Tal como salientou Pinheiro (2013) o futebol é, atualmente, o maior fenómeno mediático em Portugal. As rotinas e os processos de produção acabam, assim, por se adaptar às mudanças sociais e tecnológicas que ocorrem na sociedade, como foram o surgimento do futebol e o desenvolvimento das redes sociais, que está a alterar a forma de fazer jornalismo (Chéné, Atala, Panamá & Arozamena, 2019), ou, até mesmo, a pandemia mundial que atravessamos, provocada pelo coronavírus. Conclui-se, claramente, que as mudanças exteriores à profissão influenciam, fortemente, os processos de produção noticiosa.

Do discurso dos entrevistados, o que parece ser típico de um jornal de âmbito regional é a presença de temas e personagens mais próximas do público. Deu para perceber pelos discursos que as dificuldades financeiras e a falta de recursos humanos nos jornais regionais é preocupante e prejudica, por vezes, os processos de produção noticiosa, já que saltam à vista, algumas vezes, critérios financeiros e interesses publicitários. Em suma, a análise dos resultados vai ao encontro do que foi dito na revisão da literatura.

5. Considerações finais

Os três meses passados na redação do jornal CM foram fundamentais para o meu desenvolvimento profissional e, até, pessoal. No papel de estagiária tive a oportunidade de aprender e perceber o funcionamento de uma redação e os meandros da secção de desporto de um jornal regional, generalista. O estágio permitiu-me passar por várias experiências, dentro e fora da redação, e perceber a dinâmica e as especificidades das várias secções no geral e, mais especificamente, da secção de desporto. Ao mesmo tempo, permitiu-me acentuar o meu gosto particular pelos assuntos desportivos e superar algumas dificuldades, como a timidez.

Senti uma enorme evolução ao longo do estágio e o facto de ter optado por estagiar na secção de desporto foi, claramente, muito benéfico e enriquecedor. Considero que os três meses de estágio, embora sejam muito importantes, não são suficientes, porque o tempo passa demasiado rápido e há aprendizagens que ficam por consolidar. A verdade é que, quando estamos já embrenhados nas dinâmicas da redação, é tempo de vir embora, o que deixa uma sensação de “morrer na praia”. No entanto, o estágio proporcionou-me uma experiência extremamente rica, permitiu-me criar um grande portefólio e “viver” o jornalismo.

Percebi, ainda, durante esta experiência que o facto de o jornal CM ser um jornal regional não o impede de chegar longe. Apesar das dificuldades financeiras e da falta de recursos humanos, o jornal tem uma estrutura forte e chega a muitos leitores. Eu, que julgava que os jornais regionais não tinham muito trabalho e não eram muito conhecidos, percebi que, realmente, isso não era, de todo, verdade. Não tinha noção, por exemplo, que a secção de desporto era tão eclética e que fazia muitas coberturas no exterior. Apesar de fazer uma cobertura diversificada e de “dar voz” às modalidades amadoras, pude constatar, durante o estágio, que há uma cobertura muito maior do futebol. Foram essas diferenças que me fizeram questionar sobre quais os processos de produção que estavam por detrás das notícias desportivas, no jornal Correio do Minho.

Com esta temática em mente, e depois da observação não-sistemática que decorreu durante o estágio, foi necessário elaborar a problemática da investigação, um quadro teórico, a partir do qual se pudesse desenvolver uma metodologia que permitisse estudar o conceito aqui em análise: os processos de produção noticiosa na secção de desporto e o lugar do futebol no CM. Através das entrevistas realizadas, aos jornalistas da secção de desporto e ao chefe de redação do CM, e da sua consequente análise foi possível chegar à conclusão que os processos de produção noticiosa são fortemente influenciados por questões exteriores à profissão, como

sendo as mudanças sociais e tecnológicas que ocorrem na sociedade, a publicidade e as audiências.

Os resultados deste estudo mostraram, claramente, que há um predomínio de conteúdos de futebol em relação aos outros desportos, o que faz com que este ocupe um lugar privilegiado nos jornais. Ficou evidente que, muito daquilo que são os processos de produção noticiosa passam por escolhas que tenham que ver com esta modalidade. Apesar das decisões sobre o que é ou não notícia seguirem uma linha editorial definida pela direção, os critérios passam muito por aquilo que são as influências exteriores. Os dados apresentados neste estudo levam a crer que a opção de privilegiar o futebol é mais uma questão de audiências, do que propriamente a aplicação de critérios jornalísticos em si. No fundo, o que se verificou é que o futebol acaba por funcionar como um critério de seleção por si só.

Com efeito, os resultados estão em concordância com que foi dito na revisão de literatura, embora não se possa dizer, com certeza, que isto acontece nos restantes jornais regionais. A verdade é que o futebol revolucionou o jornalismo e trouxe novas formas de o abordar. Contudo, as bases da atividade profissional continuam intactas, mas a existência de mudanças exteriores à profissão obriga os jornalistas a refletir de forma mais aprofundada sobre esta matéria.

Perante isto, e atendendo às limitações, este Relatório de estágio não pretende apresentar um estudo exaustivo dos processos de produção noticiosa na secção de desporto, até porque existem mais órgãos de comunicação que poderiam ser analisados. Deste modo, e futuramente, outros trabalhos poderão ser feitos a esse nível. Poderão ser analisados outros media, a amostra poderá abranger mais jornalistas e outras formas de recolher informação sobre os processos de produção noticiosa por detrás das notícias desportivas, assim como ser feito um estudo mais intensivo sobre o lugar que o futebol ocupa nos jornais.

Referências bibliográficas

- Abiahy, A. (2005). O jornalismo especializado na sociedade da informação. *Biblioteca on-line de ciências da comunicação*. Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiahy-ana-jornalismo-especializado.pdf>
- Aguiar, L. (2014). Critérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo. In G. Silva, Da Silva, M. & Fernandes, M. (Orgs.), *Critérios de noticiabilidade – problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular.
- Aldé, A., Xavier, G., Barretos, D. & Chagas, V. (2005). Critérios jornalísticos de noticiabilidade: discurso ético e rotina produtiva. *Revista Alceu*, 5(10), 186-200.
- Alves, G. (2006). Prefácio. In F. Pinheiro, *A Europa e Portugal na imprensa desportiva (1893-1945)* (pp.11-12). Coimbra: MinervaCoimbra.
- Araújo, R. & Lopes, F. (2014). Olhando o agenda-building nos textos de saúde: um estudo dos canais e fontes de informação. In M. L. Martins & J. Veríssimo (Eds.), *Comunicação global, cultura e tecnologia – Livro de Atas do 8º Sopcom* (pp.749-753). Lisboa: Sopcom/ESCS.
- Barbeiro, P. (2006). *Manual do jornalismo desportivo*. São Paulo: Contexto.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, A. (1991). *The Language Of News Media*. Oxford: Blackwell.
- Bernstein, A. & Blain, N. (2003). *Sport, Media, Culture: Global and Local Dimensions*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Betti, M. (1998). *Janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus.
- Bianchi, P. & Hatje, M. (2006). Mídia e esporte: os valores-notícia e suas repercussões na sociedade contemporânea. *Motrivivência – Revista de Educação Física, Esporte e Lazer*, 27, 165-178. <https://doi.org/10.5007/%25x>
- Boni, V. & Quaresma, S. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2(1), 68-80. Retirado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>
- Boyle, R. (2007). Sports journalism - Still the 'toy department' of the news media?, *SAGE Journals*, 8(4), 385–405. DOI: 10.1177/1464884907078657
- Boyle, R. (2014). Television Sport in the Age of Screens and Content. *Television & New Media*, 15(8), 746-751. DOI: 10.1177/1527476414529167
- Boyle, R. (2017). Sports Journalism. *Digital Journalism*, 5(5), 493-495. DOI: 10.1080/21670811.2017.1281603

Boyle, R., Rowe, D. & Whannel, G. (2010). Delight in trivial controversy? Questions for Sports Journalism. In Allan, S. (Ed.), *The Routledge Companion to News and Journalism* (pp. 245-255).

Braun, J. (2009). *Rehashing the Gate: News Values, Non-News Spaces, and the Future of Gatekeeping*. Dissertação de Mestrado, Cornell University, Nova Iorque, Estados Unidos. Retirado de <https://hdl.handle.net/1813/11652>

Breed, W. (1955). Social Control in the Newsroom: A Functional Analysis. *Social Forces*, 33(4), 326-335. <https://doi.org/10.2307/2573002>

Câmara, R. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 179-191. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&nrm=iso

Cancela, A. (2006). SIC: O espectáculo global do futebol. In Lopes, F. & Pereira, S. (Eds.), *A TV do Futebol* (pp. 23-26). Braga: Campo de Letras – Editores e Universidade do Minho [ebook]. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/40483>

Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação – Guia para Autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta. [ebook]. Retirado de <https://pt.scribd.com/document/241383974/Metodologia-de-Investigacao-Guia-Para-a-Auto-Aprendizagem-147>

Cascais, F. (1999). Marcar pontos no jornalismo desportivo. In L. Sobral & P. Magalhães, *Introdução ao jornalismo desportivo* (pp.7-9). Lisboa: Litografia Tejo.

Chaparro, M. (1994). *Pragmática do jornalismo – buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus.

Chéné, J., Atala, F., Panamá, J. & Arozamena, R. (2019). Las relaciones de las influencias en los procesos de producción informativa y sus efectos en la calidad periodística. Una visión desde Latinoamérica. *Cuadernos.info, Comunicación y medios en Iberoamérica*, 44, 119-134. <https://doi.org/10.7764/cdi.44.1297>

Coelho, J. N. (2001). *Portugal a equipa de todos nós – Nacionalismo, Futebol e Media*. Porto, Edições Afrontamento.

Coelho, J. N. & Pinheiro, F. (2002). *A Paixão do Povo. A História do Futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.

Coelho, J. N. & Tiesler, N. C. (2006). O paradoxo do jogo português: a omnipresença do futebol e a ausência de espectadores nos estádios. *Análise Social*, 179, 519-551.

Coelho, P. (2006). *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto.

Conde, B. (2005). *Periodismo Especializado*. Ediciones Internacionales Universitarias.

Correia, J. (2011). *O Admirável Mundo das Notícias: Teorias e Métodos*. Covilhã: Labcom Books [ebook]. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.6/4344>

Coutinho, C. (2018). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.

Daniel, C. (2006). Entre a paixão e o rigor. In F. Lopes, & S. Pereira. (Eds.), *A TV do Futebol* (pp. 37-44). Braga: Campo de Letras – Editores e Universidade do Minho [ebook]. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/40483>

Dennis, E. & DeFleur. M. (2010). *Understanding Media in the Digital Age*. Allyn & Bacon.

Domingos, N. & Kumar, R. (2006). A grande narrativa jornalística. In Curto, D. (Dir.), *Estudos de sociologia da leitura em Portugal no século XX*. (pp. 575-638). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Duarte, J. (2008). Entrevista em profundidade. In J. Duarte & A. Barros (Orgs.), *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, (pp.62-83). São Paulo: Atlas.

Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em Revista*, 24, 213-225. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.357>.

Erbolato, M. L. (1981). *Jornalismo especializado. Emissão de textos no jornalismo impresso*. São Paulo: Editora Atlas.

Finger, C. & Oselame, M. (2014). Futebolização do Esporte na Televisão: compromisso com o jornalismo ou com os números de audiência?. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 11(2), 459-471. <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2014v11n2p459>

Flores, R. (2004). Quando o jornalista vira torcedor, como fica a cobertura esportiva?. *Revista Mediação*, 4, 64-71. Retirado de <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/241>

Fontcuberta, M. (1993). *La noticia: Pistas para percibir el mundo*. Barcelona: Paidós.

Fortunato, J. (2008). NFL Agenda setting: The NFL Programming Schedule: A Study of Agenda setting. *Journal of Sports Media*, 3(1), 27-49. <https://doi.org/10.1353/jsm.2008.0005>

Franklin, B. (1997). *Newszak and News Media*. London: Arnold.

Fraser, M. & Gondim, S. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 14 (28), 139-152. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>

Gans, H. (1979). *Deciding What's News. A study of CBS Evening News, NBC Nightly News, News, Newsweek and Time*. Nova Iorque: Pantheon Books.

Golding, P. & Elliott, P. (1979). *Making the News*. Londres: Longman.

Godoy, A. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63. Retirado de <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38183/36927>

Gradim, A. (2000). *Manual do jornalismo Livro de Estilo do Urbi et Orbi*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.pdf>

Guerra, I. (2014). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Estoril: Príncipia Editora.

Guion, L., Diehl, D. & McDonald, D. (2011). Conducting an In-depth Interview, *University of Florida*. Retirado de <http://greenmedicine.ie/school/images/Library/Conducting%20An%20In%20Depth%20Interview.pdf>

Harcup, T. & O'Neill, D. (2001). What is News? Galtung and Ruge Revisited. *Journalism Studies*, 2(2), 261-280. DOI: 10.1080/14616700118449

Harcup, T. & O'Neill, D. (2017). What is News? News values revisited (again). *Journalism Studies*, 18, 1470-1488. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1150193>

Horky, T. (2010). Contents and patterns of construction of sports coverage in the press. Results from a cross-national comparative study. *European Journal for Sports and Society*, 7(3+4), 265-282. <https://doi.org/10.1080/16138171.2010.11687862>

Kaseker, M. (2019). O caráter amador na produção de imagens jornalísticas em tempos de convergência. *Rizoma*, 7(1), 136-150. DOI: 10.17058/RZM.V7I1.10965

Kensicki, L.J. (2000). Second level agenda setting: A study of integration and progress. *Egyptian Journal of Public Opinion Research*, 1(3), 85-100. Retirado de <https://hdl.handle.net/10092/17651>

Kim, S., Han, M., Choi, D. & Kim, J. (2012). Attribute agenda setting, priming and the media's influence on how to think about a controversial issue. *The International Communication Gazette*, 74(1), 43-59. DOI: 10.1177/1748048511426991

Lacerda, J. (2015). *Jornalismo Desportivo: Entretenimento Ou Informação*. Relatório de Estágio, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/40783>

Lara, E. (2014). Quem faz a agenda? In B. Leal; E. Antunes; P. Vaz (Orgs.), *Para entender o jornalismo* (pp. 29-40). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Leão, I., Rei J., et al. (2000). *Dicionário de Ciências da Comunicação*, s/ed. Porto: Porto Editora.

Lee, G. (2010). Who let priming out? Analysis of first- and second-level agenda setting effects on priming. *International Communication Gazette*, 72(8), 759-776. DOI: 10.1177/1748048510380814

Lee, J. & Choi, Y. (2009). News values of sports events: an application of a newsworthiness model on the World Cup coverage of US and Korean media, *Asian Journal of Communication*, 19(3), 302-318. DOI: 10.1080/01292980903039012

Lopes, F. & Pereira, S. (2006). *A TV do Futebol*. Braga: Campo de Letras – Editores e Universidade do Minho [ebook]. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/40483>

Lopes, P. C. (2010). Jornalismo e linguagem jornalística: Revisão conceptual de base bibliográfica. *Biblioteca online de ciências da comunicação*. Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lopes-linguagem.pdf>

Lopez, A. (2005). *Periodismo Deportivo*. Espanha: Sintesis.

Márquez-Ramírez, M. & Rojas Torrijos, J. L. (2017). ¿Periodismo desportivo pasivo o proactivo? La cobertura del FIFAGate en la prensa deportiva de México y España. *Cuadernos.info, Comunicación y medios en Iberoamérica*, 40, 173-188. <https://doi.org/10.7764/cdi.40.1009>

McCombs, M. (2002). The agenda setting role of the mass media in the shaping of public opinion. In *Mass Media Economics 2002 Conference*, London School of Economics.

McCombs, M. & Shaw, D. (1972). The agenda setting function of mass media. *Public opinion Quarterly*, 36(2), 176-187. DOI: 10.1086/267990

McCombs, M. & Shaw, D. (1993). The Evolution of Agenda setting Research: Twenty-Five Years in the Marketplace of Ideas. *Journal of Communication*, 43(2), 58-67. DOI: 10.1111/j.1460-2466.1993.tb01262.x

McQuail, D. (2003). *Teorias da Comunicação de Massas*. Lisboa: FCG.

Melo, J. & Assis, F. (2016). Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom – RBCC*, 39(1), 39-56. DOI: 10.1590/1809-5844201613

Mencher, M. (1991). *News Reporting and Writing*. Wm. C. Brown Publishers: Dubuque.

Mendonça, R. & Temer, A. (2015). A agenda setting: os meios de comunicação como construtores da realidade social. *Comunicação & Informação*, 18(1), 192-207. DOI: <https://doi.org/10.5216/3571>

Minayo, M. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-626. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>

Minayo, M. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 01-12. Retirado de <https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/82/59>

Miranda, M.; Barros, S.; Bartolazzi, V. & Moura, S. (2018). Gêneros textuais na formação de leitores: a contribuição do jornalismo literário de Pinó Marcos, *Jornal da Orla*, 1999. In D. Sampaio

& L. Borges (Orgs.), *Estratégias diversificadas para o Ensino de Ciências* (pp.162-182). São Paulo: Pimenta Cultural. [ebook] Retirado de https://books.google.pt/books?hl=en&lr=&id=OyPLDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA162&dq=generos+jornalisticos+&ots=59KXk2ESNA&sig=nLusTz4qQPURToVbl5LftoSLZQA&redir_esc=y#v=onepage&q=generos%20jornalisticos&f=false

Moraes, L. (2019). Uma década de WhatsApp: novas rotinas de produção possibilitam o zapkeeper e o newsmaking da audiência. *Correspondencias & Análisis*, 10, 1-16. <https://doi.org/10.24265/cian.2019.n10.06>

Müller, P., Schneiders, P. & Schäfer, S. (2016). Appetizer or main dish? Explaining the use of Facebook news posts as a substitute for other news sources. *Computers in Human Behavior*, 65, 431-441. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2016.09.003>

Neves, J. (2006). Uma economia do olhar: notas para uma história do futebol na era da TV. In Lopes, F. & Pereira, S. (Coord.), *A TV do Futebol* (pp. 95-109). Braga: Campo de Letras – Editores e Universidade do Minho [ebook]. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/40483>

Nisbet, M. (2008). Agenda building. In W. Donsbach (Ed.), *International Encyclopedia of Communication*. New York: Blackwell Publishing.

Nölleke, D., Grimmer, C. & Horkey, T. (2017). News Sources and Follow-up Communication. *Journalism Practice*, 11(4), 509-526. DOI:10.1080/17512786.2015.1125761

Nordheim, G., Boczek, K. & Koppers, L. (2018). Sourcing the Sources. *Digital Journalism*, 6(7), 807-828. DOI: 10.1080/21670811.2018.1490658

O'Neill, D. & O'Connor, C. (2008). The passive journalist. *Journalism Practice*, 2(3), 487-500. DOI: 10.1080/17512780802281248

Paniagua, P. (2010). Información deportiva, la especialización más extendida. In I. C. Markina (Coord.), *La especialización en el periodismo – Formarse para informar*. Sevilla/Zamora: Comunicación Social Ediciones y publicaciones.

Pérez-Díaz, P., Langa, E. & Medina, R. (2020). The agenda-building process on digital news media. A comparative study with issue preferences of readers and Twitter users. *Revista Latina de Comunicación Social*, 75, 225-244. DOI: 10.4185/RLCS-2020-1424en

Pinheiro, F. (2006). *A Europa e Portugal na imprensa desportiva: 1893-1945*. Coimbra: Minerva.

Pinheiro, F. (2009). História da imprensa periódica desportiva portuguesa (1875 - 2000). Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10174/12226>

Pinheiro, F. (2013). Portugal de calções – para uma génese do desporto enquanto fenómeno mediático. *Revista FAAC*, 2(2), 181-194. Retirado de <https://www3.faac.unesp.br/revistafaac/index.php/revista/article/view/134>

Pinto, M. (2000). Fontes Jornalísticas: Contributos para o mapeamento do campo. *Comunicação e Sociedade*, 14 (1-2), 277-294. Retirado de: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5512/1/CS_vol2_mpinto_p277-294.pdf

Portela, J. (1978). *As técnicas vivas na Investigação sociológica*. Vila Real: Instituto Politécnico de Vila Real.

Quiuy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rabaça, C. & Barbosa, G. (2002). *Dicionário da Comunicação*. Brasil: Editora Campus.

Ramirez, F. E. (2010). Fundamentos de la especialización periodística. In I. C. Markina (Coord.) *La especialización en el periodismo – Formarse para informar*. Sevilla/Zamora: Comunicación Social Ediciones y publicaciones.

Ribeiro, L. (2007). O poder dos meios – Análise das condições de produção jornalística em dois jornais regionais. In M. Martins, M. Pinto (Orgs), *Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação* (pp.450-464). Braga: CECS.

Rony, Md., Yousuf, M. & Hassan, N. (2018). A Large-scale Study of Social Media Sources in News Articles. *Cornell University*, 1, 1-6. Retirado de arXiv: 1810.13078

Rowe, D. (2004). *Sport, culture & media: The unruly trinity*. Londres, RU: McGraw-Hill.

Rowe, D. (2005). Fourth estate or fan club? Sports journalism engages the popular. In Allan, S. (org), *Journalism: Critical Issues* (pp.125-136). Retirado de <http://handle.uws.edu.au:8081/1959.7/10959>

Rowe, D. (2007). Sports Journalism. Still the 'toy department' of the news media?. *Journalism*, 8(4), 385-405. DOI: 10.1177/1464884907078657

Salwen, M. B. & Garrison, B. (1987). Sports and Politics: Los Angeles Times' Coverage of the 1984 Summer Olympic Games. *Newspaper Research Journal*, 8(2), 43-51. <https://doi.org/10.1177%2F073953298700800205>

Sánchez, J. (2005). Fuentes de Información y Credibilidad Periodística. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, 11, 93-102. Retirado de <https://revistas.ucm.es/index.php/ESMP/article/view/ESMP0505110093A>

Scherman, A. & Mellado, C. (2019). La performance periodística en la cobertura deportiva: un estudio comparado de televisión, radio, prensa impresa y medios online en Chile. *Palabra Clave*, 22(3), e2238. DOI: 10.5294/pacla.2019.22.3.8

Scheufele, D. (2000). Agenda setting, Priming, and Framing Revisited: Another Look at Cognitive Effects of Political Communication. *Mass Communication & Society*, 3(2), 297-316. DOI: 10.1207/S15327825MCS0323_07

- Scheufele, D. & Tewksbury, D. (2007). Framing, Agenda Setting, and Priming: The Evolution of Three Media Effects Models. *Journal of Communication*, 57, 9-20. <https://doi.org/10.1111/j.0021-9916.2007.00326.x>
- Schultz, B. & Sheffer, M. (2007). Sports journalists who blog cling to traditional values. *Newspaper Research Journal*, 28(4), 62-76. DOI: 10.1177/073953290702800406
- Schultz, B. & Sheffer, M. (2010). An Exploratory Study of How Twitter Is Affecting Sports Journalism. *International Journal of Sport Communication*, 3, 226-239. <https://doi.org/10.1123/ijsc.3.2.226>
- Seltzer, T. & Dittmore, S.W. (2009). 'Down, set, frame: second-level agenda building and the NFL network carriage dispute'. *International Journal of Sport Communication*, 2(3), 340-359. DOI: 10.1123/ijsc.2.3.340
- Shaw, E. (1979). Agenda setting and mass media communication theory. *International Communication Gazette*, 25(2), 96-105. <https://doi.org/10.1177/001654927902500203>
- Shoemaker, P. (1991). *Gatekeeping*. Califórnia: SAGE Publications.
- Sigal, L. (1986). *Sources make the news*. New York: Pantheon Books.
- Silva, G. (2005). Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 2(1), 95-107. <https://doi.org/10.5007/%25x>
- Silva, J. (2011). *Correio do Minho: 85 anos de história*. Braga: Arcada Nova.
- Silva, A. & Fossá, M. (2013). Análise de Conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. Comunicação apresentada no IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, Brasília.
- Sobral, L. & Magalhães, P. (1999). *Introdução ao Jornalismo Desportivo*. Lisboa: Litrografia Tejo.
- Sousa, P. (2001). Elementos de jornalismo impresso. Biblioteca online de ciências da comunicação. Retirado de <http://bocc.ufp.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>
- Sugden, J. & Tomlinson, A. (2007). Stories from planet football and sportsworld. *Journalism Practice*, 1(1), 44-61. <https://doi.org/10.1080/17512780601078860>
- Surface, B. (1972). The shame of the sports beat. *Columbia Journalism Review*, 10(5), 48-55.
- Takeshita, T. (1997). Exploring the Media's Roles in Defining Reality: From Issue- Agenda Setting to Attribute-Agenda Setting. In M. McCombs, D. Shaw & D. Weaver (Eds.), *Communication and Democracy: Exploring the Intellectual Frontiers in Agenda-Setting Theory*. (pp. 15-27). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Tavares, F. (2009). O jornalismo especializado e a especialização periodística. *Revista Estudos em Comunicação*, 5, 115-133. Retirado de <http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>

Tiffen, R. et al. (2014). Sources in the News. *Journalism Studies*, 15(4), 374-391. DOI: 10.1080/1461670X.2013.831239

Torrijos, J. & Toural-Bran, C. (2019). Periodismo deportivo automatizado. Estudio de caso de AnaFut, el bot desarrollado por El Confidencial para la escritura de crónicas de fútbol. *Doxa Comunicación*, 29, 235-254. Retirado de <http://hdl.handle.net/10637/10745>

Traquina, N. (2004). *A tribo jornalística*. Lisboa: Editorial Notícias.

Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular.

Túñez-López, M., Toural-Bran, C. & Abad, C. (2019). Automation, bots and algorithms in newsmaking. Impact and quality of artificial journalism. *Revista Latina de Comunicación Social*, 74, 1411-1433. DOI: 10.4185/RLCS-2019-1391en

Tunstall, J. (1970). *Media Sociology*. London: Constable.

Von Nordheim, G.; Boczek, K. & Koppers, L. (2018). Sourcing the Sources. *Digital Journalism*, 6(7), 807-828. DOI: 10.1080/21670811.2018.1490658

Wanta, W. (2008). Gatekeeping. In W. Donsbach. (Ed.), *The international encyclopedia of communication/edited* (pp.1921-1924). Malden, MA: Blackwell Publishing

Weber, C. (maio, 2010). Gatekeeper e gatewatching – repensando a função de selecionador no webjornalismo. *Comunicação no XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*. Novo Hamburgo, Brasil.

Welbers, K., van Atteveldt, W., Kleinnijenhuis, J. & Ruijgrok, N. (2018). A Gatekeeper among Gatekeepers. *Journalism Studies*, 19(3), 315-333. DOI:10.1080/1461670X.2016.1190663

White, D. (1950). The "Gatekeeper": A case study in the selection of news. *Journalism Quarterly*, Association for Education in Journalism, 27(3), 383-390.

Wolf, M. (1994). *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença.

Zúñiga, V. & Valido, R. (2017). Uso de géneros periodísticos, valores noticia y fuentes de información de Santiago de Cuba. *Vivat Academia Revista de Comunicación*, 138, 120-140. DOI: 10.15178/va.2017.0.120-140

ANEXOS

Anexo 1: Exemplo de uma Maquete das páginas do jornal



Jornal n.º 11231

EDIÇÃO Sábado, 5 de Outubro

Hora fecho 23.00 horas

1 topo: invest Braga Pingo Doce 2x2 Cx Credito 4x25 cm	2 P Invest Braga 1 página	3 B Especial Reportagem	4 B Especial Reportagem	5 B Especial Reportagem
6 B Especial Reportagem	7 B T. Circo 2x5	8 B Ciperdente 1x3	9 B Onirodrigues 6x3	10 ACB: Verde Cool 1
11 ACB: Verde Cool 2	12 M Sinal Mágico 4x2	13 M Sá Taqueiro 5x5	14 M.	15 M Bom Jesus 3x2
16 M	17 M	18 D Safetyre 4x2	19 D Mérito Invest 5x5	20 D A+ 2x2
21 P FNAC 1 página	22 ✓D Bragáparques 3x3	23 D Zome 5x5	24 D	25 Div. Diversos Necrologias
26 I Ideias	27 I Ideias	28 I ideias	29 P PUBLICIDADE	30 P PUBLICIDADE
31 P PUBLICIDADE	32 P PUBLICIDADE	33 P PUBLICIDADE	34 P PUBLICIDADE	35 P PUBLICIDADE
36 P PUBLICIDADE	37 P PUBLICIDADE	38 A AGENDA	39 P PUBLICIDADE	40 padaria Dume Fogo Chão 3x2 Lizáguas 2x5

OBS.

Responsável:
Rui Miguel Graça

Anexo 2: Artigos publicados nos três meses de estágio na secção de Desporto e na secção Braga

Data de publicação	Título	Género Jornalístico	Modalidade
18-09-2018	“5.ª Corrida REN-Pedome assinala renovação da pista de atletismo”	Notícia	Atletismo
18-09-2018	“UMinho: nomeadas para o Galardão Atleta Feminino 2019”	Notícia	Desporto Universitário
20-09-2019	“CDRC Tebosa e Futsal Campo lutam pela Supertaça AF Braga”	Notícia com base em Conferência de imprensa	Futsal
21-09-2019	“SC Braga e Vitória SC distinguidos na Gala do Desporto da UMinho”	Notícia	Desporto Universitário
21-09-2019	“Galardões 2019”	Breve	Desporto Universitário
21-09-2019	“Vontade de contrariar a história”	Notícia com base em Conferência de Imprensa	Futebol
21-09-2019	“P. Ferreira vence Aves com ‘reviravolta’”	Breve	Futebol
21-09-2019	“Vitória empata 2-2 com o FC Famalicão”	Breve	Futebol
24-09-2019	“Guerreiros do Minho querem voltar às vitórias”	Notícia com base em Conferência de Imprensa	Futebol
24-09-2019	“Gomes e Ferreira com contrato profissional”	Breve	Futebol
24-09-2019	“Cinco Guerreiras chamadas à Selecção Nacional”	Breve	Futebol Feminino
24-09-2019	“Merelinense e Gil sem derrotas”	Comentário	Futebol
24-09-2019	“Vizela goleia e mantém 1.º lugar”	Comentário	Futebol
25-09-2019	“Launay discute vaga olímpica para a selecção”	Notícia	Canoagem
25-09-2019	“Moto Galos dá cartas nos troféus do Nacional de Velocidade 2019”	Notícia	Automobilismo
25-09-2019	“Nicolas Capony é campeão mundial júnior de bodyboard”	Notícia	Bodyboard

25-09-2019	“Barcelos Treino Militar vence Lynx Race Fuzileiros”	Notícia	Corrida de Obstáculos
25-09-2019	“JuvMar/Manabola entra a ganhar no Campeonato Nacional”	Breve	Andebol Feminino
25-09-2019	“Passeio BTT Serzedo realiza-se dia 28 de Setembro em Guimarães”	Breve	Ciclismo
25-09-2019	“Portugal conquista oito medalhas em Odivelas”	Breve	Karaté
26-09-2019	“2300 atletas na maior festa do Trail Running Nacional”	Notícia	Trail
26-09-2019	“GD Penela começa com pé direito a luta pela revalidação do título”	Comentário	Futebol
29-09-2019	“Espero Não Encontrar Outro Autocarro”	Notícia com base em Conferência de Imprensa	Futebol
30-09-2019	“Tapsoba resolveu de penálti e deu mais três pontos ao Vitória SC”	Crónica de jogo	Futebol
30-09-2019	“Mais quatro minhotos apurados para nova ronda da Taça de Portugal”	Notícia	Futebol
30-09-2019	“Launay garante vaga olímpica em k1 slalom”	Notícia	Canoagem
01-10-2019	“Merelinense vence e segue isolado”	Comentário	Futebol
01-10-2019	“Gil Vicente e Vitória continuam à frente na tabela classificativa”	Comentário	Futebol
01-10-2019	“Bragalona soma a quarta vitória”	Comentário	Futebol
01-10-2019	“José Correia termina a época da Montanha no pódio”	Notícia	Automobilismo
01-10-2019	“Ricardo Gomes é vice-campeão de Turismos 1 do Campeonato de Portugal de Montanha”	Notícia	Automobilismo

01-10-2019	“Francisco Milheiro conquista primeira vitória na Taça de Portugal de montanha”	Breve	Automobilismo
02-10-2019	“Vieira do Minho assina protocolo com AB Braga”	Notícia	Basquetebol
02-10-2019	“Tribraga é campeã norte de Triatlo de Estrada”	Breve	Triatlo
03-10-2019	“A vontade é querer ganhar”	Notícia com base em Conferência de Imprensa	Futebol
04-10-2019	“Tiago Cunha chama 26 jogadores para treino da selecção distrital”	Notícia	Futebol
04-10-2019	“Pouca assistência na Pedreira para jogo de líderes”	Breve	Futebol
04-10-2019	“Eduardo retira tocha arremessada pelos adeptos do SC Braga”	Breve	Futebol
05-10-2019	“Vamos à procura de ter bola e conseguir vencer”	Notícia com base em Conferência de Imprensa	Futsal
05-10-2019	“Seleccionador distrital chama 17 atletas para os treinos da selecção”	Breve	Futsal
05-10-2019	“Interdistrital de futsal começa hoje”	Breve	Futsal Feminino
05-10-2019	“Vamos dar tudo por mais uma vitória”	Breve	Futsal Feminino
08-10-2019	“Viana quer ser CED no ano de 2022”	Notícia com abertura na capa	Desporto
08-10-2019	“CRV é campeão nacional sub-16 da temporada 2018/2019”	Breve	Rugby
08-10-2019	“Equipa barcelense conquista dois pódios no Algarve”	Breve	Ténis de Mesa
11-10-2019	“Vitória B volta a jogar na Academia após cinco anos”	Notícia	Futebol

11-10-2019	“Seleccionador distrital chama 17 atletas para os treinos da selecção”	Breve	Futebol
12-10-2019	“Vizela Cidade Desportiva é para todos”	Notícia com destaque na primeira página	Desporto
13-10-2019	“Hóquei Clube de Braga entra a ganhar”	Crónica de jogo	Hóquei em Patins
14-10-2019	“Dumiense conquista vitória importante”	Crónica de jogo	Futebol
14-10-2019	“Pevidém é o novo líder da Pró-Nacional”	Comentário	Futebol
15-10-2019	“Merelinense comanda isolado na Divisão de Honra”	Comentário	Futebol
15-10-2019	“Goleadas marcam início do campeonato”	Comentário	Futebol
15-10-2019	“Vizela enche o pé e marca dez golos na primeira jornada”	Comentário	Futebol
15-10-2019	“Barros FC firme na liderança do futebol amador Vale do Cávado”	Comentário	Futebol
15-10-2019	“Gil e Vitória na liderança”	Comentário	Futebol
15-10-2019	“Gil Vicente (A) e Fafe (B) na linha da frente”	Comentário	Futebol
15-10-2019	“MJ Póvoa goleia e está na frente da tabela na série B”	Comentário	Futebol
16-10-2019	“José Miguel Gonçalves da APD Braga vai jogar na Ferrol”	Notícia	Basquetebol Adaptado
16-10-2019	“Guerreiras vencem Limiense e seguem invencíveis no campeonato da II Divisão”	Notícia	Basquetebol Feminino
16-10-2019	“Famalicense Atlético Clube entra a ganhar”	Breve	Basquetebol masculino
16-10-2019	“Fim-de-semana positivo para o GDAS”	Breve	Basquetebol
16-10-2019	“Alexandre e Dima Huryachkov campeões nacionais de Muay Thai”	Notícia	Muay Thai

16-10-2019	“Associação KTF com sete campeões nacionais”	Notícia	Muay Thai
16-10-2019	“Sofia Oliveira representa Portugal no Campeonato do Mundo de Wako”	Breve	Kickboxing
17-10-2019	“Paulinho bisa no dérbi e reforça liderança dos melhores goleadores”	Comentário	Futebol
17-10-2019	“Luís Ferreira e Daniela Pereira vencem 5.ª Maratona de BTT”	Notícia	BTT
17-10-2019	“João Rodrigues e Maaris Meier festejam em Terras de Bouro”	Notícia	Ciclismo
17-10-2019	“Loureira vai acolher o I Passeio BTT Rota das Colheitas”	Breve	BTT
17-10-2019	“Campeonato do Minho de BTT XCO decide-se em Prozelos”	Breve	BTT
17-10-2019	“Árbitros nomeados para a Gala do Desporto”	Notícia	Desporto
17-10-2019	“APD BRAGA BCR quer entrar a ganhar no campeonato e partir rumo ao ‘penta’”	Notícia	Basquetebol Adaptado
17-10-2019	“Chuva não afastou os participantes do IV Trail dos Moinhos e Cruzeiros”	Breve	Atletismo
20-10-2019	“Vitória ao cair do pano para o Burinhosa”	Crónica de jogo	Futsal
20-10-2019	“Jorge Braz assistiu ao jogo do SC Braga”	Breve	Futsal
20-10-2019	“CR Cadoso não conseguiu vencer”	Breve	Futsal
20-10-2019	“Nogueiró e Tenões passa à 2ª eliminatória”	Breve	Futsal
21-10-2019	“Vianense segue líder da I Divisão”	Comentário	Futebol
21-10-2019	“Cabreiros e Dumense empatam num jogo onde faltou eficácia”	Crónica de jogo	Futebol
22-10-2019	“Guerreiros Solidários Apoiam Luta Contra O Cancro”	Notícia	Futebol

22-10-2019	“SC Braga sem descanso até final do mês de Novembro”	Notícia	Futebol
22-10-2019	“André Lourenço reforça o SC Braga”	Breve	Futebol de praia
23-10-2019	“SC Braga parte confiante para o terceiro jogo da Liga Europa”	Notícia com destaque na primeira página	Futebol
23-10-2019	“Vitória SC vai à Procura dos primeiros pontos na UEFA”	Notícia	Futebol
23-10-2019	“Cónegos com duas baixas para o jogo com o Boavista”	Notícia	Futebol
23-10-2019	“Líder vai jogar no Dragão para tentar contrariar favoritismos”	Breve	Futebol
23-10-2019	“Galos não contam com cinco jogadores para a partida com o Portimonense”	Breve	Futebol
23-10-2019	“Benfica no tudo ou nada na Liga dos Campeões”	Breve	Futebol
23-10-2019	“Wilson Eduardo pode sair em 2020”	Breve	Futebol
23-10-2019	“Fransérgio e Hassan falham deslocação”	Breve	Futebol
24-10-2019	“SC Braga empata com a Académica e sobe ao pódio da Liga Revelação”	Notícia	Futebol
24-10-2019	“Nélson Silva é o novo treinador do Grupo Desportivo de Joane”	Notícia	Futebol
24-10-2019	“Jogadores, equipas técnicas e árbitros vão vestir-se de rosa”	Notícia	Futebol
25-10-2019	“Esposende volta a acolher prova concelhia de futebol infantil”	Notícia	Futebol
25-10-2019	“Seleccionador distrital chama 25 atletas para os treinos da selecção”	Breve	Futebol Feminino

25-10-2019	“Viana volta a receber “maior prova náutica da Península Ibérica””	Notícia	Vela
25-10-2019	“Esperamos sempre jogos difíceis”	Notícia	Basquetebol Adaptado
26-10-2019	“Queremos ser felizes e conquistar os três pontos”	Notícia com base em Conferência de Imprensa	Futebol
26-10-2019	“Vitória SC empata com o Setúbal em jogo equilibrado”	Breve	Futebol
26-10-2019	“Barros FC invencível mantém liderança do Vale do Cávado”	Comentário	Futebol Amador
26-10-2019	“Guimarães reduz desvantagem para o líder dos marcadores”	Comentário	Futebol
26-10-2019	“Atletas das Taipas e Briteiros sagram-se vice- campeões regionais”	Notícia	Petanca
26-10-2019	“SC Braga é líder isolado da I e II Divisão de Poll Português”	Notícia	Bilhar
26-10-2019	“Prova nacional com viaturas eléctricas arranca em Guimarães”	Breve	Automobilismo
26-10-2019	“Equipas da formação do SC Braga com jornada cem por cento vitoriosa”	Breve	Voleibol
29-10-2019	“Besteiros golearam o A.C.R. Caires e Malmequeres conseguiu pontuar”	Comentário	Futebol Amador
29-10-2019	“Santa Luzia FC é líder do campeonato da Zona Norte”	Breve	Futsal Feminino
29-10-2019	“Maria da Fonte goleou o Vilaverdense na terceira jornada”	Breve	Desporto Veteranos

29-10-2019	“Gil e Vitória não cedem”	Comentário	Futebol
29-10-2019	“Lomarense comanda I Divisão A”	Comentário	Futebol
29-10-2019	“Vizela vence o Ribeirão e soma a sexta vitória na Honra”	Comentário	Futebol
29-10-2019	“Águias de Alvelos goleia Esposende e segue na frente da tabela classificativa”	Comentário	Futebol
29-10-2019	“Bragalona goleou o Vieira e somou a terceira vitória”	Comentário	Futebol
01-11-2019	“Totas, Vitó e André Martins bisam na luta pelo troféu dos marcadores”	Comentário	Futebol
01-11-2019	“Alfredo Cunha mostra retratos “no castelo da fotografia””	Notícia	SECÇÃO “BRAGA” – TEMA: Fotografia
02-11-2019	“Vitória SC vence dérbi minhoto”	Notícia	Futebol
02-11-2019	“Queremos a quinta vitória consecutiva na Liga”	Notícia com base em Conferência de Imprensa	Futebol Feminino
02-11-2019	“Prado recebe o Brito que é 3.º classificado”	Breve	Futebol
02-11-2019	“Dérbi minhoto pode deixar o Celeirós mais perto do pódio”	Breve	Futebol
02-11-2019	“Ucha vai a casa do Arsenal da Devesa”	Breve	Futebol
02-11-2019	“SC Braga vence Palmeiras por 3-0”	Breve	Futebol
02-11-2019	“Vizela defronta hoje Gil Vicente”	Breve	Futebol
02-11-2019	“APD Braga quer continuar a ganhar”	Breve	Basquetebol Adaptado
02-11-2019	“ABC/UMinho joga em Águas Santas”	Breve	Andebol
02-11-2019	“Juv. Viana recebe Benfica às 21.30 h”	Breve	Hóquei em Patins
03-11-2019	“Brito SC conquista mais uma vitória importante”	Crónica de Jogo	Futebol

03-11-2019	“Este FC leva a melhor no dérbi frente ao”	Breve	Futebol
03-11-2019	“Realense vence o Académico Martim “B” em jogo renhido”	Breve	Futebol
04-11-2019	“Jogadores cumpriram o que tínhamos planeado”	Notícia com base em Conferência de Imprensa	Futebol
04-11-2019	“Galeno recebeu prémio em noite com sentimento agridoce”	Breve	Futebol
04-11-2019	“Cabreiros rouba pontos ao líder Pevidém”	Crónica de Jogo	Futebol
04-11-2019	“Fim do ciclo para Vítor Pacheco no Serzedelo”	Notícia	Futebol
04-11-2019	“Amares segue invencível na série A e Ninense é líder isolado na B”	Comentário	Futebol
05-11-2019	“Miguel Magalhães e AFC Martim vão reunir para definir futuro”	Breve	Futebol
05-11-2019	“Maximinense conquistou os primeiros pontos”	Comentário	Futebol
05-11-2019	“Celeirós é líder isolado na divisão A e Louro comanda na divisão B”	Comentário	Futebol
05-11-2019	“Bairro M. ^a continua na frente da Divisão A”	Comentário	Futebol
05-11-2019	“Gil Vicente é comandante”	Comentário	Futebol
05-11-2019	“Lomarense e Sta. Eulália vão na frente”	Comentário	Futebol
05-11-2019	“Crespos, na série B e Candoso na série D são líderes isolados”	Comentário	Futebol
05-11-2019	“Vizela é líder Isolado”	Comentário	Futebol
05-11-2019	“Águias de Alvíte golearam o A. Baúlhe”	Comentário	Futebol
06-11-2019	“Não podemos ir com muita sede ao pote”	Notícia com base em Conferência de Imprensa	Futebol
06-11-2019	“Goleadas marcaram a primeira jornada”	Comentário	Futebol 7 (Infantis)
06-11-2019	“Vitória SC goleou e estreia-se no comando”	Comentário	Futebol 9 (Infantis)
07-11-2019	“Chalana é o novo técnico do Serzedelo”	Notícia	Futebol

07-11-2019	“NorteX4 Challenge animou a Póvoa de Lanhoso”	Notícia	Automobilismo
07-11-2019	“Bracarenses arrecadaram quatro medalhas em Londres”	Notícia	Karaté
07-11-2019	“Nuno Lima subiu ao pódio em Angra do Heroísmo”	Breve	Escalada
10-11-2019	“Arsenal da Devesa esbarra na ‘muralha’ de Alvelos”	Crónica de Jogo	Futebol
10-11-2019	“Celeirós goleou S. Tiago Pinheiro”	Breve	Futebol
10-11-2019	“O futebol é um desporto que move paixões”	Notícia com base em entrevista	Futebol
10-11-2019	“A aposta crescente na formação de jogadoras é algo fantástico”	Breve	Futebol Feminino
10-11-2019	“ABC conquista vitória importante e fica mais próximo do objectivo”	Crónica de Jogo	Andebol
10-11-2019	“HC Braga infeliz e derrotado em casa do FC Porto”	Crónica de Jogo	Hóquei em Patins
11-11-2019	“Merelinense e M. ^a Fonte vencem”	Crónica de Jogo	Futebol
11-11-019	“Mais Comentário”	Comentário	Futebol
11-11-019	“Mais II Liga”	Comentário	Futebol
11-11-2019	“Infelicidade ao cair do pano para o Vieira”	Crónica de Jogo	Futebol
11-11-2019	“Famalicão homenageia os que mais se destacaram no desporto”	Notícia	Desporto
11-11-2019	“Desp. Ronfe goleia para o apuramento”	Breve	Futebol
12-11-2019	“Merelinense mantém invencibilidade na Honra”	Comentário	Futebol
12-11-2019	“Celeirós e Louro imparáveis lideram campeonatos só com vitórias”	Comentário	Futebol
12-11-2019	“Bairro M. (série A) e Vizela (série B) goleiam e seguem na frente”	Comentário	Futebol

12-11-2019	“Gil perde em casa com Vizela”	Comentário	Futebol
12-11-2019	“Lomarense (A) e Sta. Eulália (B) somam quatro vitórias em cinco jornadas”	Comentário	Futebol
12-11-2019	“Bairro e Oliveirense “colados” na série C e Candoso invencível na D”	Comentário	Futebol
12-11-2019	“Vizela vence Bragalona e segue líder invencível”	Comentário	Futebol
12-11-2019	“Quatro equipas “coladas” na Série A e duas na Série B”	Comentário	Futebol
12-11-2019	“Bragalona (B) e Este (E) estão isolados na frente, só com triunfos”	Comentário	Futebol
13-11-2019	“Tanto este jogo como o próximo é para ganhar”	Notícia	Futebol
13-11-2019	“SC Braga já prepara a recepção ao Gil”	Breve	Futebol
13-11-2019	“Guerreiros do Minho na selecção”	Breve	Futebol
13-11-2019	“Portugal cede empate com a Finlândia em jogo em Famalicão”	Breve	Futebol Feminino
13-11-2019	“Ferreira e Pedro Garcia são reforços do Berço”	Breve	Futebol
13-11-2019	“Raposa ‘destemida’ invade estádio do Castelense”	Notícia	Futebol
14-11-2019	“Miguel Matos sagra-se vice-campeão na G1 Séries”	Notícia	Automobilismo
14-11-2019	“GDAS vence dérbis bracarenses em sub-16 diante do SC Braga”	Notícia	Basquetebol
14-11-2019	“Margarida Cardoso convocada para a selecção nacional”	Breve	Andebol Feminino
15-11-2019	“GD Penela mais próximo da liderança do futebol amador Vale do Cávado”	Comentário	Futebol
15-11-2019	“Paulinho marcou e segue mais líder na luta pelo troféu dos marcadores”	Comentário	Futebol

15-11-2019	“Famalicão vai acolher festival de vídeo jogos”	Notícia	Videojogos
15-11-2019	“André Gomes e Ricardo Cerqueira conquistam o pódio”	Notícia	Automobilismo
15-11-2019	“António Mesquita é campeão Norte Individual de Duatlo Cross”	Breve	Triatlo
15-11-2019	“Braga recebe mais um Vitalis Kids Challenge”	Breve	Atletismo
15-11-2019	“Equipa de sub-14 do CRAV trouxe sete atletas ao torneio da ARN e Braga Rugby”	Breve	Rugby
16-11-2019	“José Antunes ofereceu camisola do Vitória SC ao Papa Francisco”	Notícia	Futebol
16-11-2019	“Vitória SC na 287.ª posição mundial no ranking assistências”	Breve	Futebol
16-11-2019	Esposende promove “3x3 BasKetArt”	Notícia	Basquetebol
16-11-2019	“HC Braga recebe alemães do Remcheid em duelo europeu (18h) nas Goladas”	Breve	Hóquei em Patins
16-11-2019	“ABC/UMinho defronta Setúbal no Sá Leite”	Notícia	Andebol
19-11-2019	“Famalicão Extreme Gaming conta com muitas novidades na terceira edição”	Notícia	Videojogos
22-11-2019	“GD Penela goleou e alcançou a liderança do Vale do Cávado”	Comentário	Futebol
22-11-2019	“Sete atletas olímpicos da UMinho premiados com Bolsas de Educação”	Notícia	Desporto Universitário
22-11-2019	“AC Vermoim recebe CS Madeira no jogo dos oitavos da Taça de Portugal”	Breve	Andebol Feminino

23-11-2019	“Fábio Silva arbitra jogo entre Vilaverdense e Prado”	Notícia	Futebol
23-11-2019	“Arsenal recebe hoje o Maximinense”	Breve	Futebol
23-11-2019	“Fábio Ribeiro dirigente do FC Marinhos suspenso preventivamente”	Breve	Futebol
24-11-2019	“Famalicão garante os ‘oitavos’”	Crónica de jogo	Futebol
24-11-2019	“Associação de Ciclismo do Minho homenageou atletas em Guimarães”	Notícia	Ciclismo
24-11-2019	Distinções	Breve	Ciclismo
24-11-2019	“Bis de André Martins dá vitória confortável ao Taipas”	Crónica de jogo	Futebol
24-11-2019	“Pevdém vence e continua firme na liderança”	Breve	Futebol
25-11-2019	“Laura ‘Puskas’ Luís brilhou de bicicleta na 7.ª vitória consecutiva do SC Braga”	Notícia	Futebol Feminino
25-11-2019	“Pevdém volta a vencer e segura liderança”	Comentário	Futebol
25-11-2019	“Serzedelo foi feliz em Dume e conquistou três valiosos pontos”	Crónica de jogo	Futebol
25-11-2019	“Amares é líder isolado na ‘A’”	Comentário	Futebol
25-11-2019	“Esporões goleou e segue invencível na série ‘B’”	Comentário	Futebol
26-11-2019	“Merelinense soma e segue na liderança”	Comentário	Futebol
26-11-2019	“Celeirós goleou Ág. Alvelos e segue na liderança”	Comentário	Futebol
26-11-2019	“Louro e Ribeirão dividem ‘trono’ com os mesmos pontos”	Comentário	Futebol
26-11-2019	“B. Misericórdia e FC Vizela imparáveis”	Comentário	Futebol

26-11-2019	“Gil Vicente seguro no trono”	Comentário	Futebol
26-11-2019	“Lomarense (A) e Sta. Eulália (B) continuam na frente”	Comentário	Futebol
26-11-2019	“B. Misericórdia e Esposende dividem os mesmos pontos”	Comentário	Futebol
27-11-2019	“Lobos apresentam-se em Braga no melhor momento da época”	Notícia	Futebol
27-11-2019	“Ingleses já começaram a chegar a Braga”	Breve	Futebol
27-11-2019	“Wolves treinam hoje no Estádio Municipal”	Breve	Futebol
27-11-2019	“Aleksei Kulbakov vai apitar jogo entre Guerreiros e Lobos”	Breve	Futebol
27-11-2019	“Transportes a preços acessíveis para jogo com os ingleses”	Breve	Futebol
27-11-2019	“Mais segurança”	Breve	Futebol
27-11-2019	“Vitória sem margem para errar com Liège”	Notícia	Futebol
27-11-2019	“Vitória SC associa-se à causa de Pessoas com Deficiência”	Breve	Futebol
27-11-2019	“Equipa das Quinas venceu a vizinha Espanha por 1-0”	Breve	Futebol
27-11-2019	“Torneio feminino interassociações decorre em Melgaço”	Breve	Futebol Feminino
27-11-2019	“Nilson mantém-se entre os eleitos da selecção nacional”	Breve	Futsal
28-11-2019	“Temos de acreditar que é possível”	Notícia com base em Conferência de Imprensa	Futebol
28-11-2019	“APD Braga BCR visita escolas para eliminar estereótipos”	Notícia	Basquetebol Adaptado

28-11-2019	“Guimarães recebe Mundial de Basquetebol 3x3 e de Judo para atletas com Síndrome de Down”	Notícia	Basquetebol e Judo
29-11-2019	“André Martins bisou e está no topo dos melhores marcadores”	Comentário	Futebol
01-12-2019	“Queremos atraparhar o Sporting”	Notícia com base em Conferência de Imprensa	Futebol
01-12-2019	“HC Braga goleia Riba d’Ave em dérbi ‘quente’ nas Goladas”	Crónica de Jogo	Hóquei em Patins
01-12-2019	“OC Barcelos perde a liderança”	Comentário	Hóquei em Patins
02-12-2019	“Duelo de Vitórias acabou com divisão de pontos”	Crónica de jogo	Futebol
02-12-2019	“Zé Natário imortalizado em Viana”	Notícia com chamada na capa	Hóquei em Patins
02-12-2019	“A figura do meu pai é inquestionável”	Breve	Hóquei em Patins
02-12-2019	“Ág. Graça tira invencibilidade ao líder Amares”	Comentário	Futebol
02-12-2019	“Dusher deixa comando técnico do Soarense”	Comentário	Futebol
03-12-2019	“Celeirós e Dumense lideram em igualdade pontual”	Comentário	Futebol
03-12-2019	“Merelinense está na frente a dez pontos de distância”	Comentário	Futebol
03-12-2019	“Bairro M. só sabe ganhar e segue líder”	Comentário	Futebol
03-12-2019	“Vizela segue na frente da Honra”	Comentário	Futebol
03-12-2019	“Mais I Divisão”	Comentário	Futebol
04-12-2019	“Goleadas ditaram quinta jornada”	Comentário	Futebol 7
04-12-2019	“Famalicão goleou e segue isolado no comando”	Comentário	Futebol 7
04-12-2019	“Mais futebol 9”	Comentário	Futebol 9

06-12-2019	“Perspectivamos um jogo difícil, mas o único objectivo é o de vencer”	Notícia com base em Conferência de Imprensa	Futebol
06-12-2019	“GD Penela está firme na liderança”	Comentário	Futebol
06-12-2019	“Tiago Costa foi 17.º na Algarviana Ultra”	Notícia	Trail
07-12-2019	“Queremos sair de lá com os três pontos”	Notícia com base em Conferência de Imprensa	Futebol Feminino
07-12-2019	“Queremos somar os três pontos”	Breve	Futebol
07-12-2019	“Vitória recebe Benfica na 19.ª jornada”	Breve	Futebol
07-12-2019	“Médio André André está apto Clinicamente”	Breve	Futebol
07-12-2019	“Horácio Gonçalves foi campeão em Moçambique”	Breve	Futebol
07-12-2019	“André Martins e Paulinho somam e seguem na lista de marcadores”	Comentário	Futebol
10-12-2019	“GD Penela isolado está cinco pontos à frente dos principais adversários”	Comentário	Futebol
10-12-2019	“Vizela continua firme no comando da Divisão de Honra”	Comentário	Futebol
10-12-2019	“Vilaverdense segue invencível, Ronfe e Antime com divisão de pontos”	Comentário	Futebol
10-12-2019	“Fão, Brufense, Bragalona e Ág. Alvite ainda não conhecem o sabor da derrota”	Comentário	Futebol
13-12-2019	“Pevidém renova com João Pedro Coelho até 2021”	Notícia	Futebol
14-12-2019	“Estamos bastante motivadas, o foco é a vitória”	Notícia com base em Conferência de Imprensa	Futebol Feminino

14-12-2019	“Tiago Martins arbitra dérbi entre Pevidém e Taipas”	Notícia	Futebol
14-12-2019	“Soarense recebe hoje o Sete Fontes”	Breve	Futebol
14-12-2019	“Treinador do Taipas José Augusto com 15 dias de suspensão e multa de 15€”	Breve	Futebol
14-12-2019	“Antes do Natal, mexe-te!” é o mote para o DIDU	Breve	Desporto Universitário
15-12-2019	“Reviravolta no marcador com o carimbo de Paulinho”	Crónica de Jogo	Futebol
15-12-2019	“Mais Goleador”	Breve	Futebol

5.ª Corrida REN-Pedome assinala renovação da pista de atletismo

PROTOCOLO estabelecido entre a REN, Câmara Municipal de Famalicão e a Junta de Freguesia beneficiou equipamento desportivo da pista de atletismo em Oliveira Santa Maria.

ATLETISMO

| Daniela Monteiro |

Agendada para o dia 5 de Outubro, a 5.ª Corrida REN Pedome-Oliveira Santa Maria, vem afirmar a renovação da pista de atletismo que está em redor da sub-estação de Riba de Ave e promete muita animação.

As inscrições para a corrida e o corta-mato, no próximo mês de Outubro, já estão abertas e podem ser feitas através da plataforma Prozis Online.

Este evento já vai na quinta edição, mas desta vez com novo percurso e promessa de algumas surpresas.

A organização é da Associação de Pais e de Solidariedade Social Roda dos Ventos, da Associação Desportiva de Pedome, com a parceria das freguesias de Pedome, Oliveira Santa Maria,



Corrida, caminhada e corta mato assinalam renovação da pista de atletismo da REN em Oliveira Stª Maria

da Câmara Municipal e da REN.

A prova tem extensão de oito quilómetros, para os amantes da

corrida, seis para quem prefere caminhar, ou cinco quilómetros de corta mato, para a classe de

Benjamins A/B, Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores.

No dia 12 de Outubro é a vez

+ destaque

A atleta olímpica Sara Moreira fez a supervisão da melhoria da pista e tem utilizado o espaço para treinar com regularidade. Também atletas e amantes da modalidade têm procurado o espaço diariamente.

dos mais novos se testarem na quinta prova de Corta Mato REN.

Os atletas Sara Moreira, André Silva, Duce Félix, Ricardo Ribas e José Azevedo apadrinharam esta iniciativa que promete dar continuidade às celebrações da melhoria da pista.

Para além da pista de atletismo há um espaço fitness outdoor, que está ao serviço das comunidades da zona nascente do concelho de Vila Nova de Famalicão, como Riba de Ave, Pedome e Oliveira Santa Maria.

A renovação surgiu na sequência de um protocolo estabelecido entre a Rede Elétrica Nacional, a Junta de Freguesia de Oliveira Santa Maria e a Câmara Municipal.

Gala do Desporto na sexta-feira entrega cinco galardões

UMinho: nomeadas para o Galardão Atleta Feminino 2019



Barbara Miranda: basquetebol



Mariana Carvalho: atletismo



Joana Cunha: taekwondo



Ana Sofia Oliveira: kickboxing



Telma Pereira: futsal

DESPORTO UNIVERSITÁRIO

| Daniela Monteiro |

A Gala do Desporto da Universidade do Minho é o o ponto alto de mais uma época desportiva onde se destacam atletas, treinadores e dirigentes e onde se torna possível a afirmação da UMinho a nível nacional e internacional.

Este ano para o Galardão de Atleta Feminino do Ano, as no-

meadas na categoria feminina são:

Ana Sofia Oliveira: estudante do Mestrado Integrado em Engenharia Eletrónica Industrial e Computadores e atleta de Kickboxing. Na época passada conquistou duas medalhas de ouro a título individual e uma de ouro no colectivo, no Campeonato Nacional Universitário.

Joana Cunha: estudante do Mestrado em Eng. Industrial -

Logística e Distribuição e atleta de taekwondo. Conquistou a medalha de ouro individual e ainda e ouro colectiva no Campeonato Nacional Universitário. A nível internacional arrecadou Ouro no Europeu Universitário e foi 9.ª classificada na Universidade de Verão, em Nápoles.

Mariana Carvalho: é estudante do Mestrado Integrado em Medicina e atleta de Atletismo. Na época 2018/2019 conquistou

duas medalhas de ouro individuais no Campeonato Nacional Universitário de Corta-Mato e Pista Coberta.

Barbara Miranda: estudante da Licenciatura em Gestão é atleta de basquetebol. Arrecadou a medalha de bronze no Campeonato Nacional Universitário e conseguiu ainda bronze na Universidade de Verão, em Nápoles.

Telma Pereira: estudante do Mestrado Integrado em Enge-

nharia Mecânica, atleta de futsal, conquistou a medalha de ouro no Campeonato Nacional Universitário de Futsal e foi 8.ª classificada no Campeonato Europeu Universitário da modalidade.

Para este galardão são considerados o currículo desportivo, desempenho académico do estudante/atleta e participações internacionais universitárias, no ano letivo respectivo.

⊙ futebol

**Seleção Distrital
Eis os convocados para
treino que prepara
Taça das Regiões UEFA**

Lousada (Arões); António e Nelson (Brito); Rui Machado (St.ª Eulália); André Martins, Filipe Gusmão e Joel (Taipas); Leitão (Dumiense), Casal (Forjães); Cesário, Fabinho e Serginho (Joane), Miguel Sobrinho (Prado); Salgado (Serzedelo); Tiago Lobo (Torcatense); Gustinho, João André e Totas (Pevidém); Herculano e Rafa (Ribeirão); David e Paulinho (SP Arcos), Rafa e Zé Pedro (Cabreiros); Peitanga, Gil e Bruno Rocha (Vieira); Paulo Costa e Rui Gomes (Vilaverdense).
O jogo-treino está marcado para quarta-feira, dia 25, às 19.30 horas, no campo do Vilarinho, em Santo Tirso.

**Moreirense
Esperada casa cheia
na recepção de
amanhã ao Benfica**

Os responsáveis do Moreirense contam com mais de seis mil adeptos nas bancadas do Comendador Joaquim de Almeida Freitas, para a recepção de amanhã ao Benfica, marcada para as 20.30 horas.

Os bilhetes para o público custam entre 19 e 45 euros.

**Futebol Amador
Campeonato do Vale
do Cávado inicia este
fim-de-semana**

É já no próximo domingo que tem início o 16.º Campeonato do "Vale do Cávado", disputado por 17 equipas de concelhos do vale do rio Cávado. Os jogos disputam-se aos domingos, às 10 horas, num total de 34 jornadas. O Penela é o campeão em título.

CDRC Tebosa e Futsal Campo lutam pela Supertaça AF Braga

DUELO AMANHÃ, ÀS 17 HORAS no pavilhão do Candoso, em Guimarães, vai atribuir o primeiro troféu da nova época. Bracarenses e barcelenses mostram confiança para a Supertaça de futsal feminino.

FUTSAL FEMININO
| Daniela Monteiro |

A Supertaça AF Braga de Futsal Seniores Femininos é disputada este sábado, no Pavilhão Desportivo CR Candoso, em Guimarães. A partida está marcada para as 17 horas e colocará frente a frente CDRC Tebosa, vencedor do campeonato distrital e Futsal Campo, vencedor da Taça do Minho. O jogo dará o "pontapé de saída" das competições para a época 2019/2020.

Na conferência de imprensa de antevisão do jogo, os representantes dos clubes manifestaram a vontade em vencer, apelando à participação dos adeptos e simpatizantes da modalidade.

Tiago Silva, treinador do Futsal Campo garantiu que o jogo está a "ser preparado com muita alegria", apesar de esperar um "jogo muito difícil". O treinador diz que a equipa está motivada e o importante é "proporcionar um bom jogo e promover a modalidade do futsal". Para além do jogo, o treinador e presidente do clube falou ainda da massa associativa "que tem crescido", bem como a aposta na formação, com a inserção de novos escalões.

Já o presidente e treinador do CDRC Tebosa, Jorge Vilaça destacou que "o ano está a ser difícil" com a perda de metade do plantel, mas que "a equipa está a trabalhar, está à procura de reforços, mas "não parte como fa-



As duas equipas querem trazer a vitória, mas ambas estão cientes das dificuldades



"Não partimos como favoritos. Mas estamos a trabalhar tendo em conta as dificuldades", afirmou Armindo Vilaça, treinador e presidente do Tebosa.

vorita" para a partida.

Aminda Pires, capitã do Tebosa falou, na final como um "jogo especial" em que todas as equipas têm de dar o seu melhor e "querem trazer a vitória".

O tombo vai apenas na segun-



Tiago Silva, treinador do Futsal Campo destacou: "mais do que ganhar uma final, acima de tudo o importante é estar lá. Isso já é muito gratificante."

da edição, no futebol feminino, e o CDRC Tebosa perdeu a final do ano passado. No entanto, as duas equipas estão preparadas e conhecem bem o adversário. A capitã do Tebosa destacou ainda, que o futsal feminino "tem vin-

do a aumentar a competitividade entre as equipas", o que é bom para a modalidade.

Já Manuel Machado, presidente da Associação de Futebol de Braga felicitou as duas equipas e garantiu que o fair-play e o desportivismo estarão garantidos, uma vez que "as meninas têm muito mais paciência, são mais tolerantes a coisas menos agradáveis, daí que haja mais desportivismo". O presidente da AF Braga deixou ainda um apelo aos clubes para a aposta no futebol feminino que traz "mais gente e mais receitas".

Setembro é sinónimo de...
recomeço no amor!

253 276 004
CONTACTE-NOS
amore nostrum
Agência Multimédia

Estamos em **BRAGA** . PORTO . COIMBRA . VISEU . LEIRIA . LISBOA . FARO

🕒 notas

Minuto 28

Eduardo retira tocha arremessada pelos adeptos do SC Braga

Ao minuto 28, a partida esteve interrompida durante algum tempo depois de ter sido arremessada uma tocha para o relvado, que veio do lado da bancada ocupada pelos adeptos da casa. Foi o guarda-redes dos Guerreiros do Minho, Eduardo que acabou por retirar o objecto do relvado, para se poder continuar a partida. Este comportamento pode vir a trazer consequências para os bracarenses, que devem vir a ser multados devido ao mau comportamento dos adeptos, podendo mesmo ver o seu recinto de jogo interdito.

Hóquei Clube de Braga entra a ganhar

BRACARENSES conquistaram os primeiros três pontos do campeonato num jogo bem disputado, frente ao Física de Torres Vedras. Apesar de ter começado a sofrer logo aos primeiros minutos a equipa de Rui Neto deu a volta ao marcador e venceu.

HÓQUEI EM PATINS

| Daniela Monteiro |

O Hóquei Clube de Braga entrou em campo frente ao AE Física, no jogo inaugural da temporada e conseguiu somar os primeiros três pontos.

Um jogo bem disputado, mas que começou pouco favorável para o Hóquei Clube de Braga, que nos primeiros minutos de jogo sofreu o primeiro golo da partida. No entanto, a equipa bracarense chegou ao intervalo por cima no marcador. A ganhar por 3-1, o Hóquei de Braga entrou na segunda parte mais agressivo e pressionante e conseguiu marcar mais dois golos, terminando a partida com cinco golos marcados. A tarde foi de festa para Danilo Rampulla que marcou três golos na partida e



ROSA SANTOS

Danilo Rampulla esteve em destaque ao marcar três dos cinco golos do HC Braga

conseguiu ajudar a equipa a conquistar os três pontos. O Hóquei de Braga ainda se viu um pouco

afrito nos minutos finais da partida, vendo o AE Física marcar por duas vezes. O treinador Rui

“Fizemos o mais importante que foi ganhar e conquistámos os três pontos. Acho inequívoca a vitória do Braga. Quem for ver o resultado 5-3 pensa que o jogo foi equilibrado, mas não foi, o Braga foi muito superior à Física criámos muitas situações de golo. Mas conseguimos o mais importante que foi conquistar os três pontos e começar com uma vitória.”

Rui Neto (tr. HC Braga)

Neto destacou a superioridade da equipa mas não gostou de alguns erros cometidos.

HC BRAGA 5

Constantino Rodriguez (GR), Juan Garcia (1), Pedro Delgado, João Guimarães, Danilo Rampulla (3).

Também entraram: António Trabulo, Ângelo Fernandes (1), Carlos Loureiro, Afonso Lima.

Treinador: Rui Neto.

FÍSICA 3

Keven Correia (GR), André Gaspar (1), Pedro Moreira, João Lima, João Campelo.

Também entraram: Fábio Cambão (1), Mathias Amez, Gonçalo Conceição (1).

Treinador: André Gil.

Árbitros: Rui Torres, Pualo Rainha, Rui Silva.

Ao intervalo: 3-1

Publicidade

zome
REAL ESTATE

☎ 936 774 401

PRECISO DE IMÓVEIS PARA VENDER.

PAULO TAVARES
Consultor Imobiliário



VENDIDO T2
SOPRHO REALIZADO



VENDIDO T4
SOPRHO REALIZADO



VENDIDO T3
SOPRHO REALIZADO



Vitória ao cair do pano para o Burinhosa

GUERREIROS estiveram em dia não. Formação do Burinhosa levou a melhor, com golo de Marquinhos mesmo ao cair do pano, depois de erro do guarda-redes Vítor Hugo. A equipa liderada por Paulo Tavares suou mas não conseguiu levar a melhor.

SC BRAGA/AAUM 1

Vitor Hugo (GR), Coelho, Douglas, Daniel Rosa e Cássio (1) - cinco inicial - Nilson, Tiago Cruz, Amílcar, Ricardinho, Allan
Treinador: Paulo Tavares

CCRD BURINHOSA 2

João Azevedo (GR), Adriano, Ciro, Rick e Matheus - cinco inicial - Marquinhos (1) Kiko (1), Tiago Pereira, Espanhol, Pacheco
Treinador: Alexandre Pinto

Pavilhão desportivo de Nogueiró

Árbitros: Wilson Soares e Tiago Silva
Cronometrista: Hugo Mendes

Ao intervalo: 0-0



FLÁVIO FREITAS

Equipa bracarense esteve a perder, conseguiu chegar ao empate, mas acabou por perder nos instantes finais

FUTSAL

| Daniela Monteiro |

O dia foi mau para a equipa do SC Braga/AAUM. Depois de deixar por força, devido às más condições climáticas, o Pavilhão da UMinho, onde joga, para jogar no Pavilhão de Nogueiró, os Guerreiros viram a sua oportunidade de vitória cair por terra quando faltavam 21,8 segundos.

Um erro de Vítor Hugo, deixou a equipa de Paulo Tavares sem conseguir pontuar. Depois da entrega de bola a Marquinhos, Vítor Hugo não teve hipótese de defesa e deixou o Burinhosa levar para casa os três pontos.

Na primeira parte a equipa visitante entrou forte e causou algumas dificuldades aos arsenalistas. Logo nos primeiros minutos de jogo Vítor Hugo marcou dois golos, um a Matheus e outro a Rick. A primeira boa tentativa do Braga apareceu aos oi-

cabinas

Paulo Tavares
(treinador do SCB/AAUM)
"Hoje foi um dia não"

"Foi um dia não. Acho que jogamos o suficiente para vencer, infelizmente, por alguma falta de sorte e por alguns erros individuais que nos estão a tirar pontos e que nós temos de parar de cometer, não conseguimos. O Burinhosa acabou por vencer, mas acho que a vitória lhes calu nas mãos sinceramente, sem a merecerem."

tos minutos, com Tiago Cruz que viu a bola passar ao lado da baliza. Antes do intervalo as duas equipas equilibraram o jogo e as oportunidades foram surgindo, embora sem eficácia.

Alexandre Pinto
(treinador do Burinhosa)
"O jogo foi repartido"

"Vencemos e considero que o resultado que se ajusta pela atitude, pela entrega e organização da nossa equipa, mas penso que o jogo foi muito repartido e se tivesse terminado empatado também não estaria mal. No final a expulsão, como é óbvio teve um peso grande no resultado, tivemos a sorte de ter havido um erro."

Já no início do segundo tempo, o SC Braga entrou melhor e as oportunidades não pararam de surgir, até que Kiko fizesse estragos na baliza arsenalista, assinalando o 0-1. No entanto, a

equipa da casa não se mostrou pressionada e numa jogada individual Douglas, pelo lado esquerdo, apanha Cássio, que de cabeça faz o 1-1. Festa nas bancadas e dentro de campo, que não viria a notar-se no final. A pressão começou a fazer-se sentir pela equipa visitante, que logo a seguir viu o Braga bem perto da sua baliza.

O dia era mesmo não, para os Guerreiros que viram Ricardinho ser expulso, por segundo amarelo. As melhores chances foram, contudo para o Braga, que desperdiçou dois livres directos. Felicidade teve o Burinhosa que nos segundos finais da partida, viu Vítor Hugo errar o passe e colocar a bola nos pés de Marquinhos, que finalizou e fez a equipa explodir de alegria.

futsal

Seleccionador nacional Jorge Braz assistiu ao jogo do SC Braga

Foi no meio dos adeptos que o seleccionador nacional de futsal, Jorge Braz acompanhou a partida entre SC Braga/AAUM e Burinhosa.

I Divisão CR Candoso não conseguiu vencer

A equipa do CR Candoso começou a ganhar, mas viu o Fundão sair por cima já no segundo tempo. Até ao intervalo as oportunidades surgiram mas não houve golos. No início da 2.ª parte em apenas um minuto o AD Fundão virou o marcador para 1-2. Mário Freitas marcou 1-3 e fechou, assim as contas da partida.

Taça de Portugal Nogueiró e Tenões passa à 2ª eliminatória

Das cinco equipas minhotas, que jogaram ontem a 1.ª eliminatória da Taça de Portugal, quatro partem à próxima eliminatória depois de vencerem as partidas. O Nun' Álvares venceu o Caxinas nas grandes penalidades por 2-1, o Sanjoanense venceu o Cerveira por 1-12, o Nogueiró e Tenões venceu o Domus Nostra, por 2-9 e o Contacto venceu o Carrzedo por 5-7. O Fafe foi o único a perder frente ao Boavista por 7-2.

AF Braga

Resultados

Divisão de Honra
Este FC leva a melhor no dérbi frente ao Celeirós por 4-2

Resultados de ontem:	
Este FC - CD Celeirós	4-2
Esposende - Sequelrense	6-0
São Palo - Airão	2-3
Polvoreira - Viatodos	2-2
ACD Pica - CD Ponte	0-1
Marinhas - FC Amares	1-2

Jogos para hoje:

- Série A**
AFC Martim - Vila Chã
Ribeira Neiva - Terras de Bouro
Águias de Alvelos - Águias Graça
MARCA - Caldelas
Roriz - Pousa
- Série B**
Celoricense - Sandinenses
Fradelos - Antime
Ninense - Desportivo Ronfe
Louro - Amigos Urgeses
Bairro FC - Ruivanense

I Divisão
Realense vence o Académico Martim "B" em jogo renhido

Resultados de ontem:	
S. Veríssimo - Soarense	2-2
Realense - FC Martim B	3-2
Alegrienses - B. Misericórdia	2-0
Arsenal - Ucha	1-1
S. Mamede - Abolim	1-1

Esporões - Arsenal Crespos 5-1

Jogos de hoje:

- Série A**
Granja-Peões;
Carreira-Tadim;
Sete Fontes-Maximilnense;
- Série B**
Rendufe-Cabanelas;
Figueiredo-Porto D'Ave "B";
FC Sobreposta - GD Gerês;
Palmeiras-MJ Póvoa;
Lanhas-Pedralva;
Guisande-Serzedelo
- Série C**
Santo Adrião-Delães;
Unidos Aldão/Cano-Selho;
Operário-Emilianos;
Longos - São Cláudio;
S.Cosme - Lousado;
Calendário - Operário Campelos;
Sta. Eufémia - Gondifelos;
Prazins - Tagilde
- Série D**
Tabuadelo - Regadas;
Mota - Silvares;
Mosteiro - Cavez;
Fermilense - Guilhofrei;
Fareja - S. Tiago Pinheiro;
Gandarela - Candoso S.Tiago;
Desp. Arco Baúlhe - AC Gonça;

Brito SC conquista mais uma vitória importante

EQUIPA VIMARANESNE levou a melhor sobre o Prado e conquistou os três pontos da 12.ª jornada. Tiger e Nélson foram os autores dos golos do Brito e Álvaro, ainda conseguiu limpar a honra do Prado.

CAMPO DO FAIAL (VILA DE PRADO)	
GD PRADO	BRITO SC
1	2
Árbitro: José Ribeiro Assistentes: Joel Vale e Ricardo Ferreira	
Intervalo 0-1	
Rubén	Lopes
Moreira	Carlos
Álvaro	António
Diego	Barbosa
Bié	Silvestre
Cláudio	Nélson
Rafinha	Tiger
Ni	Moreno
Duarte	Kiko
Sobrinho	Marquinhos
Bonjardim	Zé Marco
José Nuno Azevedo	Filipe Gonça
Substituições Diogo por Diego (49 m), Bruno Silva por Bié (62 m), Fausto por Zé Marco (75 m), Soares por Tiger (78 m) e Vitor Hugo por Moreno (83 m)	
Disciplina cartão amarelo para Marquinhos (55 m), Bié (59 m) e Ni (74 m).	
Golos Tiger (20 m), Nélson (45 m) e Álvaro (65 m)	



ROSA SANTOS

Equipa do Brito levou a melhor sobre o Prado e soma já 24 pontos

PRÓ-NACIONAL
| Daniela Monteiro |

Um jogo difícil foi o que teve ontem o GD Prado, na 12.ª jornada da Pró-Nacional da AF Braga. O Brito entrou melhor, ameaçou e começou o jogo a vencer. Logo aos sete minutos, uma perda da defesa do Prado, gera a primeira oportunidade da partida, para o Brito, que por infelicidade não conseguiu marcar.

No entanto, as oportunidades não faltariam para a equipa visitante, que depressa se pôs a mexer e não desistiu de marcar. Aos 20 minutos, Tiger, na sequência de um pontapé de canto combinado com Nélson marca o primeiro golo para a equipa do Brito.

Mérito para a equipa visitante, que fez muitas vezes o que quis da equipa do Prado.

Foi um jogo intenso, com chuva e dificuldades à mistura e com algumas oportunidades de golo, que o Prado não soube aproveitar.

Muitas bolas no ar, pouca as-

sertividade nos pés, um jogo sem fio condutor para a equipa da casa que deixou o Brito levar a melhor e sair para o intervalo por cima no marcador.

Na segunda parte, o Brito veio cheio de força para resolver de vez a partida e marcou, logo aos 48 minutos pelo número dez, Nélson, o mesmo que marcou o canto, que viria a dar golo na primeira parte.

Eis o balde de água fria logo aos primeiros minutos do segundo tempo, para a equipa da casa. Contudo o Prado não se ficou, fez algumas substituições que mexeram com a equipa e reagiu bem.

Aos 65 minutos, o médio, Álvaro teve uma boa entrada na área e protagonizou a jogada para o golo do Prado. Do lado da equipa visitante o golo fez tremer um pouco, mas o Brito soube gerir bem o resultado, até ao final da partida.

Após o golo, a equipa do GD Prado esboçou uma reacção mais positiva, mas que não chegou para trazer o empate.

O final da partida viria a con-

cabinas

José Nuno Azevedo
(treinador do GD Prado)
"Não fizemos um bom jogo"

"Sabíamos das dificuldades que tínhamos pela frente, mas quando se cometem erros tão básicos e tão claros como cometemos é claro que ficamos mais perto de perder o jogo. Temos a noção de que muitas vezes os erros individuais nos saem caro, mas a realidade não é só essa. Nós não fizemos um bom jogo, mérito do Brito, naquilo que conseguiu. O primeiro golo foi muito consentido, era um golo filmado, que nós já tínhamos e que devíamos ter anulado, não o fizemos e depois não fomos capazes, como equipa, de sair muito fortes."

firmar a superioridade do Brito, que soube levar a melhor e conquistar com sucesso os três pontos da jornada.

Já o Prado, que soma 16 pontos

Filipe Gonça
(treinador do Brito SC)
"O Brito é um justo vencedor"

"Vitória inteiramente justa, com um adversário muito difícil, principalmente em casa. Chegamos aqui numa primeira parte muito fortes, entramos pressionantes, a limitar aquela primeira fase do Prado e conseguimos. Criamos logo uma situação de grande envolvimento do Nélson, que saiu ao lado, essa foi a grande oportunidade da primeira parte. Depois continuamos a mandar no jogo, com um futebol atractivo, fomos uma equipa que quis jogar e chegamos ao golo com muito mérito. O Brito é um justo vencedor."

na tabela, vai jogar de novo já na próxima quarta-feira frente à equipa do Vieira SC, num jogo em atraso, a contar para a quarta jornada.

Infelicidade ao cair do pano para o Vieira

VIEIRA SC esteve melhor, dominou a primeira parte, mas o golo ao cair do pano gelou o resultado. Guerra bisou, mas não foi suficiente para garantir os três pontos. Já o S. Paio d'Arcos entrou mais forte na segunda parte e fez estragos bem perto do fim.

PRÓ-NACIONAL

| Daniela Monteiro |

O Vieira SC entrou forte na partida da 13.ª jornada frente ao S. Paio d'Arcos e afirmou-se desde logo ao marcar nos primeiros minutos. Uma jogada individual de Fábio, depois da defesa do S. Paio d'Arcos perder a bola, deixa Guerra bem posicionado que remata certo e faz o primeiro da partida.

O Vieira a mostrar-se superior frente à equipa da casa, que parecia ainda não saber bem que rumo dar ao jogo e a perder muitas bolas perto da área. O certo é que não faltou classe à equipa do Vieira que soube defender, pressionar e aproveitar todos os momentos para chegar perto da baliza adversária.

O S. Paio d'Arcos, queria chegar ao golo, mas estava difícil furar o meio campo adversário, que com tudo o que tinha defendia. Contudo, as oportunidades chegaram aos 16 e 17 minutos, mas a finalização da equipa de Ricardo Correia não estava afinada e o marcador continuava favorável para a equipa visitante.

O Vieira mostrava-se muito mais pressionante e não descansava enquanto não conseguisse marcar. Uma boa jogada de contra-ataque partiu do meio campo e já perto da baliza foi assinalado fora de jogo, o que acabou por matar a jogada. Muitos protestos no banco e dentro de campo pela decisão do árbitro assistente na marcação do fora de jogo.



ROSA SANTOS

Neno fez a desmarcação para o bis de Guerra, que deixou o Vieira a vencer por 0-2 à saída para o intervalo

+ mais

Com este empate, o S. Paio d'Arcos soma 14 pontos e continua na zona despromoção, juntamente com o Cabreiros, Porto d'Ave e Serzedelo, já o Vieira SC está em 12.º lugar com 16 pontos. Na próxima jornada o S. Paio d'Arcos vai a casa do Serzedelo (que está em último) e o Vieira recebe o Dumíense.

Apesar disso, os nervos da equipa visitante não eram visíveis até porque aos 43 minutos uma desmarcação com qualidade de Neno para Guerra dá o segundo da partida. Bis do avançado que deixou o Vieira ir descansado e a vencer para o intervalo.

Na segunda parte quem entrou com tudo foi a equipa da casa, que esteve perto de marcar logo aos 53 minutos. O S. Paio d'Arcos entrou um pouco melhor, mas ainda assim, um pouco atrapalhado e sem conseguir finalizar. Quem continuava imperial era a defesa do Vieira SC. Destaque ainda para os médios Rochinha e Luckman que mostraram assertividade, defendiam e recuperavam quase todas as bolas, quer no meio campo, quer na área.

No entanto, a infelicidade chegou perto do fim. A equipa de Roger Bastos baixou o nível, mostrava-se mais cansada e o golo surgiu de uma grande penalidade. Paulinho no frente a frente com Zé Ribeiro não desperdiçou e marcou o primeiro para a equipa da casa.

Já nos descontos, um pontapé de canto traz o empate da partida

“Nós começamos mal o jogo, sofremos dois golos, o Vieira soube aproveitar, viemos ao intervalo com 2-0, o resultado era inteiramente justo. Na segunda parte corrigimos, também fizemos algumas substituições de risco, assumimos o jogo trabalhamos, carregamos muito no jogo. Foi um jogo bastante justo, mas acabamos por ter um prémio agora no final, mais que justo para nós, porque os meus jogadores não mereciam perder, apesar de termos entrado mal e de ao intervalo estarmos a perder com justiça, não merecíamos trazer a derrota.”

Ricardo Correia (tr. S. Paio d'Arcos)

com cabeceamento de Mané a estragar as contas finais.

Empate com sabor amargo para a superioridade demonstrada

“Por muito que a nossa condição física pudesse gerir daquela forma que não foi fácil, o que nos fizemos aqui não se faz. A forma como saímos para o intervalo a vencer por 2-0, após algumas situações irrisórias e caricatas que não se podem passar a nível da Pró-Nacional, dois foras de jogo tirados, o engano constante entre a ligação assistente e árbitro da partida, é claro como o Vieira saiu prejudicado disso. Esta equipa fez três jogos em sete dias e chegava perfeitamente para jogar a segunda parte com poderio, mas assim é humanamente impossível. Era inequívoco o vencedor.”

Roger Bastos (tr. Vieira SC)

pelo Vieira, mas mérito também para a equipa do S. Paio d'Arcos que não desistiu e conseguiu conquistar um ponto.

CAMPO DE JOGOS DO QUINTEIRO	
S. PAIO D'ARCOS	VIEIRA SC
2	2
Intervalo 0-2	
Árbitro: Diogo Abreu	
Assistentes: Cláudio Marques e José Mendes	
Daniel Silva	Zé Ribeiro
João Pedro	Neno
Duarte	Gil
Paulinho	Élio
Pereira	João Ribeiro
David	Nani
André Faria	Rochinha
Rogério	Mota
Isac	Lukman
Mané	Guerra
Luis Silva	Fabinho
Ricardo Correia	Roger Bastos
Substituições Matias por Pereira (46m), Filipe por André Faria (67m), Bruno Oliveira por Nani (67m), Luca por Fabinho (77m), Tiago por Luis Silva (83m), João Santos por Mota (84m). Disciplina cartões amarelos para João Ribeiro (36m), Fabinho (40m), Nani (66m), Mota (83m) e Rochinha (88m), Zé Ribeiro (90+5m). Golo Guerra (5m e 43m), Paulinho (87m) g.p e Mané (90+6m)	

Publicidade

geral@ecominho.pt
www.ecominho.pt

Os Clientes exigentes escolhem-nos...

Cabanelas - Vila Verde
tlf. 253 925 150/1 • fax 253 925 152
tln. 934 915 748

- ENERGIAS RENOVÁVEIS
- AR CONDICIONADO
- PICHELARIA
- VENTILAÇÃO
- PISCINA
- GÁS
- AQUECIMENTO CENTRAL
- ASPIRAÇÃO CENTRAL
- REGA AUTOMATIZADA
- ASSISTÊNCIA TÉCNICA

ABC conquista vitória importante e fica mais próximo do objectivo

EQUIPA BRACARENSE venceu o Boa Hora FC, por 26-20 e passou para quinto lugar da classificação da I Divisão de Andebol. ABC soma 23 pontos em onze jornadas e só perdeu pontos com os primeiros.

ANDEBOL

[Daniela Monteiro |

O jogo da décima primeira jornada da I Divisão do campeonato de Andebol entre ABC/Uminho e Boa Hora terminou com a conquista importante da equipa bracarense, comandada por Jorge Rito.

Depois de vencer o Boa Hora, o ABC/UMINHO soma a quinta vitória no campeonato e sobe ao quinto lugar com 23 pontos, ficando assim mais perto do objectivo, que é alcançar o quarto lugar, que é neste momento ocupado pela equipa AM Madeira.

A partida, que aconteceu ontem no Pavilhão Francisco Sá Leite foi uma partida equilibrada e chegou ao intervalo com a equipa do ABC por baixo no resultado.

Com um parcial de 7-8, ao intervalo, o ABC deu a volta ao resultado e chegou ao primeiro prolongamento já em vantagem, com um parcial de 19-12.

A segunda parte foi mais bem conseguida para a equipa da casa, embora a defesa da equipa de Nuno Soares tivesse causado algumas dificuldades.



ROSA SANTOS

ABC/Uminho deu a volta ao resultado e venceu o Boa Hora subindo, assim, ao quinto lugar

Contudo, o resultado final da partida ditou a vitória para o ABC/UMINHO, por 26-20 com destaque especial para André José que foi o goleador da partida, ao marcar cinco golos. Destaque ainda para Hugo Rocha, André Rei e João Fernandes que

marcaram quatro golos para a equipa minhota.

O ABC vem de duas vitórias consecutivas, uma frente ao Boavista e outra contra o Águas Santas e junta agora uma terceira, frente à equipa de Lisboa, o que lhe permitiu sair do sétimo

lugar e passar para quinto, à frente da equipa do Boa Hora, que tem os mesmos 23 pontos. Na frente da tabela continua o Sporting CP, seguindo-se o FC Porto, ambos com 33 pontos e o SL Benfica, com 29 pontos. Em quarto está a equipa Madeirense.

ABC/UMINHO 26

Humberto Gomes (1), Hugo Rocha (4), Carlos Bandeira, João Peixoto (3), Erekle (3), Carlos Oliveira, André José (5), Diogo Duarte (1), Rui Baptista, Hugo Manso, Nuno Vieira, André Rei (4), Francisco Silva, João Fernandes (4), Rui Ferreira (1) e José Vieira.

Treinador: Jorge Rito.

BOA HORA 20

Jão Raquel, Valter Soares (2), Marcos Araújo, Rafael Paulo (1), Nuno Pinto, João Reis, Miguel Moreira (2), Caio Euphrasio, Rodrigo Vieira (2), Pedro Pinto (2), Nuno Reis (3), Tiago Cardoso, Salvador Salvador (3), Pedro Real (1), Tiago Figueiredo e Joel Ribeiro (4).

Treinador: Nuno Soares.

Árbitros: Vânia Sá e Carlos Mota.

Ao intervalo: 7-8.

●●●
"O importante era ganhar. Cada ponto que conquistamos é evidente que é muito importante para as contas finais. O Boa Hora tem feito um campeonato regular. Não nos podemos esquecer que foi buscar pontos a Belém, ao Águas Santas e, portanto, sabemos que não iria ser fácil. Fizemos uma segunda parte mais bem conseguida, embora a defesa do Boa Hora, muito dinâmica e proativa, tivesse colocado algumas dificuldades."

Jorge Rito (Treinador ABC/UMINHO)

Duelo de Vitórias acabou com divisão de pontos

CONQUISTADORES não conseguiram ir além do empate em Setúbal. Ao minuto 50, André Pereira abriu o marcador, mas Ghilas empatou 12 minutos depois, resolvendo assim, o encontro.

I LIGA
| Daniela Monteiro |

O Vitória SC não foi além do empate no Estádio do Bomfim, frente ao Vitória de Setúbal, no jogo a contar para a 12.ª jornada da I Liga. Os vimaranenses não conseguiram afirmar-se logo no início do encontro e tiveram dificuldades em chegar ao golo, que só apareceu na segunda parte.

Foi um jogo aberto, equilibrado, com oportunidades para as duas equipas, que se notou no empate final.

Na estreia de Júlio Velazquez, no comando técnico do V. Setúbal a equipa apareceu virada do avesso e a jogar para a frente.

A primeira parte não teve golos, mas teve oportunidades para as duas equipas, que não conseguiram finalizar.

Aos 38 minutos uma defesa incrível de Douglas evita o primeiro da partida para a equipa da casa. Aos 39, novo momento para os sadinos. Sílvio levanta para as costas da defesa vimaranense,



Vitória SC marcou primeiro, mas Vitória de Setúbal empatou 12 minutos depois

Ghilas ganha em velocidade a Pedrão e vale ao Vitória SC a defesa do guarda-redes que evita o 1-0 para os setubalenses.

Aos 45 minutos uma defesa do guardaião georgiano afasta a possibilidade dos vimaranenses saírem para o intervalo a vencer.

Não foi na primeira parte, po-

dia ter sido, mas foi no início da segunda que o jogo ficou resolvido.

Os minutos conseguiram adiantar-se no marcador aos 50 minutos, por intermédio de André Pereira, mas os sadinos reagiram e igualaram 12 minutos depois, (aos 62 minutos), por

ESTÁDIO DO BONFIM	
V. SETÚBAL	VITÓRIA SC
1	1
Árbitro Manuel Oliveira. Intervalo 0-0	
G. Makaridze Nuno Pinto Sílvio Artur Jorge Jubal Eber Bessa Semedo Carlinhos Zequinha N. Ghilas B. Mansilla	Douglas Sacko Florent Hanin Pedro Henrique E. Tapsoba M. Edwards Mikel Rochinha D. Poha Lucas Evangelista André Pereira
Fabiano Soares	Pedro Martins
Substituições João Carlos Teixeira por D. Poha (71m), Leandrinho por Eber Bessa (75m), Ola Jonh por Rochinha (76m), Matthisa por B. Mansilla (85m) e Mano por Zequinha (89m)	
Disciplina cartão amarelo a B. Mansilla (83m), Zequinha (87m) e Tapsoba (89m)	
Golos André Pereira (50 m) e Ghilas (62 m).	

Ghilas. O Vitória de Setúbal sofreu o primeiro golo da época em casa e mantém, com este empate, o 14.º lugar com 13 pontos, enquanto que os vimaranenses de Ivo Vieira conservam o sexto com 17.

🗨️cabinas

Ivo Vieira
(treinador do Vitória SC)
"Não fizemos o suficiente"

"O resultado é justo perante o que aconteceu. Nós não o queríamos, queríamos a vitória, mas encontrámos uma equipa que quis o mesmo. Foi um jogo em que precisávamos de ter um comportamento adequado, devido às limitações. Precisávamos de ser mais intensos nos duelos e na luta pelas segundas bolas. O V. Setúbal foi mais forte nesses momentos do jogo. Fizemos o mais difícil, que foi ficar em vantagem, mas depois sofremos um golo que foi um pouco consentido, numa pressão mais alta do adversário. Acho que não fizemos suficiente para conseguir outro resultado."

Júlio Velazquez
(treinador do V. Setúbal)
"Acho que merecíamos a vitória"

"Fico muito contente por este primeiro jogo no campeonato, com um adversário muito difícil, o V. Guimarães, que joga a Liga Europa. E acho que merecíamos a vitória. Na primeira parte fomos muito superiores, faltou sorte e decidir melhor em alguns lances. Mas fiquei muito contente com o que fizemos. Na segunda parte foi mais equilibrada, mas tivemos situações para ganhar o jogo."

I LIGA PORTUGUESA

JORNADA 12

	TOTAL	CASA					FORA										
		J	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S					
1. Benfica	33	12	11	0	1	29	4	6	0	1	18	2	5	0	0	11	2
2. FC Porto	28	11	9	1	1	22	5	5	0	0	13	0	4	1	1	9	5
3. Famalicão	24	12	7	3	2	24	18	4	1	0	13	7	3	2	2	11	11
4. Sporting	20	12	6	2	4	19	15	3	0	2	10	7	3	2	2	9	8
5. Boavista	18	12	4	6	2	11	8	2	3	1	6	4	2	3	1	5	4
6. Vitória SC	17	12	4	5	3	20	15	3	2	1	13	5	1	3	2	7	10
7. Gil Vicente	16	12	4	4	4	12	13	3	4	0	9	4	1	0	4	3	9
8. Rio Ave	15	11	4	3	4	15	13	2	2	2	10	8	2	1	2	5	5
9. Tondela	15	12	4	3	5	11	12	1	1	4	3	7	3	2	1	8	5
10. SC Braga	15	11	4	3	4	14	15	2	2	1	9	9	2	1	3	5	6
11. Moreirense	14	12	3	5	4	16	17	3	2	1	10	6	0	3	3	6	11
12. Belenenses	14	12	4	2	6	9	18	2	0	3	4	7	2	2	3	5	11
13. Setúbal	13	12	2	7	3	4	8	2	5	0	3	1	0	2	3	1	7
14. Sta. Clara	13	12	3	4	5	8	12	2	2	3	6	7	1	2	2	2	5
15. Portimonense	11	12	2	5	5	10	17	1	2	3	6	9	1	3	2	4	8
16. Marítimo	11	12	2	5	5	12	21	1	3	2	8	10	1	2	3	4	11
17. P. Ferreira	8	11	2	2	7	7	17	2	1	3	4	5	0	1	4	3	12
18. Aves	3	12	1	0	11	14	29	1	0	4	6	8	0	0	7	8	21

RESULTADOS

Tondela, 0; Belenenses, 1
Sta. Clara, 1; Boavista, 2
Setúbal, 1; Vitória SC, 1
Moreirense, 3; Aves, 2
Benfica, 4; Marítimo, 0
Portimonense, 2; Famalicão, 1
Gil Vicente, 3; Sporting, 1
SC Braga-Rio Ave (hoje, 18.45h)
FC Porto-P. Ferreira (hoje, 20.45h)

PRÓXIMA JORNADA

Boavista - Benfica
Marítimo - Sta. Clara
Sporting - Moreirense
Rio Ave - Gil Vicente
Vitória SC - Portimonense
P. Ferreira - Setúbal
Aves - SC Braga
Belenenses - FC Porto
Famalicão - Tondela

www.habimoreira.pt

HABIMOREIRA, Construções, lda.

• Qualidade • Competência • Honestidade

MARCADORES

9 GOLOS:
PIZZI (Benfica)

8 GOLOS:
CARLOS VINÍCIUS (Benfica)

6 GOLOS:
ANDERSON (Famalicão), ZÉ LUÍS (FC Porto)
SANDRO LIMA (Gil Vicente)

5 GOLOS:
FÁBIO MARTINS (Famalicão)
BRUNO FERNANDES (Sporting)

4 GOLOS:
TONI MARTINEZ (Famalicão), MAREGA (FC Porto)
RODRIGO PINHO (Marítimo), MEHDI (Rio Ave)
TANQUE (Paços de Ferreira), GALENO (SC Braga)
TAPSOBA (Vitória de Guimarães) (...)

TOTOBOLA

01 Benfica - Marítimo 1
02 Gil Vicente - Sporting 1
03 V. Setúbal - Vitória SC X
04 Portimonense - Famalicão 1
05 Moreirense - Aves 1
06 Tondela - Belenenses 2
07 Estrela - Leixões X
08 Varzim - Penafiel 1
09 Vilafranq. - Académica 1
10 Oliveirense - Viseu *
11 Benfica B - Mafra X
12 Parma - Milan 2
13 Valencia - Villarreal 1

SUPER 14

Atl. Madrid (0)
Barcelona 2 (1)

GD Penela começa com pé direito a luta pela revalidação do título

PRIMEIRA JORNADA começou com 17 equipas em competição e com a afirmação do campeão em título GD Penela, que venceu por 3-1 o Amigos Electro Noval, no Campeonato Amador do Vale do Cávado.

FUTEBOL AMADOR

| Daniela Monteiro |

Começou este fim-de-semana mais uma edição do Campeonato de Futebol Amador do Vale do Cávado, competição que conta com a participação de 17 equipas. A primeira jornada começou com o campeão 2018/2019, GD Penela a vencer o Amigos Electro Noval por 3-1 e a conquistar os primeiros três pontos da temporada. Também o Barros FC ganhou ao EU Barreiro por 3-1 e ocupa o 2.º lugar da tabela.

ACR Fiscal e Imparáveis FC entraram em campo e fecharam o marcador a 2-1, com a vitória da equipa de Amares. Já a União



GD Penela, equipa campeã em 2018/2019, entrou a vencer na nova temporada

Rodovia perdeu em casa por uma bola com a UF Garapoa. No jogo entre o Estrelas Ferreiros e Os Camaradas, a vitória por 2-1, dá o 3.º lugar ao Estrelas.

Os restantes jogos não foram além do empate. Besteiros e Pacifistas deixaram o marcador a zeros, já Jacarés e Juventude de Gualtar igualaram o marcador a duas bolas. Na partida entre ARC Caires e Leões Sta. Lucrécia foram quatro os golos marcados, dois para cada lado. Nesta primeira jornada o Malmequeres não entrou em acção.

Na próxima jornada, que se realiza domingo, o Penela defronta o União Rodovia e o Malmequeres joga pela primeira vez com o EU Barreiro. Garapoa mede forças com Fiscal e o Pacifistas com o Amigos Electro Noval. Juventude Gualtar procura conquistar pontos em jogo com o Besteiros que também empatou na 1.ª jornada. Os Camaradas enfrentam o Jacarés, os Leões Sta. Lucrécia o Estrelas de Ferreiros e o Barros FC o ACR Caires.

Nesta jornada quem folga é a equipa do Imparáveis FC.

119.900 €

Apartamento T1 junto à Praia em Ofir

A CHAVE
PARA VENDER
OU COMPRAR
A SUA CASA®

www.gds.pt

gomesdasilva@zome.pt

www.gds.pt

963 598 276

Anexo 13: Comentário de Futebol – Campeonato AF Braga Iniciados

24 Desporto

29 de Outubro 2019 correiodominho.pt

AF Braga - Iniciados

Sete jogos, seis vitórias e um empate

Vizela vence o Ribeirão e soma a sexta vitória na Honra

INICIADOS

[Daniela Monteiro]

A equipa do Vizela venceu por 2-1 o Ribeirão e soma, em sete jogos 6 vitórias e um empate, estando em primeiro lugar da tabela classificativa. Em segundo lugar está o Bragalona que empatou com o Lomarense por três bolas. O Fintas segue em terceiro, com cinco vitórias, uma

dela é a desta jornada frente ao Urgeses. O Marinhãs venceu em casa o último classificado, o Bairro M. por 5-2, assim com o Vitória SC que ganhou por 4-3 ao Prado e segue em quarto lugar da tabela. Já o Taipas perdeu com o Famalicao por 0-1, tal como o Joane que saiu derrotado do jogo frente ao Fafe, por 1-2. O resultado final do Sta. Maria, Esposende foi 2-3.

INICIADOS JORNADA 7	DIVISÃO DE HONRA AF BRAGA												RESULTADOS				
	TOTAL						CASA			FORA							
	J	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S	
1. Vizela	19	7	6	1	0	25	6	4	0	0	19	4	2	1	0	6	2
2. Bragalona	19	7	6	1	0	23	11	3	1	0	14	6	3	0	0	9	5
3. Fintas	16	7	5	1	1	23	11	1	1	1	9	9	4	0	0	14	2
4. Vitória SC	15	7	5	0	2	16	9	3	0	1	9	6	2	0	1	7	3
5. Urgeses	14	7	4	2	1	16	6	2	1	1	9	4	2	1	0	7	2
6. Marinhãs	13	6	4	1	1	10	9	2	1	1	7	8	2	0	0	3	1
7. Taipas	11	7	3	2	2	7	6	1	2	1	4	4	2	0	1	3	2
8. Lomarense	10	7	2	4	1	23	17	1	2	0	12	6	1	2	1	11	11
9. Ribeirão	8	7	2	2	3	13	10	2	0	1	9	4	0	2	2	4	6
10. Famalicao	7	7	2	1	4	6	9	1	0	2	4	5	1	1	2	2	4
11. Joane	7	7	2	1	4	6	14	2	0	2	3	4	0	1	2	3	10
12. Fafe	6	7	2	0	5	4	15	1	0	2	1	4	1	0	3	3	11
13. Prado	5	7	2	1	2	3	19	2	1	0	8	3	0	1	3	11	18
14. Esposende	3	7	1	0	6	7	15	0	0	3	2	6	1	0	3	5	9
15. Sta. Maria	2	7	0	2	5	8	17	0	1	3	6	12	0	1	2	2	5
16. Bairro M.	0	7	0	0	7	8	38	0	0	3	2	11	0	0	4	6	27

RESULTADOS
Marinhãs, 5; Bairro M., 2
Bragalona, 3; Lomarense, 3
Vizela, 2; Ribeirão, 1
Vitória SC, 4; Prado, 3
Urgeses, 1; Fintas, 2
Taipas, 0; Famalicao, 1
Joane, 1; Fafe, 2
Sta. Maria, 2; Esposende, 3
PRÓXIMA JORNADA
Bairro M. - Vitória SC
Lomarense - Marinhãs
Ribeirão - Bragalona
Prado - Urgeses
Fintas - Joane
Famalicao - Sta. Maria
Fafe - Taipas
Esposende - Vizela

INI. II DIVISÃO A JOR. 3
RESULTADOS
Sta. Maria, 3; Sequeirense, 3
Pousa, 1; Aveleda, 6
Marim, 0; Fao, 6
Forjaes, 4; Andorinhas, 2
Roriz, 2; Tadmim, 1
S. Veríssimo, 2; Peralhal, 0
Carreira, 1; Apulia, 3

CLASSIFICAÇÃO
J V E D M S P
1. S. Veríssimo 3 3 0 0 8 0 9
2. Fao 2 2 0 0 10 1 6
3. Apulia 3 2 0 1 8 3 6
4. Forjaes 3 2 0 1 8 6 6
5. Aveleda 3 1 2 0 11 6 5
6. Roriz 2 1 1 0 5 4 4
7. Carreira 2 1 0 1 4 5 4
8. Pousa 3 1 0 2 3 11 3
9. Sta. Maria 2 0 2 0 5 5 2
10. Sequeirense 1 0 1 0 3 3 1
11. Tadmim 1 0 0 1 1 2 0
12. Peralhal 2 0 0 2 0 4 0
13. Andorinhas 3 0 0 3 4 11 0
14. Marim 2 0 0 2 0 9 0
15. Viatodos 0 0 0 0 0 0 0

PRÓXIMA JORNADA
Sequeirense - Pousa
Viatodos - Roriz
Andorinhas - Marim
Tadmim - Sta. Maria
Apulia - Forjaes
Peralhal - Carreira
Aveleda - S. Veríssimo

INI. II DIVISÃO B JOR. 3
RESULTADOS
Rendufe, 1; Reg. Freiriz, 3
Rib. Neiva, 2; MJ Povoa, 3
Crespos, 1; Pico Reg., 3
Prado, 0; FC Amares, 1
Vieira, 3; Bragalona, 6
Vilaverdense, 1; Aduafe, 5
Lago, 7; S. Veríssimo, 3

CLASSIFICAÇÃO
J V E D M S P
1. Bragalona 3 3 0 0 14 4 9
2. MJ Povoa 3 3 0 0 11 3 9
3. Prado 3 2 0 1 8 3 6
4. Lago 3 2 0 1 10 6 6
5. Rib. Neiva 3 2 0 1 8 5 6
6. Pico Reg. 3 2 0 1 7 7 6
7. Vieira 2 1 0 1 10 7 3
8. FC Amares 2 1 0 1 2 2 3
9. Reg. Freiriz 3 1 0 2 6 9 3
10. Crespos 3 1 0 2 4 8 3
11. S. Veríssimo 3 1 0 2 5 9 3
12. Aduafe 3 1 0 2 7 12 3
13. Vilaverdense 3 0 0 3 11 0
14. Rendufe 3 0 0 3 1 10 0

PRÓXIMA JORNADA
Aduafe - Crespos
Bragalona - Prado
Amares - Vilaverdense
Pico - Rib. Neiva
S. Veríssimo - Vieira
Reg. Freiriz - Lago
MJ Povoa - Rendufe

INI. II DIVISÃO C JOR. 3
RESULTADOS
Ferreirense, 5; Figueiredo, 1
Guisande, 2; Maximinense, 1
Soarense, 1; EF Fintas, 5
Leões Eng., 1; Lomarense, 1
Celeiros, 5; P. Tibães, 1
Aveleda, 2; Realense, 2
Este FC, 2; Dumense, 0

CLASSIFICAÇÃO
J V E D M S P
1. Celeiros 2 2 0 0 9 1 6
2. Ferreirense 2 2 0 0 7 2 6
3. EF Fintas 3 2 0 1 7 6 6
4. Realense 3 1 2 0 7 5 5
5. Aveleda 2 1 1 0 5 3 4
6. Lomarense 2 1 1 0 3 1 4
7. Leões Eng. 3 1 1 1 7 6 4
8. Guisande 3 1 1 1 5 6 4
9. Dumense 3 1 0 2 10 9 3
10. Este FC 2 1 0 1 3 2 3
11. Maximinense 3 0 1 2 4 7 1
12. Figueiredo 2 0 1 1 2 6 1
13. P. Tibães 3 0 1 2 5 11 1
14. Soarense 3 0 1 2 4 13 1

PRÓXIMA JORNADA
Figueiredo - Aveleda
Realense - Guisande
Lomarense - Soarense
P. Tibães - Leões
Maximinense - Celeiros
EF Fintas - Este FC
Dumense - Ferreirense

iniciados

INICIADOS I DIV. A JOR. 3
RESULTADOS
Gil Vicente, 5; Marinhãs, 3
Gandra, 3; SC Braga, 3
Operário, 0; MARCA, 0
Vilaverdense, 1; Cavado, 0
Arsenal, 2; Merelicense, 1
M. Fonte, 4; Louro, 1
Ag. Alvelos, 5; Esposende, 1

CLASSIFICAÇÃO
J V E D M S P
1. Ag. Alvelos 3 3 0 0 15 2 9
2. Vilaverdense 2 2 0 0 7 0 6
3. Merelicense 3 2 0 1 8 3 6
4. Arsenal 3 2 0 1 6 8 6
5. Gandra 3 1 1 1 12 9 4
6. Cavado 3 1 1 1 2 2 4
7. M. Fonte 2 1 0 1 5 3 3
8. Louro 3 1 0 2 13 12 3
9. Marinhãs 3 1 0 2 12 14 3
10. Esposende 3 1 0 2 4 8 3
11. Gil Vicente 3 1 0 2 8 17 3
12. SC Braga 3 0 2 1 3 11 2
13. MARCA 1 0 1 0 0 0 1
14. Operário 3 0 1 2 0 6 1

PRÓXIMA JORNADA
SC Braga - Gil Vicente
Marinhãs - Vilaverdense
Merelicense - Ag. Alvelos
Esposende - Gandra
MARCA - Arsenal
Cavado - M. Fonte
Louro - Operário

INICIADOS I DIV. B JOR. 3
RESULTADOS
Moreirense, 3; Antime, 4
AS Eufemia, 2; Sandinenses, 2
Roriz, 9; Taipas, 0
Brito, 3; Urgeses, 0
Vizela, 4; Aroes, 1
Lousado, 9; Torcatense, 0
Pevidem, 0; Candoso, 2

CLASSIFICAÇÃO
J V E D M S P
1. Roriz 3 3 0 0 16 1 9
2. Antime 3 2 1 0 13 6 7
3. AS Eufemia 3 2 1 0 5 2 7
4. Sandinenses 3 1 2 0 9 5 5
5. Candoso 3 1 2 0 9 7 5
6. Vizela 3 1 1 1 8 10 4
7. Lousado 3 1 1 1 15 17 4
8. Pevidem 3 1 0 2 13 5 3
9. Taipas 2 1 0 1 12 11 3
10. Moreirense 2 1 0 1 4 4 3
11. Torcatense 3 1 0 2 6 15 3
12. Brito 3 1 0 2 5 18 3
13. Aroes 3 0 0 3 2 7 0
14. Urgeses 3 0 0 3 0 9 0

PRÓXIMA JORNADA
Taipas - Vizela
Urgeses - Moreirense
Sandinenses - Brito
Torcatense - Pevidem
Aroes - Lousado
Antime - Roriz
Candoso - AS Eufemia

INI. II DIVISÃO D JOR. 3
RESULTADOS
Ninense, 0; Delaes, 2
Cavaloos, 1; Fradelos, 2
S. Cosme, 0; Famalicao, 4
Ribeirão, 3; Ruivanense, 1
Oliveirense, 4; Brufense, 6
Operário, 0; Joane, 6
S. Claudio, 9; Calendário, 1

CLASSIFICAÇÃO
J V E D M S P
1. Brufense 3 3 0 0 16 7 9
2. Delaes 3 3 0 0 6 2 9
3. Ribeirão 3 2 1 0 12 4 7
4. Joane 3 2 1 0 10 3 7
5. Cavaloos 3 2 0 1 14 5 6
6. Fradelos 3 1 2 0 5 4 5
7. Ruivanense 3 1 1 1 12 5 4
8. S. Claudio 3 1 1 1 12 7 4
9. Famalicao 3 1 1 1 7 4 4
10. Ninense 2 0 1 1 2 4 1
11. Oliveirense 3 0 0 3 7 11 0
12. S. Cosme 3 0 0 3 1 10 0
13. Operário 2 0 0 2 2 14 0
14. Calendário 3 0 0 3 2 28 0

PRÓXIMA JORNADA
Brufense - Ninense
Joane - Ribeirão
Famalicao - Oliveirense
Delaes - Operário
Ruivanense - Cavaloos
Fradelos - S. Claudio
Calendário - S. Cosme

INI. II DIVISÃO E JOR. 3
RESULTADOS
Polvoreira, 0; Porto d'Ave, 6
Calendário, 0; Figueiredo, 2
Este FC, 3; Vitória SC, 2
Prazins, 5; Nogueirense, 3
Brito, 3; Airao, 0
Ponte, 0; Ribeirão, 6
Donim, 0; Roriz, 8

CLASSIFICAÇÃO
J V E D M S P
1. Este FC 3 3 0 0 10 2 9
2. Porto d'Ave 3 2 1 0 11 4 7
3. Roriz 2 2 0 0 9 0 6
4. Figueiredo 3 2 0 1 10 4 6
5. Calendário 3 1 1 1 5 5 4
6. Nogueirense 2 1 0 1 7 6 3
7. Ribeirão 3 1 0 2 9 9 3
8. Prazins 3 1 0 2 7 7 3
9. Vitória SC 2 1 0 1 5 5 3
10. Brito 3 1 0 2 4 8 3
11. Polvoreira 2 1 0 1 3 8 3
12. Donim 2 1 0 1 1 8 3
13. Airao 3 0 0 3 0 6 0
14. Ponte 2 0 0 2 1 10 0

PRÓXIMA JORNADA
Vitória SC - Brito
Roriz - Este FC
Airao - Calendário
Porto d'Ave - Ponte
Nogueirense - Donim
Ribeirão - Prazins
Figueiredo - Polvoreira

INI. II DIVISÃO F JOR. 3
RESULTADOS
Fafe, 0; Tabuadelo, 2
Vitória SC, 4; Celoricense, 1
A. Baulhe, 1; Moreirense, 8
Sta. Eulália, 2; Polvoreira, 0
Craques, 0; Ag. Alvíte, 3
Selho, 4; S. Paio, 0

CLASSIFICAÇÃO
J V E D M S P
1. Ag. Alvíte 3 3 0 0 23 0 9
2. Sta. Eulália 3 3 0 0 11 1 9
3. Moreirense 3 3 0 0 11 1 9
4. Polvoreira 3 2 0 1 18 3 6
5. Vitória SC 3 2 0 1 27 13 6
6. Fafe 3 1 1 1 12 3 4
7. Tabuadelo 2 1 1 0 3 1 4
8. Selho 3 1 0 2 4 12 3
9. Celoricense 2 0 1 1 2 5 1
10. Aldao 2 0 1 1 1 12 1
11. Craques 3 0 0 3 1 8 0
12. A. Baulhe 3 0 0 3 1 32 0
13. S. Paio 3 0 0 3 0 37 0
14. Pevidem 0 0 0 0 0 0 0

PRÓXIMA JORNADA
Polvoreira - Aldao
Celoricense - Selho
S. Paio - Craques
Ag. Alvíte - A. Baulhe
Moreirense - Sta. Eulália
Pevidem - Fafe
Tabuadelo - Vitória SC

IDivisão Águias de Alvelos goleia Esposende e segue na frente da tabela classificativa

Na terceira jornada da I Divisão A houve goleadas do Ag. Alvelos ao Esposende por 5-1 e do Gil Vicente ao Marinhãs por 5-3. O Gandra empatou com o SC Braga, que está em 12.º lugar, com apenas dois pontos, fruto de uma derrota e dois empates. Também Operário e Marca empataram a zeros.

II Divisão Distrital Bragalona goleou o Vieira e somou a terceira vitória

O Bragalona é o líder da II Divisão B, com nove pontos somandos. Como líder da Divisão A está o S. Veríssimo e na Divisão C está o Celeiros. Já na Divisão D é o Brufense que vai na frente, seguindo-se na E o Este FC e na F o Ag. Alvíte.

Anexo 14: Comentário aos Marcadores da Pró-Nacional



Pró-Nacional

CLASSIFICAÇÃO

Pts.	TOTAL					CASA					FORA						
	J	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S	
1. Pevidém	28	11	9	1	1	25	8	7	0	0	19	3	2	1	1	6	5
2. Brito	27	12	8	3	1	14	5	5	1	0	9	2	3	2	1	5	3
3. Taipas	23	13	7	2	4	22	14	3	1	2	11	7	4	1	2	11	7
4. Forjães	23	13	7	2	4	18	14	5	1	0	12	4	2	1	4	6	10
5. Torcatense	20	13	6	2	5	18	16	4	0	2	10	6	2	2	3	8	10
6. Joane	19	13	5	4	4	20	15	4	3	0	11	4	1	1	4	9	11
7. Ribelirão	19	13	5	4	4	21	17	4	2	1	11	7	1	2	3	10	10
8. Sta. Eulália	19	13	6	1	6	18	21	3	0	4	10	10	3	1	2	8	11
9. Vilaverdense	18	12	5	3	4	20	13	3	2	1	11	5	2	1	3	9	8
10. GD Prado	17	12	5	2	5	16	18	3	1	2	11	10	2	1	3	5	8
11. Vieira	16	13	4	4	5	20	18	4	0	2	14	9	0	4	3	6	9
12. Dumense	16	13	4	4	5	9	9	3	2	2	5	3	1	2	3	4	6
13. Arões	16	13	4	4	5	11	21	2	3	2	5	8	2	1	3	6	13
14. Sta. Maria	15	12	4	3	5	18	20	2	2	1	11	4	2	1	4	7	16
15. Cabreiros	14	13	4	2	7	13	17	2	2	2	7	5	2	0	5	6	12
16. SP Arcos	14	13	4	2	7	19	25	3	1	3	11	12	1	1	4	8	13
17. Porto d'Ave	11	13	3	2	8	13	18	2	1	3	7	10	1	1	5	6	8
18. Serzedelo	4	13	1	1	11	9	35	0	1	5	4	16	1	0	6	5	19



Paulinho, avançado do SP Arcos, marcou no empate com o Vieira (2-2) na 13.ª jornada

14.ª jornada

Serzedelo - S. Paio D'Arcos
CC. Taipas - Santa Eulália
Santa Maria - GD Joane
Vieira - Dumense/CJP II
U. Torcatense - Brito SC
SC Cabreiros - Vilaverdense
GD Prado - Ribelirão
Porto d'Ave - Pevidém SC
Forjães - Arões SC

15.ª jornada

Pevidém SC - U. Torcatense
S. Paio d'Arcos - CC. Taipas
Arões SC - GD Joane
Santa Eulália - Santa Maria
Dumense/CJP II - Serzedelo
Vilaverdense - GD Prado
Ribelirão - Porto D'Ave
Brito SC - Vieira
Forjães - SC Cabreiros

Paulinho marcou e segue mais líder na luta pelo troféu dos marcadores

Com mais um golo apontado ao Vieira, no jogo da 13.ª jornada, Paulinho, do S. Paio d' Arcos, segura o primeiro lugar da lista para melhores marcadores, com dez golos. Em segundo continua Guimarães com oito golos, o jo-

vem avançado está também na discussão pelo troféu de artilheiro da Pró-Nacional. Guerra bisou na partida frente ao S. Paio d' Arcos e juntou mais dois golos aos cinco já marcados e ocupa agora o terceiro lugar

juntamente com Totas. Ricardo Silva também subiu na lista e segue com cinco golos, ao lado de Abdul e Telmo. Juntaram-se também à lista de artilheiros Paulinho, Mané e Miguel Oliveira com um golo.

	Arões SC	Brito SC	Cabreiros	Dumense	Forjães	Joane	Pevidém	Porto d'Ave	Prado	Ribelirão	Santa Eulália	Santa Maria	S. Paio d'Arcos	Serzedelo	Taipas	Torcatense	Vieira SC	Vilaverdense
Arões SC	0-0							0-0	0-2			1-1		2-1	0-3		1-1	
Brito SC	3-0	1-0				1-0		1-0					2-2					1-0
Cabreiros			1-1				2-0			0-1	2-0		0-1			2-2		
Dumense	0-1			2-0				1-0	1-1	0-1						1-0		
Forjães		2-0			1-1					4-2			2-0	1-0		2-1		
Joane			2-0	0-0			1-1	1-0						4-1		1-0		
Pevidém	4-0			1-0	1-0				2-1	1-0	6-2	4-0						
Porto d'Ave			0-2	1-0							2-3	0-2		2-1		2-2		
Prado		1-2					3-1	3-2					2-1	1-3				
Ribelirão	3-1	0-0	1-0			2-1							3-1	0-0				2-4
Santa Eulália		0-2			3-1			0-1					2-3	2-0		1-2		
Santa Maria		0-1								1-1			6-0		3-1			
S. Paio d'Arcos	1-2		2-0	3-2				0-3									2-2	2-0
Serzedelo					0-2	1-4				1-5					1-3	0-1		
Taipas							1-2	1-0				2-3					1-1	1-0
Torcatense					0-2	3-2				4-0			2-1	0-1			1-0	
Vieira SC			1-3								2-0	6-1	3-1					1-0
Vilaverdense	2-2			0-1	3-0						1-1	1-0	4-1					

JORNADA 13

Joane, 4 Serginho Fabinho Cesário Islas	-	Taipas, 1 Joel
Dumense, 1 Miguel Oliveira	-	Torcatense, 0
Santa Eulália, 2 Marquinho Nuno	-	Serzedelo, 0
S. Paio d'Arcos, 2 Paulinho Mané	-	Vieira, 2 Guerra (2)
Ribelirão, 1 Vito	-	Cabreiros, 0
Pevidém, 2 Zéze (2)	-	GD Prado, 1 Bonjardim
Brito SC, 1 Moreno	-	Porto d'Ave, 0
Vilaverdense, 3 Paulinho Pepe Ricardo Silva	-	Forjães, 0
Arões, 1 Gil	-	Santa Maria, 1 Pimenta

MARCADORES

10 GOLOS Paulinho (S. Paio d'Arcos);
8 GOLOS Guimarães (Ribelirão);
7 GOLOS Luís Guerra (Vieira), Totas (Pevidém);
6 GOLOS Vito (Ribelirão), André Martins (Taipas);
5 GOLOS Ricardo Silva (Vilaverdense), Abdul (Torcatense), Telmo (Sta. Maria);
4 GOLOS Gil (Arões), Moreno (Brito), Joel (Taipas), Renan (Porto D'Ave), Moreira (Pevidém), Vitor Hugo (Pevidém);
3 GOLOS Pepe (Vilaverdense), Nuno (Sta. Eulália), Marquinho (Sta. Eulália), Islas (Joane), Serginho (Joane), Fabinho (Joane), Areias (Torcatense), Rodrigo Mota (Vieira), São Bento (Santa Maria), Rui Gomes (Vilaverdense), Pascal (Porto d'Ave), Caio (Vieira), Casal (Forjães), Diogo (Prado), Fábio (Sta. Eulália), Ricardo Cruz (Serzedelo), Mário Neiva (Taipas), Marco Lima (Cabreiros), Bernardo (Cabreiros) (...)

Associação de Ciclismo do Minho homenageou atletas em Guimarães

NO AUDITÓRIO DA UMINHO no Campus de Azurém, teve lugar ontem a 11.ª Gala da Associação de Ciclismo do Minho, que distinguiu os campeões nacionais e que marcou o encerramento da época desportiva de 2019.

CICLISMO

| Daniela Monteiro |

A cidade de Guimarães foi, ontem à tarde, palco da Gala de Encerramento da Época Desportiva de 2019 da Associação de Ciclismo do Minho.

A décima primeira gala, que teve lugar no Auditório da Universidade do Minho, no Campus de Azurém, pautou-se pela animação e valorização dos atletas da modalidade.

A Federação Portuguesa do Ciclismo aproveitou este grande momento de celebração para entregar uma importante distinção de Sócio Honorário, aos familiares de Casimiro Coelho Lima, o primeiro Presidente da Associação de Ciclismo do Minho.

Foram homenageadas também as entidades com vinte e cinco ou mais anos que se envolvem, ou envolveram já na organização de provas de ciclismo no Minho.

Os atletas minhotos que se sagraram Campeões Nacionais em 2019 e que conquistaram resultados de relevo a nível internacional e nacional foram condignamente felicitados e



José Luis Ribeiro, presidente da ACM, mostrou-se muito satisfeito pelos feitos alcançados e que terminaram numa época "memorável"

homenageados pela Associação de Ciclismo.

Durante o evento, os convidados tiveram oportunidade de ver, ouvir e sentir os vencedores, numa gala repleta de emoção, animação e onde se juntaram os melhores dos melhores.

Foram ainda entregues os prémios finais, das várias categorias, no feminino e no masculino

do Campeonato do Minho de Ciclismo de Estrada - Arrecadações da Quinta, do Campeonato do Minho de BTT XCO - Score Tech, do Campeonato do Minho de BTT DHI - CISION, do Campeonato do Minho de BTT XCM - Discover Melgaço e das Taça do Minho de Ciclismo de Estrada - Arrecadações da Quinta e de BTT XCO - Score.

●●●
"Todos os que ganharam e os que não ganharam estão de parabéns. Orgulha-nos o vosso desempenho e o das vossas equipas, reforçando a convicção de que estamos no caminho certo."

José Luis Ribeiro (pres. ACM)

+ destaque

A Federação Portuguesa de Ciclismo atribuiu o título de Sócio Honorário, a título póstumo, a Casimiro Coelho Lima, primeiro presidente da Associação de Ciclismo do Minho e principal impulsionador da equipa de ciclismo da Coelima. Esta distinção federativa foi ontem entregue, a título póstumo, em Guimarães, no decorrer da 11.ª edição da Gala da Associação de Ciclismo do Minho. Recorde-se que a esta mesma associação já tinha homenageado, no mês de Novembro de 2012, Casimiro Coelho Lima e o Grupo Desportivo Coelima pelo contributo que deram para o desenvolvimento da modalidade no Minho.

Distinções

CAMPEONATO DO MINHO DE BTT XCO

Elite - António Azevedo (Tomatubikers)
Sub-23 - José Ribeiro (Joane BTT)
Júnior - Lucas Braga (Seissa)
Master 30 - Cláudio Veloso (BTT Braquinhas)
Master 40 - António Viana (Monção)
Master 50 - António Sousa (Individual)
Cadete - João Cruz (First Bike Team)
Paraciclismo - Paulo Teixeira (Rodabike)
Elite Feminina - Daniela Pereira (Saertex)
Sub-23 Fem. - Ana Moreira (Tomatubikers)
Júnior Fem. - Joana Santos (Tomatubikers)
Cadete Feminina - Catarina Lopes (Batotas)
Equipas - AXPO/First Bike Team/Vila do Conde

CAMPEONATO DO MINHO DE BTT DHI

Elite - Filipe Silva (Bike House DH Team)
Cadete - Rui Freitas (Desportivo Jorge Antunes)
Master 50 - Antero Oliveira (Bike House)



Foram 39 as distinções atribuídas pela Associação de Ciclismo do Minho, entre equipas e individualidades

Master 40 - António Cunha (BTT Pandilhas M.)
Master 30 - Manuel Bessa (BTT Pandilhas M.)
Júnior - João Baptista (Bike House DH Team)
Feminina - Ana Leite (AXPO)

Equipas - BTT Pandilhas a Monte

CAMPEONATO DO MINHO DE BTT XCM
Elite - David Vaz (Individual)

Elite Feminina - Ana Rita Vale (Batotas)
Equipas - Batotas/Ponte de Lima

TAÇA DO MINHO DE CICLISMO DE ESTRADA

Cadetes - Sérgio Saleiro (Seissa)
Juniors - Fábio Fernandes (Efel)
Juniors Fem. - Beatriz Martins (Bairrada)
Cadetes Femininas - Beatriz Roxo (Maiatos)
Master 30 Fem. - Mónica Serrano (Monção)
Master 30 - José Lourenço (SPAC BTT)
Master 35 - José Pacheco (SPAC BTT)
Master 40 Fem. - Virgínia Moreira (Saertex)
Master 40 - Esmeraldo Lopes (Saertex)
Master 45 - Tierr Mendes (Saertex)
Master 50 - Carlos Soares (Saertex)
Master 55 - Fernando Gonçalves (Vila Pouca)
Master 60 - Benjamin Silva (Individual)
Equipas - SPAC BTT
Paraciclismo C - Gil Pereira (Batotas)

⊙futebol

“Queremos atrapalhar o Sporting”

GIL VICENTE quer superar hoje o Sporting e manter invencibilidade em casa. Vitor Oliveira reconhece que leões estão numa série muito positiva, mas quer contrariar isso e conquistar os três pontos.

I LIGA
| Daniela Monteiro |

O Gil Vicente que é décimo colocado, com 13 pontos recebe o Sporting, hoje às 20 horas, no Estádio Cidade de Barcelos, em partida a contar para a 12.ª jornada do campeonato. O treinador Vitor Oliveira fez a antevisão ao jogo e assumiu a vontade de perturbar a recuperação do emblema verde e branco.

“Vamos encontrar um Sporting em retoma e com uma assimilação de processos mais conseguida. Esta paragem ajudou e o último jogo motivou-os muito, mas nós também estamos melhores e vimos de duas vitórias para o campeonato. Queremos atrapalhar o Sporting, que não era tão mau como se dizia há quatro semanas, nem agora já está tão

bom”.

O técnico dos gílistas quer, através do factor surpresa, dar continuidade “às boas exibições” conseguidas frente às principais equipas da Liga. O Gil Vicente soma uma vitória frente ao FC Porto, por 2-1, um empate com o SC Braga, por 1-1 e uma derrota perante o campeão Benfica, por 2-0.

Vitor Oliveira admitiu que lhes falta o talento das quatro melhores equipas portuguesas, mas quer manter a invencibilidade que tem em casa, factor que se deve também, do apoio dos adeptos barcelenses.

“A nossa casa terá de ser o nosso forte, a nossa massa associativa tem dado um apoio incondicional e forte à equipa e esperamos que se repita. Têm-nos ajudado, não a conseguir os



GIL VICENTE FC

Vitor Oliveira quer “atrapalhar” verdes e brancos nesta visita a Barcelos

resultados que queríamos, pois queríamos só vitórias, mas a manter a derrota longe de Barcelos”. O treinador da equipa mi-

nhota deixou ainda elogios a Bruno Fernandes, assumindo que “ajudava muito tê-lo em sub-rendimento”.

Campeonato Portugal Fafe vence Oliveirense e sobe à vice-liderança

A equipa do Fafe venceu ontem na visita à Oliveirense, por 1-0, em jogo que abriu a ronda 12 da Série A do Campeonato de Portugal. Com este triunfo, os fafenses subiram à condição ao 2.º lugar, com 26 pontos, destronando o Braga B que joga apenas hoje. Dos jogos desta tarde, há mais um dérbi, desta vez, entre Merelense e Vitória B.

Juniiores SC Braga travado no dérbi em Guimarães

Terminou com empate (1-1) o dérbi de juniores ontem entre Vitória e SC Braga. Guerrelros segue, no entanto, na liderança. Resultados:
Vizela – Nacional, 0-1
Rio Ave – Feirense, 4-2
Aves – Leixões, 1-2
P. Ferreira – Famalicao, 0-2
Vitória – SC Braga, 1-1
HOJE: Porto – Gil Vicente (18h).

PUBLICIDADE

PEÇA UM ORÇAMENTO GRATUITO!

PRECISA PINTAR A SUA CASA?

GOSTAVA DE TROCAR O PAVIMENTO OU A CAIXILHARIA DA SUA CASA?

SONHA RENOVAR A SUA COZINHA?

QUER ARRANJAR O SEU TELHADO?

TODOS OS SERVIÇOS DE

CONSTRUÇÃO CIVIL E REMODELAÇÃO

Antes da obra Resultado Final

SATAQUEIRO
Clínica da Construção

Tel. 253 300 460 · Tm. 966 242 737 · Tm. 966 226 150 · Email. geral@sataqueiro.pt · www.sataqueiro.pt

“Queremos sair de lá com os três pontos”

HOJE ÀS 12 HORAS as Guerreiras entram em campo frente ao Ovarense e querem continuar as boas exibições, mantendo os lugares do topo.

FUTEBOL FEMININO

| Daniela Monteiro |

O SC Braga joga hoje, às 12 horas frente à AD Ovarense. As Guerreiras continuam invictas no campeonato e sem golos sofridos desde a segunda jornada. Na antevisão ao jogo Miguel Santos e Rayanne garantiram que as Guerreiras estão ao mais alto nível e que o encontro frente ao Ovarense é para ganhar, apesar das dificuldades que esperam encontrar. “O próximo encontro sabemos que vai ser difícil, é difícil jogar lá e elas estão na luta para se manterem na primeira divisão. Contra o Braga todos querem mostrar a sua capacidade, portanto vai ser difícil mas



Rayanne quer ajudar a equipa a vencer

vamo manter-nos firmes e focadas. Vamos impor o nosso jogo e queremos sair de lá com os três pontos”, Rayanne.

Também o técnico minhoto,

diz que as dificuldades vão ser acrescidas em Ovar, devido ao relvado e devido à necessidade da equipa necessitar de pontos. “A Ovarense é uma equipa que está a necessitar muito de pontos. Nós sabemos que é muito difícil jogar em Ovar, não só pelo apoio que a equipa tem, mas também pelas condições do relvado. O relvado não é novo e dificulta a circulação de bola e como nós somos uma equipa que trabalha muito com a circulação de bola podemos ver essa tarefa mais complicada. O SC Braga vai no entanto impor-se e mostrar porquê que tem tido os resultados que está a ter desde a segunda jornada.” O SC Braga ocupa o terceiro lugar do pódio.

breves

Sub-19 “Queremos somar os três pontos”

Os sub-19 do SC Braga estão focados na recepção de hoje frente ao FC Vizela. Apesar de vir de dois empates consecutivos, a equipa está focada na vitória e Artur Jorge, quer agora uma exibição mais eficaz. “É uma equipa que no primeiro jogo, em casa deles, tivemos dificuldades para vencer. Trabalhámos no sentido de ser eficazes e combater aquilo que são as armas mais fortes do nosso adversário. Agora queremos somar os três pontos”.

Sub-23 Vitória recebe Benfica na 19.ª jornada

O Vitória SC, que é 13.º classificado, recebe hoje o Benfica, que é 2.º, às 14 horas, no jogo a contar para a 19.ª jornada. O Famalicão joga em casa, às 11 horas, com a equipa das Aves. Já o SC Braga só entra em campo na segunda-feira, com o Portimonense.

Vitória SC Médio André André está apto clinicamente

O médio André André já integra o plantel do Vitória SC, depois de nove meses em paragem. André André já treinou sem limitações e já não consta do boletim clínico. O médio enfrentou uma longa paragem, marcada por avanços e retrocessos, que o impediu de ser eficaz e combater aquilo que são as armas mais fortes do nosso adversário. Agora queremos somar os três pontos.

Treinador vimaranense Horácio Gonçalves foi campeão em Moçambique

O treinador Horácio Gonçalves conduziu o Costa do Sol ao título de campeão moçambicano pela 10.ª vez. Horácio Gonçalves já tinha conquistado uma Taça em Moçambique e também uma Supertaça.

Grupo
MéritoInvest
Mediação Imobiliária, Lda. - AMI 4760

Ferreira & Sousa - Imobiliária
PROMOTOR

EMPREENDIMENTO NEXT STATION

Apartamentos T3 com **Qualidade e Conforto** junto ao **Centro da Cidade**.

Perto de tudo... cresce o Edifício Next Station.

O centro nunca esteve tão perto!



253 257 703 | braga@grupomerito.pt | www.grupomerito.pt

Alfredo Cunha mostra retratos “no castelo da fotografia”

RETRATOS de diferentes personalidades do Norte podem ser vistas no Museu da Imagem pela objectiva do fotógrafo Alfredo Cunha. Uma exposição para apreciar até Janeiro.

FOTOGRAFIA

| Daniela Monteiro |

O fotógrafo Alfredo Cunha inaugurou ontem no Museu da Imagem uma exposição de quarenta e um retratos a preto-e-branco de personalidades portuguesas da região Norte.

A exposição reporta o trabalho do autor entre 1970 e 2018 e pode ser visitada, gratuitamente, até 5 de Janeiro, de terça a sexta-feira, das 11 horas às 18.30 e também sábados e domingos, das 14.30, às 18.30 horas.

O fotógrafo Alfredo Cunha referiu que “esta exposição é o resultado do livro Retratos, que contém 400 fotografias. Em específico a exposição que está no Museu da Imagem é mais focada no Norte, mas foi concebida para promover o livro, que retrata fotografias de épocas diferentes”.

A vereadora da cultura da Câmara Municipal de Braga, Lídia Dias, esteve presente na inauguração e expressou a sua felicidade por receber em Braga “uma



ROSA SANTOS

Bracarenses têm oportunidade de ver retratos das mais icónicas personalidades portuguesas até 5 de Janeiro

exposição de um grande fotógrafo”, que retrata “personalidades que fizeram parte do nosso crescimento, do nosso percurso, na área da política, da literatura, da

arquitectura”.

Lídia Dias espera que esta exposição seja muito procurada “porque é um privilégio poder estar mais próximo de figuras

importantes da cultura portuguesa”.

O público poderá encontrar retratos fotográficos das mais icónicas personalidades portugue-

sas como Mário Soares, Marcelo Rebelo de Sousa, Siza Vieira, Augustina Bessa Luís, Miguel Torga, José Saramago, Eduardo Souto Moura, entre outras, que foram captadas pelo olhar único do fotógrafo Alfredo Cunha.

O autor dos retratos diz que “expor em Braga é expor no castelo da fotografia” sendo, por isso, uma honra poder trazer cá o seu trabalho.

Alfredo Cunha deixou ainda um convite a todos os que queiram visitar a exposição deixando o desejo “de que gostem tanto de a ver, como[ele] gostou de a fazer”.

O fotógrafo vai celebrar em 2020, 50 anos de carreira, sendo considerado um dos maiores fotógrafos em Portugal.

Esta exposição mostra, para Lídia Dias “aquilo que foi o percurso do autor e mostra personalidades muito importantes da nossa história, muitas delas que já não estão entre nós, mas que têm um significado marcante em Portugal”.



“Estas fotografias passam uma força enorme. Hoje temos a oportunidade de ver e de compreender estas fotografias e de nos aproximarmos destas pessoas marcantes na história de Portugal.”

Lídia Dias
vereadora da Cultura da CM Braga

hoje

Atletas das Taipas e Briteiros sagram-se vice-campeões regionais

CLUBES MINHOTOS das Taipas e de Briteiros sagram-se vice-campeões regionais de petanca em doublete feminino e triplete masculino. A temporada terminou na Zona Norte.

PETANCA

| Daniela Monteiro |

A temporada de petanca na zona norte já terminou no Clube Caçadores de Rebordosa com o Torneio de Encerramento na variante de triplete. Na última prova da época participaram 57 atletas (56 masculinos e uma feminina) em representação de 19 equipas de sete dos nove clubes federados na Associação de Petanca da Zona Norte.

A prova principal foi ganha pela equipa dos anfitriões, a equipa do Clube Caçadores de Rebordosa formada por Albino Costa, Manuel Costa e Abílio Moreira, enquanto a tripla do Clube Amigos da Petanca constituída por Augusto Matos, Guilherme Matos e Pedro Conceição ven-



JOSE VIEIRA MACHADO

Última prova da temporada contou com 57 atletas

ceu o torneio de consolação.

Maria Emília Gonçalves e Maria de Fátima Silva do Clube Petanca das Taipas perderam com a dupla Isabel Pereira e Maria Del Carmen Diaz do Clube Petanca de Estorãos/Clube Amigos da Petanca e sagram-se vice-campeãs de doublete feminino, desta época.

Já na categoria de triplete masculino, a formação do Centro Recreativo e Cultural de Briteiros (Guimarães) constituída por Henrique Barbosa, Rolando Martins e Paulo Lopes, também perdeu a final com a equipa do Clube Amigos da Petanca formada por Joaquim Ferreira, Márcio Araújo e Manuel Oliveira e conseguiu o segundo lugar do pódio, ficando com o título de vice-campeões.

Automobilismo Prova nacional com viaturas eléctricas arranca em Guimarães

A primeira prova nacional de automobilismo com viaturas eléctricas começa hoje em Guimarães. A partida está agendada para as 10 horas, em frente ao Paço dos Duques de Bragança e cumpre-se, entretanto, a Rampa da Penha. Da parte da tarde decorrerá a etapa de Fafe, com passagem pelo Confurco e Salto. À noite decorre uma "Street Stage" em Vila Nova de Famalicão, com início às 22 horas. A última etapa, é amanhã, com início em Vizela e término em Santo Tirso.

A prova designada por "Taça de Portugal de Novas Energias" é uma competição reservada a viaturas de série, e será disputada na variante de regularidade, com sectores selectivos de rampa, rally e circuitos citadinos. São admitidos os veículos BEV, que tem como meio exclusivo de propulsão um ou dois motores eléctricos alimentados por baterias, as quais são carregadas através de uma ligação à rede eléctrica, ou TCEV - sistemas a pilha de combustível para veículos movidos a hidrogénio.

voleibol

Seniores foram as únicas derrotadas Equipas da formação do SC Braga com jornada cem por cento vitoriosa

Todas as equipas de voleibol do SC Braga entraram em acção nos respetivos campeonatos. Os escalões de formação cumpriram a primeira jornada e venceram os encontros pela diferença máxima (3-0). As iniciadas receberam o VC Viana e venceu por 3-0 (25-14; 25-17; 25-15), as cadetes deslocaram-se a Vila Real e venceram o ACVVR por 3-0 (25-5; 25-4; 25-4), as juvenis receberam o SC Vila Real e venceram por 3-0 (25-12; 25-8; 25-14) e as juniores venceram AD Esposende por 25-11; 25-20 e 25-8.

A equipa sénior deslocou-se ao Boavista e perdeu por 3-1. Amanhã, as seniores recebem, no pavilhão da UMinho, o Belenenses às 17 horas, um jogo determinante para as aspirações das Guerreiras do Minho.



Equipa de cadetes do SC Braga venceram em Vila Real

Segunda jornada do Campeonato Nacional de Pool Português

SC Braga é líder isolado da I e II Divisão de Pool Português

BILHAR

| Daniela Monteiro |

Na segunda jornada da primeira fase do campeonato nacional de pool português, da I Divisão, o Sporting Clube de Braga segue líder isolado do campeonato com seis pontos, em dois jogos.

No jogo desta segunda jornada a equipa bracarense venceu o Merlim São Paio por 9-6, numa deslocação difícil.

No entanto, o grande destaque da segunda jornada vai para a vitória da mais jovem equipa da primeira divisão, o Camiliano, que recebeu, em Seide, o Jogapool de Barcelos e venceu por 9-6. Já o Soccer Planet bateu, em casa, a AB Famalicão por 9-1.

No que toca à segunda divisão, quem vai na frente da tabela é o SC Braga Miro, com seis pontos. SC Braga Miro que jogou contra a equipa também do SC



DR

SC Braga Miro é a única equipa com duas vitórias, na II Divisão do Campeonato

Braga Etíleno B.

As equipas encontraram-se em Vizela para a segunda jornada, onde saiu vitorioso o SCB Miro por 9-5, confirmando a liderança da segunda divisão de pool.

Nos restantes jogos, a equipa do Paulos Academia, em Guimarães, bateu o Rei dos Cachor-

ros de Joane por 9-4 e em Barcelos a equipa da Academia Jogapool venceu a Bracara Pool por 9-3. A equipa da Bracara, bateu os jovens da mesma Academia, em Braga, por 9-1, enquanto o Este FC recebeu em casa a Associação Recreativa de Covas e perdeu por 9-7.

Viana quer ser CED no ano de 2022

CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA formalizou a candidatura a Cidade Europeia do Desporto 2022 (CED). José Maria Costa, presidente, e Vítor Lemos, vereador do desporto, reuniram com a ACES Portugal para definir os pontos de intenção da candidatura.

CIDADE EUROPEIA DO DESPORTO

| Daniela Monteiro |

A Câmara Municipal de Viana do Castelo, na pessoa de José Maria Costa, presidente, e de Vítor Lemos, vereador do desporto, oficializou recentemente a candidatura a Cidade Europeia do Desporto 2022.

O concelho de Viana do Castelo tem-se apresentado como um local privilegiado para a prática de diversas modalidades desportivas de natureza, desportos náuticos e desporto indoor, o que ajuda a reforçar a candidatura. Segundo a Câmara Municipal, Viana "assume-se como uma cidade saudável, amiga do desporto e da promoção de estilos de vida saudáveis".

O desporto tem sido uma clara aposta do executivo da Câmara de Viana do Castelo, que tem promovido o desenvolvimento da cidade enquanto Cidade Náutica do Atlântico e tem apostado em projectos de carácter desportivo. Exemplo disso é o projecto do Centro de Mar, que aposta no desenvolvimento da náutica de recreio, nos desportos náuticos e no reforço da posição de Viana do Castelo como uma cidade marítima. "O Centro de Mar acaba por ser um polo agregador da náutica e do turismo náutico



José Costa, Vítor Lemos e Nuno Santos na formalização da candidatura de Viana do Castelo a Cidade Europeia do Desporto 2022

através da articulação em rede de um conjunto de actividades que englobam a construção e reparação de embarcações de recreio, a expansão e qualificação de instalações náuticas, o turismo náutico e a valorização de um conjunto de elementos patrimoniais e ambientais, potenciadores da criação de novas actividades relacionadas e de novas competências, nomeadamente

na área dos serviços à náutica", afirma a Câmara Municipal.

Esta aposta do executivo contemplou a construção do Centro de Remo, Centro de Vela, Centro de Canoagem e Centro de Alto Rendimento de Surf, onde se promove o projecto escolar Náutica nas Escolas. Os projectos englobam milhares de estudantes vianenses do pré-escolar ao 3.º ciclo e têm como objectivo

incentivar a prática do desporto, o contacto com o rio, o mar e com os desportos náuticos. A criação do Centro de Interpretação Ambiental e de Documentação do Mar no navio Gil Eannes, nasceu também com estes projectos, que têm sido um sucesso no concelho. De acordo com os dados da Câmara Municipal, os números têm sido positivos. Neste ano lectivo, a patinagem

+ mais

Em Janeiro deste ano, a III Gala do Desporto de Viana do Castelo homenageou mais de 160 atletas que, ao longo da anterior época desportiva, conquistaram os lugares do pódio em provas a nível nacional, europeu ou mundial, em dezenas de modalidades. O desporto tem sido uma forte aposta da autarquia vianense que tem promovido o desenvolvimento da cidade enquanto Cidade Náutica do Atlântico.

de pré-escolar está a envolver, 320 alunos de 18 turmas de 15 escolas do concelho. Já a Nataçã, promovida para estudantes do 1.º ciclo atinge 1529 alunos, de 80 turmas de um total de 36 escolas. A náutica, que abrange o 2.º e 3.º ciclos, chega a 1909 estudantes de 99 turmas de 9 escolas. Também o projecto Atletismo nas Escolas vai chegar a 1116 estudantes. Estes e outros projectos reforçam a candidatura já oficializada à ACES Portugal.

⊙rugby

Após vitória na Anadia

CRAV é campeão nacional sub-16 da temporada 2018/2019

A final do campeonato nacional sub-16, referente à época 2018/2019 jogou-se este fim-de-semana, no Campo de Rugby da Moita, na Anadia, onde o Crav conquistou o troféu ao vencer o Sporting/Belas por 18-12.

Os sub-16, culminaram assim numa excelente época, com bastante dedicação e empenho, em que o sacrifício foi recompensado com a obtenção do título de campeão nacional.

No jogo deste fim de semana, as duas equipas entraram muito pressionantes, mas foi o Crav que inaugurou o marcador. No entanto, pouco tempo depois o Sporting/Belas reduziu a vantagem saindo para Intervalo a vencer por 12-8. Já no segundo tempo o jogo continuou equilibrado. O Crav entrou a marcar e confirmou depois o resultado com a marcação de uma grande penalidade, apontado o marcador para os 18-12. Ainda perto do final a equipa do Sporting/Belas tentou inverter o marcador, mas o Crav continuou muito consistente na defesa não possibilitando qualquer reacção de ataque.

IV Torneio de Ténis de Mesa da Cidade de Lagos

Equipa barcelense conquista dois pódios no Algarve

TÉNIS DE MESA

| Daniela Monteiro |

A equipa barcelense, Casa do Povo de Alvito esteve no Algarve para participar no IV Torneio Internacional de Ténis de Mesa da Cidade de Lagos. A competição era destinada a Cadetes, Juniores, Seniores e Veteranos e a equipa conquistou o 1.º lugar de Cadetes Femininos Equipas e o 3.º lugar em Cadetes Femininos Individual, pela atleta Susana Costa. Neste torneio estiveram também presentes os atletas Rita Vale, Beatriz Pereira, Pedro Sousa, Gustavo Ferreira, Ricar-



Casa do Povo de Alvito na celebração da conquista dos dois pódios

do Ribeiro, Mário Costa, Tiago Sousa e André Carvalho, João Costa, Carlos Silva, Sandra Es-

teves, João Barbosa e Paulo Freitas, que não conseguiram trazer nenhum lugar do pódio.

Zé Natário imortalizado em Viana

FUNDADOR DA JUV. VIANA foi ontem homenageado a título póstumo, pela câmara municipal, que rebatizou o Pavilhão de Monserrate com o seu nome. Autarca José Maria Costa destacou o enorme legado que Zé Natário deixou no hóquei vianense.

HÓQUEI EM PATINS

| Daniela Monteiro |

A Câmara Municipal de Viana do Castelo homenageou, ontem a título póstumo um dos mais influentes empresários e desportistas da modalidade de hóquei em patins, numa cerimónia que contou com a presença da família, de amigos e muitos atletas da Juv. Viana.

O Pavilhão Monserrate encheu-se de gente para ser rebatizado, dando agora lugar ao Pavilhão José Natário, “em homenagem a um grande impulsionador do desporto em Viana do Castelo e no Minho”.

O presidente da Câmara Municipal de Viana, José Maria Costa, mostrou-se muito satisfeito com a homenagem “a um grande homem, a um dos grandes im-



Juventude de Viana bem representada na homenagem ao fundador



Família satisfeita e emotiva com homenagem ao “Chefe Natário”

pulsionadores do hóquei em patins e do Pavilhão Monserrate”.

Para o presidente, esta é uma justíssima homenagem, já que “são as pessoas que fazem as instituições e que dão nome às cidades e o Zé Natário é um desses nomes, que pela sua vida,

pela sua obra, testemunho e pela forma como se envolveu e gastou o tempo da sua vida em prol da sua comunidade, é naturalmente um homem maior e, por isso, nós temos um enorme orgulho de dar o nome deste pavilhão ao senhor José Natário.”

José Enes Natário fundou em 1976 a Associação Juventude de Viana, destinada à modalidade de hóquei em patins e cuja equipa conquistou diversos palmarés nacionais. Era um grande entusiasta e impulsionador do desporto e, sobretudo, deixou uma

marca indelével na cidade de Viana, o que justifica esta nomeação. O agora rebatizado Pavilhão Zé Natário vai sofrer uma requalificação, para melhorar as condições e também para fazer jus ao nome que agora sustenta, referiu José Maria Costa.

CAMIBAC
COMÉRCIO DE PRODUTOS ALIMENTARES, LDA.

O melhor Bacalhau e o Polvo mais saboroso para as suas Festas

Bom 2020

- CONGELADOS • BACALHAU
- MARISCOS • PESCADOS

Travessa do Quintão, 12/14 - 4700-153 Frossos
BRAGA • tlf. 253 674 169

FESTEJE CONNOSCO O NOSSO 9º ANIVERSÁRIO

REAL TABERNA
2010

© Juv. Viana

José Natário emocionado
“A figura do meu pai é inquestionável”

“Apesar de ser um momento triste, da perda de uma pessoa como o meu pai, ao mesmo tempo sentimo-nos orgulho e ele sentiria, talvez o dobro do orgulho que nós temos se estivesse aqui connosco, porque era uma justa homenagem a que fizemos aqui hoje, portanto só posso estar contente. Além de pai, o Zé Natário foi treinador, dirigente, foi tudo, foi a pessoa que esteve sempre nos momentos difíceis e por isso, não consigo identificar um momento em específico do meu pai. A figura do meu pai é inquestionável, quer a nível familiar, empresarial e desportivo, chamavam-lhe chefe Zé Natário, aqui no Hóquei. Eu herdei o nome do meu pai e, também o gosto pelo hóquei, fui tudo aqui na Juventude de Viana. Vi nascer este pavilhão pedra por pedra e já na altura quando foi a inauguração, houve um treinador, que em nome dos jogadores fez a proposta ao presidente da Câmara de dar o nome do meu pai ao Pavilhão, mas só agora aconteceu.”

Anexo 22: Guião das entrevistas aos jornalistas da secção de desporto e aos jornalistas com responsabilidades editoriais

1. O acesso gratuito ao jornal, via online, não levanta questões dentro do jornal? O que acha sobre esse acesso?
2. Quem paga o jornal: os leitores, ou a publicidade?
3. É desaconselhado pelo Sindicato dos Jornalistas Portugueses os estagiários assinarem as suas peças. Nos poucos órgãos em que os estagiários assinam, fazem-no sempre em conjunto com um jornalista. Por que motivo é que aqui, no Correio do Minho, os estagiários podem assinar os seus trabalhos?
4. Quais as vantagens e desvantagens dessa assinatura?
5. Na secção de desporto, qual é o género jornalístico mais usado? Porquê?
6. Em desporto não é habitual fazer-se reportagens? Nota-se que há pouca aposta nas reportagens em desporto, embora elas sejam o género *premium* do jornalismo, porque acha que isso acontece, se é que acontece?
7. Quando faz recolha de informação, que tipo de recolha privilegia? O contacto direto com a fonte (seja através de telefone, email, ou em presença), as conferências de imprensa, os *presses* enviados à redação ou as redes sociais?
8. Vê alguma desvantagem no uso de redes sociais como fonte de informação?
9. E no que diz respeito às agências de comunicação, considera que elas são vantajosas ou não para o trabalho jornalístico?
10. Há algum tipo de pressão, por parte dos gabinetes de comunicação dos clubes ou associações de futebol, para que as informações que enviam à redação sejam publicadas?
11. E pressão por parte dos clubes da região, existe? Se sim, que tipo de pressão e de que modo é feita?
12. Quem toma as decisões sobre o que é ou não é notícia, no Correio do Minho? E em especial, na secção de desporto?
13. Quais são os critérios para essa seleção?
14. Quais são as figuras de destaque usadas em desporto?
15. Considera que o futebol é privilegiado nas páginas do jornal?
16. Se sim, na sua perspetiva, então, por que é que isso acontece?
17. O que é que as restantes modalidades não têm que o futebol tem?

18. Acha que há mais leitores de futebol? Se há, é porque é essa informação que é cultivada pelos jornais?
19. Se dessem mais páginas às outras modalidades, não haveria também mais leitores para essas modalidades?
20. Até que ponto é que jornais andam a reboque da televisão nesta matéria do futebol?
21. Muitas vezes não é possível sair da redação para cobrir um jogo de futebol, por exemplo. Na sua opinião, quais são as vantagens e desvantagens dessa cobertura?
22. Considera que as secções de desporto são vantajosas para os jornais? Ou seja, as pessoas compram os jornais, porque há desporto?
23. O desporto em Portugal tem vindo a crescer. O que acha que leva a esse crescimento?